

HARLEQUIN

HISTÓRICOS

Conto presente

Medieval

TERRI BRISBIN

A FILHA DO INIMIGO
&
NOITE DE PRAZER

Os Cavaleiros da Bretanha

EDIÇÃO 115

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Ela não pode me ver!

Soren percebeu que esta frase era um sinal de esperança na sua mente. Se ela era cega, nunca poderia ver sua deformidade. Nunca olharia para ele com repulsa do rosto mutilado. E nunca olharia para ele com medo e nem com pena com faziam os outros.

– Levem-na – ele disse baixinho.

A sala explodiu em lamúrias e gritos pois todos acreditavam que ela seria executada. Sybilla não disse nada e não resistiu quando seus homens a levaram até a frente da sala e a conduziram para o tablado. Ele subiu os degraus e se colocou do lado dela, olhando para ver se alguém ia desafiar sua autoridade.

– Milorde? – ela disse, virando a cabeça para avaliar sua proximidade e localização. – Milorde Soren? – ela repetiu.

– Sim – ele respondeu.

– Pode me conceder um momento com um padre antes de – sua voz fraquejou por um instante. – Antes da minha morte.

– Você vai precisar mesmo de um padre, Sybilla de Alston – ele esbravejou. – Mas não pretendo matá-la hoje.

– Como assim, milorde? Serei sua prisioneira, então?

– Sim, de certa forma, será minha prisioneira – ele disse. – Você será minha esposa.

Querida leitora,

Ao que parece, no caso de Sybilla não se aplica o antigo provérbio “O que os olhos não veem o coração não sente”. Por ter perdido a visão, ela é obrigada a encontrar novos caminhos para entrar no coração de Soren, um guerreiro com muitas marcas. E ele se abre completamente para ela...

Boa leitura!
Equipe Editorial Harlequin

Terri Brisbin

**A FILHA DO INIMIGO
&
NOITE DE PRAZER**

Tradução

Ana Helena Garcia

Elisa Guimarães



2013

Sumário



A filha do inimigo

Noite de prazer

Terri Brisbin

A FILHA DO INIMIGO

Tradução

Ana Helena Garcia

Prólogo



*Castelo de Thaxted
Nordeste da Inglaterra
Junho, ano de 1067 d.C.*

O BISPO Obert esmurrou a mesa de madeira, com os dois punhos, num gesto pouco condizente para um homem que serve a Deus. Os músculos do seu rosto se contorceram e ele lutou para manter controlada a raiva que sentia, como qualquer ser humano faria. Em momentos como este é que ele se arrependia de ter se tornado sacerdote e representante do rei. Gostaria de poder dar uns socos na pessoa que o agrediu com palavras. O guerreiro cheio de cicatrizes se aproximou da mesa, apesar dos amigos em volta lhe avisarem para não fazê-lo. Obert acabou vacilando com a aproximação dele.

Já era assustador só de estar tão perto, pois o sujeito tinha mais de 1,80m de altura e o corpo forte de um guerreiro. Mas o homem que ficou conhecido como o Belo Bastardo e que tinha tido parte do seu rosto dilacerado por um golpe de machado despertou uma emoção que o fez pausar.

Obert imaginou que podia estar sentindo medo, pois só um tolo olharia para Soren Fitzrobert e não rezaria pela sua alma. E qualquer um que o conhecesse antes do golpe que o feriu na batalha de Hastings e o visse agora

morreria de pena dele. Mas Obert já tinha enfrentado muitos homens arrogantes na vida para saber que sentir pena não ia ajudar em nada.

– Essas são as ordens do rei, milorde – disse ele, usando o título que o sujeito desejava tanto. – Não vai se recusar a fazer este favor ao rei antes de tomar suas próprias terras, vai?

– E por que Brice não pode fazer este favor para o rei? – perguntou Soren. – Eoforwic foi seu sogro, depois que se casou por ordem do rei. – Obert notou o sarcasmo na sua voz. A raiva foi diminuindo e, mesmo que o guerreiro ainda não percebesse, ele estava mais cordato.

– O rei pediu isso a você – respondeu Obert calmamente. – Como Alston fica ao norte, no caminho você passa em Shildon e resolve a questão. Ele não quer que os rebeldes conquistem uma fortaleza enquanto estamos distraídos com problemas em outros lugares.

Lorde Giles puxou o amigo de lado e falou em voz baixa com ele. Lorde Brice ficou quieto observando os dois amigos. Finalmente, Soren acenou para Obert.

– Muito bem, então, sr. bispo – disse Soren. – Serei sempre um súdito leal ao rei. – Soren inclinou a cabeça por obrigação, não pretendia ser respeitoso.

Obert viu como os amigos do guerreiro se ofereceram para ajudar e como ele foi se animando com a ideia de lutar contra os rebeldes saxões. Mesmo que Soren tenha aceitado a missão, Obert notou como estava diferente depois do golpe que quase o matou, estava irremediavelmente mudado. Ele nunca mais seria aquele jovem despreocupado e lindo que atraía as mulheres para sua cama como se fossem abelhas atrás de mel. Nunca mais olhariam para ele sem sentir simpatia ou pena da condição dele.

Que Deus ajudasse a mulher que se tornasse esposa dele! No momento, Obert estava sentindo pena era de Sybilla de Alston. O rei ordenou que Soren se casasse com ela, caso estivesse viva, mas deu-lhe a liberdade de se casar com outra se ela não o agradasse. Observando os três amigos conversando, Obert se perguntou se os conselhos dos amigos ajudariam a controlar seu mau humor.

Obert tinha ouvido Soren comentar que pretendia matar qualquer pessoa relacionada a Durward de Alston, o homem que fizera o terrível estrago no seu rosto, bem depois do término da batalha. Será que sua vingança

incluiria tirar a vida da jovem Sybilla ou será que Soren desistiria desta vingança antes que ele condenasse a própria alma?

Iniciando mais uma oração, o bispo Obert anunciou que após a missa entregaria a Soren o título e o alvará enviados pelo rei. Ao conduzir lorde Giles e lorde Brice e suas esposas pela capela, o bispo notou o desconforto de Soren no meio de tantas pessoas. Enquanto colocava as vestes sacerdotais e preparava o altar, Obert rezou como há muito tempo não fazia.

Será que Deus poderia ajudar este cavaleiro, se nem seus amigos tinham conseguido?

Mas, nas semanas seguintes, enquanto Soren se preparava para partir rumo ao norte, Obert observava a tristeza do seu coração e da sua alma, e duvidou que alguém, até mesmo Deus, pudesse ajudar este homem a se transformar numa pessoa melhor.

Capítulo Um



*Castelo de Shildon
Nordeste da Inglaterra
Julho, ano de 1067 d.C.*

O CHEIRO ativo de fogo e de morte ardia nas suas narinas e no seu olho. Soren Fitzrobert examinou a devastação a sua frente.

Plantações e galpões ainda queimavam sob a luz fraca do final do dia e o céu escurecia mais pela fumaça do que pela falta de sol. Os mortos permaneciam deitados em poças do próprio sangue. O silêncio era assustador, nenhum som era ouvido nas proximidades. Pelo seu lado sadio ele pôde ver Stephen se aproximar e esperar por suas ordens.

– Eles são covardes – disse Soren, tirando seu elmo e coçando a cabeça em seguida. – Olhe só, eles atearam fogo nas próprias plantações, mataram seu povo e depois fugiram.

– Na certa foi ordem de Oremund – respondeu Stephen, demonstrando desprezo pelo sujeito envolvido nisso.

– Se ele já não estivesse morto, eu o mataria por isso – afirmou Soren. Lorde Oremund se juntou aos rebeldes para enfrentar o rei e tentar devolver a Inglaterra aos antigos lordes saxões. Oremund foi morto em uma batalha que garantiu ao seu amigo Brice o direito às terras de sua meia-irmã.

Soren só pensava em vingança e esta cena não serviu para arrefecer seu objetivo. Ele tinha motivos para perseguir os responsáveis por sua condição, mas estes aldeões, homens, mulheres e crianças, não mereciam ser massacrados. Soren até compreendia que inocentes morressem durante a guerra, mas isto não fora uma guerra.

Isto fora uma matança.

– Procure descobrir se ainda há alguém vivo e junte os mortos para serem enterrados – ordenou ele. – Queime os corpos daqueles que lutaram contra nós – acrescentou.

Stephen hesitou, mas não disse nada. Soren virou o olho bom para fitá-lo e viu quando ele se encolheu por uma fração de segundo. Também notou o olhar de pena do homem.

Soren ainda não tinha se acostumado com a reação das pessoas quando olhavam para seu rosto. O medo ou horror era logo seguido por um sentimento de pena. Nossa! Ele já estava cansado disso! Soren se virou e saiu, sem esperar para ver se suas ordens estavam sendo cumpridas.

O sangue dele ferveu de ódio. Ele pretendia procurar pelos filhos do idiota do Durward de Alston e destruí-los, acabando com a sua raça. Neste momento ele começou a sentir uma coceira na cicatriz do rosto e no pescoço, lembrando-lhe dos ferimentos causados pelo saxão covarde depois que a batalha já tinha terminado. Soren se segurou para não tocar a cicatriz, pois tinha muita gente olhando para ele.

Outro homem de Brice o chamou e Soren fez sinal para ele se aproximar. Atrás dele veio um padre, de cabeça baixa, que parecia estar rezando. O padre não levantou a cabeça, então quando Ansel parou, ele tropeçou e colidiram-se. Ao levantar a cabeça, o pároco viu Soren e teve a mesma reação de todos. Primeiro o horror, depois a pena.

Instintivamente o padre fez o sinal da cruz e desviou o olhar, como se não fosse capaz de suportar aquela visão. Soren ficou com ódio.

– Tire-o daqui, Ansel! – gritou ele. E sua voz ecoou naquele silêncio e fez todos olharem para ele. Soren não se importou.

– Soren, ele quer abençoar os mortos – explicou Ansel calmamente, sem se afetar com sua raiva.

Soren fez um esforço para se controlar enquanto dentro dele havia uma vontade enorme de atacar, ferir e destruir. Com punhos cerrados e dentes

trincados ele esperou a raiva passar. O padre se encolheu de medo e as pessoas em volta começaram a sussurrar, esperando a reação de Soren.

Mas ele não conseguia falar, de tanto ódio, e seus braços e mãos coçavam de vontade de machucar alguém. Soren fez sinal para Ansel e foi saindo. Nestas horas, a única coisa que ajudava era o trabalho, trabalho braçal, de maneira a cansar o corpo e drenar a raiva da alma. Então, ele se encaminhou até um grupo de homens que tirava os corpos sem vida do campo e se juntou a eles, sem dizer uma só palavra.

ALGUMAS HORAS depois, exausto devido aos vários dias cavalgando, a batalha desta manhã e muitas horas cavando a terra e carregando os corpos, Soren finalmente se deitou. Levariam dias enterrando todos os mortos e deixando tudo em ordem para poder seguir em direção ao norte para Alston. Dias desperdiçados quando ele podia estar assumindo suas terras e matando toda a família de Durward.

Mas ele tinha prometido a Obert e a Brice que viria aqui, portanto, tinha que fazer isto primeiro, não tinha escolha. E ele o faria, mesmo contrariado. Logo que ele recebeu a carta, Soren proferiu as palavras que o tornou um cavaleiro do rei e foi abençoado pelo bispo. A cada dia que passava, maior ficava a vontade de assumir sua propriedade e isso o estimulava a seguir em frente.

E com o passar do tempo, também aumentava o medo de perder tudo. A promessa de terras e títulos serviram para obrigá-lo a fazer alguns serviços para o rei que envolvia certo perigo. Soren e seus amigos eram bastardos, portanto, não tinham direito de herdar propriedades e nem de governar riquezas e terras. Esta oportunidade que o rei estava lhe dando era inédita e o medo de fracassar o perseguia, da mesma forma como aconteceu com Giles e Brice.

Mas agora isso não importava mais, ele disse a si mesmo pela enésima vez depois que recobrou a consciência e soube da oferta feita pelo bispo Obert. Os sonhos e as esperanças de Soren tinham terminado no campo de batalha e agora ele vivia apenas para se vingar. Embora estivesse determinado a prosseguir e tomar posse das suas terras, na verdade, ele não planejou nada além disso.

Depois de passar cinco dias resolvendo a questão em Shildon, para Brice e para o rei, Soren foi dormir sentindo-se culpado. Que ironia, pois sua ideia de destruir tudo em Alston para recomeçar do zero era exatamente o que Oremund tinha feito aqui. Soren se perguntou se teria pena das pessoas que pretendia matar e se isso ia de fato lhe trazer algum alívio.

Ele adormeceu antes sem chegar a uma conclusão sobre o assunto.

SOREN MANDOU seus homens montarem seus cavalos e fez o mesmo. Fez um esforço para não abrir um largo sorriso, pois a expressão só o deixaria com uma aparência mais demoníaca do que já era normalmente. Depois de recuperar as terras e organizar a vida dos sobreviventes, Soren estava deixando um dos homens de Brice no comando até que ele resolvesse quem ia supervisionar estas terras.

Agora ia partir em direção às terras dele, lutar para realizar sua missão e limpá-la dos vermes que viviam lá. Pensando nisso, Soren ficou louco de vontade de guerrear. Ele teria tempo e oportunidade, então esperou calmamente enquanto seus homens se organizavam atrás dele.

Enquanto esperava, Soren nem reparou no garoto que se aproximava pelo lado. O grito do menino magricelo fez Soren se virar pouco antes de ser atacado.

Atacado? O menino de fato tinha um punhal na mão e o segurava no alto ao correr em sua direção. Não demorou muito para deter o garoto, pois Soren o agarrou pela roupa e o suspendeu do chão. Como o braço de Soren era longo e o do garoto era curto, ele não tinha como escapar.

– Que diabos está fazendo, garoto? – gritou ele, sacudindo o menino até ele deixar cair o punhal. Em seguida, Soren aproximou o garoto e puxou para trás o capuz e usou seu rosto para amedrontar o garoto. – Está querendo me matar?

Logo os homens se deram conta de que não havia perigo e começaram a rir do garoto e esperaram Soren resolver a questão.

– Seu...seu – gaguejou o garoto, dando socos no ar pois não alcançava Soren.

– Bastardo? É assim que quer me chamar?

– Isso mesmo – concordou o garoto e, em seguida, cuspiu nele. – Seu bastardo!

Há muito tempo que este tipo de insulto não o atingia mais. Soren descobriu a verdade da sua filiação quando tinha mais ou menos a idade deste garoto e aprendeu a não se sentir ofendido com isso.

Os insultos só têm poder quando você deixa que eles o controlem, a voz de lorde Gautier era uma lição de vida há muito tempo esquecida.

– Assim como também é o nosso rei, garoto – concordou Soren com ele.

Os homens de Soren riram, eles também tinham sido insultados pois a maioria era fruto de relações fora do casamento. Por isso é que estavam todos juntos e Soren se sentia tão à vontade entre eles. Assim não haveria em suas fileiras homens bem-nascidos para desmerecê-lo. Nenhum filho legítimo de nobre serviria com ele, apenas Simon, o filho legítimo de Gautier que era seu amigo.

Soren soltou o garoto no chão e esperou para ver o que ele pretendia fazer. Estranhamente, o garoto foi a primeira pessoa que não se assustou ao ver seu rosto.

– Como se chama?

– Meu nome é Raed – disse ele, de cabeça erguida.

– Raed de Shildon, onde estão seus pais? – O garoto desviou o rosto e olhou para as covas recentes ali do lado.

– Não tenho mãe – respondeu ele baixinho. – E meu pai está enterrado ali.

O garoto era órfão. Soren olhou para Guermont para saber se seus homens tinham matado o pai do menino. Guermont sacudiu a cabeça e Soren soube que foi trabalho dos homens de Oremund.

– Quais são suas habilidades? – Soren o indagou. Alguma coisa no garoto o tocou profundamente, de uma forma como Soren nem imaginava mais ser possível. Este Raed devia ter uns 8 anos e Soren se lembrava dele próprio nesta idade. O menino deu de ombros e sacudiu a cabeça.

– Então você é corajoso, mas imprudente por ter atacado um cavaleiro, armado apenas com um punhal. Está pedindo para morrer.

Raed se abaixou e apanhou o punhal, trocando-o de uma mão para outra, como faria um guerreiro. Ficou claro que o garoto já tinha usado o punhal antes. Neste momento, Soren tomou uma decisão que até ele se surpreendeu.

– Um rapaz corajoso pode ser útil para mim. Quanto ao imprudente, vou fazer com que deixe de sê-lo – disse ele. O garoto ficou pálido, mas não

correu e nem se virou. – Acho que estou mesmo precisando de um escudeiro. Traga-o conosco, Larenz.

Os homens riram e Larenz se aproximou do garoto, segurou-lhe pelos ombros e o levou para trás. Soren levantou a mão e deu sinal para a tropa seguir adiante, sem saber direito o motivo de ter assumido a tarefa de treinar o garoto.

DURANTE OS quatro dias de cavalgada até Alston, Soren não viu mais o garoto, mas Larenz lhe dava notícias do menino. Foi só na noite antes de chegarem a Alston que o garoto apareceu, e só por um breve momento antes de se esconder nas sombras do acampamento.

O sono de Soren era irrequieto na noite que antecedia uma batalha, sempre foi, não só pela emoção como pelas consequências imprevisíveis. Depois de cochilar um pouco, ele levantou e foi andar pelo acampamento, conversou com seus homens mas, na verdade, ele queria encontrar o garoto que resolveu adotar. Finalmente, ele o encontrou, todo encolhido, bem distante do fogo e tremendo de frio. Soren pegou um cobertor que não estava sendo usado, cobriu o garoto franzino e já ia se afastar quando ouviu o menino o chamando baixinho.

– E como você se chama? – perguntou Raed.

– Soren. Soren, o Maldito.

Pois não importava o que fosse acontecer no dia seguinte, nem as consequências das lutas de William contra os rebeldes que assolavam suas terras nem se fosse derramar o sangue do inimigo. Soren sabia que sua alma estaria para sempre condenada à escuridão que vivia agora.

Capítulo Dois



SYBILLA, *LADY* de Alston, endireitou-se e gemeu com a dor no corpo. Ela massageou as costas com as mãos e tentou aliviar a dor por ter se abaixado tantas vezes e carregado pedras para reforçar as defesas. Eram ordens de Gareth, o comandante responsável pela defesa dela e do seu castelo. Então, Sybilla ajudava o quanto podia. Sendo ela senhora do castelo ou não, eram duas mãos a mais para ajudar no trabalho de reforçar a segurança do castelo.

Sybilla aceitou o copo de água que a serva que passava lhe ofereceu, apertou mais a fita de couro da trança e recomeçou o trabalho. Eles tinham pouco tempo para terminar esta tarefa antes de o peão do rei invasor chegar. Depois de receber a mensagem de que ele estava a caminho para reivindicar as terras que foram do pai dela, Sybilla e Algar, o administrador do seu falecido pai, decidiram se proteger para evitar a mesma devastação que os vizinhos sofreram. Não poderiam resistir por muito tempo, mas se mostrassem sua força, Sybilla esperava poder negociar uma transição pacífica, de forma a permitir que seu povo vivesse e que ela pudesse sair em segurança para se recolher no convento de sua prima, onde pretendia viver em paz.

Sybilla sabia que ela e sua gente tinham poucas escolhas, já que seu pai e seu irmão estavam mortos e ela não tinha qualquer outro parente saxão

para vir socorrê-la ou enfrentar esses invasores.

Eles trabalharam até o anoitecer, aproveitando toda a luz natural daquele dia de verão para construir um muro mais alto e forte. Gareth acenava satisfeito, no jeito sério dele, mas Sybilla sabia que não seria suficiente. Eles ainda tinham uns dois ou três dias até os invasores chegarem e levariam todo esse tempo para terminá-lo.

O CANTO dos pássaros que anunciava a aurora também trouxe terror para eles, pois os invasores apareceram no alto do morro em frente ao castelo e pareciam preparados para atacar. Sybilla reuniu as crianças rapidamente e as levou para a parte dos fundos do castelo e ficou aguardando as ordens de Gareth. Apesar de ter vivido ali sua vida toda, ela nunca precisou se defender dos inimigos. Mesmo quando seu pai e seu irmão saíram para lutar ao lado do rei, seu irmão fora para Stamford Bridge e seu pai para Hastings, as defesas do castelo, apesar de precárias, nunca foram necessárias.

Mas, agora, era uma questão de vida ou morte.

Quando a situação ficou resolvida na fortaleza, ela subiu para o alto do muro para ver quem eram seus inimigos. Gareth mandou ela sair, mas Sybilla achou que podia amenizar a situação se ela olhasse o inimigo nos olhos. Se o homem do rei William visse que eles não representavam grande ameaça, talvez aceitasse negociar antes de atacar. Sybilla levantou a mão sobre os olhos para se proteger da luz forte do sol que nascia e tremeu quando o viu.

Preto. Ele estava todo de preto, exceto pelo vermelho na parte esquerda do seu escudo que era sinal da sua condição de filho bastardo. Ou seria seu rei? Ela não sabia e mais uma vez seu corpo tremeu. Sua armadura era preta e não refletia a luz do sol acima dele. O cavalo dele, um enorme corcel, era preto como a noite sem qualquer mancha para clarear sua pelagem. E Sybilla tinha a sensação de estar diante da morte.

Ou seria a encarnação do diabo?

Sybilla controlou seu medo e procurou ficar perto de Gareth. Ele estava tenso, dando ordens aos homens em voz baixa para não ser ouvido pelos inimigos. Sybilla notou como o inimigo estava quieto e tentou ver quantos eles eram.

Santa mãe! Jamais sobreviveriam a um ataque desses. Ela começou a achar que tinham se enganado quando ouviu a voz do gigante.

– Estou aqui para reivindicar as terras e o povo de Durward, o Traidor e ordeno que abram os portões.

Gareth sacudiu a cabeça e Sybilla, mesmo tentada a contrariá-lo, cedeu diante da experiência e conhecimento dele no assunto. Foi um erro.

– Então, preparem-se para morrer! – gritou o guerreiro e, em seguida, ele e os homens partiram para o ataque.

Gareth a mandou sair dali e Sybilla se apressou para voltar para dentro do castelo antes que os invasores chegassem no muro. Neste momento o muro balançou e Sybilla percebeu que estavam usando um aríete para derrubá-lo! E o pior era que eles não procuraram a parte mais reforçada do muro perto dos portões e sim o pedaço mais novo e mais vulnerável. E ela precisava passar exatamente pelo lugar onde eles estavam tentando derrubar.

Correndo ao longo do caminho, tentando evitar os soldados que corriam para se posicionar e ouvindo sua gente gritar apavorada, Sybilla tentou pensar apenas naquilo que Gareth havia lhe dito. Mas, em vez disso, ela parou por um instante. Em seguida, ela viu o muro balançar e desmoronar diante dela.

SÓ QUANDO acordou foi que Sybilla entendeu que tinha desmaiado.

Ela fez um esforço para se pôr de pé, mas sua cabeça doía e a tonteira a deixou com náuseas. Ela tentou tirar o curativo que cobria sua cabeça e olhos e descobriu que não era o curativo que estava atrapalhando. Ela estava cega.

– Pronto, *milady* – uma voz familiar lhe disse.

Aldys, a criada da sua mãe, tocou seu rosto, recolocou o curativo no lugar e a fez deitar a cabeça novamente.

– Você se feriu, *milady*. Precisa ficar deitada – avisou ela.

Sybilla tentou tocar o próprio rosto e os olhos, mas Aldys segurou suas mãos, impedindo-a de fazê-lo. Ela ficou em pânico. Em seguida, outra mulher pegou nas suas mãos.

– Senhora, eles derrubaram o muro e estão do lado de fora das portas do castelo. Gareth mandou que ficasse aqui – sussurrou Gytha, sua criada – A senhora foi atingida por algumas pedras na cabeça e nos olhos e está

sangrando muito. – A pressão na cabeça melhorou mas logo voltou. – Estamos tentando parar o sangramento.

– Não consigo enxergar – sussurrou ela. – Não consigo enxergar! – Sybilla estava perdendo o controle. O novo tipo de medo estava se apoderando do seu coração e da sua alma.

– Fique quieta, *milady* – Aldys lhe pediu. – Vamos cuidar de você. Tudo vai acabar bem.

A dor foi piorando até ela desmaiar e só voltou a acordar quando ouviu o barulho da porta do castelo sendo derrubada. As enormes portas de madeira quebraram e o estrondo tomou conta do castelo.

– Gytha – gemeu ela. – Você precisa levar as crianças para um lugar seguro agora.

– É tarde demais, *milady* – respondeu a criada.

De repente, ela foi colocada de pé e arrastada por mãos desconhecidas. Mulheres gritavam e ela foi empurrada enquanto lutavam contra a pessoa que tinha invadido a fortaleza. Logo depois, ela foi jogada ao chão. Com a mão na cabeça, ela tentou se levantar, mas não conseguiu. Então, Aldys a segurou nos braços e ela ouviu Gytha do seu outro lado.

O lugar se transformou num caos e Sybilla gritou junto com todos os outros. Ela havia visto o inimigo e sabia que ele pretendia matá-los. Devia ser esta a intenção dele, o tempo todo, pois ele nem se dispôs a conversar como outros teriam feito. Escutando tudo, sem poder enxergar, só fez aumentar seu medo. Sybilla estava arrasada ouvindo os gritos do seu povo sofrendo.

Era isto que ele queria? Destruir tudo aquilo que seu pai construiu? Que tipo de homem faria isso? Sua pergunta foi respondida momentos depois quando o lugar foi tomado por um silêncio tão profundo que ela chegou a pensar que havia desmaiado novamente.

Ela não ouviu barulho algum, nem a respiração das pessoas a sua volta. Quando ela achou que ia gritar, ouviu as mulheres do seu lado rezando baixinho. Rezavam por misericórdia!

– Tragam aqui os sobreviventes.

Tinha que ser ele! O gigante de preto que comandava as forças. O diabo montado a cavalo que havia destruído sua casa e matado sua gente. Mas antes que ela conseguisse juntar coragem para falar, alguém a levantou mais uma vez e a levou para perto daquela voz. Aldys e Gytha, rezando,

continuaram do seu lado para lhe proteger. Ela ouviu os arredores pronunciarem palavras como monstro, diabo, demônio e ficou apavorada. Logo ele pediu silêncio e todos obedeceram.

– Meu nome é Soren Fitzrobert, senhor destas terras agora.

Todos a sua volta se espantaram com as palavras dele. A primeira surpresa foi que ele falou na sua língua e não no idioma normando, mas foi a declaração dele que a deixou mais abalada. Dona destas terras há muitas gerações, sua família sempre foi muito poderosa e se orgulhava de ser conselheira do rei. Sybilla sentiu seu corpo tremer e estendeu as mãos para se apoiar em Aldys e Gytha.

– Não me peçam para ser piedoso, pois não terei piedade por aqueles que permanecerem fieis a Durward, o Traidor. Só sobreviverão aqueles que jurarem lealdade a mim.

Todos estavam chocados. Sybilla sacudiu a cabeça. Como ele podia exigir tal coisa? Como podia executar todos que eram leais a seu pai, a quem deviam a vida? A frieza da sua voz e as ordens que não demonstravam nenhuma emoção a deixaram assustada e ela sabia que não tinha a menor chance. Será que ele já tinha matado Gareth e os outros? Sem poder enxergar, ela não sabia.

– Aldys – sussurrou ela. – Você está vendo Gareth aqui?

– Fique quieta, *milady*. O guerreiro está vindo na nossa direção.

Sybilla ouviu os passos pesados dele se aproximando e agarrou as mãos de Aldys e Gytha, sentindo um aperto no peito. Ela ficou com mais medo ainda ao ouvi-lo falar, tão perto que podia sentir a respiração dele.

– No entanto, eu serei misericordioso com aquele que me mostrar quem é a filha de Durward. Onde está a filha dele?

Mais uma vez ela ouviu sussurros tomando conta do salão que só foram interrompidos pela voz zangada.

– Mandarei matar todos vocês se não me disserem onde ela está.

A voz dele não deixava dúvidas de suas intenções. Pela frieza que demonstrava, estava mesmo disposto a matar todo mundo. Será que cumpriria a promessa e pouparia a vida de todos eles se ela se apresentasse? Ou esta era apenas uma tática?

– Fique, *milady* – Aldys lhe avisou em voz baixa.

– O tempo de vocês está se esgotando – gritou ele. – Guermont, traga os arqueiros. Assim eles vão se convencer – ordenou ele friamente.

Algumas mulheres gritavam, crianças também e as pessoas tropeçavam umas nas outras ao serem empurradas até não poderem mais se mexer.

Sybilla imaginou que eles estavam sendo colocados contra a parede, alvos mais fáceis para os arqueiros do demônio. Mesmo assim, ninguém a entregou como filha do antigo senhor do castelo. Eles morreriam por ela, Sybilla tinha certeza disso. Ela também sabia que não podia permitir isso, nem que ela tivesse que morrer. Apesar de Aldys e Gytha estarem lhe segurando, ela se soltou e deu um passo a frente.

– Soren Fitzrobert – disse ela com a voz trêmula, tentando se controlar.

Sybilla tentou não tremer ao ouvir que ele se aproximava pelo som das esporas raspando no chão de pedra. Lembrando do tamanho dele, bastava um golpe para matá-la. Sybilla sabia que não seria capaz de ficar muito tempo em pé sem ajuda e a dor na sua cabeça aumentava a cada passo dele. A respiração dele estava bem perto agora e ela teve vontade de se apoiar no homem.

Sybilla se endireitou o quanto pôde, sentindo a dor na cabeça aumentar e o sangue escorrer pelo pescoço, e disse o que poderia salvar sua gente, mas seria sua sentença de morte.

– Eu sou Sybilla de Alston. A filha de lorde Durward.

O lugar ficou em total silêncio enquanto ele desembainhou a espada. Sybilla fez uma oração pela sua alma enquanto esperava seu destino.

Capítulo Três



SOREN SENTIU o sangue subir à cabeça quando ouviu o nome dela. Longos meses de espera, repletos de dor e sofrimento, o trouxeram até aqui e ele puxou a espada. Fúria e raiva encheram os olhos dele ao levantar a espada acima da cabeça, saboreando o momento com o qual ele tanto sonhou depois da batalha de Hastings. Por um instante ele sentiu vontade de deixar a espada de lado e usar as próprias mãos para tirar a vida desta mulher, para satisfazer sua ânsia de vingança, mas ele segurou firme a espada e colocou todo seu ódio para fora, gritando, para que todos ouvissem.

– Morte a todos que carregam o sangue do traidor Durward!

Mas antes que ele pudesse usar sua espada e acabar com a vida do último integrante da família Durward, sua visão clareou e por um breve momento ele viu apenas uma mulher de joelhos na sua frente. Foi o tempo necessário que o povo dela precisava para se aproximar para cercá-la. Ela bem que tentou se desvencilhar deles, mas eles não deixaram.

Ele deu um passo à frente e eles deram um passo atrás, ficando entre os homens dele e o canto da sala. Eles não tinham mais para onde ir e nenhuma chance de sobreviver ao ataque de cavaleiros armados e arqueiros, mas não abandonariam sua senhora.

– Soren – sussurrou Guermont do lado dele. – Talvez este não seja o caminho.

Soren se virou para ele, incapaz de ouvir do lado direito, e o fitou. Apesar da hesitação momentânea, ele não tinha vindo de tão longe e chegado tão perto do seu objetivo para ser derrotado por aldeões e crianças. E era só isso que tinha para defendê-la agora. Os homens dela estavam mortos ou presos, no entanto, o povo se juntava em volta dela como se de fato pudessem detê-lo. Ainda assim, as palavras de Guermont o fizeram parar para pensar. De fato, matar estes camponeses inocentes só faria com que ele fosse ainda mais amaldiçoado por Deus.

Ele recolocou a espada na cintura e se encaminhou até a multidão, seguido de perto pelos seus homens, e entrou no meio deles. Quando ele a agarrou e a arrastou para longe do resto, a multidão reagiu em defesa dela. Primeiro foi uma mulher, uma que estava perto de Sybilla, que caiu de joelhos e começou a implorar.

– Misericórdia, milorde! Misericórdia! – disse ela em voz alta.

– Misericórdia! Misericórdia! – pediu alto outra pessoa. E logo outras vozes se seguiram até fazer um coro de súplicas por uma compaixão que ele não tinha. Ou ele achou que não tivesse, até que a jovem mulher caiu de joelhos e tocou-lhe a mão.

– Poupe a vida deles, eu lhe imploro. Eles só estão tentando me proteger – pediu ela. – Eles não têm culpa de nada aqui.

Apesar do estado dela, dos panos cheios de sangue amarrados na cabeça e da roupa rasgada e suja de terra, ela parecia ser mesmo a filha do velho lorde. Mas o fato de ela ter pulado em defesa da gente dela, agora sua gente, o tocou mesmo que ele detestasse este seu momento de fraqueza.

– O que aconteceu com você? – perguntou ele, sem disfarçar a raiva da sua voz.

– O muro...as pedras... – ela começou a dizer. – Meus olhos...

Ela não pôde prosseguir, o corpo tremia como se estivesse recebendo a notícia pela primeira vez.

– Ficou cega?

Um defeito como este o isentava de cumprir a vontade do rei de se casar com ela. Isto era motivo suficiente para tornar nulo qualquer compromisso de casamento. Era um impedimento para o casamento e poderia ser...

Ela não pode me ver!

Soren percebeu que esta frase era um sinal de esperança na sua mente. Se ela era cega, nunca poderia ver sua deformidade. Nunca olharia para ele

com repulsa do rosto mutilado. E nunca olharia para ele com medo e nem com pena como faziam os outros.

Ela não poderia vê-lo.

– Levem-na – disse ele baixinho.

A sala explodiu em lamúrias e gritos pois todos acreditavam que ela seria executada. Sybilla não disse nada e não resistiu quando seus homens a levaram até a frente da sala e a conduziram para o tablado. Seus guerreiros tinham formado uma barreira entre o povo e o tablado para impedir que avançassem sobre ela.

Ele subiu os degraus e se colocou do lado dela, olhando para ver se alguém ia desafiar sua autoridade. Mas antes que ele dissesse alguma coisa, a voz baixa de Sybilla os acalmou.

– Milorde? – disse ela, virando a cabeça para avaliar sua proximidade e localização. – Milorde Soren? – repetiu ela.

Soren sentiu um calor percorrer seu corpo ao imaginar o som desta voz sensual em sua cama. E enquanto ele a enchia de prazer, por horas seguidas, ela poderia sussurrar seu nome várias vezes, reconhecendo o seu direito sobre o corpo e a alma dela. Ela gritaria seu nome ao mesmo tempo em que ele a possuía, tornando-a só sua.

Mas então ele a fitou e percebeu que estava imaginando coisas e que estava sendo fútil demais.

– Sim – respondeu ele.

– Pode me conceder um momento com um padre antes de... – sua voz fraquejou por um instante – antes da minha morte.

Normalmente ele sentiria admiração por tanta bravura, mas não neste momento. Zangado consigo mesmo por ter demonstrado um instante de bondade, ele virou as costas.

– Você vai precisar mesmo de um padre, Sybilla de Alston – esbravejou ele. – Mas não pretendo matá-la hoje.

– Como assim, milorde? Serei sua prisioneira, então?

Ele viu que ela tentou se aproximar e que tropeçou.

Droga! Ele teve vontade de ajudá-la a se levantar.

– Sim, de certa forma, será minha prisioneira – disse ele. – Você será minha esposa.

A sala irrompeu mais uma vez, as pessoas se aproximaram e tentaram levá-la do que achavam que seria um destino pior do que a morte. Sybilla

permaneceu calada e depois caiu no chão.

Capítulo Quatro



SUA CABEÇA latejava e seu olho ardia. A garganta estava rouca de tanto gritar. As mãos coçavam para torcer o pescoço da mulher e acabar de vez com a família Durward, mas suas palavras tinham acabado com a possibilidade de matá-la rapidamente. Soren esfregou a mão na testa tentando aliviar a dor. Ele estava a ponto de se tornar responsável por ela, por causa de um momento de fraqueza. Uma fraqueza que ele imaginava não ter mais depois de passar por tanto sofrimento e pela humilhação de ter perdido tudo que valorizava na vida.

O objeto de seu ódio estava sentada na sua frente em uma cadeira que ele mandou trazer depois que ela desmaiou ao saber que em vez de morrer, se casaria com ele. Soren sabia que a reação foi bem menos histérica do que seria se tivesse olhado para o rosto dele e o visse como estava agora. Ele procurou por algum sinal do padre na sala e na porta de entrada e tentou não se arrepender, mas aceitar o que ele mesmo tinha anunciado diante de todos. E gritou pelo padre mais uma vez, na esperança de alguém encontrá-lo e trazê-lo rapidamente.

Com o silêncio que se fez na sala, ele pôde ouvir que um pequeno grupo de pessoas se aproximava. Era o sacerdote corpulento e seu escrivão que entravam na sala e abençoava o caminho ao passar pela multidão. O clérigo chegou no tablado no momento em que a paciência de Soren se esgotava.

Pelo menos desta vez ele não se mostrou horrorizado quando olhou para Soren. As várias horas que passou ajoelhado, rezando e fazendo jejum tinham servido para ensinar ao padre a se controlar. Soren cruzou os braços e fez um aceno aos dois que se aproximavam.

– Diga a ela para se aprontar para o casamento – rosnou ele para o padre acenando para a moça. Ele tinha que fazer isso logo, antes que mudasse de ideia.

– Mas milorde, ela é... – o padre começou a dizer.

– Faça o que mandei, padre.

Ele viu quando o padre se encaminhou para ela e logo parou. Depois de olhar para eles dois, o lorde e sua noiva, padre Medwyn se virou lentamente e veio falar com Soren.

– Milorde, ela é cega – sussurrou ele.

Soren virou seu olho bom, seu único olho, para ele.

– Sim, padre, ela é cega.

– Se me permitir, milorde – pediu o padre, inclinando-se mais perto de Soren. – Este é um claro impedimento ao casamento. Você poderá encontrar outra mulher para se casar.

O padre não entendia que a cegueira dela tinha se tornado uma vantagem. O estado dela lhe permitiria viver e gerar seus filhos.

– Não preciso dos olhos dela para ter um verdadeiro casamento, padre. Só preciso do ventre dela para consumir as palavras que serão ditas aqui.

Como todos tinham se calado no grande salão, Soren ouviu sua voz ecoando no ambiente. Ele estava bem perto e pode ouvir o espanto dela e ver o corpo se enrijecer ao ouvir aquele insulto. Na verdade, ele se importava menos com ela do que com o último cavalo que comprou, aliás, que ganhou e deu mais atenção às qualidades físicas e o potencial do animal. A esposa ia se deitar com ele e lhe dar filhos, filhos que herdariam o fruto de todo o sofrimento físico dele. E apesar de fazê-lo sofrer, o homem que foi famoso pela beleza, Soren preferia ter que pagar pelo conforto quando quisesse, e ter um serviço honesto em troca de dinheiro, a ver o horror no olhar de uma mulher.

No olhar de sua esposa.

Ela não pode me ver.

Estava resolvido.

– Tragam-na – deu ele a ordem e ficou esperando ser obedecido.

Embora alguns de seus homens torcessem o nariz, eles obedeceram. Logo a filha de Durward estava do seu lado e diante do padre. Ela ainda não tinha dito uma só palavra, mas ele ouvia a respiração dela tendo em vista o silêncio que reinava no salão. O que ela não podia ver, mas seu povo via, era o guerreiro de pé atrás dela com sua espada apontada para ela. Qualquer passo em falso, qualquer distúrbio na multidão, e ela morreria. Soren viu revolta e medo em alguns olhares ali, mas acima de tudo, o mais assustador, foi constatar que eles amavam sua senhora e que fariam qualquer coisa, até aquiescer a ele, em troca da segurança de Sybilla.

Soren chegou a se assustar naquele momento com tanta devoção e afeto. E ao vê-la ali, de pé, apesar de estar sendo amparada, ele entendeu que ela também amava seu povo.

Ele sentiu uma nostalgia tão forte que quase o derrubou. E teve dificuldade de respirar por alguns instantes. Então, ele balançou a cabeça e tentou não pensar e se lembrou do seu verdadeiro objetivo. Aquele que o sustentou quando sentiu dor, quando sofreu naquela tarde trágica e em todas as outras que se seguiram.

Raiva.

Uma raiva enorme.

Justificada, purificadora e fortalecedora.

Isso lhe deu a chance de se recuperar e banir qualquer sentimento de piedade no seu coração e na sua alma por ela. Ele se endireitou, fitou nos olhos de todos a sua volta que pudessem dar qualquer sinal de querer discordar ou discutir na sua decisão de se casar com ela agora, e observou com satisfação que eles aceitavam. Voltando-se para o padre, Soren esperou que ele começasse a cerimônia.

O atraso era quase imperceptível, mas ele notou e pretendia questioná-lo mais tarde por isso. Quando finalmente ele começou, padre Medwyn realizou o casamento rapidamente e se a noiva falou baixo demais e se os noivos não estavam animados, ninguém se atreveu a comentar sobre isso. Logo que foram proclamados casados, Soren olhou para as janelas para avaliar a intensidade da luz natural e calcular quanto tempo teriam que trabalhar antes de poder se recolher para descansar.

Soren deu algumas ordens, desceu do tablado, pensando nas muitas coisas que tinha para fazer e se esquecendo de uma delas até que seu ajudante o lembrou e ele voltou sua atenção para ela.

– Soren? – gritou Guermont no meio da barulheira crescente de soldados, aldeões, caos e confusão. – Milorde?

Soren parou para recolocar o capuz de couro que usava na cabeça e vestiu a touca de metal. Ele balançou a cabeça recusando o elmo de um dos seus homens mais jovens e se virou para saber o que Guermont queria. Guermont limitou-se a acenar e Soren entendeu que havia deixado sua esposa no meio de soldados aguardando ordens suas.

– Levem-na... – começou ele, mas logo se deu conta de que não conhecia o lugar e nem as acomodações que existiam ali, portanto não sabia para onde mandá-la. Ele se virou para o pessoal que ainda estava encostado na parede.

– Onde ficam os aposentos dela? – ele gritou, dirigindo-se a mulher que havia se ajoelhado diante dele, pedindo misericórdia para a filha de Durward. Como nem ela nem ninguém se manifestou, ele deu de ombros. Ele se virou de volta para Guermont balançando a cabeça.

– Amarre-a aqui. – Ele apontou para a cadeira onde Sybilla tinha se sentado. – Mais tarde encontraremos um lugar para colocá-la.

Então, como ele imaginava, a velha senhora se apresentou, assustada com as ameaças.

– Milorde? – disse ela, sem esperar sua permissão para se aproximar. – Eu servi a mãe dela antes de servir a *lady* Sybilla agora. Posso cuidar dela.

Como ele imaginava, todos ali fariam qualquer coisa para *lady* Sybilla. Esta velha senhora não se humilhou nem implorou, ela nem desviou o olhar quando eles se encararam. Sem querer se render diante dos seus homens e os recém-conquistados, Soren se endireitou e foi ao encontro da senhora... que teve o bom senso de curvar a cabeça com a aproximação dele.

– E será um prazer se puder continuar servindo *lady* Sybilla – disse ele, tentando ver se ela mostrava sinais de contrariedade. Mas não viu nada na expressão do rosto da mulher.

– Como quiser, milorde. Será um prazer.

– Mostre-lhes para onde devem levá-la e deixe-a preparada para mim.

– Milorde? – a mulher o questionou antes que ele pudesse sair.

– Qual foi a parte que você não entendeu? Eu deixei bem claro o motivo de querer a filha do traidor. Depois que tiver assegurado minhas terras, vou voltar para consumir este casamento.

Lorde Gautier teria lhe dado um golpe de bengala nas costas por ter falado assim, de forma tão grosseira, mas Soren não pode evitá-lo. E como acontecia sempre que ele se comportava deste jeito, sua língua amargava com as palavras que proferia. Ainda assim, ele não pretendia, não podia ceder, então ele fitou a mulher que se limitou a balançar a cabeça concordando.

– Cuide disso – ordenou ele e saiu para o pátio para resolver outros problemas diferentes deste que já tinha deixado ele de coração apertado.

SYBILLA MAL ouviu um som ou uma palavra em sua volta. A cabeça doía e seus olhos ardiam, dificultando até para ela ficar em pé. Em vez de lutar contra as garras dos homens que a seguravam, ela aproveitou da força deles para se manter de pé. Não era certo se casar diante de um padre contra sua vontade, mas o choque e a tristeza a deixaram sem opção.

Ela acabou cedendo a vontade dele.

Algum dia ela teria que se justificar se um padre a perguntasse se ela havia consentido com este casamento, mas agora ela estava sem condições. Sybilla entendeu que estava sem forças para nada e foi arrastada como um saco de farinha por dentro de sua própria casa.

Os soldados que acompanhavam Aldys não disseram nada enquanto subiam pela escada até o segundo andar onde ficavam os aposentos de Sybilla. Quando Sybilla tropeçou pela terceira vez, incapaz de calcular a altura dos degraus, ela começou a chorar. Esta era sua casa, o lugar que ela conhecia melhor do que ninguém, no entanto, não sabia quantos degraus eram e nem a altura deles. Quando chegaram no seu quarto e os soldados a soltaram, ela chorou muito com medo do destino, do seu ferimento e da possibilidade de ficar cega para o resto da vida.

QUANDO VOLTOU a si, minutos ou horas mais tarde, Sybilla ouviu que sua criada e Aldys estavam rezando do seu lado.

Ela tentou levar a mão até o rosto, onde sentia dor mas não conseguiu se mover.

– *Milady* – sussurrou Gytha. – Você acordou!

Sybilla fez sinal que sim, mas sentiu que estava quase chorando de novo então nem arriscou a falar. Alguém segurava sua cabeça com a mão e a

ajudava a beber alguma coisa. Era vinho com água e ajudou a aliviar a secura de sua garganta.

– Tivemos medo de que você não acordasse mais – murmurou Gytha. Como a criada falava em voz baixa, ficou claro que ela precisava ficar calada.

– Onde estou? – perguntou ela. Sem poder enxergar, tudo era diferente para ela. Como não podia ver, nada lhe parecia familiar mesmo ela estando na sua cama. – Estamos sozinhas aqui?

Houve uma pausa antes de Gytha responder. Sybilla já podia imaginar as duas mulheres trocando olhares antes de falar. Era uma coisa que elas faziam com certa frequência, agora que as duas lhe serviam, e sempre que sentiam que precisavam amenizar uma situação. Sybilla viveu um momento assim quando soube da morte do seu irmão em Stamford Bridge e, alguns meses depois, quando soube que o pai tinha morrido em Hastings. Os olhares que elas trocaram estavam tão cheios de solidariedade que ela quase podia sentir isso agora. Sybilla tentou se sentar na cama, mas seus braços e pernas não lhe obedeciam.

– Silêncio, *milady* – disse Aldys baixinho. – Já limpamos o ferimento e fizemos um curativo novo. O sangramento já diminuiu bastante. – Sybilla sentiu o toque suave da mão sobre o curativo. – Estamos no seu quarto. – Em seguida, a voz dela ficou bem pertinho. – Estamos sozinhas, mas os lacaios dele vêm aqui a toda hora checar e ver o que estamos fazendo. Provavelmente devem ouvi-la, por isso, tenha cuidado ao falar. – Sybilla tentou mostrar que estava entendendo.

– Onde ele está? – sussurrou ela, sabendo que ele viria mais cedo ou mais tarde, agora que tinham se casado. E teve medo de ouvir a resposta.

– Ele saiu do castelo depois que... – Sybilla deu a entender que sabia quando. – Ele se faz ouvir gritando ordens no pátio mesmo do lado de fora do muro.

Sybilla sentiu o corpo todo estremecer ao se lembrar do som da voz quando mandou Alston se render. E também quando exigiu que ela desse um passo à frente para ouvir sua sentença de morte. Ela tremeu mais uma vez. Afinal, não era a morte, mas algo que ela imaginava que podia ser pior do que a morte. Ela se lembrou da imagem dele, todo de preto e continuou tremendo.

– Eu não posso – gaguejou Sybilla. Ela começou a ficar com medo e balançou a cabeça. – Eu não posso fazer isso.

Aldys e Gytha se aproximaram, uma de cada lado, e lhe seguraram as mãos.

– Cale-se agora, *milady* – repetiu Aldys. – Descanse para recuperar suas forças.

Porque vai precisar delas mais tarde, era o que ela pensou mas não disse. Só que *mais tarde* chegou depressa demais.

– *Milady?* – chamou por ela alguém no corredor. Sybilla não sabia dizer de quem era a voz.

– O que você quer, garoto? – perguntou Aldys.

– Lorde Soren me mandou vir aqui avisá-la para que se apronte para ele.

– Ele manda um garoto para lhe dizer isso? – sussurrou Gytha.

– Monstros como ele usam qualquer um para pedir por eles, mulheres, crianças, quem quer que seja! – A voz zangada de Aldys estava quase irreconhecível.

– *Milady?* – chamou o garoto.

– Sim, garoto. Eu já ouvi o que tinha para dizer – falou Sybilla com certa dificuldade. – Você é de Alston?

– Não, *milady*. Sou Raed de Shildon.

– Shildon? – perguntou ela. Era uma vila que ficava a alguns dias de viagem de Alston.

– Sim, *milady*. Lorde Soren me trouxe de lá para servi-lo.

Sybilla afundou na cama, e sua cabeça latejava ainda mais. Meu Deus, ele era um monstro! Ele tirou uma criança de sua família para forçá-lo a servi-lo? Ela mal podia acreditar em tal coisa.

Sybilla não conseguia mais descansar, estava agitada demais com as notícias sobre Soren. Ela se virava na cama e não encontrava posição. Nada aliviava a dor que sentia na cabeça e no coração. Estava começando a perder o pouco controle que tinha. Quando ela ouviu o barulho dos passos pesados no corredor, quis desmaiar para não ter que enfrentar os próximos acontecimentos.

Capítulo Cinco



SOREN TENTOU não pensar muito sobre a noite que teria pela frente, só se preocupou em trabalhar e aproveitar ao máximo a luz do dia. Assim, ele tratou de se concentrar em arranjar um lugar para alojar os prisioneiros, em saber quantos dos seus homens tinham morrido, quantos aldeões tinham fugido e quantos ficaram para cuidar das plantações e outros assuntos do castelo. Só quando ele subiu para o segundo andar foi que ele se deu conta de que tinha pensado mais nela do que gostaria.

Ao ver a expressão de desprezo e contrariedade dos soldados que faziam a guarda diante do quarto de Sybilla, ele parou e já ia repreendê-los quando Stephen chamou por ele. Como Stephen estava no final do corredor e não fez menção de sair dali, Soren foi ao encontro dele para saber o que queria.

– Soren, acha mesmo que é certo fazer isso?

– Está falando do quê?

– Sei que é normal ficarmos agitados depois de uma batalha, mas acha que esta seja uma decisão sábia?

Soren deu atenção por se tratar de um homem que havia vivido a experiência de sentir desejo fora de hora após uma batalha. Mas isto não era um problema de Stephen.

– Se eu estivesse mesmo enlouquecido de desejo, já teria lhe dado um soco por perguntar tal coisa e eu já estaria entre as pernas daquela moça e a

meio caminho de me satisfazer – disse ele. Soren olhou para o amigo. – Portanto, não me questione sobre este assunto. – Soren se virou para sair, mas Stephen o segurou pelo braço.

– Ela é sua esposa agora, Soren.

– Mas ela é filha de Durward.

Todos que lutaram com Soren sabiam dos planos dele para qualquer membro da família de Durward de Alston. Em todos seus detalhes sórdidos. O fato de ela estar cega não fazia a menor diferença.

– E agora ela é sua esposa. É diferente do que você planejou. Agora a situação é outra.

– E é um assunto que só diz respeito a mim, Stephen. Não me faça me arrepender de ter trazido você comigo.

O guerreiro parecia querer discutir, mas se conteve e aquiesceu. Ele deu mais uma olhada em Soren e saiu de perto. Soren voltou para o quarto. Os guardas abriram caminho para ele e ficaram esperando suas ordens.

– Fiquem lá embaixo. Se precisar de vocês, eu mando chamar – disse ele. – Ninguém se aproxima do quarto, a não ser que eu chame.

Soren notou que estava suando nas mãos quando segurou o trinco da porta para abrir. Ele se convenceu de que não estava nervoso, mas seu coração disparou e o peito ficou apertado ao se preparar para o próximo passo da vingança que planejou contra o homem que havia destruído sua vida. Soren empurrou a porta e entrou no quarto.

As criadas de Sybilla, tanto a mais velha e robusta quanto a mais nova e magrinha, ficaram como duas estátuas ao lado da cama. A moça estava imóvel sobre a cama, só o peito subia e descia com a respiração e os dedos nervosos que tentavam agarrar a colcha da cama.

– Ela consegue enxergar? – perguntou ele. Os ferimentos na cabeça não significavam necessariamente que ela tinha ficado cega. – Se tirarem os curativos, ela pode ver?

A mulher mais velha fez um aceno com a cabeça confirmando a cegueira.

– Eu mandei deixá-la preparada para mim – disse ele, circulando pelo quarto. – Tire a roupa dela e saiam do quarto.

– *Milorde...* – gaguejou a criada mais nova, tentando demovê-lo da ideia.

Mas era tarde demais para isso.

Ele hesitou apesar de suas intenções e ficou olhando as duas colocarem Sybilla em pé do lado da cama. Agora ela estava com roupas limpas, com os ferimentos tratados e Soren pôde ver o quanto ela era bonita. E pode ver o rosto dela pálido e o corpo trêmulo de medo.

Os cabelos loiros caíam em ondas sobre os ombros, mas foram as mãos que chamaram sua atenção. Elas eram finas e graciosas, como a curva da nuca enquanto ela sussurrava para as criadas. Não havia mais nenhum traço da bravura que ele viu antes e ela era mais jovem do que ele pensou, e mais bonita, também. Porém, foram os modos delicados dela que chamaram sua atenção agora. Ela era uma moça bem-nascida e ele...

Soren tentou não desviar a atenção.

– Ou vocês tiram a roupa dela ou eu mesmo faço isso. – Ele foi bem malcriado.

Depois de falar isso, Soren virou de costas e tentou ignorá-las, ouvindo o movimento das duas que preferiram fazer o serviço em vez de deixar que ele o fizesse. Soren tratou de retirar seu cinto pesado de couro, a cota de malha e a touca de couro. Virado de costas, ele posicionou o tapa-olho para cobrir o local onde deveria ter o olho. Quando ele percebeu o silêncio do quarto, se virou e encontrou a moça deitada embaixo das cobertas e as duas criadas com as roupas dela nas mãos.

Ótimo. Ele respirou aliviado. Sua tarefa aqui seria feita rapidamente e logo ele poderia tratar de outros assuntos mais importantes. Se não a engravidasse hoje, poderia visitá-la até conseguir, depois só a veria quando seu herdeiro nascesse.

Durante as horas que lutou para invadir o castelo, Soren percebeu que a apatia seria um castigo mais adequado para o ódio que ele sentia, um ódio que queria se libertar e destruir seus inimigos...através dela. Apesar de seus planos de se vingar dela, Soren resolveu que usaria esta mulher apenas para satisfazer suas necessidades e procriar.

Ele abriu um sorriso, contente de ver que estava tão perto de realizar sua vingança. Com um aceno de cabeça, ele ordenou que as duas saíssem do quarto e respirou aliviado. Mas o sorriso permaneceu. Só quando chegou perto da cama ele notou que o corpo da moça continuava tremendo. Os cabelos claros e ondulados contornando a cabeça e os ombros desviaram sua atenção e ele se esqueceu da sua vingança. E apesar de terem tirado o

curativo, o rosto dela estava virado para o outro lado, como se ela não quisesse olhar para ele.

Soren voltou a sentir a mesma humilhação de quando as pessoas viravam a cara ao ver o estrago feito no seu rosto. Mas ele se lembrou de que ela não podia ver nada e a tensão foi embora.

Ela não pode me ver.

Soren ficou feliz quando se deu conta disso e se sentiu mais leve do que em todos os meses desde aquele dia de setembro. De pé, perto da cama, ele notou a maciez da pele dela e teve vontade de acariciar as linhas delicadas do pescoço, os lábios bem-delineados e o corpo esbelto. Poderia arrancar os lençóis logo para ver o resto das curvas femininas e a nudez dela. Só de ver esta pequena amostra de beleza o seu corpo já reagiu. Soren esticou o braço para levantar o lençol, quando ela levou um susto e o fez dar um pulo atrás.

– Sybilla. – Ele se sentiu obrigado a dizer. Mas naquele instante ele teve certeza de que ela chegou virgem neste casamento forçado.

Pronunciar o nome dela pela primeira vez provocou uma sensação esquisita. Ele fez uma pausa e pigarreou. Mas antes que ele pudesse se aproximar, ela jogou longe as cobertas e saiu da cama, afastando-se de Soren. Ele tentou segurá-la, mas escorregou e caiu sobre a cama de mãos vazias. Deitado ele viu como ela tentava se proteger, como um animal encurralado, sem ter para onde fugir.

Os pés descalços escorregavam sobre o piso de madeira e ela caiu no chão. Soren passou por cima da cama e correu para pegá-la, mas ela se levantou e escapou. Como uma mulher enlouquecida, estava tão preocupada em fugir que se esqueceu que não podia enxergar. Confusa e atordoada devido a lesão, ela se espremia contra a parede, sussurrando e balançando a cabeça.

Soren chamou por ela diversas vezes, mas ela não o ouvia. Então ele se aproximou dela como faria com uma égua tensa, tentando acalmá-la, falando baixinho.

– Sybilla – disse ele, tentando segurá-la antes que ela se machucasse mais. – Você precisa ficar quieta.

E ela ficou, mas apenas por um segundo. Logo que ele se aproximou ela fugiu de novo. Soren quase a pegou quando ela derrubou uma pequena mesa com uma jarra e alguns copos. Ele chegou a segurá-la pelos ombros para impedir que ela se ferisse, no entanto ela começou a chorar logo que as

mãos dele tocaram a pele dela. Era um som lamentável que ele detestava ouvir, tanto pelo que dava vontade de fazer quanto pelo que o fazia sentir. Sybilla tentou fugir de novo e acabou desabando no chão.

Soren entendeu que ela quis evitar o inevitável, pois ele tinha todo o direito de reclamar o corpo dela esta noite, porém alguma coisa dentro dele o impediu de fazê-lo. Em vez disso, ele sussurrou o nome dela e tentou acalmar a mulher arrasada que forçou a se casar com ele. Ele a guiou de volta para cama e a ajudou a se deitar sob as cobertas.

Soren passou a mão nos próprios cabelos, deu uma olhada pelo quarto e se perguntou onde tinha errado, pois a situação parecia estar tão sob controle há poucos minutos. Seu plano de possuí-la, a qualquer custo, tinha desandado diante do estado lamentável dela. Ele chegou a ficar frustrado por não conseguir levar adiante seu plano. Mas ele percebeu que não poderia e não tentaria possuí-la esta noite.

E ao reconhecer que não poderia possuí-la contra a vontade dela, por mais que quisesse, toda a raiva que ele prendeu dentro de si por tanto tempo veio à tona.

Ela tinha vencido novamente.

O pai dela o derrotou de novo.

Soren sentiu muito ódio e se afastou dali. Em seguida, enlouquecido de raiva, agarrou a primeira coisa que viu, um tear de madeira, e o jogou contra a parede e depois contra o chão. Ele ouviu Sybilla gritar, mas desta vez ele a ignorou. Já tinha aguentado demais por esta noite.

Infelizmente, o tear foi parar junto a porta do quarto, bloqueando a passagem, então ele gritou pelos guardas. Como eles logo apareceram, Soren soube que eles estavam na porta do quarto o tempo todo e não na sala do andar de baixo como ele mandou.

– Tirem esta porcaria daqui!

Só quando eles começaram a recolher os destroços do tear foi que Sybilla reagiu chorando e descendo da cama onde ele a colocara. Soren tratou de protegê-la dos olhares dos guardas cobrindo-a com um cobertor enquanto ela correu para os restos do tear. Soren sacudiu a cabeça confuso, sem entender o gesto dela.

Será que além de cega ela estava louca?

Enquanto ele observava, Sybilla tentou juntar os pedaços do tear nos braços e balançava o corpo de um lado para outro e chorava soluçando.

Stephen chegou na porta e amarrou a cara ao ver aquela estranha cena.

– O que aconteceu, Soren?

Soren deu de ombros. Num primeiro momento, achou que Sybilla tinha ficado apavorada. O medo de consumir o casamento era compreensível, tendo em vista que era virgem e ele, seu pior inimigo. Mas, depois, ela parecia ter perdido o juízo e os modos. Agora, ele estava confuso de vê-la chorando, tão sofrida. Que droga! Por que Stephen tinha que estar certo na sua advertência?

– O tear caiu – explicou ele, deixando de lado o fato de o objeto ter sido jogado pela sua fúria. Uma explicação incompleta e imprecisa. Mas era só o que ele queria dizer.

– Ela não está nada bem, Soren – disse Stephen ao ver a moça aos prantos no chão. – Quer que eu chame a criada dela?

O que mais ele poderia fazer a esta altura? Não haveria consumação esta noite e ele se perguntava se não tinha cometido um engano ao se casar com ela. Ele deu uma olhada pelo quarto para avaliar o estrago feito. Talvez a criada pudesse acalmar a noiva e explicar o motivo da reação dela.

– Chame a criada e um curador também.

Stephen saiu e Soren ficou observando Sybilla de onde ele estava. A moça não saiu do lugar e parecia não estar sentindo nem ouvindo nada, só balançava o corpo e chorava. Quando ouviu que as mulheres se aproximavam, ele deu um passo para fora do quarto, mas sem tirar os olhos de Sybilla. Quando as duas criadas se aproximaram, ele fez sinal para pararem.

– Você, venha aqui – ele se dirigiu a criada mais velha. – Fale-me do comportamento da sua senhora.

A criada esticou o pescoço para olhar para dentro do quarto e levou um susto com a cena que viu. Mas quando ela fez menção de entrar, ele a segurou pelo braço.

– Diga-me o motivo de ela estar agindo como uma louca.

– O que foi que você fez com ela? – perguntou a criada.

Soren agarrou a mulher pela roupa e a puxou para ele.

– Não tenho que dar explicações dos meus atos para uma criada – disse ele com raiva. Em seguida, ele a empurrou de volta. – Será que ela perdeu a razão?

A resposta dela foi interrompida pela chegada do curador, um homem que foi trazido com ele porque tratava lesões e curava com ervas. A esposa de Brice foi quem o indicou e Soren o trouxe para Alston.

– Milorde?

– Teyen, você cuidou dos ferimentos da senhora?

– Não, milorde. As criadas cuidaram dela enquanto eu tratei dos homens com ferimentos mais sérios – explicou ele. – Quer que eu trate dela, agora?

Soren esfregou a própria testa, tentando aliviar a dor que sentia diante desta situação absurda.

– O que aconteceu a ela? – perguntou Soren. – Você, aí – chamou ele a criada mais nova. – Como você se chama?

– Gytha – respondeu ela.

– Gytha, conte-me como foi que a sua senhora ficou cega?

– Quando você...quando o ataque começou, ela estava correndo para reunir as crianças e levá-las para um abrigo, conforme as instruções de Gareth. Foi então que o muro caiu na frente dela e a jogou no chão.

– Então, ela ficou inconsciente? – perguntou ele e a criada acenou. – Por quanto tempo?

– Até você... quando você entrou no castelo. Ela havia acabado de acordar.

Soren já tinha visto muitos homens ficarem tontos e confusos depois de serem feridos na cabeça durante uma batalha. Alguns ficavam desmemoriados. Uns imaginavam ser outra pessoa e outros até ficavam violentos ou atacavam os companheiros. Ele viu casos de homens que nunca se recuperaram. O ferimento na cabeça podia explicar este comportamento estranho.

– Teyen, cuide dela. Talvez um caldo quente... – Soren parou de falar ao ver que Teyen balançava a cabeça.

– É melhor não deixá-la dormir profundamente, milorde. Pode ser perigoso, ela pode não acordar mais.

– Faça o que for preciso. Deixe que a criada dela entre primeiro, depois você entra.

– Sim, milorde. – Teyen deu um passo atrás para deixar Gytha entrar no quarto.

Ao chegar na porta, a criada levou um susto ao ver sua senhora encolhida no chão agarrada aos pedaços do tear.

– Se você não se acalmar, não vai entrar no quarto – disse Soren, agarrando o braço da criada e impedindo-a de entrar. Ele esperou que ela aceitasse as condições para então soltá-la. Ele notou que Stephen se aproximou logo quando ele foi ríspido com a criada.

A criada mais velha se aproximou de Soren enquanto Gytha abraçava Sybilla e falava baixinho. Mesmo parecendo estar nervosa, a criada logo fez Sybilla se levantar e andar até a cama. A moça agora mancava, dando preferência a se apoiar na perna esquerda, e se movia lentamente. Ao chegar na cama, Sybilla começou a sacudir a cabeça e ficou agitada. Gytha então a levou para sentá-la na cadeira e ficou ali de pé ao lado dela.

– Você perguntou se ela perdeu a razão, milorde?

Surpreso, Soren se virou para ouvir a criada mais velha.

– A senhora perdeu tudo, exceto a razão, milorde. Ela perdeu o pai e o irmão, ambos em batalha. A mãe, ela já tinha perdido antes disso. O futuro, ela perdeu hoje. E o mais grave, agora ela perdeu a visão. – E criada fez uma pausa para tomar fôlego. – Tantas perdas assim acabam derrubando uma pessoa tão correta e boa como *milady*.

Soren observou Gytha examinando Sybilla e cuidando dela. As palavras da velha criada tocaram seu coração. Ele levou alguns segundos para entender o que estava sentindo.

Pena.

Ele estava com pena de sua esposa.

Pior, ele estava sentindo pena da filha do homem que desgraçou a sua vida e o seu futuro.

Confrontado com esta emoção, que ele não queria sentir por um membro da família Durward, Soren fez a única coisa que podia se não quisesse estragar os planos de vingança: ele se controlou e se afastou do vencedor.

– Qual é o seu nome? – perguntou ele, saindo do quarto e cruzando os braços, numa atitude defensiva.

– É Aldys – disse ela, curvando a cabeça.

– Você ficará responsável por Sybilla – disse Soren. – Cuide dela. – Se ela questionou, teve alguma dúvida ou não entendeu suas ordens, ele não sabia dizer, pois antes que ela pudesse abrir a boca para falar, ele já estava descendo a escada.

Capítulo Seis



EMBORA SYBILLA continuasse profundamente triste, a confusão mental foi amainando quando a dor na cabeça melhorou nos dias que se seguiram. Pelo menos, ela achou que vários dias tinham se passado. Sem poder ver o sol iluminando o céu e depois o anoitecer, e sem as tarefas diárias que a ocupavam antes da chegada dele, Sybilla perdeu a noção do tempo.

Sybilla se entregou à tristeza que assolava seu coração e sua alma e não fazia quase nada exceto chorar e dormir. Na verdade, havia pouca coisa que podia fazer. Como não enxergava, ela não podia fazer nada para si mesma. E não tinha mais nada, agora que este invasor tinha destruído sua casa, prendido seus guardas e terminado o trabalho que o rei dele e outros tolos tinham começado, dando um fim às pessoas e aos objetos que amava. E o pior momento, que ela se lembrava vagamente, foi quando perdeu completamente o controle.

O tear.

Cega, confusa e só querendo fugir, ela correu pelo quarto sem saber para onde estava indo. Mesmo tendo vivido sempre no mesmo quarto, há anos, sem poder enxergar, ele se tornou um espaço estranho. A cada passo mais ela perdia o controle até que ele a arrastou para a cama. Mas quando ele destruiu o tear, parecia que seu mundo estava desmontando todo, junto com a estrutura de madeira.

O tear era o último elo com seu pai e seu irmão, pois foram eles que o fizeram, na esperança de amenizar sua dor depois da morte da mãe. Eles queriam que ela voltasse a participar da rotina da casa e acabou dando certo, trabalhar no tear ajudou a acalmar seu coração e a lhe manter ocupada.

Agora, o tear e todos os vestígios da sua família tinham desaparecido, exceto por ela. E pelas ameaças que pairavam no ar, ela também corria risco de vida ao lado do homem com quem se casara.

Seu apetite diminuía a cada dia e o único alimento que ela ingeria era uma bebida que suas criadas a forçavam a tomar de uma caneca. E por que deveria se preocupar em comer, se não tinha mais motivo para viver? E se não tinha mais ninguém se importando com a sua sobrevivência?

Ela havia perdido sua última esperança quando Teyen retirou as bandagens e ela conseguiu abrir os olhos inchados...e tudo continuava escuro. Ela não viu nada.

Nenhum sinal de luz.

Ela estava realmente cega e o tempo não ia devolver sua visão como lhe garantiram suas fiéis criadas. Então, a cada dia que passava, ela se afundava mais na tristeza. Ela se escondia de todos a quem prometeu servir e proteger, incapaz de encará-los na sua condição. Não podia mais lhes oferecer nada, agora que havia perdido tudo. Então, quando ela imaginava que não podia fazer mais nada nessa escuridão, ele invadiu sua vida mais uma vez, usando o garoto para trazer os recados dele.

Suas duas criadas ficaram mais nervosas do que ela, correndo pelo quarto de um lado para outro, arrumando seus cabelos e suas roupas e mexendo no penteado sem parar. Como se sua aparência tivesse alguma importância, quando na realidade, não tinha.

O barulho dos passos dele ecoavam como trovões pelo caminho, mas não despertou medo nem qualquer outro sentimento nela. Nos últimos dias ela deixou de sentir emoção. Estava vazia por dentro, como as cascas que ficavam espalhadas pelo chão depois da colheita.

Ela ouviu quando a porta do quarto se abriu pois as dobradiças estavam precisando de óleo. A respiração das pessoas que estavam do seu lado parecia a dos cavalos na cocheira no dia em que ela entrou furtivamente para visitá-los numa manhã fria de inverno. O som da respiração dava a entender que elas estavam mais nervosas a cada minuto.

– Fora! – gritou ele.

Bastou uma palavra para suas criadas leais lhe abandonarem. Sybilla não sabia como ele fazia para que todos lhe obedecessem com tanta presteza. Devia despertar medo. Muito medo.

Já tinham feito a descrição para ela de ferimentos horríveis, falaram sobre seu casamento com ele e rezaram por ela. Havia rumores que ele fez coisas terríveis, que esmagou inocentes com os próprios pés sem piedade. Descreveram seus temores para ela sem pensar nos seus próprios medos. Mas isso não importava, pois ela não sentia nada.

Ele bateu a porta sem se importar com o barulho e depois caminhou pelo quarto, demorando um pouco até se colocar ao lado dela. Ela soube porque ouviu a respiração dele bem perto. Quando se viu diante dele no salão, ela se sentiu pequena, e quando se sentou diante dele, parecia um cão aos pés dele. Sybilla poderia ter se levantado, mas ela ainda não tinha muito equilíbrio pela falta de visão.

– Você está bem, *milady*? – perguntou ele, demonstrando mais respeito do que nos encontros anteriores.

– O que seu curador tem lhe relatado? – Como quase nunca falava, sua voz saiu fraquinha.

– Teyen disse que seus ferimentos não sangram mais e que não tem mais tonteiras. É verdade?

Embora ele demonstrasse interesse na sua saúde, não parecia verdadeiramente preocupado. Ela percebeu isso. Que coisa estranha. Agora que não podia ver, Sybilla tinha apenas o ouvido para lhe informar sobre o mundo e as pessoas em volta. Ela soltou um suspiro e acenou.

– E a dor?

Sybilla notou uma ligeira mudança na voz dele, que talvez não percebesse se estivesse olhando para ele.

– Já foi pior – respondeu ela.

Ele resmungou alguma coisa, em vez de responder. Ela ouviu quando ele saiu de perto e foi para o outro lado do quarto.

Para aquele canto. Que estava tão vazio quanto ela estava por dentro.

– Temos que discutir alguns assuntos, *milady*.

Sybilla tentou sentir alguma coisa, qualquer coisa, até medo seria bem-vindo para provar que ela estava viva, mas não havia nada lá dentro. Até um tolo teria medo do que estava para vir.

– Que tipo de assunto? – perguntou ela, só para encerrar logo este encontro...para que ela pudesse voltar para seu mundo escuro e silencioso.

– Seus homens se negam a responder minhas perguntas. Tentei... incentivá-los, mas eles não querem traí-la.

Quer dizer que seus homens estavam vivos? Sybilla segurou firme nos braços da cadeira, e pela primeira vez em muito tempo ela ficou curiosa.

– Quem está vivo? – Ela teve esperança de ouvir o nome daqueles que tanto fizeram para protegê-la.

– Poucos de seus homens foram mortos durante a batalha – respondeu ele, mas a voz dele ecoava com um tom de insulto. – Foi bem fácil romper as defesas ridículas deste castelo.

Em outros tempos, ela poderia se sentir insultada como senhora deste castelo, mas nada disso a afetou.

– Como pôde pedir a eles isso?

SOREN ESTAVA com tanta raiva que por pouco não quebrou os próprios dentes. Será que ela sabia que desafiava a paciência dele com cada palavra que dizia?

Ele se afastou alguns passos de Sybilla e ficou lhe observando de longe. Os relatos de Teyen sobre a saúde da moça nos últimos quinze dias pareciam precisos. A moça não parecia doente, embora o rosto ainda apresentasse manchas roxas e inchaço das lesões. Ele não via seus olhos, pois havia bandagens limpas sobre eles. E mesmo que não estivessem cobertos, os olhos não enxergavam. Com as mãos nos braços da cadeira, ele pôde ver como ela apertou os dedos quando ele falou sobre os homens. Foi o único sinal de interesse em alguma coisa que ela demonstrou nos últimos dias.

Sybilla não devia saber, mas ele a observou muitas vezes desde que chegou, principalmente depois que sofreu aquela crise terrível. Ela ficava sentada como estava agora ou ficava deitada por várias horas seguidas, quase sem se mexer e sem querer saber de nada. A força que demonstrou quando quis defender sua gente no salão tinha desaparecido por completo.

Mas ele estava certo quando imaginou que o povo seria sua fraqueza, assim como ela era a deles. Soren conseguiu fazê-los cooperar com algumas ameaças e acabou reconstruindo o muro e organizando os setores do

castelo. Só que Soren precisava de mais informação, coisas que só Sybilla poderia lhe dar.

– Preciso dos documentos do castelo para saber quem deve algum trabalho aqui e quem pertence à terra. Você sabe onde estão esses documentos. – Ele teria perdido o ligeiro aceno de cabeça se não estivesse olhando. – Onde você os escondeu?

– Então, Algar está morto?

Ele gostaria de mentir para não aumentar a culpa dela, mas desistiu. A filha de Durward não merecia tal consideração, ele se convenceu.

– Está morto, sim. Encontramos o corpo dele nos escombros do muro, junto com mais quatro homens.

Ele poderia ter dito a ela que eles estavam seguindo ordens para levá-la em segurança, mas não quis. Não ia conceder gentilezas a uma mulher que ele estava preparado para odiar.

– Onde ele escondeu os pergaminhos? Ou você foi você que os escondeu?

O silêncio se estendeu por vários minutos e ela não deu nenhum sinal de que ia responder. Soren então resolveu pressioná-la.

– Não se importa de colocar a vida deles em risco, com sua recusa? Quantos mais precisam morrer por sua causa?

– Você os mataria por algo que eles não controlam?

– Se eu tirar algum proveito disso, sim – disse ele, usando a desvantagem dela nesta guerra de vontades. Felizmente, ela não pôde perceber sua falta de determinação e não sabia se ele estava blefando ou não. Ele se lembrou dos dias que passou sem enxergar logo depois que foi ferido, mas desviou esses pensamentos rapidamente.

– Diga-me quem morreu e eu lhe direi o que quer saber.

Ele riu alto da tentativa de Sybilla de barganhar com ele. Ela ainda tinha senso de humor e isso o agradou. Ele preferia enfrentar um inimigo forte, para aprimorar suas habilidades com um adversário a sua altura, a uma mulher assustada que não tivesse nada a perder. Soren também conhecia bem o valor do tempo numa batalha, por isso, ele decidiu que estava na hora de recuar. Ele se virou e saiu sem dizer nada. Deixe que ela fique preocupada e pense na oferta dele.

Ele desceu a escada com cuidado para calcular o tamanho dos degraus. Com um olho só, ele não conseguia calcular a profundidade, ainda mais

com pouca luz, então passou a mão pela parede para se orientar. Esta limitação servia para lembrá-lo constantemente de tudo que tinha perdido com o golpe de Durward e lhe dava forças para vencer isso também. Ele tinha aprendido a ajustar a mira do seu arco rapidamente para aprimorar o trajeto das flechas. Mas coisas simples como escadas, frustravam suas tentativas de parecer confiante como foi um dia, realizado e habilidoso. Guermont, que agora era seu ajudante em Alston, o encontrou no final da escada.

– Este encontro com a senhora parece que foi melhor do que o anterior – disse Guermont, andando do seu lado pelo corredor e até o pátio. – Os guardas não relataram nenhuma explosão dela depois daquele dia.

– Ela pediu para sair do quarto? Ou as criadas pediram? – quis saber Soren.

Guermont supervisionava tudo dentro do castelo para Soren, assim lhe sobrava mais tempo livre para cuidar da segurança do castelo e das propriedades mais distantes. Soren tinha trabalhado ao lado dos seus homens, dos aldeões de Alston e dos prisioneiros que fez durante o ataque. Depois que o castelo estivesse totalmente controlado e reconstruído para enfrentar os ataques dos rebeldes, que ainda lutavam contra o rei, ele teria mais tempo para organizar o pessoal que o servia.

Inicialmente Soren tinha planejado destruir o castelo, sem deixar pedra sobre pedra, porém, isso teria que esperar um pouco, pois os rebeldes estavam em franca atividade no norte da Inglaterra. Soren e seus soldados eram peça fundamental para controlar esta área e eles precisavam de Alston como base, por enquanto. Assim que a região estivesse mais calma, Soren cuidaria de destruir a casa de Durward e recomeçar tudo a seu jeito.

– Ninguém pediu nada. As criadas ficam o tempo todo do lado dela, raramente saem e nunca a deixam sozinha. Se uma das duas precisa sair, por algum motivo, a outra fica fazendo companhia.

– Mande falarem comigo, caso ela queira sair do quarto, Guermont – ordenou Soren, parando a poucos passos do lado de fora do castelo. – Deixe que as criadas fiquem com ela, por enquanto.

– Está mantendo Sybilla prisioneira? – perguntou Guermont.

– Ela não é prisioneira. Ela só precisa pedir permissão para sair do quarto. Mas tem que pedir a mim. – disse Soren e fez menção de se afastar,

mas se esqueceu de uma coisa. – Ela tem se alimentado? – Ele notou que a mulher parecia mais magra do que da ultima vez que a vira.

– A moça come muito pouco. Ouvi dizer que as criadas se esforçam para fazê-la aceitar um mingau ou caldo de carne.

Soren logo se lembrou dos primeiros dias depois que acordou quando sentiu muita dor e era induzido a dormir sob efeito de ervas. Assim que soube da gravidade dos seus ferimentos e a mudança que isso ia acarretar na sua vida, ele pouco se importava se comia ou não. Também não se interessava em saber se o sol nascia. Sybilla de Alston estava reagindo da mesma maneira, com a diferença que não podia olhar em volta para saber se era dia ou noite. Ele ao menos foi poupado de um dos olhos e podia ser independente.

Soren ignorou a emoção que sentia e que não compreendia, deixou Guermont e foi até a parte do muro que estava sendo consertada pelos prisioneiros. Ele ficou observando e notou que os prisioneiros sempre olhavam para um dos homens ao receber ordens. Eles esperavam e olhavam para ele antes de obedecer, todas as vezes. Stephen se aproximou dele.

– Tem alguma coisa errada, Soren?

– Não. Estou observando um dos homens – disse ele, acenando para o mais velho dos homens. – Será que era ele o comandante da guarda de Durward? Aquele junto ao muro, perto da mulher?

– Não sei dizer – respondeu Stephen.

Em seguida, Stephen foi ao encontro do tal sujeito, tirou-o da fila e o trouxe para Soren. A corrente que prendia seus tornozelos o obrigava a dar passos curtos e o impedia de fugir. Quando o viu de perto, Soren cruzou os braços e o examinou.

– Você era o comandante das forças de defesa do castelo – afirmou ele. – Qual é o seu nome?

– Gareth – respondeu o sujeito, olhando-o sem vacilar. Pelo jeito, este homem já tinha visto muitas batalhas e os resultados que causavam no corpo humano.

Soren fez sinal para Stephen soltá-lo e, em seguida, sem aviso, deu um soco no queixo de Gareth que o derrubou no chão.

– Isto foi por ter fechado os portões quando já não tinha como me manter fora daqui.

Os saxões pararam de trabalhar e tentaram se aproximar, mas foram impedidos pelos homens de Soren que formaram um paredão entre os presos e eles, empurrando-os de volta. Soren observou Gareth se levantar, limpar o sangue da boca e ficar de pé, de frente para ele como se estivesse pronto para receber mais um golpe. Soren não pretendia lhe bater mais, ele só queria deixar claro que foi irresponsável. Em batalha, quando o inimigo é muito mais numeroso, fazer oposição ao adversário não era a coisa mais inteligente.

– Venha – disse ele, esperando que Gareth o acompanhasse e nem se deu ao trabalho de olhar para trás. Soren se afastou um pouco e depois parou, virando-se para Gareth.

– Há quanto tempo você é o comandante da forças de Alston?

– Cerca de dez anos – respondeu Gareth.

– Você recebeu alguma notícia ou instrução de amigos ou familiares sobre as forças de William e a guerra?

– Nada, até chegar sua mensagem na semana passada. Não ouvimos nada, mesmo antes das batalhas no sul.

– Toda a Inglaterra está agora sob o domínio de William. Os saxões que ainda resistem estão sendo exterminados como vermes que são – explicou Soren, tentando mostrar a ele que resistir seria inútil. – Até o jovem rei de vocês já jurou lealdade a William. – Ele reparou que o sujeito escutava, mas sua expressão não era de aceitação. – Aceite isso ou será exterminado assim como todos aqueles que apoiarem os rebeldes.

Gareth apenas ficou olhando para Soren, sem dar a entender se aceitava ou não. Batedores de Soren tinham encontrado vestígios de acampamentos de rebeldes, não muito longe dali, e ele faria qualquer coisa para eliminá-los. Se encontrasse Edmund Haroldson de novo, não pretendia deixá-lo escapar. Não faria como seus amigos tinham feito, deixando que o sentimentalismo tolo de suas esposas interferisse na obrigação de erradicar da face da Terra os inimigos de William. Soren tinha coração duro e nunca deixaria uma mulher se intrometer nos seus deveres.

– Stephen, leve-o até o escrivão do padre Medwyn para que ele faça uma lista de todos que morreram tentando me impedir de entrar aqui, graças a sua irresponsabilidade.

Gareth lutou para não acompanhar Stephen.

– Não vou trair minha senhora – disse ele.

Soren o derrubou com apenas um golpe.

– Não ouse contrariar minhas ordens – falou ele alto de forma que todos ouvissem e entendessem quem mandava agora ali. Ele sacudiu um dos punhos ao alto. – Eu sou o senhor daqui agora e não devo obediência a ninguém, exceto ao rei. Você não passa de um prisioneiro cuja vida ou morte depende apenas de mim. – Soren se virou e saiu, deixando que Gareth pensasse no assunto. A paciência dele estava se esgotando.

Capítulo Sete



SYBILLA BEM que tentou mergulhar no silêncio, mas sua mente estava cheia de dúvidas agora que *ele* se fora. Por que ele tinha que lhe pedir para pensar e se preocupar quando ela só queria continuar na escuridão? Por que ela havia perguntado sobre os mortos? Sybilla sabia que tinha sido um erro e ela confirmou isso poucos minutos depois.

Quando finalmente ela achou que poderia esquecer aquilo, da sua janela, ela ouviu a voz dele lá fora. Todos ficaram quietos e a voz dele retumbava como se ele estivesse ali, do seu lado.

Ele se enfureceu e fez ameaças novamente. Lá no pátio ele fez valer a autoridade dele sobre os prisioneiros. Sua cabeça latejava de dor e ela esfregava a testa, tentando amenizar o sofrimento.

– Tome, *milady* – ofereceu Aldys. – A cerveja vai lhe fazer bem.

A criada lhe oferecia algo para beber, mas Sybilla balançou a cabeça, não queria beber nada. Desta vez, Aldys não insistiu e Sybilla ouviu o barulho do copo sendo colocado sobre a mesa, do seu lado, e os passos da criada se distanciando. Escutou sussurros entre Aldys e Gytha que foram ficando cada vez mais altos, até que Sybilla não pôde mais deixar de ouvir. Tudo por culpa das dúvidas que ele colocou na sua mente mais cedo.

Ideias desagradáveis.

Desnecessárias.

Ideias que produziram palavras, que elaboraram questões, questões essas que ela tentava esconder dentro de si, mas que explodiram de repente.

– O que está acontecendo para fazer vocês duas cacarejarem como duas galinhas?

A reação de susto das duas fez Sybilla se dar conta de que não falava desde o dia em que ele havia chegado em Alston.

– *Milady*, ele levou... – começou a contar Gytha, mas Aldys a interrompeu.

– Garota!

Sybilla deu um suspiro. Elas nunca foram assim.

– Aldys, conte-me.

Mais uma pausa e Sybilla quase podia ver as duas se entreolhando.

– O novo senhor bateu em Gareth, depois o levou do pátio, *milady* – disse Aldys.

Quer dizer que Gareth estava vivo?

Sybilla ficou logo preocupada. Gareth havia sobrevivido à batalha e agora podia morrer porque ela não queria lhe dar o que *ele* queria. Este conquistador estava cumprindo a ameaça dele. Sybilla agarrou os braços da cadeira, não sabia se podia detê-lo de cometer um ato tão atroz, mas queria interferir, pela primeira vez em muitos dias.

– Leve-me até ele – ordenou ela às criadas, num tom calmo que escondia sua aflição. Depois de viver alguns dias no purgatório, sem sentir emoção ou preocupação, Sybilla estava espantada de ver como estes sentimentos afloraram nela com tanta rapidez.

Como as duas criadas estavam discutindo entre si, Sybilla se levantou da cadeira e deu um passo hesitante em direção à porta. Depois outro. E em pouco tempo as duas estavam do seu lado, guiando seus passos enquanto lhe aconselhavam a não fazê-lo. Andar, mesmo dentro do seu quarto, sem poder ver nada foi assustador. Ela começou a suar nas mãos e o coração disparou.

O medo de enfrentar o homem que tinha matado gente para reivindicar Alston a impulsionava. Com o tamanho e a força dele e o eterno ódio por ela e sua família, ele a mataria num só golpe, se quisesse. Ela se tremeu toda de lembrar do momento em que o ouviu desembainhar a espada, e caso ele se decidisse por matá-la, ela não controlaria a raiva dele.

Seria hoje isso? Será que morrer era mais fácil do que tentar viver assim, cega e à mercê de um homem sem clemência? Ela engoliu o medo e se esticou para alcançar a tranca da porta.

O barulho de passadas na sua frente indicou a presença deles. Um dos guardas falou, apesar de que ambos estavam tão perto que podia sentir os pés deles ao tentar ir em frente.

– *Milady?*

– Quero falar com seu senhor. Leve-me até ele agora – disse ela, tentando falar de forma tranquila, disfarçando seu verdadeiro estado.

– Não posso, *milady* – disse ele. Mas antes que ele pudesse se explicar, ela deu uma sugestão.

– Aldys, vá atrás do novo senhor e traga ele aqui – disse ela, tentando controlar a situação.

– Ela também não pode sair, *milady*.

Depois de passar vários dias em total silêncio, ela explodiu.

– Minhas criadas têm saído para cuidar de mim desde que seu senhor chegou. Com que direito vai detê-las agora?

Os guardas ficaram em silêncio e Sybilla ouvia os dois sussurrando.

– São ordens de lorde Soren, *milady* – respondeu alguém que estava mais afastado.

Sybilla se virou na direção dos passos deste homem que se aproximava. Ela tentou se controlar até que ele chegasse junto à porta do seu quarto.

– *Lady Sybilla*, você está bem?

– Preciso falar com seu senhor – repetiu ela. Ela deu um passo à frente, sem saber a que distância os guardas estavam e nem onde este homem estava. – E você, quem é?

– Meu nome é Guermont, trabalho como administrador de lorde Soren.

Ela agora sentia os pés dele bem perto dos seus. Mas ela percebeu uma falha na apresentação.

Se Guermont estava ocupando a posição de administrador, então Algar estava morto.

– Leve-me ao seu senhor – repetiu ela. – Agora.

Um dos guardas tossiu e o outro pigarreou, chamando sua atenção para um lado e para outro. Pelo barulho, ela sabia que Guermont estava bem em frente a ela e os guardas deviam estar um de cada lado dele. Com Aldys e Gytha do seu lado, ela estava encurralada e não tinha para onde ir.

– Por favor, volte para seu quarto que eu vou mandar um recado avisando que você quer lhe falar – sugeriu o sujeito.

Mas isso não adiantava, Gareth podia estar morto antes disso.

– Preciso falar com ele agora, Guermont. Suas mãos tremiam com medo que ele se negasse a fazê-lo. – A vida de um homem está em jogo.

Estavam num impasse. Em batalha ou no controle de aldeões, eles estavam disputando poder e indecisão neste caso, ela sabia que Guermont estava decidindo o que fazer. Alguns minutos se passaram até ele soltar um suspiro demonstrando que ia ceder.

Mas a voz alta que gritava e discutia, ecoando no final do corredor, entre o quarto e escada dizia outra coisa. Lorde Soren tinha voltado, cheio de raiva, cheio de ameaças, de vigor e ela estava impossibilitada de sair dali. Sybilla ficou tensa, esperando ouvir a qualquer momento a notícia da morte de Gareth.

Pior, ela sabia que por causa da sua timidez e omissão e por ter se afundado na própria tristeza, ela havia causado isso quando podia ter evitado. Sybilla cambaleou para trás e para longe dele. Suas criadas tentaram ampará-la sem sucesso.

Guermont falou com ele em voz baixa, mas Sybilla podia ouvir, explicando o que ela queria e ele resmungou. Em seguida, com uma única palavra que parecia ser a favorita dele, ele tirou todos do quarto.

– Fora!

Sybilla esperou, mal respirando, enquanto ele dava passos fortes dentro do quarto e se aproximava dela. A porta bateu, distraindo sua atenção, mas Sybilla podia jurar que sentia o calor do corpo dele se aproximando mais antes de falar qualquer coisa. Agora que seu coração e sua alma tinham despertado, Sybilla se preparou para enfrentar as notícias terríveis que ele lhe daria.

Em vez disso, ele colocou um pequeno pedaço de pergaminho na sua mão. Ela tentou saber o que era aquilo, mas não conseguiu.

– Você sabe que eu não posso enxergar – disse ela. – Faz isto para me lembrar das minhas limitações? – Apesar de ter certeza do ódio dele, este gesto de desprezo era demais para ele.

– Isto foi o que você exigiu em troca de fazer o que lhe pedi – disse ele, apertando a sua mão envolta do pergaminho. A voz grossa dele parecia um

estrondo, mesmo quando ele falava baixinho, e causava um formigamento que descia e subia pelas costas dela.

– Minha exigência? Isso significa...?

– Você exigiu a lista dos mortos. Ela está na sua mão, neste pergaminho.

Ela segurou o pedaço de pergaminho, apertando-o. Mas isso não era desculpa para matar Gareth. Como podia viver com a ideia de que sua inércia tinha acrescentado mais um nome à lista dos mortos, à lista dos seus pecados?

– E você precisou matar mais uma pessoa para provar que quem manda aqui agora é você? Para ter a certeza de que eu vou saber que vai impor sua vontade?

– Matar outra pessoa? De quem está falando, senhora? Além daqueles que apontaram armas contra mim e foram mortos em batalha, eu não matei ninguém aqui.

Depois de passar apenas uma semana no mundo escuro da cegueira, Sybilla estava começando a conhecer outro sinal de perigo. O tom da voz dele era uma pista, assim como cada demonstração de raiva. Pelo visto, ela o insultou de alguma forma e teria que pagar caro por isso. Quando ele a agarrou pelos ombros e a aproximou dele e ela ficou na ponta dos pés, ela sentiu o perigo que corria nas mãos dele.

– Eu cumpri minha parte. Agora, *lady* Sybilla, diga-me onde estão escondidos os registros.

Ela engoliu em seco antes de contar para ele.

– No pequeno quarto ao lado da cozinha. Uma pequena cavidade na parede de pedra guarda os registros importantes de Alston e de minha família.

– Quem mais sabe deste esconderijo?

– Só a minha família e Algar.

– O valete do seu pai, Gareth, não sabe?

– Gareth? Não. – Ela sentiu um medo enorme naquele momento. – Você o torturou antes de matá-lo? – perguntou ela.

Cada vez que se encontrava com ela, ele reagia de uma maneira e nunca sabia se era raiva, irritação, pena, hesitação ou simples desejo. Na dúvida, ele ficava sem ação como estava agora e ficava sem saber como agir. Bastou ver a dor no rosto dela, por achar que ele havia executado o valete do seu pai, e Soren quase perdeu a determinação de não amolecer com ela. A única

coisa que o salvou de perder o controle foi saber que ela não podia vê-lo. Colocando-a no chão novamente, ele se afastou de Sybilla.

Ele não ia dar satisfação dos seus atos, principalmente a ela, mesmo que tivesse uma vontade incontrolável de fazê-lo. Soren se preocupou tanto com esta vingança e com Alston que deu pouca atenção ao que aprendeu com o sábio lorde Gautier de Rennes. Agora, enquanto observava a mulher que personificava sua obsessão de vingança, ele podia ouvir em sua mente as palavras do homem que o criou.

O ódio é a arma perfeita, pois dá ao seu inimigo o poder que de outra forma você nunca colocaria nas mãos dele.

Será que foi isso que ele fez?

Ele viu Sybilla tentar recuperar o equilíbrio, sacudindo as mãos enquanto cambaleava nos seus pés. Soren esperou, mas acabou segurando-a quando ela quase caiu.

Parecia que agora as pessoas o julgavam da pior maneira com base na aparência dele, exatamente como sempre achavam o melhor dele com sua bela figura. Refém da revolta e da feiúra, Soren esperou que ela se estabilizasse e se virou para sair. Bem, ele não estava disposto a desiludir a moça quanto ao seu erro de julgamento nem para lhe esclarecer sobre seus atos.

– Você não é prisioneira aqui, senhora – disse ele. – Você e suas criadas podem ir e vir como quiserem.

Já estava na hora de seguir em frente e colocar seus planos em andamento e ela, apesar de seus planos iniciais, fazia parte desses planos. As terras em torno do castelo precisavam ser protegidas, o castelo e o muro tinham que ser reconstruídos e reforçados para enfrentar ataques e as lojas reabastecidas. Agora, com os registros em mãos, ele saberia quem devia serviço, quem devia colheitas e outros bens ao senhor do castelo.

Ao segurar o trinco da porta, ele se virou e notou o olhar triste no rosto dela. Mesmo coberto com ataduras, a boca estava visível. Que droga! Soren não sabia por que fez isso, mas ao sair ele resolveu aliviar o sofrimento dela.

– Gareth não está morto.

Ele se apressou em sair dali logo, mas procurou seus homens para ajudá-lo a encontrar o buraco na parede e os registros do castelo.

– CHEGA!

Stephen fez um aceno para ele e tirou o elmo. Com a desistência dele, Soren não tinha mais com quem lutar. Ele já tinha lutado com todos os homens que costumavam praticar. Do lado de fora do muro do castelo, mas com uma boa vista para os portões, o terreno era plano e cercado por árvores, ótimo para os exercícios necessários e a prática das habilidades de luta. Normalmente ele gostava de trabalhar os músculos, exercitar o corpo e a mente para melhorar suas habilidades de guerreiro.

Todos os homens a sua volta começaram a remover suas pesadas armaduras, mas ele continuou vestido. O suor escorria da cabeça para o corpo, mas ele não quis se despir diante deles. Não era como antes que seu corpo era um belo exemplo de beleza masculina e admirado por todos. Naquele tempo, os homens gostavam de ver sua força e as mulheres admiravam seu corpo pelo prazer que prometia dar.

Agora o corpo dele não passava de um emaranhado de cicatrizes, da cabeça até o quadril, a marca da lâmina do machado que cortou seu corpo todo. Examinando a floresta que beirava o terreno, ele se lembrou de um córrego que havia cruzado quando chegou aqui. Ele se encaixava perfeitamente as suas necessidades do momento. Soren revelou seu plano para Stephen e depois chamou seu cavalo com um assobio. Montado sobre o enorme cavalo preto, ele apontou na direção das árvores e tocou as laterais do cavalo com suas botas. Em poucos minutos, ele já tinha cruzado o terreno ensolarado e estava entrando na floresta sombria. Soren conduziu o cavalo mata adentro até ouvir o som de água corrente e avistar o córrego.

Ao chegar perto do riacho, Soren pulou do cavalo, amarrou as rédeas numa árvore próxima para evitar que o animal se afastasse dali. Em seguida, esperou para ver se havia barulho de gente nas proximidades. Passados alguns minutos de total silêncio, exceto pelos sons de pássaros, ele foi até a beira do rio e começou a retirar as camadas de roupa e a proteção que usava para lutar.

Depois que ficou totalmente nu, ele se alongou para um lado e para outro, tentando esticar o tecido retorcido da sua pele cheia de cicatrizes. Ao entrar na água quase perdeu o fôlego de tão gelada que estava. Esta terra era muito mais fria do que sua terra natal, a Bretanha. Lá as terras eram aquecidas pelo sol durante o dia e refrescadas pela brisa do mar à noite.

Aqui, *merde*, o frio era tanto que dava para congelar as bolas de um homem!

Mas ele não se intimidou e entrou na água até a altura da cintura e jogou o corpo para trás para molhar a cabeça. Assim lavou o suor e seu corpo refrescou imediatamente. Soren esfregou a pele e o couro cabeludo com a água. Como não tinha planejado isso, não trouxera sabão. Da próxima vez...

Caramba! Da próxima vez ele ia tomar banho de água quente dentro de casa! Sybilla certamente ia permitir que ele tomasse banho na privacidade do quarto dela.

Soren saiu de dentro do rio e deixou escorrer a água do corpo. Depois se curvou para segurar o cabelo longo e o torceu para tirar a maior parte da água. Ao fazer isso, ele viu o próprio reflexo na parte mais calma do rio. E ficou olhando para o monstro que estava ali, aquele que todos viam agora quando olhavam para Soren, o Belo Bastardo.

Se ele se virasse de um dos lados, o rosto estava quase perfeito, mas era o outro lado que recebeu o golpe que quase o matou em batalha. Era este seu lado, o direito, que causava horror a todos que acabavam se afastando dele por medo ou repulsa. Distraído olhando para o próprio rosto, Soren quase não percebeu o barulho de passos sobre as folhas secas da floresta indicando que alguém se aproximava.

Quase.

Soren se agachou e procurou pela sua espada e seu punhal, se preparando para enfrentar o perigo. Ele virou o lado bom do rosto pois assim poderia ver melhor nas sombras.

– Quem está aí?

– Raed – falou uma voz do seu lado direito.

– Volte para o castelo que eu logo estarei lá – ordenou ele, mantendo a pior parte do rosto escondida. O menino teria pesadelos se visse o rosto de Soren. E não seria um bom escudeiro se visse o que uma batalha podia fazer a um homem.

– Sim, senhor, lorde Soren – disse o menino, sem nunca aparecer.

Soren pegou suas roupas e colocou apenas o que vestiria para a cavalgada de volta para o castelo. Mas o que mais incomodou Soren durante o passeio foi constatar que estava sentindo certas emoções de novo, como uma certa simpatia pelo menino e admiração pela mulher.

Quando ela assombrava seus sonhos durante várias noites seguidas, mesmo que ela ficasse trancada no quarto apesar da permissão de sair, ele sabia que alguma coisa dentro dele estava mudando. Ele só rezava para que sua alma sobrevivesse a isso.

Capítulo Oito



SYBILLA CONTINUAVA sem sair do seu quarto, embora a vida retomasse sua rotina como ela podia ouvir pela janela. O pergaminho que Soren lhe forneceu permanecia enrolado na sua mão, a maior parte do tempo. Em vez de pedir a alguém para ler os nomes para ela, Sybilla passou horas rezando para as almas daqueles listados.

Pessoas que tinham morrido por ela.

E o pior era que ela não tinha coragem para encarar seu povo agora. Por estar cega, ela não podia mais servi-los como devia. Todos os seus deveres, aqueles que executou para o pai depois da morte da mãe, se tornaram impossíveis, assim como o controle do castelo e da propriedade com a chegada de lorde Soren. Agora, outras pessoas mandavam e supervisionavam a vida aqui em Alston. Por isso, ela ficava aqui no quarto, escondida de tudo que ela fora antes e até mesmo das pessoas que deveria estar servindo.

Ela não podia costurar nem bordar mais. Também não podia tecer, algo que sempre fazia quando estava nervosa ou sem sono. O tear sempre ajudava a se acalmar e se concentrar. Trabalhar os fios no tear lhe ajudava a ver outras coisas a sua volta. Agora, sem poder fazer nada de útil, ela permanecia sentada rezando.

E pensando.

Desde a primeira noite desastrosa, nunca mais ele a tocou e nunca mais falou em fazer valer seus direitos de marido. Será que mudou de ideia quanto a consumir o casamento? Será que pretendia deixá-la de lado? Sybilla mudou de posição na cadeira, pois o corpo estava cansado de não fazer nada e a mente agora se ocupava em pensar sobre essa possibilidade.

Ela havia planejado pedir a ele que a deixasse ir para o convento da prima, antes de ser atacada. Se ele não tivesse com quem brigar pela posse de Alston, Sybilla tinha esperança de que a raiva dele contra sua gente se dissipasse. Quem sabe ele permitisse isso, agora que ela não tinha contestado a anulação do malfadado casamento?

Ela conseguiu costurar algumas moedas de ouro na bainha do seu manto que representavam uma quantia mais do que suficiente para doar ao convento e ela ser aceita lá. Nestes tempos difíceis, na certa haveria um lugar para ela lá.

Coincidentemente, Sybilla ouviu os passos leves do garoto correndo pelo corredor, já que ele costumava trazer mensagens para ela. Ele parou na porta do seu quarto e falou com o guarda, o único que ficava ali de plantão, agora que ela já tinha permissão para sair quando quisesse. Em seguida, ele bateu na porta e abriu.

– *Milady* – disse ele baixinho. – Eu quis dizer, bom dia, *milady*. – Pelo visto, ele estava tendo lições de boas maneiras.

– Raed de Shildon – reconheceu ela. – Bom dia para você também – disse, tentando parecer alegre. Por que culpar o garoto pela sua tristeza?

– Lorde Soren mandou avisar que ele vai tomar banho aqui neste quarto, hoje – disse o garoto, pausadamente, como se tivesse passado algum tempo decorando o texto. E não entendeu a importância que isso significava para ela.

As criadas engasgaram de susto diante da notícia. E, em seguida, começaram a trocar segredinhos. Sybilla sentiu o corpo todo tremer quando percebeu que, finalmente, lorde Soren pretendia reivindicar os direitos conjugais dele... esta noite!

– *Milady*? – O garoto pigarreou. – Tem alguma coisa errada?

– Não – disse ela. Não seria aconselhável ele voltar ao lorde com a notícia de que ela gritou ou desmaiou ao receber o recado. Mesmo que ela sentisse vontade de fazer exatamente isso. – Não – repetiu ela, tentando convencer o garoto. – Mais alguma coisa?

Raed pensou um pouco antes de falar. Ela já podia imaginar o garoto franzindo a testa enquanto tentava se lembrar de todas as palavras que devia dizer a ela.

– Não, *milady*, era só isso.

Os passos no chão lhe diziam que ele estava indo embora.

– Raed?

– Sim, *milady*.

– Quantos anos você tem? – Se ela o tivesse visto, teria podido calcular pelos dentes de leite e pelo tamanho dele, mas cega ela ficou sem estas informações.

– Quase 9, *milady* – disse ele. – Eu nasci mais perto do inverno do que do verão.

Sybilla acenou com a cabeça, sem saber o que dizer. Raed saiu sem falar mais nada, fez uma pausa na porta, depois partiu. Ele não falou nada com o guarda desta vez e ela escutou os passos dele se distanciarem pelo corredor.

Era estranho como ela nunca tinha reparado a maioria dos barulhos dentro do castelo, exceto o canto dos galos pela manhã e uma ou outra ave depois do pôr do sol. Agora, o som era a única referência que dispunha para saber que o mundo continuava em atividade. As atividades do lado de fora do seu quarto eram a única indicação de que a vida continuava, com ou sem ela. Demorou apenas alguns momentos para que suas duas criadas comesçassem a falar.

– Ele mandou vir um banho para você? – perguntou Gytha. – Um banho, *milady*?

– O recado foi bem claro, *milady* – disse Aldys. Sempre a mais prática, ela continuou. – Está bem claro que ele pretende torná-la mulher dele, de fato, e não apenas no papel.

O que ela poderia dizer? Sybilla balançou a cabeça e sentiu um tremor percorrer seu corpo de medo e de emoção. Seus planos para o futuro foram por água abaixo depois deste simples recado, trazido por um menino que não representava nada para ela. Sua ideia de pedir permissão para entrar para um convento foi frustrada.

Uma esposa.

Uma esposa? Casada com um homem que tinha menos consideração com ela do que com os homens que o serviam. Um homem que ela só

conhecia pela violência e pelos gritos. Um homem, que tomaria seu corpo, sua vida e seu futuro como se fossem dele.

Sybilla engoliu em seco. Ela sentiu um calor subir no seu rosto ao pensar em se deitar com aquele homem que tinha visto de longe, montado num enorme corcel como se fosse o próprio diabo. Ela se lembrava de como era alto e forte, e também, como pareceu ser grande ao se deitar do seu lado naquela estranha noite.

– Existe alguma coisa que eu possa lhe dizer, *milady*? – perguntou Aldys baixinho, pertinho de Sybilla. – Você era muito jovem quando sua mãe morreu, talvez ... – Sybilla não lhe deu tempo para entrar em detalhes.

– Estou preparada, Aldys – disse ela. – Será melhor hoje do que teria sido na primeira noite, quando o medo me dominava. – Verdade ou não, Sybilla falou de maneira a convencer as criadas e a ela mesma. – Acho que o quarto precisa ser limpo para esta noite – disse ela, dando uma ocupação para as duas. – Pode cuidar disso, Aldys?

Sybilla teve medo de que elas se sentissem insultadas, pois parecia que ela estava questionando a limpeza do quarto, mas elas logo trataram de cumprir a tarefa como queria que elas fizessem. Só um comentário feito em voz baixa, que mesmo assim ela ouviu. Gytha, achando que suas palavras não fossem ouvidas, fez um comentário que deixou Sybilla apavorada.

– A cegueira pode ser uma bênção para ela – sussurrou Gytha para Aldys. – Ao menos assim ela não terá que olhar para o rosto dele quando estiverem na cama.

Por mais que ela quisesse, essas palavras não saíram da mente de Sybilla que passou o resto do dia rezando.

RAED GOSTAVA de *milady*. Em Shildon não havia nenhuma *lady*, apenas um lorde que era um tirano. Pelo menos, isso era o que seu pai e sua mãe sussurravam quando achavam que ele estava dormindo e portanto não escutava. No entanto, ele tinha ouvido e sabia dos temores dos pais com relação ao sujeito que mandava na antiga propriedade do velho lorde Eoforwic, ao norte do país.

Agora, depois de retomar suas tarefas do lado de fora, ele temia não ter transmitido o recado corretamente. As palavras que ele tinha repetido várias vezes até memorizar tinham deixado *milady* pálida e com as mãos trêmulas.

O estômago dele doía só de se lembrar disso. Ele também notou medo no olhar das duas criadas de *milady*.

Raed desceu correndo a escada, depois parou para ver se alguém o tinha visto fazer isso. Ele pensou no recado que lorde Soren havia lhe mandado dar e entendeu seu erro. Mesmo assim, ele não entendia por que a senhora tinha ficado tão assustada por causa de um banho.

Ele voltou para o pátio, onde os prisioneiros trabalhavam na reconstrução do muro do castelo. Era menor do que o de Shildon, mas maior do que muitos na Inglaterra, segundo Larenz, que cruzou os mares com o exército do rei. Larenz ficou encarregado de orientá-lo e de lhe dar tarefas todo dia. Raed estava feliz de poder um dia se tornar o escudeiro de lorde Soren, se aprendesse seus deveres corretamente. Talvez pudesse até se tornar um cavaleiro quando crescesse.

– Qual é o problema, garoto? – Larenz lhe perguntou.

No início, Raed hesitou em admitir seu erro, mas Larenz parecia sempre paciente, como seu pai tinha sido. E mesmo que lorde Soren tivesse ameaçado bater nele, ele ainda não o tinha feito. Ao contrário, ele tinha sempre uma cama quente para dormir à noite e bastante comida todos os dias. Larenz disse que todo mundo cometia enganos e que o importante era aprender com os erros. Quando ele chegou perto, Larenz agarrou seu cabelo e fez um carinho, quase do mesmo jeito que ele fazia com o cachorro quando o moleiro permitia que ele brincasse com o animal.

– Está tudo bem? – Larenz e os outros falavam um idioma diferente, mas a maioria conseguia dizer algumas palavras em inglês. Só uns poucos homens de lorde Soren não falavam, mas ele os mandou aprender rápido.

– Levei o recado de lorde Soren para a senhora.

– E o que foi que aconteceu? Ela o proibiu de usar o quarto dela?

– Não – disse ele. – Por que faria isso? Se ele é o senhor daqui e tudo lhe pertence. – Parecia muito claro para Raed, por que será que a senhora não entendia isso?

Larenz riu alto, balançando a cabeça para Raed.

– Garoto, você não sabe como funcionam as coisas entre homens e mulheres. As mulheres às vezes acham que estão no comando. – Larenz dobrou um dos joelhos para ficar na mesma altura do menino. – Conte-me, o que foi que aconteceu?

As mãos de Raed estavam suadas e ele se preocupou mais com o que havia esquecido de falar. O que será que faria lorde Soren com seu erro?

– Falei para a senhora que lorde Soren mandaria um banho para o quarto dela esta noite – disse Raed, tentando ficar calmo.

Larenz riu mais alto ainda, chamando atenção de quem estava por perto. Raed achava que o riso era sinal de que não precisava se preocupar com seu erro.

– Devo voltar ao quarto da senhora? Devo contar isso a lorde Soren?

Ele estava pronto para ser espancado pelo seu erro e aprenderia com ele, como Larenz havia lhe ensinado. Larenz ficou de pé e fez outro carinho na sua cabeça, segurando-o pelo manto e levando-o junto consigo.

– Não, garoto. Seria pior se você se metesse entre eles dois. Deixe que eles vão resolver isso sozinhos.

Raed sorriu e tentou acreditar no que Larenz disse, mas havia alguma coisa de errada entre lorde Soren e *lady* Sybilla. Se eles estavam casados, como seus pais foram, não deveriam estar dormindo no mesmo quarto? Desde que chegaram em Alston, lorde Soren passava a noite num quarto pequeno, junto da cozinha, e comia na companhia dos homens ou então sozinho. Nenhum dos dois parecia feliz e quase não se falavam.

Como eram estranhos esses nobres, casados mas vivendo separados. Eles não eram como as outras pessoas casadas que viviam e trabalhavam juntos.

Raed pensou que o medo de *lady* Sybilla podia ser igual ao que ele sentiu, por causa do aspecto horrível de lorde Soren. Ele tinha que admitir que demorou um tempo até se acostumar com isso. Ele levou muitos dias, mas agora as cicatrizes que cobriam o rosto de Soren não o assustavam mais.

Será que a senhora tinha visto lorde Soren antes de ficar cega? Ou será que outras pessoas tinham falado mal dele para ela? *Milady* não parecia ser uma moça boba, que se assusta com este tipo de coisa, mas ele era apenas um menino e ela pertencia a uma família importante da região norte. Até ele sabia disso.

– Raed, procure pelo cavaleiro e cuide do cavalo de lorde Soren – ordenou Larenz.

Ele não deve ter cometido um erro tão grande, senão Larenz não o teria mandado para o lugar onde ele mais gostava de ir, em Alston. Não é

mesmo? Raed adorava trabalhar com os cavalos e cuidar do animal poderoso de lorde Soren era uma coisa que jamais se cansaria.

– Tem certeza? – perguntou ele, só para se certificar.

– Sim, claro, vá logo – disse Larenz e Raed saiu correndo para cumprir suas ordens, sem olhar para trás quando Larenz soltou mais uma gargalhada.

LARENZ NÃO pôde se conter e riu mais quando o garoto inglês saiu correndo. Ele era um bom garoto, fazia tudo que se pedisse, tentando agradar Soren e ter uma vida nova aqui em Alston. Nada que Soren fizesse assustava o garoto, mas muitos homens melhores, mais velhos e mais sábios do que ele tremiam diante de Soren de vez em quando. Este garoto, no entanto, ficava firme e Soren gostava disso.

Larenz também gostava do garoto, pois tinha coragem e bom coração, apesar de ter perdido a família toda quando Oremund destruiu a vila de Shildon para evitar que caísse nas mãos dos normandos. Ao observar o garoto correr para o estábulo, Larenz se lembrou de Soren nesta mesma idade. Tinha quase a mesma idade de Soren, por isso, Larenz ajudou a treinar Soren e depois serviu com ele ao lado de William quando este conquistou o trono da Inglaterra.

Ele viu Soren saindo com Guermont e, por um instante, ficou tentado a informá-lo sobre a gafe do garoto, mas depois mudou de ideia. Todos viam como Soren e a senhora vinham se evitando, sendo que Soren fazia isso de propósito enquanto que ela fazia por outros motivos, mas isso tinha que acabar. Se eles não fizessem as pazes, Alston ficaria sendo eternamente um campo de batalha, saxões contra bretões, homens contra mulheres, povo contra governantes. Tudo por causa da relação entre Soren e Sybilla, mesmo que eles não soubessem disso.

Quem sabe este mal-entendido do garoto, feito na melhor das intenções, não acabaria por unir o casal? Eles obviamente tinham muito em comum e teriam bastante a aprender um com outro se ficassem juntos.

Claro que haveria problemas, mas era melhor resolvê-los juntos, e Larenz sabia que não havia ninguém mais no mundo que precisasse de companhia do que eles dois. Ainda rindo, ele foi cuidar dos seus afazeres,

decidido a se calar sobre este assunto e deixar que o casal se resolvesse sozinho.

E que Deus tivesse misericórdia de todos eles se Soren e Sybilla falhassem.

Capítulo Nove



SYBILLA SOLTOU um suspiro sem querer quando afundou na água fumegante da banheira. Desde o dia da invasão que ela tomava banho de bacia e nunca mais lavou direito o cabelo por causa do ferimento. Mas agora ela se entregou ao calor e a sensação boa de se livrar de todo o suor e sujeira acumulada durante a semana. Vários baldes extras foram colocados junto a parede no caso de precisar e ela sentiu vontade de ficar ali até a água esfriar. Mas hoje ela não tinha tempo a perder, sentada aqui, evitando o que estava para acontecer.

O corpo dela estremeceu apesar da água e do quarto quentes, pois o fogo da lareira esquentava o ambiente. Ela ouvia Aldys e Gytha andarem em volta da banheira, Aldys encarregada de lavá-la e Gytha preparando a cama. Os lençóis foram lavados e a cama feita para esta noite. Tudo estava pronto para a chegada dele, o que seria em breve.

Afundando novamente dentro d'água, ela esperou para ver se ouvia algum barulho que indicasse a aproximação dele. Como a refeição estava acabando, no andar de baixo, Sybilla achou que ainda teria algum tempo para se acostumar com a ideia do que ia lhe acontecer esta noite. Então, quando ele veio, sem aquelas passadas pesadas nem gritando, Soren surpreendeu as duas criadas.

– Lorde Soren! – disse Aldys de repente ao vê-lo, deixando cair no chão o balde cheio de água que estava enxaguando o cabelo de Sybilla. A voz estridente dela chamou pela colega no que parecia ser uma posição de defesa. – Gytha! – chamou ela. A correria lhe dizia que Gytha e Aldys estavam entre ela e seu marido.

– *Lady Sybilla* ainda não acabou, milorde – explicou Aldys.

A porta bateu em seguida e Sybilla sentiu a banheira sacudir. Normalmente, ela teria ficado em pé, mas em vez disso, afundou ainda mais na banheira.

– Não acabou? – perguntou ele, mas foi entrando no quarto. A voz dele estava mais perto e ela afundou ainda mais. – Não acabou o quê?

– O banho, lorde Soren. O banho que a mandou tomar – disse Aldys devagar, como se falasse com uma criança.

– Eu não a mandei tomar banho, mulher. Mandeí que preparassem um banho para mim.

Sybilla não sabia se devia se sentir insultada ou aliviada naquela hora. Será que estava suspendendo temporariamente seus direitos conjugais? Ninguém se mexeu, muito menos ela, e o silêncio parecia durar uma eternidade.

Ela percebeu ele se aproximar e ouviu o som da respiração dele, forte. Certamente nada ali escondia sua nudez. Pelo jeito de ele respirar, devia estar ficando excitado de vê-la assim. Sybilla também começou a ficar sem fôlego e só podia ser por estar sendo observada por ele.

– Termine de se banhar, senhora – disse ele com voz rouca. – Mandarei que tragam mais água quente e voltarei para tomar o meu banho.

– Aqui? – perguntou ela. – Quer se banhar aqui?

Primeiro, ela não entendeu, depois percebeu o que estava acontecendo. Ele queria privacidade e este era o único quarto privativo do castelo. Mas se ela esperava uma explicação de Soren, estava enganada.

– Eu volto mais tarde.

Dito isto, ele saiu e bateu a porta. Sybilla esperou alguns segundos até se mexer dentro da banheira e se segurou nas bordas dela.

– Aldys, me ajude a sair daqui – disse ela enquanto segurava o cabelo e o espremia para escorrer a água dele. – Gytha, pegue uma toalha. Andem logo, não quero que ele me pegue de novo despida.

– Quer dizer que o banho era para ele? – perguntou Aldys ao ajudá-la a sair de dentro da banheira. – Não foi o que o garoto disse.

– Não culpo o jovem Raed pelo mal-entendido. Ele deve viver constantemente com medo de ser espancado e punido por cada coisa errada que faz – sussurrou Gytha. – Ouvi dizer que o novo senhor o ameaça diariamente.

Sybilla deixou as duas lhe ajudar a se vestir e resolveu ignorar a conversa delas. Elas faziam uma interpretação diferente da mensagem que lorde Soren tinha mandado. Então, ele tinha pedido para usar seu quarto para tomar um banho? Não era para consumir o casamento, afinal? Será que estava planejando deixá-la de lado?

As duas mulheres trabalharam com eficiência e logo Sybilla estava sentada em frente à lareira, esperando o cabelo secar com o calor do fogo. Aldys passava a escova delicadamente evitando o local em que o couro cabeludo estava ferido e tentando desembaraçar os fios. Sybilla achou os movimentos relaxantes e foi se acalmando aos poucos. Com os olhos fechados ela quase pôde ignorar o mundo à sua volta e chegou a adormecer.

Soren bateu na porta com mais cuidado do que ela podia imaginar e acabou por despertá-la. Ela logo puxou o robe para se cobrir e fez sinal para as criadas. Aldys abriu a porta para ele entrar.

Soren nunca se sentiu tão deslocado no quarto de uma mulher como agora. Ele já tinha estado em muitos quartos de mulher, desde as mais pobres até as nobres, e sabia seu lugar em cada um deles, como confidente, amante, companheiro de paixão. Até hoje quando entrou no quarto de Sybilla. Suas criadas o observavam, analisando cada passo que ele dava e cada expressão que fazia ao entrar no quarto e fechar a porta.

Mesmo que ele nunca fosse admitir, não queria dividir esta cena da intimidade de sua esposa com os homens que estavam de guarda no corredor. Apesar de querer culpá-la por todos os pecados do pai dela, vê-la nua na banheira o fez mudar de ideia quanto a permanecer indiferente a ela. Ele havia feito um juramento para si mesmo quando percebeu que estava sentindo pena dela, mas não sabia que teria que lutar com a própria luxúria.

Mas bastou olhar uma vez para aquela pele sedosa, os seios atrevidos e o corpo de formas femininas que o seu corpo já tinha se manifestado. Ele não tinha vindo ao quarto dela com esta intenção, mas depois de entrar várias vezes no quarto de uma mulher com essa ideia, ele já tinha treinado seu

corpo para reagir dessa forma e rápido, pois ele nunca sabia quanto tempo teria para apreciar a senhora em questão.

Agora ele a encontrou sentada perto da lareira, imóvel, mas ainda assim o provocava com as curvas do corpo pressionadas nas dobras do robe. As roupas saxãs que normalmente usava escondiam quase o corpo todo, por isso ao vê-la sem as camadas de tecidos e véus o tentava mais do que quando a viu na cama, naquela primeira noite.

Soren não queria testemunhas para seu banho, por isso abriu a porta do quarto e acenou para as duas criadas. A mais velha parecia querer contestá-lo, mas sabiamente se calou. A mais nova não tinha tanto bom senso.

– *Lady Sybilla?* – perguntou ela. – Devemos sair?

– Sim, saiam logo – ordenou ele, mas sem gritar como gostaria de ter feito.

Por alguma razão, havia uma certa paz no quarto, até para Sybilla, e ele não queria estragar isso. Era quase como se ele tivesse entrado num tipo de refúgio, um lugar seguro e tranquilo. Nada parecido com a imagem que esperava de um quarto e isso não fazia sentido para ele, mas Soren aceitou e fez mais um aceno. Ele fechou a porta e quando se virou, ela estava de pé.

– Quer que eu saia? – perguntou ela. – Acho que quer ter privacidade neste quarto e eu posso lhe dar isso. – Ela deu um passo hesitante na sua direção.

– Não – disse ele, imaginando o que pensariam os homens no corredor se a vissem saindo do quarto. Ele balançou a cabeça, esquecendo-se de que ela não podia enxergar. – Não há necessidade.

Sybilla recuou e se sentou novamente, virando-se de costas como se decidisse não olhar para ele. Soren se aproximou da banheira e mergulhou seus dedos na água. Viu que estava morna, mas não quente. Ele viu os baldes junto da parede então os despejou na banheira e sorriu ao ver o vapor levantar. Seria maravilhoso afundar naquela água.

Como de hábito, Soren procurou um canto menos iluminado do quarto para se despir. Protegendo o lado onde tinha as piores cicatrizes, ele entrou na banheira e afundou o corpo dentro d'água. Ele deve ter gemido, mas não tinha certeza até que ouviu o risinho dela do outro lado do quarto.

Um riso nervoso.

– Tenho que confessar que banho quente é uma fraqueza minha, senhora.

Será que tinha falado demais? Ele não esperava conversar com ela, mas ignorá-la completamente enquanto usava seu quarto e com ela ali sentada parecia ridículo. Soren sempre gostou de estar limpo e banhos com a ajuda de uma mulher sempre levava a outros prazeres, mas desde que se feriu um banho quente ajudava a aliviar a tensão da sua pele que ficou toda esticada para cobrir as lacunas dos ferimentos.

Ele abriu seu olho e viu quando ela passou a escovar o cabelo. Ele se revirou dentro d'água ao sentir que seu membro endurecia. Ele já tinha visto o cabelo dela solto em volta dos ombros e os viu em tranças e preso. Agora, vendo-o lavado e brilhando enquanto ela o escovava, ele teve vontade de se aproximar dela e enfiar suas mãos nele. Soren fez um movimento brusco para desviar sua atenção e acabou jogando água para todo lado e molhando o chão.

Em seguida, ele praguejou, o que também ecoou pelo quarto todo. Mais uma vez ele praguejou, mas desta vez ele o fez em voz baixa. Ele notou que ela parou de escovar o cabelo e ficou com os braços no ar.

Talvez isso não tenha sido uma boa ideia, afinal. O garoto deve ter se enganado quando ele mandou o recado para Sybilla. O que será que Raed disse a ela? Soren se esticou e pegou o sabão. Com a palma da mão cheia de sabão, ele lavou primeiro a cabeça, depois os ombros e braços, massageando as cicatrizes e a pele do peito.

– O que o garoto lhe disse mais cedo hoje? – perguntou ele enquanto pegava mais sabão.

Sybilla levou alguns minutos para responder, depois, se levantou ela e se encaminhou até a banheira... e até ele. Os olhos dela estavam abertos, o inchaço tinha desaparecido agora, mas ela continuava sem ver. Ela estava com os braços estendidos para frente, tentando sentir o que havia diante dela. Parecia insegura e logo parou e ficou imóvel.

– Não foi culpa dele, de verdade, lorde Soren. – Ela juntou as mãos e o cabelo dela balançou pelo corpo até o quadril. – Eu lhe imploro, não bata nele por isso.

Então ela achava que ele ia punir o garoto por causa disso? Soren começou a sentir raiva, mas se controlou. Assim como todo mundo, até seus próprios homens, ela o julgava. Mas, mesmo se enfurecendo com o garoto, ele nunca o tocou. E apesar de se enfurecer com ele e de saber que o garoto o tinha visto tomando banho de rio, Raed nunca parecia sentir medo de

olhar para ele. O garoto nunca correu de Soren e nunca demonstrou estar com medo. Também nunca fugiu nem deixou de encará-lo quando falavam. No entanto, a senhora achou que ele seria punido por ter entendido mal o recado.

– O que o garoto lhe disse? – Agora ele estava curioso com a interpretação do recado.

– Ele disse que você estava mandando uma banheira para cá.

– E o que mais?

– Ele só disse isso.

Soren estava começando a entender o que tinha acontecido.

– E você achou que o banho era para você?

– Foi. – Será que ela percebeu que tinha ficado ruborizada? O rosto foi ficando rosado, substituindo a palidez da última semana e deixando-a mais atraente.

– Não me incomodo de dividir meu banho com você, senhora – falou ele de propósito, para confundi-la.

Compartilhar um banho de banheira podia proporcionar um prazer prolongado enquanto que dividir a água de um banho geralmente era por necessidade. Encher uma banheira destas de água dava muito trabalho e quase sempre servia a mais de uma pessoa. Ela ficaria em uma área próxima da cozinha para ficar perto da lareira. Tomar um banho aqui, hoje, foi um luxo, um prazer, que não podia ser repetido com muita frequência.

– Dividir seu banho? De forma alguma – disse ela, um pouco ofegante.

Ela era tão ingênua que nem sabia das possibilidades de prazer entre um homem e uma mulher. Bem, ele sabia e seu corpo também, e já estava reagindo enquanto sua mente elaborava imagens envolvendo esta banheira, a água quente, o sabão e a mulher diante dele. Chega de se refugiar neste ambiente de paz e silêncio. Ele precisava mudar o rumo desta conversa e dos seus devaneios antes que ele perdesse totalmente o controle e a puxasse para dentro da banheira ou a jogasse sobre a cama e a possuísse como esposa, coisa que ele não estava certo se queria.

Soren entendeu que o que aconteceu com ela na primeira noite lhe deu uma espécie de indulto. Um tempo para resolver as coisas assim que sua raiva amenizasse, para ele tentar evitar atitudes erradas que podiam fazê-lo se arrepender pelo resto da vida.

Como por exemplo, torná-la sua esposa.

Ele tinha se casado com ela no calor da emoção da batalha, apesar dos conselhos em contrário de Stephen. Agora, ele sabia que se consumasse o casamento, ficaria sem saída. No entanto, depois que tomou esta decisão, ele não parava de pensar nela. À medida que os ferimentos dela saravam e ela demonstrava coragem ao resistir em lhe dar a localização dos registros do castelo, Soren passou a pensar nela muito mais do que queria. Agora, ela estava diante dele, vestindo apenas uma fina camisola, ruborizada e ofegante como se estivesse excitada... ou pelo menos, interessada.

– Diga-me, o que achou que este banho seria, se não era para compartilhar comigo? Você achou que eu estava só sendo gentil?

Será que ele nunca ia aprender ou, melhor dizendo, desaprender esta maldita atração que sentia pelas mulheres? Quando ia se dar conta de que estava indo para uma direção perigosa? Mas depois de passar muitos anos flertando e se divertindo com mulheres, bonitas ou não, bem-nascidas ou não, ele criou certos hábitos difíceis de largar. Hábitos esses que nem a reação de medo e rejeição, depois das cicatrizes, conseguiram mudar. Ela ia responder, chegou a gaguejar alguma coisa, mas depois mudou de ideia e, fechou os olhos e levantou a cabeça como se rezasse e, em seguida, falou:

– Bem... eu achei que você pretendia fazer valer seus direitos de marido – disse ela, sem muito entusiasmo.

Isso explicava muita coisa. Os homens de Soren tinham olhado para ele de uma forma estranha, a tarde toda. E sorriram para ele, também, sem motivo aparente. Mas agora ele entendia o que eles estavam pensando, todos eles, tudo por causa de um garoto que levou um recado trocado, eles achavam que os dois estavam na cama. Ele sentiu vontade de rir disso tudo, mas também teve vontade de se levantar da banheira, arrancar a roupa da mulher e torná-la sua.

Ele podia imaginar lorde Gautier rindo dele neste momento. E enquanto ele tentava pensar na maneira certa de lidar com isto, ele sabia que talvez ele não estivesse tão longe como todos pensavam. E Soren voltou a ser o homem que era antigamente.

– E é isto que você quer que eu faça, *lady* Sybilla?

Capítulo Dez



POR QUE será que ela foi tão tola a ponto de admitir a verdade para ele? Ela devia ter ficado quieta, não ter falado nada e não ter se envolvido nesta conversa que estava tomando um rumo perigoso. Se ele só quis um banho, ela não se importava, mas esta conversa de compartilhar um banho estava lhe deixando com umas sensações estranhas pelo corpo. Uma palavra levou a outra, uma pergunta gerou uma resposta e por aí foi até que ela, imprudentemente, acabou confessando que pensou que ele estava aqui para se deitar com ela!

O cabelo recém-lavado tinha se tornado uma cabeleira indisciplinada, cobrindo de cachos seus ombros e rosto. Sybilla se deu conta de que nunca nenhum homem a tinha visto assim. Por que será que estava pensando em coisas tão frívolas se ele estava esperando uma resposta dela?

Ele tinha parado de se lavar, pois ela não ouvia mais barulho de água borrifando e nem movimentos na banheira. Será que estava olhando para ela? Ela engoliu em seco e sua garganta ficou apertada de nervosismo. Como será que era nu, se o achou tão bonito quando o viu no campo de batalha?

Ela estremeceu só de pensar. Ele pigarreou para lembrá-la de que ainda esperava por uma resposta. Sybilla esticou o corpo e balançou a cabeça.

– Não.

Ela o ouviu se mexendo, espalhando água para os lados, já que devia estar se levantando para sair da banheira. Sybilla envolveu o próprio corpo com os braços e tentou não tremer demais. Os passos se aproximaram e ela podia sentir o corpo dele perto do seu. Mas ele tinha lhe dado uma chance de falar, então ela decidiu ser corajosa, bem mais do que se sentia.

– Eu tinha planejado lhe pedir autorização para ir para o convento da minha prima.

– E quando planejava me pedir, senhora? – perguntou ele, sua voz vindo acima dela e do lado direito.

Ela virou o rosto para ele.

– No dia da invasão. Eu pretendia abrir mão das minhas propriedades e me retirar para o convento da minha prima de forma a salvar o meu povo. – Ela deu de ombros. – Você não me deu chance de falar nada.

O silêncio dele a deixou insegura. Sybilla respirou fundo para se acalmar. Será que ele estava assim tão perto dela? Ela podia sentir o cheiro do sabão que ele usara e imaginou ele se ensaboando na banheira. De novo ela tremeu.

– Pretende se tornar uma freira, é isso? – perguntou ele, num sussurro, e provocou a orelha dela com sua respiração.

Meu Deus! Ele estava *tão* perto!

Ela estava desesperada para sair dali, mas não ousava se mexer. Será que estava lhe dando uma chance, agora? Será que pretendia deixá-la ir?

– Não, uma freira não – respondeu ela. – Mas pretendo ter uma vida contemplativa lá. – Seu pedido era corajoso e poderia ser refutado por quase todos que a conheciam.

De repente, ele ficou atrás dela, segurando os ombros dela e puxando-a para trás. Seu corpo parecia feito de pedra, de tão duro. Sybilla sabia o suficiente sobre as relações amorosas entre homem e mulher para saber qual parte dele estava pressionado as costas dela agora, mas tentou não pensar nisso.

Então, ele se curvou e sussurrou de novo:

– Você abriria mão de tudo que tem, *lady* Sybilla? Seria capaz de viver uma vida de obediência e recolhimento?

Ele passou um dos braços sobre ela, segurando-a, enquanto usava o outro para tirar o cabelo dela das costas. Sua respiração fazia cócegas no pescoço dela e ela tentou se afastar. Mas o movimento só a deixou com a

nunca à mostra. Exposta e presa junto ao corpo dele, ela se sentia vulnerável como nunca se sentiu antes. Ela devia estar chorando de medo, mas o corpo dela reagia de forma estranha, os seios ficaram rígidos sob o peso do seu braço, a pele formigava e entre as pernas estava ficando úmido e tenso.

– Você vai desistir de tudo?

O toque da sua língua na pele dela a fez pular. Depois ele voltou a lhe beijar no mesmo lugar. E colocou de novo sua boca naquele lugar sensível, várias vezes seguidas. E quando ele beliscou a pele dela com os dentes, não para machucar, mas só para ela sentir tremores pelo corpo, ela arfou sem querer.

Foi o suficiente para ela acordar!

– E eu estaria desistindo exatamente de que, lorde Soren? – perguntou ela, se endireitando e se soltando das mãos dele. – De terras e povo que não me pertencem mais? De um marido que quase me matou e que agora planeja me usar como uma égua? De uma vida sem enxergar, incapaz de ver ou de fazer qualquer coisa que possa me dar prazer ou satisfação? O que exatamente eu vou perder ao entrar para um convento?

Sybilla passou algum tempo ali, na escuridão que era o mundo dela agora, esperando uma resposta. Estava imaginando que ele poderia lhe bater por ser tão insolente, como teria feito o pai dela se ela agisse assim. Ela só não esperava sentir o toque dos lábios de Soren nos dela.

Desta vez, ele não a segurou, mas limitou-se a encostar os lábios nos dela e beijá-la. Ela chegou a engasgar com aquela sensação e deixou que ele introduzisse sua língua dentro da boca. Sybilla não sabia o que fazer de tão chocada e completamente inexperiente em tais assuntos. Já tinha sido beijada antes, pelos pais, pela família e até pelo senhor do pai, mas nunca desta maneira tão íntima. Quando a sua língua encontrou a dela, girando e pressionando, Sybilla esqueceu-se de todo resto.

Soren se deu conta do seu erro, logo que se aproximou dela. Era difícil deixar de lado velhos hábitos. Esta era sua esposa, afinal, ele podia levá-la para cama e lhe dar prazer e ninguém podia dizer nada. Era um direito seu. Mas o que Sybilla disse o fez parar para pensar.

Ele veio aqui para matá-la.

Ele tomou as terras e todos que ela prezava, Soren nem sabia quanto.

Ele tirou a visão dela e qualquer futuro que ainda pudesse ter.

Sybilla tinha dito a verdade, no entanto aquela boca o seduziu. Ele foi dominado pelo desejo de tocar aqueles lábios carnudos e silenciá-la com prazer. Queria mostrá-la o que perderia se o casamento deles fosse anulado e ele a deixasse entrar para um convento.

Por isso, ele lhe roubou apenas um beijo.

Só para lhe mostrar como estava enganada sobre não ter nada a perder. Para mostrar que sentiria falta de *certas* coisas. Mas, em vez disso, foi ele quem aprendeu uma lição, uma lição que dificilmente esqueceria.

A mulher com quem ele tinha se casado podia ser cega e podia ser virgem, mas ele sentiu que ela ficou excitada, sentiu ao tocar os lábios dela, ao provar o gosto dela. Se ele persistisse e aprofundasse o beijo da maneira como seu corpo queria, os lábios dela se entregariam aos seus, os seios inchariam em suas mãos e ele os beijaria...

Merde, ele pensou ao tentar controlar o forte desejo que crescia dentro dele. Ele podia se deitar sobre ela em questão de minutos, menos até, e logo os dois estariam ofegantes e ele poderia estar beijando partes do corpo dela que ela nunca nem soube que podiam ser beijadas... ela arquearia o corpo ao seu toque e gritaria seu nome...

Mas a voz de Durward, o riso dele ao atacá-lo pelas costas, ecoou na mente de Soren e ele recuou no exato momento em que ia ceder ao desejo de possuí-la. Ele deu um passo atrás, largando os lábios dela.

Sybilla parecia surpresa e confusa com aquela sua atitude. Apesar de os olhos não verem, ela piscou como se tivesse acordando de um sono e franziu a testa. Os lábios dela, que o tentariam repetidas vezes nos seus sonhos esta noite, se fecharam numa fina linha. O rubor de excitação coloriu o rosto dela.

Soren ignorou a preocupação que crescia dentro dele até quando a paixão amainou. E não disse nada do que ela precisava ouvir dele, seu marido, e se afastou. Ele pegou as roupas limpas que estavam do lado da banheira, se vestiu depressa e se encaminhou para a porta.

Ele não ia fraquejar agora, pois foi sua força interior que o manteve vivo esse tempo todo. Ele não podia ceder e deixá-la nem chegar perto dele. Ele já tinha quase escapado quando ouviu a voz doce dela ecoando pelo quarto:

– Você vai permitir que eu vá para o convento?

Seria a coisa mais fácil de fazer. Seria quase uma delicadeza, em vez de condená-la a levar a vida que ele planejou para ela. Faria muito sentido,

considerando sua condição e sua incapacidade de exercer as funções que se esperava da esposa de um senhor.

Aquilo que começou como uma brincadeira, um flerte, tinha se transformado em algo terrivelmente sério com apenas um beijo. Soren tinha planos, que pagaria com a própria pele, planos que levou vários meses elaborando e aperfeiçoando enquanto esperava para pô-los em prática. Agora, que tudo estava concretizado, ele poderia recuar e esquecer tudo que sofreu por causa de um beijo? Naquele momento, o monstro frio que todos pensavam que ele fosse se digladiava com a pessoa generosa que ele sempre quis ser.

Mas acabou num empate. Ou num impasse, dependendo da forma como se julgava.

– Não, *lady* Sybilla, você não tem a minha permissão.

Ele levantou o trinco e abriu a porta. Soren saiu do quarto sem olhar para trás, mas respirava com dificuldade. O ar fresco da noite foi acalmando-o aos poucos. Ao sinal dele, os guardas permaneceram no final da escada onde mantinham as duas criadas da senhora, para que ninguém testemunhasse sua saída às pressas do quarto.

Soren posicionou o tapa-olho no lugar escondendo a cavidade do seu rosto, depois colocou o capuz de couro e o ajustou na cabeça. Isso feito, ele desceu a escada. As risadas de Durward ainda o perseguiam, e ele se deu conta de que tinha perdido a batalha afinal. Entendeu a ironia da situação: ele desejava a mulher que jurou destruir, mas também ela quase se entregou para ele quando se beijaram.

E ele queria ficar com ela. Queria ter a oportunidade que ela lhe ofereceu sem se dar conta. Queria estar com a mulher que estremecia de paixão e não de pavor. Dane-se se algum lugar do seu coração ele também a queria, e não sabia disso. Convento? Seu burro! Infelizmente, outra parte do seu corpo estava controlando suas ações e não sua cabeça.

Ele passou pelo guarda que tinha a função de proteger Sybilla e as criadas estavam retorcendo as mãos como se esperassem que ele anunciasse que a tinha matado. Depois Soren se lembrou de que todos no castelo desconfiavam dos motivos de ele mandar colocar a banheira no quarto de Sybilla e sacudiu a cabeça. Ao se dirigir para o pequeno quarto ao lado da cozinha onde ele dormia normalmente, ele falou com a criada chamada Aldys.

– Ela comeu alguma coisa, hoje? – perguntou ele. Ele já suspeitava da resposta, mesmo assim ele queria uma confirmação.

– Ela estava nervosa demais, lorde Soren – ela começou a explicar. Mas ele a dispensou do resto.

– Amanhã ela vai sair do quarto. O clima melhorou e deve fazer um tempo agradável durante o dia. Quando o sol esquentar, vista-a e leve-a para fora.

– Mas lorde Soren – suplicou a mulher. – Ela não pode ver!

– Ela não precisa ver para andar. Faça com que ela se movimente, vocês duas! – falou ele com energia. – Vocês não ajudam em nada se a deixam trancada no quarto. Isso tem que acabar.

Ele acenou em direção à escada, mandando-as subir logo. E acrescentou mais uma coisa.

– E não ofereçam comida e nem bebida a ela. Sirvam só o que ela pedir, sem falar mais nada.

As duas ficaram horrorizadas, imaginando que ele queria deixá-la com fome até se submeter às vontades dele. Ele soltou um suspiro frustrado e resolveu explicar melhor.

– Não falem de comida com ela. Vou mandar levarem o jantar esta noite e vou comer com ela.

Isso não caiu bem. Pelo visto, a ideia de comer com ele revirou os estômagos delas.

– Não questionem minhas ordens. Façam suas obrigações, caso contrário, vou procurar outras pessoas que possam fazê-lo. Chamem Guermont se precisarem de alguma ajuda, mas *tirem-na do quarto*.

A expressão das duas não mudou. Então, dane-se. Se elas concordavam ou não, era problema delas. Soren entendia melhor do que todo mundo o que a senhora estava passando. Ele tinha sobrevivido ao choque e a apatia que sentiu quando acordou e soube da gravidade dos seus ferimentos e do que isso significava para sua vida. Ele chegou a rezar para morrer pois preferia isso a viver... deste jeito.

Sybilla teria que passar pelo mesmo sofrimento que ele. No momento, ela provavelmente acreditava que recuperaria sua visão. Ele tinha certeza de que Sybilla estava convencida de que sua condição era passageira, que Teyen estava enganado sobre a gravidade de seus ferimentos. Mas enquanto

ela não se convencesse de que seu estado era para a vida toda, sua alma não teria paz.

Soren já tinha passado por isso e sofreu bastante, mas nunca imaginou que seria testemunha do mesmo sofrimento em outra pessoa. Muito menos esperou que ele fosse o causador disso. Pela primeira vez em meses, desde que decidiu dedicar sua vida à vingança, ele parou para questionar se devia ou não continuar com essa obsessão.

Lorde Gautier tinha lhe ensinado que a vingança ia corroendo a alma da pessoa pouco a pouco e agora Soren se perguntou se isso não seria verdade. Apesar de ter servido para lhe dar forças para sobreviver ao sofrimento, talvez agora precisasse de outra coisa para lhe estimular.

Soren chegou no pequeno quarto, entrou e fechou a porta. Sua refeição estava lhe esperando, como tinha mandado e sentou-se num banco para comer. Ele tirou o capuz de couro e alongou o pescoço e os ombros para aliviar a tensão. Sentado ali sozinho para comer, ele se deu conta de que a vontade de um banho acabou acarretando uma série de eventos. Mais tarde, ele ficou deitado mas sem conseguir dormir e achou ter ouvido a risada de lorde Gautier novamente.

Pela primeira vez em muitos meses, ele sentia falta dos seus amigos Giles e Brice, que foram criados e treinados junto com ele em Rennes. Os três bastardos se conheceram e se tornaram amigos de Simon, o filho e herdeiro de Gautier, e acabaram sendo tutelados e criados por este homem sábio. Com o fim da batalha de Hastings e depois que seus amigos souberam que ele estava vivo, partiram para reivindicar suas terras. Ele quis muito lutar do lado deles, como sempre fez, mas levou meses para se recuperar e acabou se juntando aos dois para ajudar Brice a expulsar alguns rebeldes das terras dele.

Os dois amigos prometeram estar do seu lado quando precisasse, mas ele rejeitou os conselhos deles quando quiseram lhe dar. Agora ele queria que estivessem aqui, pois eles entenderiam seu dilema: nenhum deles queria a mulher com quem se casou, mas hoje os dois estavam felizes no casamento. E *certainement* nenhum dos dois planejou matar a esposa como ele fez, apesar de ter tido seus motivos. Motivos válidos, ou pareciam ser até aquele beijo.

Todo confuso, Soren virou de um lado para outro na cama, a noite toda, atormentado pelas lembranças do beijo carinhoso que deu em Sybilla.

PELA MANHÃ ele tinha chegado à conclusão sobre duas ou três coisas. Em primeiro lugar, ele não sabia se devia ou podia mantê-la como sua esposa; em segundo lugar, ela ainda ia sofrer muito na recuperação. E, por último, a terceira conclusão e a mais difícil de aceitar, era que foi mais fácil viver com a ideia cega de vingança do que tentando ser um homem melhor.

Capítulo Onze



— NÃO COMPREENDO, Aldys.

— São ordens de lorde Soren – explicou a criada.

Não fazia sentido. Ela não podia fazer nada do lado de fora do quarto e muito pouco dentro dele. Não queria passar vergonha na frente de todos que serviram a ela e a sua família por tantos anos e, principalmente, não queria estar no meio de pessoas que não podia saber quem ou quantos eram.

— Não posso fazer isso – admitiu ela.

— Mas deve fazer, *milady*. Tenho medo do que vai acontecer se permanecer aqui.

Sybilla estava tentando entender a razão de ter que sair do quarto quando alguém bateu na porta. As duas criadas se assustaram e ela começou a tremer. O que será que elas temiam que acontecesse a ela? Ela ouviu Aldys cumprimentar alguém do lado de fora, em voz baixa, depois os fez entrar.

— Bom dia, *lady* Sybilla. Sou Guermont – disse ele, para que ela soubesse quem estava diante dela. Ele era assim, educado e discreto.

— Guermont. – Ela o cumprimento com um aceno de cabeça.

— Lorde Soren quer que você vá para o pátio para aproveitar o sol quente e o dia claro – convidou ele.

– Não posso, *sir*. Por favor, avise ao seu senhor – disse ela com toda calma. Logo suas mãos começaram a tremer e amassar cada vez mais o pergaminho que segurava.

– Senhora, infelizmente eu não posso sair daqui sem levá-la comigo – explicou ele. – Foram as ordens que recebi.

– Aldys, por favor, explique a Guermont por que eu não posso fazer o que me pede. Eu não enxergo. Não posso descer a escada nem sair do quarto. Peça ao seu senhor que me deixe ficar aqui até eu recuperar minha visão.

O silêncio que ficou no quarto era cheio de significado. Ninguém ali presente acreditava que ela voltaria a enxergar. Mas ela se recusava a pensar o contrário.

– Senhora, gostaria de lhe pedir que caminhe do meu lado e deixe que eu vou orientá-la nos degraus. Mas caso se recuse, serei obrigado a carregá-la até lá, nem que seja aos gritos. A escolha é sua. – A voz tranquila não combinava com as intenções dele.

Sybilla estava tão apavorada que ficou muda. Por que será que lorde Soren a humilhava deste jeito? Será que era um castigo por ter ousado pedir para deixá-lo? Será que ficou espantado com a reação dela ao seu beijo, e agora queria envergonhá-la em público?

– Vamos, *lady* Sybilla – disse Guermont, tirando o pergaminho das mãos dela e colocando o braço dela no seu. – Deixe-me conduzi-la.

Ao agarrar o braço de Guermont com força, a cota de malha que ele usava enterrou na pele dela. Ele usava esta vestimenta de proteção mesmo agora que a batalha já tinha terminado. Será que lorde Soren também usava? Ela perdeu a noção de onde estavam até que Guermont parou.

– Senhora, vamos descer um degrau de cada vez. Avise-me se eu estiver indo rápido demais que passarei a andar mais devagar.

Os degraus que nunca foram problema para ela, agora pairavam como um abismo diante dela. Sybilla sentia como se estivesse suspensa sobre um poço profundo, esperando cair no abismo.

De repente, ele deu um primeiro passo e a puxou com ele.

– O que acha de contarmos os degraus ao descer para você saber quantos são? – perguntou ele baixinho.

– Saiba que a senhora vive aqui desde que nasceu! – falou logo Aldys. – Acha que ela não sabe quantos degraus são?

Mas Sybilla nunca precisou saber quantos degraus separavam seu quarto do salão principal. Sem conseguir falar, ela acenou na esperança de Guermont estar olhando para ela. Quando começou a contar, ela soube que ele estava olhando. Mal ele começou a contar e em seguida eles pararam. Cansada do esforço e do medo de andar no escuro, Sybilla respirou fundo antes de dar o próximo passo.

– As plantas todas do salão foram retiradas e as mesas foram afastadas para o lado abrindo um caminho direto até a porta, *milady* – Guermont lhe avisou. – Foram vinte degraus na escada, mas eu acho que levaremos o dobro disso para chegar até a porta. – Ele estava lhe dando algumas pistas sobre o caminho e a forma como estava arrumado o salão agora, avisando-lhe das mudanças feitas depois que os normandos chegaram. – Vamos andar devagar enquanto ganha confiança, *milady*.

Então eles retomaram a caminhada. Guermont colocou a mão sobre a dela no seu braço e a guiou, contando os passos, em voz baixa, de forma que só ela ouvisse. Eles só tinham dado um passo ou dois quando começaram os comentários.

De início, ela ouviu pessoas sussurrando ao vê-los. Em seguida, ouviu dizerem o nome dela, cada vez mais alto, ecoando pelo salão fazendo-a tropeçar.

– Eles estão contentes de vê-la, *lady* Sybilla – disse Guermont.

– Será que sabem que não posso vê-los? – perguntou ela. Aldys e Gytha nunca mencionaram o que foi dito para sua gente. Ela não sabia se achavam que ela estava sendo mantida prisioneira, se estava morta ou qualquer outra coisa.

– Sim, *milady*. Eles sabem do seu estado. Muitos deles têm ido à capela rezar pela sua recuperação.

Sybilla ficou muda e seus olhos cegos se encheram de lágrimas. Ela teve medo de que eles a culpassem por esta situação. Se ela não tivesse deixado Gareth enfrentar os normandos, eles não estariam chorando pelos mortos agora. Sybilla abriu e fechou os olhos tentando conter as lágrimas, mesmo assim ela sentiu que escorriam pelo seu rosto. Mas quando percebeu alguém tocar suas roupas, outra pessoa pegar no seu braço, sussurrando seu nome ao passar por ela, ela não conteve mais o choro. Guermont continuou contando os passos e quando chegou ao 43o, eles pararam.

– Pouco mais de quarenta, *milady*, e chegamos na porta que dá para o pátio. Precisa parar um pouco para recuperar o fôlego ou podemos ir em frente?

Ela passou a mão no rosto para secar as lágrimas e pigarreou. Sybilla não esperava por isso, nem da sua gente nem dela mesma. Ela sentia o coração apertado, mas balançou a cabeça.

– Não, Guermont. Estou pronta para continuar.

– Ótimo, *milady*.

As dobradiças rangeram quando a porta foi aberta e ela saiu pela primeira vez depois da invasão. Estavam em pleno verão e ela sentiu o calor do sol de meio-dia bater no seu rosto.

Sybilla fez uma pausa ali, esperando, rezando, desejando e suplicando a Deus que permitisse que ela enxergasse. Que deixasse ela ver alguma diferença dentro da escuridão que estava vivendo. Bastava uma pequena variação de luz para alegrá-la.

– *Milady?* – Guermont a chamou delicadamente, como se compreendesse o motivo da sua hesitação.

Nada.

Ela não viu nada na sua frente.

Nenhuma luz. Nenhuma mudança. Nada.

Sybilla deixou que ele a guiasse até o pátio. Havia gente lá, ela podia ouvir vozes de homens, mulheres e até crianças. Ela sentiu o cheiro de madressilva no ar e respirou fundo, aproveitando isto para não pensar na decepção que tivera. A terra sob seus pés, as árvores, as flores, tudo isso somado a mistura de aromas que encheram seus pulmões de ar puro.

– Há um banco embaixo da árvore, perto do muro – disse Guermont. – Ali você vai poder sentir o calor do sol, mas protegida pela sombra da árvore, *milady*. Parece-me que são mais uns quarenta passos até lá.

Ele a guiou direitinho, fazendo com que sua caminhada parecesse suave. Durante o percurso, ele ia lhe informando quando o piso apresentava algum desnível. E também quando precisava evitar uma poça de lama, e assim foram até chegar no lugar onde ele indicou. Guermont ajudou Sybilla a se sentar. Aldys lhe avisou que ficaria atrás dela.

Sybilla estava tentando se recuperar, pois havia perdido o fôlego neste curto percurso. Normalmente, ela andava muito mais do que isso e nunca se sentiu assim tão cansada. Mas tinha ficado tanto tempo no quarto, sem se

movimentar, que qualquer esforço a deixava exausta. Mesmo cansada, ela se preparou para o próximo desafio que era enfrentar lorde Soren depois dos acontecimentos da noite passada.

Sybilla esperava que ele não a humilhasse na frente de outras pessoas e aceitou o lenço que Aldys lhe entregou para secar o rosto. Pela primeira vez em muitos dias, ela sentiu sede e só então reparou que sua criada não tinha forçado nenhuma comida e bebida hoje. Ela já ia pedir para beber alguma coisa, mas neste momento começou algum distúrbio do outro lado do pátio. O barulho e a agitação cresceram e Sybilla imaginou que lorde Soren devia estar se aproximando.

Alguém deu uma ordem e soldados se apressaram em obedecer. Pessoas gritavam e chamavam seu nome. Ela parecia estar revivendo o dia da invasão, só que pior, pois agora Sybilla não conseguia enxergar.

– É lorde Soren? – perguntou ela. Como ninguém respondeu, ela voltou a perguntar num tom mais alto. – Por favor, me diga o que está acontecendo?

– Alguns prisioneiros estão tentando se soltar para vir aqui – disse Guermont. – Os guardas estão tentando contê-los.

– Prisioneiros? – perguntou ela, antes de se dar conta de que ele estava falando da sua gente, dos seus soldados. – Aldys! Precisa falar para eles pararem antes que ele... – Ela não terminou a frase, pois a voz dele a interrompeu.

– Stephen! – gritou Soren. – Deixe que eles venham falar com ela.

Mais uma vez ele cedeu a vontade de Sybilla, coisa que estava se tornando um hábito, pelo visto. Soren acenou para Stephen, que deu ordens aos guardas para liberarem os prisioneiros. A primeira reação dos prisioneiros foi de hesitar, mas depois, liderados por Gareth eles se aproximaram de Sybilla. Em poucos minutos eles a cercaram, chamando-a pelo nome, tentando tocar na roupa ou na mão dela.

Guermont permaneceu ali, do lado dela, então a segurança de Sybilla estava garantida. Não que ele se preocupasse com ela, mas prisioneiros podiam se tornar homens perigosos ao se verem livres. Ele viu Gareth se ajoelhar diante dela, sem sair dali enquanto que os outros se revezavam para falar com ela. Soren continuou observando de onde estava, perto da cocheira.

– Foi uma bela demonstração de poder – disse Larenz, se aproximando de Soren. – E sábia.

Soren olhou para ele, surpreso com a aproximação e com o comentário. Soren havia se tornado um cavaleiro bem-treinado para lutar e vencer batalhas, graças ao que Larenz lhe ensinou. Simon, hoje conde de Rennes, tinha permitido que ele jurasse lealdade a um dos três, em nome dos muitos anos de serviços a Casa de Rennes. Por algum motivo, Larenz o escolheu.

O velho homem tinha ficado com ele depois da batalha e durante toda sua dolorosa recuperação. Larenz o viu no seu melhor e no pior momento e agora nas encruzilhadas que Soren ainda não compreendia totalmente. Sem jeito com essas situações, Soren mudou de assunto.

– Como está o garoto? – perguntou ele.

– Raed é um bom garoto, Soren – respondeu Larenz, virando-se para assistir a cena do outro lado do pátio. – Mais uma de suas sábias decisões.

– E onde está ele? Desde ontem eu não o vejo.

Larenz riu e Soren enfrentou mais um momento de verdade.

– Você sabia que ele deu o recado errado para ela?

– Sabia, sim, Soren. – Larenz acenou em direção à cocheira. – Ele está lá, escondendo-se de você.

Soren soltou um muxoxo e olhou para Larenz. Será possível que todos achavam que ele era capaz de torturar uma criança?

– Você não tem demonstrado muita compreensão ultimamente, Soren. Todos que o servem agora sabem dos seus planos e dos seus métodos de levá-los adiante.

– Você não pode estar acreditando nisso. – Soren ficou zangado porque ele sabia de tudo e não lhe contou. – Por que não me disse nada?

– Está na hora, Soren – disse ele. – Está na hora de torná-la sua mulher.

Soren sempre ouvia os conselhos de Larenz, mas em um assunto tão pessoal e importante ele não pretendia lhe dar ouvidos. Sem saber se brigava ou se o deixava falando sozinho, Soren parou para observar a mulher sentada no centro de uma multidão que a idolatravam. Soren ficou excitado só de olhar para ela e por mais que quisesse achar que isso era resultado dos meses de abstinência, ele sabia que não era. No entanto, o fato de o seu corpo desejá-la não significava que era a coisa certa a fazer.

– Esqueça a vingança que planejou contra o pai dela. Pense no jovem que lutou por William naquele dia. Pense nos planos que vocês três tinham

para o futuro. É este o caminho que pretende seguir?

– Você se arrisca demais, Larenz – disse Soren com dentes trincados.

– Não, de forma alguma – replicou ele. – Gautier viria me assombrar se eu não lhe aconselhasse em um momento como este.

Larenz despertou a raiva de Soren ao lembrá-lo do pai de criação, homem muito estimado por ambos. Encarando Larenz, ele viu uma semelhança que nunca havia notado antes.

– Você está falando igual a ele.

– Não devia se surpreender com isso. Ele era meu irmão.

Soren ficou pasmo. Ele nunca suspeitou de uma coisa como esta. E se isso não foi dito abertamente antes, só podia ter uma razão.

– Fomos filhos do mesmo pai, apesar de termos vivido separados por muitos anos.

Isso explicava muita coisa para Soren, a vontade de Larenz de servir com eles, e de querer treinar três bastardos sem herança. Antes que ele pudesse fazer qualquer comentário, Stephen chamou por Soren que acenou para ele consentindo.

Stephen e os homens começaram a conduzir o povo de Sybilla para longe dela e de volta ao trabalho. Mas um deles não obedeceu às ordens. Gareth permaneceu ajoelhado diante de Sybilla enquanto ela se despedia dos outros. Stephen agarrou seu braço e o arrastou de volta ao trabalho, mas ele relutava em segui-lo. Soren observou quando Guermont deu um passo à frente e os dois olharam para ele.

– Acha que estão planejando uma conspiração contra você, Soren? – perguntou Larenz.

– Acho que não – respondeu ele, balançando a cabeça.

Ele suspeitava de que Sybilla ainda não tinha pedido a alguém que lesse a lista feita por Gareth, por isso pretendia perguntá-lo, pessoalmente. Mas ela não queria pedir isso a Soren. Esta era sua oportunidade de descobrir a verdade sem se humilhar muito.

– Pode deixá-lo – falou alto Soren.

Stephen largou o braço de Gareth e Guermont deu um passo atrás, deixando a senhora com seu antigo comandante para conversar em particular. Gareth não se aproximou muito de Sybilla, mas ficou em pé diante dela, conversando, e Soren podia ver ele citando os nomes daqueles que morreram durante a invasão.

– Vou voltar para o trabalho, Soren – disse Larenz. – Devo dizer aos homens que você vai se juntar a nós em breve?

– Droga, homem – resmungou Soren. – Você sabe que não.

Larenz saiu rindo e Soren não disse nada. Ele ficou olhando enquanto a tristeza tomava conta de Sybilla, como uma névoa que descia do céu durante uma tempestade. Gareth nunca chegou mais perto, nem quando Sybilla começou a chorar. Todos, inclusive as criadas, mantiveram uma certa distância apesar da angústia dela.

Antes que Soren percebesse, ele estava caminhando na direção dela tentando pensar em alguma maneira de ajudá-la. Ele foi até o poço, mergulhou o balde no fundo para enchê-lo. Em seguida, ele encheu uma concha e se encaminhou até ela, parando a alguns metros de distância de onde ela estava sentada.

– Já terminou seu assunto com a senhora? – perguntou ele a Gareth. O sujeito ficou de pé e fez um aceno de cabeça. – Então, volte ao trabalho.

– Fique em paz, *lady* Sybilla – disse Gareth baixinho antes de se afastar.

Sybilla estava sentada de cabeça baixa, calada. Soren viu que o rosto dela estava com rastros de lágrimas e desviou o olhar por alguns instantes para respirar fundo. Ele não queria sentir a amargura que cortava seu coração naquele momento.

– Estique as mãos para frente, Sybilla.

Ela estendeu as mãos, mas elas tremiam tanto que ele teve medo de que ela entornasse a água da concha antes de conseguir bebê-la.

– Segure firme – ele a avisou. Mas não adiantou, pois as mãos tremiam ainda mais agora. Então, ele colocou suas mão embaixo das dela antes de apoiar a concha na palma da mão de Sybilla.

– O que é isto? – perguntou ela, levantando o rosto na sua direção.

– Está fazendo calor e eu achei que você gostaria de um pouco de água.

Alguma coisa aconteceu entre eles naquele momento, alguma coisa que seria capaz de mudar tudo e, depois disso, nada seria o mesmo novamente. Para Sybilla, inexperiente e ingênua, era assim que parecia este momento, quando o sujeito que veio para matá-la e destruir tudo que o pai deixou para ela agia com uma gentileza inesperada.

Na verdade, era mais uma gentileza, pois ele tinha permitido que ela falasse com Gareth e os outros.

Sybilla ergueu a concha até a boca, com a mão de Soren guiando a dela. Ela bebeu a água fresca e deixou que aliviasse a garganta. Mesmo sabendo que este homem só pensava em si não a impediu de apreciar a água e a gentileza, apesar de saber que ele não reconheceria como isso. Ela estava de fato com sede pois acabou com a água em dois goles. Ela abaixou a concha e a entregou de volta para ele.

– Muito obrigada, lorde Soren – disse ela baixinho.

Apesar de ouvir outras vozes por ali, ela não tinha como saber a que distância estavam dela. A brisa de verão farfalhava os galhos das árvores acima dela e Sybilla se lembrou dos tempos em que era feliz.

Mas agora, ela estava cada vez mais curiosa sobre as intenções dele. Como na noite passada, ele tinha uma razão para fazer alguma coisa e ela se perguntava se, mais uma vez, não estaria interpretando mal seu comportamento. Será que ele poderia ser gentil simplesmente ou seria isso algum tipo de prelúdio? E para que, ela não sabia. Ela tentou prestar atenção mas não sabia se ele estava próximo ou se tinha ido até o poço.

– Lorde Soren?

– Sim, Sybilla.

Como que ela nunca notou a voz atraente que ele tinha? Mas logo se lembrou de que sempre o ouviu gritar e grunhir, raramente eles conversaram assim. Exceto na noite passada, quando ela acabou falando demais. Mesmo assim, ela queria saber.

– Você permitiu aquilo?

– Você está se referindo a conversa com Gareth e os outros? Estava na hora de acontecer, Sybilla.

– Eu não entendo. Como assim, estava na hora? – perguntou ela. Ela achava que sabia, mas queria ouvir sua explicação e tentar entender as razões por trás dos seus atos. Eles estavam casados agora, e enquanto ele não lhe permitisse entrar para o convento, eles continuariam casados.

– Você precisava sair do quarto e eles precisavam vê-la. Todos estavam falando sobre você e sua saúde. Por isso, eu a trouxe para cá para que eles ficassem mais tranquilos. E também... – Ele fez uma pausa.

– E... o quê?

– Se eles a vissem viva e bem-cuidada pelo monstro que agora ocupa a cadeira de Durward, eles poderiam imaginar que também seriam bem tratados por mim.

– Ah – acenou ela. – Você encontrou outra utilidade para sua esposa cega, afinal. Reprodutora e testa de ferro.

Ele não respondeu, provavelmente por ser verdade. A gentileza era só para causar uma boa impressão. Ela ficou com tanta raiva que encontrou coragem para perguntar o que estava por trás disso tudo. A pergunta que tinha pensado, mas que não teve coragem de fazer.

– Por que, lorde Soren? Diga-me por que odiava tanto o meu pai. Por que veio aqui com a ideia de destruir minha família ou o que tinha sobrado dela?

– Sybilla, não me pressione – disse ele, agora já estava ficando irritado.

Ela o ouviu sair pisando forte no chão e sem lhe responder. Sybilla ficou de pé e deu um passo na direção que ele tinha ido.

– Lorde Soren, eu preciso saber!

Sybilla ouviu quando ele se virou para ela. E a medida que ele se aproximava, ela podia ouvir a respiração dele acelerada. Ela envolveu o próprio corpo com os braços, percebendo que não ia gostar de ouvir o que ele ia lhe dizer. Ai, meu Deus, por que ela teve de perguntar?

– Porque seu pai me transformou no monstro que sou hoje, Sybilla. – Ela levou um susto, nunca podia imaginar que fosse isso. Mas ele ainda não tinha terminado. – Seu pai me derrubou covardemente, me cortou em pedaços e tirou tudo de mim, só não me matou.

Ao ouvir isso, Sybilla perdeu o equilíbrio, sentiu-se tonta e quase caiu. Ele a segurou pelo manto para ela não cair, enquanto terminava de lhe contar a terrível história que ela pediu para saber.

– E agora, assim como ele fez comigo, eu fiz e farei com você. Tudo que você tinha ou que prezava será meu.

Sybilla não reparou que estava se sentando, só se deu conta disso quando sentiu a superfície dura do banco. A cabeça dela girava devido ao horror da história e a raiva com que foi dita.

O pai dela nunca teria feito tal coisa. Ele nunca agiria com tamanha covardia. Ele...

A mente de Sybilla ficou cheia de perguntas, mas ela não conseguiu verbalizar nenhuma delas diante da raiva de Soren. Ela ouvia sua respiração e esperou o próximo ato.

E ficou chocada de ouvir os passos pesados dele se distanciando.

Sybilla esperou que ele voltasse ou que desse alguma ordem para ela, mas nada aconteceu. Ela ficou ali sentada em total silêncio por algum tempo até resolver se levantar e pedir que a levassem de volta para seu quarto.

Capítulo Doze



NÃO HAVIA nada melhor do que uma guerra para clarear uma questão. Foi esta a conclusão que Soren chegou quando alguns saxões se aproximaram dos portões. A notícia da chegada deles se espalhou rapidamente e seus homens logo se posicionaram junto ao muro, depois que os prisioneiros foram deslocados dali e as mulheres e crianças colocadas em segurança. Agora, enquanto assistia às tropas armadas se aproximar, Soren analisava os pontos fortes e os pontos fracos deles.

– Quem são vocês e o que querem?

– Sou Maurin de Caen. Minhas terras ficam a um dia de cavalo, a sudoeste, logo depois das colinas – disse o primeiro.

Parecia ser descendente de normandos.

– E eu sou Wilfrid de Brougham, lorde Soren. Minhas terras ficam na mesma direção, porém, a dois dias a cavalo. Recebemos uma carta do rei falando sobre os rebeldes por isso viemos aqui para discutir o assunto com você.

Soren olhou para Stephen e depois para Guermont que, usando armadura e espada, se parecia mais com o guerreiro que costumava ser do que com o administrador que era agora. Quando os dois acenaram, Soren desceu a escada e foi até o portão para deixar que entrassem. Seus homens estavam instruídos a não deixar de lado suas armas e Soren ia conversar

com os dois no pátio, sob a vigilância de todos. Acima de tudo, sob a mira do seu arqueiro que estava no muro, apontando para eles.

Ele viu os dois descenderem dos cavalos e se aproximarem, esperando pela reação inevitável. Quando nenhum dos dois deu mais do que uma breve olhada no seu rosto, ele sabia que eles tinham sido avisados. Ele tirou suas luvas de metal e estendeu a mão para cumprimentá-los. Um primeiro, depois o outro lhe estendeu a mão, também. Ele fez sinal para que eles o seguissem até a mesa que havia perto dali.

Eles conversaram sobre a situação nas áreas vizinhas e da preocupação do rei em proteger as fronteiras do norte da Inglaterra para que não caíssem nas mãos do rei da Escócia enquanto suas atenções estavam voltadas para o sul. Conversaram sobre dois antigos condes de Mercia e Northumbria, Morcar e Edwin, cujas terras cercavam Alston e que atualmente eram hóspedes de William na Normandia, junto com o saxão que reivindicava o trono de William. Soren mandou que servissem cerveja e comida e chamou Stephen e Guermont para se sentar com eles e participar da conversa pois teriam muito que aprender. Por mais de uma hora eles falaram sobre todos os problemas que Soren podiam pensar, exceto por um. Ele dispensou seus homens e se sentou para perguntar sobre aquilo que ele queria muito saber, pois o resto ele já tinha conhecimento.

– Fale-me sobre Durward de Alston – disse ele.

Os dois se entreolharam e depois Maurin começou, embora ficasse claro que ele estava medindo suas palavras.

– Embora o rei escocês reivindique a maior parte destas terras, Durward defendeu este castelo do rei Edward e depois com licença de Harold – disse Maurin. – Mesmo sendo casado com a irmã deles, Harold tinha certa desconfiança de Morcar e Edwin e usava Durward para defender esta propriedade.

– Ele devia alguma lealdade a Mercia e Northumbria?

Alston estava na divisa de vários reinos antigos, todos que foram muito procurados e cuja posse foi muito contestada, por várias gerações. Enquanto Soren esperava pela resposta, ele percebeu mais uma troca de olhares.

– Não é uma questão de lealdade, lorde Soren, mas um outro tipo de vínculo – acrescentou Wilfrid. – Apesar do noivado entre o filho de Durward e uma sobrinha de Godwinson ter sido arranjado, a morte do garoto acabou com a esperança de unir as duas casas.

Wilfrid não disse a palavra, então Soren a disse:

– E daí...?

– Morcar já tinha combinado de casar seu filho com a filha de Durward.

– Sybilla? – perguntou Soren. Eles acenaram. – E ela sabia disso?

– Provavelmente, não. Durward não tinha decidido ainda quando foi chamado para lutar contra os nórdicos em York. Como vassalo de Harold, ele tinha que enviar homens, então o filho dele os comandou. Infelizmente, ele encontrou Morcar e Edwin antes que Harold chegasse do sul...

Soren sabia do resultado desastroso, a batalha foi perdida e os ingleses tiveram baixas significativas. Ele tinha ouvido comentários sobre isso enquanto se convalescia perto de Londres. Mas essa vontade de unir as duas casas era uma novidade para ele e podia ajudar a encontrar os rebeldes que tinham conseguido apoio de gente poderosa no norte. Brice tinha avisado que Edmund Haroldson fora visto perto de Shildon e a caminho do norte. Eles achavam que ele planejava conseguir o apoio de Malcolm, na Escócia, passando por esta região.

Soren entendeu agora a mensagem de Brice e Giles, as terras prometidas para eles eram umas das mais perigosas do novo reino de William e eles arriscariam suas vidas e seus futuros se tentassem se apossar delas. Com tantos inimigos de todos os lados e poucos aliados em quem confiar, Soren se perguntava que chance ele teria de sobreviver para ter filhos.

– ELES AINDA estão conversando no pátio, *milady* – disse Gytha do seu posto na janela do quarto.

Lorde Soren conversava com os forasteiros do lado de fora, não deixou que eles entrassem no castelo, mas aparentemente não foram considerados perigosos para entrarem no pátio. Depois que ele os deixou passar pelos portões, ela e as criadas tiveram permissão de deixar a cozinha e voltar para o quarto. Parecia um bom plano, realmente, mas Sybilla tinha medo de andar no meio de tanta gente sem poder ver.

Gytha e Aldys agora estavam na janela e contavam tudo que acontecia no pátio, sem perguntar se ela queria saber ou não. Ela achava que tinha conhecido tanto lorde Maurin quanto lorde Wilfrid e poderia afiançar suas identidades, mas Soren não lhe pediu isso. Na verdade, eles não se falaram

mais desde o incidente no pátio alguns dias antes. Ela se refugiou no quarto e ninguém a obrigou a sair, apesar de ela ter liberdade de ir e vir.

No entanto, o cheiro de ar fresco e o calor do sol a tentavam novamente. Sybilla ficou preocupada que a cena perfeita que ele armou para acalmar seu povo tenha sido arruinada quando ela soube da razão do ódio dele pelo pai e por ela. Ela tentou se lembrar de que guerra era guerra, perigosa e cruel, e cobrava seu preço na carne. Porém, Sybilla não podia imaginar seu pai desferindo covardemente um golpe por trás de alguém.

Como todos os homens aqui eram leais a Soren e nunca iam desmentilo, Sybilla pensou em falar com Wilfrid ou Maurin para se informar sobre a batalha. Será que teria coragem de falar isso com os dois? Se ela não tinha sequer comentado o assunto com suas criadas.

– Lorde Soren está lá? – perguntou ela. – E Guermont e Stephen?

Gytha deu um suspiro, do tipo que Sybilla já estava reconhecendo pois demonstrava a paixão da menina pelo cavaleiro normando, Stephen.

– Lorde Soren, está. Os outros já saíram.

– Aldys, vá procurar por Guermont. Traga-o aqui se for possível. – Aldys saiu depressa para procurar o administrador no andar de baixo.

– Stephen me contou que lorde Soren era conhecido como “belo bastardo” na terra deles – disse Gytha. Mas logo depois, ela se deu conta de que tinha falado demais. – Me perdoe pela minha indiscrição, *milady* – suplicou ela.

Sybilla então percebeu que estava cuidando disso da maneira errada, pois os criados sempre sabiam mais do que contavam e podiam servir de contato para obter informação de qualquer um dentro do castelo.

– Nada disso, Gytha. Conte-me o que mais Stephen lhe contou – pediu ela. Ela entendia que ele tivesse ficado com ódio por ter sido tão desfigurado e pela rejeição constante que isso acarretava, mas ela achava que ele estava melhorando cada vez mais e se perguntou se não estaria imaginando coisas.

– Não sei se devo falar determinadas coisas com você, *milady*.

Sybilla conhecia bem Gytha: quando sabia de alguma coisa, sempre queria compartilhar com ela. Mas quando era um mexerico, no entanto, ela mal podia se controlar, então Sybilla achou que Aldys havia lhe aconselhado a não falar.

– E quanto ao “belo bastardo”? – perguntou ela baixinho, esperando que ela lhe revelasse tudo que sabia.

– Então, *milady* – disse ela, se aproximando de Sybilla. – Ele é da Bretanha e não da Normandia, como a maioria deles é. E é de origem pobre, só foi elevado a cavaleiro pelo rei depois da...

– Eu sei, Gytha, depois da batalha de Hastings.

– Ele e mais dois foram criados por um nobre em Rennes, onde nasceram. Os três e mais o filho legítimo desse nobre foram criados juntos. Que estranho – comentou ela.

Muito estranho. Apesar de que filhos naturais pudessem ter muitas utilidades, isso era incomum.

– E depois?

– Eles foram treinados para serem cavaleiros.

Sybilla teve vontade de sacudir a garota para que contasse logo o que ela queria saber, mas se controlou e rezou para ser paciente.

– Stephen disse que eles eram conhecidos pela habilidade de lutar e pelo jeito com mulheres e que ele, lorde Soren, era famoso por ter uma mulher diferente a cada dia na cama, casada, solteira, bonita ou feia. Soren sempre foi o mais bonito dos três e atraía as mulheres da mesma forma que o mel chamava as abelhas. Agora, porém, Stephen disse que ele está quase irreconhecível comparado com o que era antigamente.

Aí estava o cerne da questão, como disse Soren, o golpe do pai tinha destruído seu corpo e sua vida.

– Stephen é um bisbilhoteiro.

Sybilla e Gytha levaram um susto com aquela voz interrompendo uma conversa particular. Guermont tinha ouvido parte da conversa, ao menos.

– Guermont, obrigada por ter atendido ao meu chamado – disse Sybilla, ficando de pé e ignorando o comentário dele. – Posso sair do quarto agora?

– Sim, *milady* – disse ele, mais próximo agora. – Posso acompanhá-la a algum lugar?

Sybilla estendeu a mão, esperando que ele a segurasse.

– Podemos ir até o pátio, por favor? Gostaria de falar com Maurin e Wilfrid. – Ela tentou dizer o nome deles demonstrando certa familiaridade.

Guermont não respondeu logo, ele parecia estar considerando seu pedido. Em seguida, ele pegou a mão de Sybilla e a colocou sobre o braço

dele, revestido com armadura. A sensação fria do metal assustou Sybilla, no início, depois ela se acostumou.

– Lembre-se de contar os degraus, *milady*.

O jeito carinhoso de Guermont guiá-la fez Sybilla esquecer que esta era apenas a terceira vez que ela descia a escada depois de ter ficado cega. Quando eles chegaram na plataforma entre dois lances da escada e Sybilla entendeu que não precisava ter medo de cair, então resolveu tentar arrancar mais informação de Guermont. Por ser cega, ela precisava saber de tudo que normalmente se sabia só de olhar.

– Há quanto tempo você serve a Soren, Guermont? – começou ela. Era uma pergunta inócua, claro.

– Temos lutado juntos nos últimos seis anos, em vários combates na nossa terra, Bretanha, quando servíamos a Gautier de Rennes e depois aqui na Inglaterra sob a bandeira de Alain Fergeant, um primo distante de Gautier. Eu só estou servindo Soren há dois meses.

Que foi quando ele recebeu do rei a concessão das terras dela?

Sybilla tentou formular outra pergunta, mas foi interrompida por ele.

– Se você está tão interessada na terra natal dele, por que não pergunta diretamente a lorde Soren? – Ele parou em seguida, e salvo engano seu, eles estavam bem em frente à porta de saída para o pátio. – Não confie totalmente nas histórias que Stephen conta sobre Soren.

– Acho difícil lorde Soren querer falar comigo, Guermont, agora que contou o que meu pai lhe fez. Tendo em vista o que aconteceu, é um milagre eu estar aqui viva e casada com ele em vez de estar morta ou acorrentada.

Guermont praguejou baixinho e Sybilla ficou aliviada de não ter entendido o idioma dele pois falou rápido demais.

– Ele lhe contou? – indagou ele.

– Sim. Eu perguntei e ele respondeu.

Mais uma vez ele praguejou e novamente se desculpou. Alguém abriu a porta para eles, pois ela podia sentir uma brisa fresca no rosto. Ele esticou o braço como um aviso e em seguida deu um primeiro passo para fora. Eles andaram em silêncio e ela notou que ele estava surpreso por Soren ter lhe contado essas coisas. Sybilla ouviu a voz grave ao marido ao se aproximarem, depois ele parou de falar e eles pararam de andar.

– *Lady Sybilla*, quero lhe apresentar a lorde Maurin de Caen e lorde Wilfrid de Brougham – falou Soren como se aquilo fosse um simples encontro de amigos e não o conselho de guerra que na verdade era.

– Milordes – disse ela, inclinando a cabeça na direção das vozes.

– *Milady* – disse um deles, se aproximando e tomando sua mão. – Eu não a vejo desde que era uma criança. – Ele levou sua mão até os lábios e ela sentiu um delicado beijo nos dedos.

– Ainda não tinha tido o prazer de conhecê-la, mas deixe-me cumprimentá-la pelo casamento com lorde Soren – disse a segunda voz, e repetiu o mesmo gesto que o primeiro fez.

Sybilla não sabia dizer quem era quem. Ela não se lembrava de nenhum deles nas conversas do pai e do irmão. Mas algo nas vozes deles a fez parar. Havia alguma coisa errada aqui. Guermont estava atrás dela, o que a deixava mais confiante.

Houve um breve silêncio, ninguém disse nada e Sybilla tentou pensar em algo para dizer. Mas Soren foi mais rápido.

– *Lady Sybilla* sofreu um ferimento que causou um problema de visão, milordes. Ela não pode enxergar. – explicou Soren. Ela começou a se perguntar o motivo de ele ter falado isso, expondo-a deste jeito, mas então ela se lembrou da promessa que ele lhe fizera, ele tiraria tudo de Sybilla, até mesmo sua dignidade diante de estranhos, pelo visto.

– *Milady!* – exclamou um deles. – Que coisa terrível!

– Tenho certeza de que isto será por pouco tempo, milordes. Espero me curar inteiramente e recuperar minha visão em breve – respondeu ela, fingindo uma segurança que não sentia.

– Estamos rezando por isso – disse lorde Soren, mas sua voz não parecia nada confiante. Na verdade, ele parecia estar dizendo o contrário.

Será que algum dia ela o entenderia? Será que dizia a verdade para ela ou seria tudo parte de um plano para destruí-la a fim de pagar pelos atos do seu pai? Sem saber o que fazer e se queria fazer alguma coisa, ela esperou que Soren decidisse.

– Você queria alguma coisa, senhora? Ou só queria ver se eu estava tratando bem nossas visitas? – Se os senhores não soubessem como era o relacionamento deles, de verdade, eles podiam achar que ele era um marido educado e carinhoso. No entanto, as palavras dele soaram mais como um tapa em Sybilla. Recuar era sua única saída, agora.

- Era só isso mesmo, lorde Soren – respondeu ela, forçando um sorriso.
- Guermont, leve-a de volta para o quarto – disse Soren.

Sem dizer nada, Guermont se aproximou de Sybilla e colocou sua mão sobre a dele. Ela inclinou a cabeça na direção dos senhores e se virou para entrar. Confusa e zangada pelo tratamento que ele lhe dispensou, ela fez o caminho de volta até o quarto sem dizer uma só palavra. Guermont se limitou a dizer algumas poucas palavras ao se aproximarem da porta, da escada e do seu quarto.

Quando ele saiu, Sybilla percebeu que ele estava zangado também. Ela podia sentir pela tensão no braço de Guermont e pela maneira que caminhava ao seu lado. E também ouvia ele falando, bem baixinho, murmurando para si mesmo pelo caminho. Estava claro que ele não concordava e nem entendia o comportamento de Soren.

Então, eles eram dois.

– ELE CONTOU tudo para ela – disse Guermont ao se aproximar. Larenz olhou para onde estava Soren, ainda conversando com os dois lordes saxões e acenou.

– Era só uma questão de tempo, Guermont – disse Larenz. – A verdade tinha que ser dita em algum momento.

Guermont e Stephen e vários outros eram amigos de Soren, Brice e Giles há muitos anos, lutaram do lado deles, defenderam eles, até mesmo em Hastings. Eles viram a maioria deles crescer e virar homem enquanto serviam Gautier em Rennes.

Embora todos quisessem ajudar Soren, eles não sabiam como se aproximar dele, por isso ninguém fez nada. Consequentemente, Soren se afastou cada vez mais, só pensando em se vingar, e se tornou ainda mais distante deles. A frustração estava começando a desgastar a relação de lealdade e amizade entre eles.

– Ele também contou a eles que ela está cega. – Guermont apontou para as visitas. Em seguida ele deu de ombros. – Por que ele ia expô-la assim diante dos estranhos?

Guermont estava totalmente enfeitiçado por *lady* Sybilla. Mas isso não era difícil, tendo em vista as circunstâncias, mas era muito perigoso. Ela era

uma mulher muito bonita e de grande personalidade. Se Soren ao menos fosse...

– Soren é um homem inteligente e um exímio guerreiro. Ele deve ter seus motivos – retrucou Larenz. Guermont soltou um muxoxo em resposta. Mas antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, Larenz colocou a mão sobre o braço de Guermont.

– O homem que Soren foi um dia está escondido debaixo de muita raiva e dor. Mas ele está questionando sua trajetória. Ele precisa superar isso, Guermont.

– E a senhora?

– A senhora está vivenciando uma experiência semelhante a de Soren. Acho que é quem vai conseguir extrair o verdadeiro Soren de dentro deste homem sofrido.

Guermont sacudiu a cabeça.

– Mas ela está cega, Larenz.

– Eu sei que ela está cega. Mas neste caso será um cego guiando outro cego.

– Se você está dizendo, Larenz – assentiu Guermont, mesmo sem acreditar muito naquela história. – Você sempre vê o lado bom das pessoas. Lorde Gautier dizia que você seria um bom padre pois podia ver a alma das pessoas.

– Jamais seria um bom padre, porque eu gosto demais das mulheres, Guermont! Não duvide disso! – Larenz lhe deu um tapinha no ombro e Guermont retomou seu trabalho.

Enquanto Guermont se afastava, Larenz abriu um sorriso. Sua habilidade de ver a alma das pessoas não era nada de especial ou diferente, mas vinha de observar as pessoas a sua volta durante anos. Ele desenvolveu esta habilidade com a ajuda de uma boa memória e muita curiosidade, e quando Gautier reconheceu esse talento, ele o trouxe para servi-lo.

Seu irmão estava arrependido de certos pecados e Larenz o ajudou nesta questão. Eles nunca falaram sobre os motivos, apenas das atitudes que Gautier queria tomar e os meninos estavam envolvidos nisso. Agora, o mais inteligente deles estava na sua frente, sofrido e perdido, e em respeito ao seu irmão, Larenz ia continuar seu trabalho até que Soren encontrasse seu caminho.

Capítulo Treze



AS VISITAS já tinham ido embora há muito tempo, mas Soren ainda estava na defensiva. Ele chamou Stephen e lhe deu algumas ordens. Alguma coisa estava errada, mas Soren ainda não sabia o que era. Ele desconfiava da lealdade desses sujeitos por muitos motivos, mas os comentários que fizeram depois que *lady* Sybilla se afastou o deixaram ainda mais desconfiado.

Apesar de terem sido solidários e de terem prometido rezar algumas missas pela completa recuperação de sua esposa, os dois comentaram, veladamente, que Sybilla tinha um defeito e que outras esposas eram desprezadas por bem menos do que isso. Soren queria que Larenz estivesse junto com eles, pois ninguém podiam ver tão bem os verdadeiros motivos das pessoas do que ele.

Enquanto ele pensava no sujeito, Larenz apareceu no pátio seguido de Raed, indo em direção ao castelo. Ao vê-lo, o garoto se aproximou mais de Larenz como se quisesse sua proteção. Ele queria ficar zangado, mas não havia homem melhor no mundo para ensinar o que o garoto precisava aprender.

Exceto por uma coisa, e esta tinha que ser ensinada pelo seu senhor. Soren então chamou por Larenz.

– Larenz – gritou ele. Ele notou que todo mundo em volta parou para assistir. – Mande o garoto vir aqui.

Larenz falou com o menino e depois o empurrou em direção a Soren. O menino estava visivelmente constrangido, caminhava devagar e de cabeça baixa. Soren fez sinal para Larenz ir embora e esperou por Raed. Quando ele se aproximou, Soren o pegou pelos ombros e o guiou até a cerca. Eles ficaram olhando para os cavalos no curral provisório, em silêncio, por alguns minutos. Em seguida, Soren se agachou para ficar da mesma altura de Raed.

– Você viu aqueles homens que estiveram aqui? – perguntou ele. Raed deu uma olhada para ele e desviou o olhar novamente e balançou a cabeça. – Eu não sei se posso confiar neles. Por isso, eu mandei alguém em quem confio ir atrás deles para descobrir se eles estão tramando alguma coisa. Eu confio em Stephen – disse ele.

Raed continuava de cabeça baixa, mas Soren continuou.

– Preciso confiar naqueles que me servem, Raed. Preciso saber que vão cumprir minhas ordens e que vão me defender. – Ele fez uma pausa, controlando-se para não sorrir. – E preciso também que venham a mim para dizer se não podem fazer determinada coisa. A mim, Raed, e não a Larenz ou outro qualquer.

Raed parecia desconfortável, pois toda hora mudava de posição.

Soren colocou um dedo embaixo do queixo do garoto e levantou a cabeça dele e se encantou que esta criança o fitava no olho sem se chocar.

– Posso contar com a sua lealdade, Raed? Posso confiar que você vai me defender?

O lábio inferior do garoto começou a tremer e Soren desconfiou de que ele estava com muito medo, a ponto de chorar, mas ele assentiu.

– Pode confiar em mim, lorde Soren.

– Que bom que você entendeu o que é necessário haver entre um homem e seu senhor – disse Soren se levantando. – Nunca minta para mim, Raed, e assumo seus atos, certos ou errados, e você será um bom escudeiro.

– Sim, milorde – concordou o garoto.

– Vá procurar Larenz e termine suas tarefas – mandou ele e viu o garoto sair pulando.

O menino deu apenas alguns passos e parou, virando-se para Soren.

– Lorde Soren, quem é que defende a senhora se todos juramos lealdade a você?

Soren deu uma olhada em volta pois podia jurar que Gautier estava rindo dele. Aqui estava uma criança instruindo-o quando os outros tinham falhado. Gautier acharia cômico isso. Ele fez sinal para Raed voltar ao trabalho e encostou-se na cerca para observar os cavalos no curral.

Ele podia sobreviver com essa ideia de vingança, mas não podia viver assim para sempre. Embora ainda sentisse a necessidade de se vingar, agora ele queria mais do que isso. Depois de encontrar este lugar e trabalhar na propriedade na ultimas três semanas, ele chegou a conclusão de que era este o tipo de vida que queria levar. Era a vida com a qual sempre sonhou quando planejava as batalhas e queria vencê-las na esperança de ganhar dinheiro suficiente para financiar um futuro de paz. Era a vida que tinha trazido ele, Giles e Brice para estas terras e que os estimulou a lutar pela causa de William.

E aos outros, também. Stephen e outros que lutaram por ele e por Brice e Giles queriam ficar, encontrar esposas, proteger e defender suas terras. Eles tinham tudo planejado quando o chamado de William chegou na Bretanha.

Chegou a hora de realizar esse sonho.

Para começar, ele tinha que consultar um padre. Ele tinha algumas perguntas a fazer sobre o casamento e a possibilidade de anulá-lo. Em seguida, ele conversaria com ela, sem gritar nem praguejar, e chegariam a um acordo. Assim como tinha mandado Raed assumir seus atos, Soren sabia que ele devia fazer o mesmo e Sybilla era sua responsabilidade.

Soren foi procurar padre Medwyn com uma clareza de ideias e uma determinação que não sentia há muito tempo.

SYBILLA ACENOU para permitir que Guermont entrasse no seu quarto. Tinha passado um dia da visita daqueles homens e o castelo parecia ter retomado seu ritmo normal de trabalho. Pelo menos era o que ela imaginava pelos barulhos que vinham do pátio e pela descrição das criadas quanto à altura e à largura do muro que estavam construindo.

– Quer me acompanhar até a capela, *milady*? Padre Medwyn quer lhe falar.

Sybilla hesitou.

– Na capela? Será que ele não pode vir até aqui para falar o que quer que seja?

– Estou apenas cumprindo ordens, *milady*. Não sei do que se trata e nem porque mandou lhe chamar.

Guermont parecia contrariado. E por que não estaria se tinha tantos afazeres e não tinha tempo para ficar discutindo com ela? Ele suspirou.

– Perdoe-me, *milady* – começou ele. – Não pretendia descontar meu mau humor em você.

– Não tem problema, Guermont. Mas você me surpreendeu – disse ela, estendendo a mão para ele. – Estou pronta. Aldys, você não precisa me acompanhar.

Ela não conhecia padre Medwyn, mas não queria sua criada por perto caso ele fosse falar sobre assuntos particulares. Ela só sabia que o padre tinha chegado com lorde Soren e ficado. Ele era saxão, da região oeste, de Wessex onde ficava o centro do poder dos Godwinson. Além disso e do fato que tinha celebrado seu casamento, ela não sabia mais nada sobre ele.

Guermont continuou com seu hábito de contar cada passo que davam e fez uma pausa antes de começarem a terrível descida da escada. Desta vez, havia uma novidade.

– *Milady*, estique sua mão direita até tocar a parede – disse ele. – Não, abaixe mais a mão. – Sybilla sentiu uma corda, presa por postes à parede de pedra.

– O que é isto? – Ela passou a mão pela corda e percebeu que ela acompanhava os degraus da escada.

– É para lhe servir de apoio. Lorde Soren pensou que se você se segurasse nela, poderia se sentir mais à vontade ao descer.

Espantada por ele ter feito isto, Sybilla tentou se segurar na corda enquanto Guermont a guiava na descida. O percurso pareceu bem mais rápido e suave do que das outras vezes. Quando chegaram no andar de baixo, Sybilla abriu um sorriso de satisfação. Mesmo sem saber o que o levou a fazer isto, ela estava agradecida. Guermont fez uma pausa como se eles fossem parar, mas em seguida retomou a caminhada. Em pouco tempo eles chegaram na capela, pois o caminho estava bem pavimentado e havia uma calçada de pedra no que antes era feito de terra batida. Guermont a conduziu para dentro da capela ao chegarem.

– Seja bem-vinda, *lady* Sybilla – disse uma voz masculina. – Sou padre Medwyn de Shildon, mas agora estou a serviço de lorde Soren e do povo daqui. – Ela ouviu o barulho de um móvel sendo arrastado no chão de pedra na sua direção enquanto ele falava.

– Sente-se aqui, senhora – continuou ele. – Fique à vontade.

Guermont a conduziu até a cadeira e a ajudou a sentar.

– Senhora, padre Medwyn me chamará quando estiver pronta para voltar ao castelo.

Sybilla pôde ouvir os passos dele ao sair da capela e deixá-la com o padre. Sybilla tentou não se agitar, mas era difícil nas atuais circunstâncias. Ela não tinha como saber se estavam sozinhos ou se havia mais alguém com eles. Por isso, ela resolveu perguntar ao padre.

– Padre, nós estamos sozinhos?

– Sim, senhora. Estamos a sós.

– Trouxe-me até aqui para ouvir minha confissão? – Há muitas semanas ela não confessava. O padre riu, ele tinha uma risada gostosa e ela sorriu.

– Não, senhora. Mas se quiser se confessar, estarei à sua disposição. Quando terminarmos.

Sybilla começou a ficar curiosa. Se não era para se confessar, para que seria?

– Lorde Soren me pediu para falar sobre o casamento de vocês.

Ela podia imaginar tudo, menos isso. Então, ele acabou entendendo que sua vontade de ir para o convento era a atitude correta.

– O que quer discutir comigo, padre? Ele já decidiu contestá-lo? – Uma anulação não seria demorada se o rei dele o apoiasse. Ela poderia se mudar para o convento e esperar o resultado lá. Ela sentiu a mão do padre na sua, como se quisesse consolá-la.

– Ele está lhe dando a oportunidade de fazê-lo. Ele me disse que você quer se retirar para um convento.

Ela estava espantada com o que o padre dizia. Lorde Soren ia permitir isso? Agora que ela sabia o motivo da raiva dele e como isso o afetava, ele deve ter entendido que nunca a aceitaria como esposa dele?

– Sim, padre. Esse era meu plano no dia em que ele chegou aqui. – Ela mal podia acreditar que isso seria tão fácil de terminar. – Ele concordou com isso? Sério mesmo?

– Sim, *milady*. E ele vai fornecer uma doação para o convento para permitir sua entrada lá.

Isso tudo parecia ser bom demais. Ele não parecia ser o tipo de homem que permite que uma mulher o abandone. Pelo que soube através de Gytha, ele estava acostumado a ter as mulheres vindo atrás dele. Devia ter alguma coisa por trás disso.

– Qual é o preço da minha liberdade, padre? O que lorde Soren quer em troca?

– Para ser sincero, ele não me disse nada a esse respeito. Ele veio aqui para saber da validade do casamento e se podia ser anulado. Depois ele me pediu que falasse com você para explicar isso. E para que você tivesse certeza de que ele não pretendia impedi-la se decidisse se recolher no convento.

Ela se recostou na cadeira e refletiu sobre a estranha situação. Ela quis saber mais informações.

– Então, por favor, padre, explique para mim o que disse a lorde Soren.

– Pela natureza do seu impedimento, sua cegueira, o casamento pode de fato ser anulado. Sua condição, se for permanente, vai impedi-la de desempenhar as funções legais e conjugais e poderia prejudicar algum filho que viessem a ter. – Sybilla ficou chocada com o que o padre falou, mas ele ainda não tinha terminado. – E embora lorde Soren tenha se casado já sabendo da sua condição, ele pode argumentar que não sabia que o problema seria permanente. Portanto, pode requerer a anulação a qualquer momento sem prejuízo.

– Quer dizer então, se o casamento não for consumado, a qualquer momento ele pode me deixar de lado?

– A consumação do casamento não fará nenhuma diferença neste caso, *milady*. Quando ele entender que você não vai voltar a enxergar, pode dar um fim ao casamento.

– E se o problema for passageiro, como eu acho que será?

Sybilla não se importava quem havia dito que o problema dela era permanente, ela não acreditava. Não podia ser. Quando o inchaço na cabeça e em volta dos olhos passasse, ela recuperaria sua visão.

Sua visão voltaria.

Tinha que voltar.

Sybilla respirou fundo, pois não queria pensar na possibilidade de passar o resto da vida nesta escuridão. O padre bateu de leve na sua mão. Ele podia não acreditar, mas ela acreditava. Ela voltaria a enxergar.

– Caso a anulação do casamento saia antes da sua visão voltar, você estará livre para se casar como quiser, assim como ele. Se sua visão voltar antes, então você continua casada aos olhos de Deus e da Igreja.

– Ele sabe disso?

– Sim, *milady*. Há mais alguma pergunta para me fazer?

– O que ele quer, padre?

O padre soltou um suspiro que ecoou pela construção de pedra. Ela quase podia ver as lindas janelas que seu pai mandou fazer em memória de sua mãe, do lado oeste da capela. A cerimônia de noivado do seu irmão tinha sido aqui, assim como teria sido a sua, se seu pai não tivesse morrido. Antes de partir para atender ao chamado de Harold, ele falou sobre um possível contrato de casamento para ela.

– Lorde Soren não discutiu sobre as preferências dele comigo, apenas possibilidades. Estou certo de que ele vai conversar com a senhora sobre os detalhes da situação de vocês. – Ela ouviu o padre se movimentar pela capela e concluiu que a conversa estava encerrada. – Vou chamar Guermont para levá-la de volta ao castelo – disse ele.

– Padre, por favor, posso ficar aqui alguns minutos antes que o chame? Tenho muito que pensar – disse ela. Sybilla não queria encontrar suas criadas, ou qualquer outra pessoa, antes de refletir bem sobre este assunto. Não queria nem estar perto de alguém até pôr em ordem seus pensamentos. Se fosse discutir o assunto com Soren, ela precisava saber o que queria, primeiro.

– Claro, senhora. Já terminei minhas orações, então fique o tempo que quiser, só me avise quando estiver pronta. – Ele começou a se afastar, mas parou. – Caso queira saber, você está de frente para o altar.

Sybilla sorriu por ele ter notado suas pequenas dificuldades. Ela fez o sinal da cruz, depois fez as orações de sempre, pelos parentes mortos, pela sua gente. Quando terminou de rezar, ela resolveu enfrentar o problema.

Mas se deu conta que não podia fazer isso. Pois como seu marido, lorde Soren tinha esse poder e até que ela soubesse dos planos dele, nada do que ela decidisse importaria. Resolveu esperar alguns dias e depois pediria para falar com ele. Se ele já tinha falado com padre Medwyn era porque devia

querer isso tanto quanto ela. Não havia razão para ela ficar aqui. Quando ouviu que o padre tinha feito uma pausa nas orações, ela o pediu para chamar Guermont.

A caminhada de volta para o quarto foi quase agradável, agora que tinha tirado o peso do seu futuro dos ombros. Havia no ar um cheiro de chuva recente e ela respirou fundo, encantada. Já passava do meio-dia e fazia calor, mas assim que anoitecesse a temperatura ia cair. Alston ficava bem ao norte da Inglaterra e seu clima era bem agradável, apesar de muito úmido durante a primavera. Agora, com o fim do verão e a chegada do outono, deviam ter uma boa colheita se a guerra não viesse para atrapalhar novamente.

Mas de repente ela se deu conta de que não estaria mais aqui para trabalhar na colheita. Sybilla nunca mais ia armazenar os grãos e os vegetais, nem supervisionar o abate dos animais para estocar as carnes para o inverno. Não estaria aqui para o Natal e o Ano Novo. Nem quando a primavera chegasse com suas cores nas encostas e diferentes aromas no ar.

– Senhora? – perguntou Guermont. – Está se sentindo bem?

Sybilla tinha se preocupado tanto em fugir que não pensou que estaria deixando sua terra. Quando seu pai falou em noivado ela sabia que teria que viajar para as terras do marido e morar lá, mas com a morte do irmão, ela havia se tornado a herdeira, portanto, isso teria que mudar, agora. Guermont lhe tocou a mão para chamar sua atenção.

– Senhora? Ficou pálida demais, de repente. Será que foi muito cansativo? – Ele colocou o braço em torno da sua cintura para apoiá-la enquanto caminhava. Sybilla balançou a cabeça. Agora não era o momento de pensar nisso.

– Me dê um minuto, Guermont – disse ela.

Sybilla esperou que o ataque de pânico passasse e depois deixou que Guermont a levasse para dentro. A corda ao longo da escada a ajudou e logo eles chegaram no seu quarto. Ela agradeceu Guermont e já ia entrar no quarto quando a porta se abriu.

– Soren – disse Guermont surpreso.

– Entre, *milady* – disse ele para ela, convidando-a para entrar no próprio quarto.

Ao dar os primeiros passos nos seus aposentos, ela sentiu o cheiro de algumas de suas comidas favoritas e sua boca ficou cheia d'água. Codorna

assada? Será? Veado? Havia até bolos que sua cozinheira fazia em ocasiões especiais? Como podia ser? Lorde Soren pegou sua mão e a levou, fechando a porta em seguida.

– O que é isto? – perguntou ela.

Ele a guiou até uma cadeira e a fez sentar...à mesa. Ela sentiu a mesa na sua frente, passou a mão sobre ela e foi esbarrando em pratos e tigelas de diferentes tamanhos. E a medida que ela tocava um prato, lorde Soren descrevia seu conteúdo.

Ela estava certa, eram seus pratos prediletos.

– É uma ceia. Pensei que podíamos conversar enquanto comemos – explicou ele.

Para ela não combinava comer e conversar sobre o fim do casamento, mas ele não parecia se importar com isso. Ela havia comido muito pouco nas últimas semanas, limitando-se a caldos e sopas. Com uma tigela e uma colher, ela podia se virar sozinha. Se a comida era um pouco mais trabalhosa, ela nem tentava comer.

– Não estou com fome, lorde Soren – começou ela, balançando a cabeça. – Mas obrigada pela gentileza.

Ela foi clara e decidida e teria convencido ele ou qualquer outra pessoa do seu desinteresse se duas coisas não tivessem acontecido: seu estômago roncou alto demais, a ponto de ser ouvido em todo o quarto e também ele colocou um pequeno pedaço de codorna assada na sua boca.

Estava suculenta, bem temperada e deliciosa.

E no momento em que provou, ela quis mais.

– Bom, não é? – perguntou ele, agora do seu lado. Ela ouviu uma cadeira arrastar no chão do seu lado. – Prove mais um pedaço – disse ele, pegando sua mão e a levando até um prato de metal na sua frente. – Experimente isto.

Ele não fez mais nada até que ela agisse como ele havia indicado. Ela deslizou a mão até sentir o metal do prato e pegou um pedaço da ave que ele havia cortado para ela. Sybilla hesitou, com medo de deixar cair no chão ou nela mesma, mas ele a forçou num tom de voz que ela não tinha ouvido antes.

– Ah – disse ele. – Já entendi qual é a sua preocupação. Não quer sujar sua roupa nem o chão. – Ele se levantou e deu a volta na mesa até se colocar atrás dela. – Vou dar um jeito nisso.

E sem um aviso, ele pôs de lado seu véu. Em seguida, suspendeu as mangas da roupa, até prendê-las nos antebraços. E finalmente, ele envolveu seu pescoço com um guardanapo e o amarrou atrás.

– Suas roupas estão seguras e protegidas, *lady* Sybilla. Fique à vontade.

Brincalhão. Ele estava sendo brincalhão com ela. Será que estava mais tranquilo agora, depois que soube que podia anular o casamento? Será que tinha deixado de lado a raiva que sentia? Este não era o lorde Soren que conhecia e ela não sabia como tratá-lo. Seu estômago roncou mais uma vez e tomou a decisão por ela.

– Tome mais um pouco – disse ele. Ela podia sentir os variados cheiros quando ele colocava os alimentos no prato. – Podemos conversar depois que você comer. Quando precisar molhar a garganta, tem um copo de cerveja à sua esquerda.

Uma vez que começou a comer, ficou difícil parar. Ela não tinha percebido o tamanho de sua fome até então. Ele cortou a carne e a ave em pequenos pedaços para ela, e completou o prato várias vezes, à medida que ela o esvaziava.

– E você, lorde Soren, não vai comer?

Mas ele ficou em silêncio. Será que Sybilla disse alguma coisa errada? Mais uma vez?

– Preciso tirar meu capuz – explicou ele. Quando ela deu de ombros, ele continuou. – Eu uso um capuz para esconder... minhas lesões, *milady*. Não gosto de deixá-las expostas. – A voz dele mudou, voltou a ser a do lorde Soren que ela conhecia. – Não posso comer usando isto.

Sybilla não sabia o que a levou a fazê-lo, mas ela achou que era a coisa certa.

– Então, tire-o, lorde Soren. Eu não vou ver mesmo e você vai ficar mais à vontade.

Depois de uma pausa, ela ouviu o tecido ser desamarrado e o som de alguma coisa caindo no chão entre eles. Em seguida, o barulho mais desconcertante, ele soltou um gemido de alívio e prazer. Embora ela soubesse o motivo disso, ela sentiu um frio na barriga.

Então, sem mais palavras entre eles, ele voltou para a mesa e compartilhou a refeição com ela, serviu mais vinho, misturado com água, já que ela não estava acostumada com a bebida tão forte, e foi oferecendo um pouco de cada comida preparada para ela. Ela tentou ir devagar, temendo

ficar com dor de barriga com tanta comilança, mas cada sabor a tentava a provar mais e mais.

As últimas comidas que ele lhe ofereceu foram bolachas doces e minibolos, ambos pequenos suficiente que ela pudesse comer de uma só vez. Ela comeu um só de cada vez, e recusou o oferecimento dele para repetir.

– Obrigada, lorde Soren, por mandar preparar isto para mim – disse ela, empurrando o prato. E pegou o guardanapo para limpar os dedos e rosto. Quando terminou de limpar as mãos, o pano foi tirado de sua mão.

– Deixe-me fazer isto, pois eu posso ver onde você se sujou – ele a provocou.

– Está tão ruim assim? – perguntou ela enquanto ele limpava os cantos da sua boca, o queixo, e os lábios. Ela passou a ponta da língua nos lábios para limpá-los. E logo sentiu que ele passava o dedo exatamente no lugar que ela lambeu. Mais uma vez ela sentiu o frio na barriga. Sybilla estremeceu e ele parou de limpá-la.

Então, achou que já estava na hora daquela conversa entre eles e não esperou que ele começasse.

– Então, me conte, lorde Soren. O que o fez decidir que não me queria mais?

Capítulo Catorze



QUE DEUS o proteja dos tolos e dos inocentes! Ele pensou quando seus lábios verbalizaram aquilo. Os lábios que o levaram a beber durante toda a refeição. Os lábios que ele queria provar. Então ele não a queria? Se pudesse, neste exato momento, ele a colocaria sobre a cama ali, tiraria suas roupas e a beijaria e provaria cada centímetro do seu corpo. Depois de tê-la tocado e beijado toda, ele se posicionaria entre suas pernas para possuí-la. Uma onda de desejo percorreu o corpo dele neste momento.

Ele não a queria?

Soren se recostou na cadeira e a fitou. Se ela pudesse imaginar o trabalho que deu para ele ficar longe de sua cama e o tempo que levou para ter coragem de falar com o padre sobre a anulação do casamento, ela nunca pensaria isso. A mente dele entendeu a pergunta, mas o corpo não.

– Tudo graças às palavras de uma criança, senhora. – Ele mudou da posição na cadeira para acomodar a ereção, que felizmente ela não podia ver, e continuou. – Enquanto eu instruía Raed a respeito de suas obrigações para com seu senhor, ele me lembrou das obrigações de um senhor com sua senhora. – Ele não devia pensar sobre essas obrigações, caso contrário, nunca concluiria o raciocínio!

– Confesso que não entendo, lorde Soren.

– Falei para Raed que era dever de um homem assumir a responsabilidade dos seus atos e admitir quando errava. É disso que se trata, Sybilla.

– Perdoe minha impertinência, lorde Soren, mas por que deveria se importar com o que acontece comigo? Você deixou bem claro o motivo da sua raiva de mim. Entendo sua raiva. E entendo que tenha vontade de se vingar. Mas isto, eu não entendo. – Ela apontou para a mesa e na direção dele.

Ele se levantou e empurrou a cadeira para trás. Sybilla ficou tensa, sem saber o que esperar. Ele já tinha visto ela ficar assim antes.

– O golpe que seu pai me deu deveria ter me matado, Sybilla. E ninguém, nem os curadores, nem os padres, nem os médicos do rei William souberam explicar como eu sobrevivi. Mas eu sei. Eu sobrevivi porque precisava me vingar dele. Só com esta ideia na cabeça eu me mantive vivo, e pude superar cada dia de sofrimento, cada cirurgia para reparar o corpo destruído, cada momento de dor quando tive vontade de desistir de tudo e morrer. A ideia da vingança me deu forças e me manteve vivo.

Sybilla estremeceu ao ouvi-lo descrever sua tortura e torceu os guardanapo que tinha nas mãos.

– Vim até aqui para lhe matar e destruir tudo que pertencia a Durward – disse ele, sem poupá-la da verdade.

Sybilla empurrou a cadeira para trás e tentou ficar de pé. Ele a segurou pelos ombros e a impediu. Fazendo-a se sentar de novo, ele explicou.

– Agora você não corre mais esse risco, *milady*. – Mas ela balançava a cabeça ao se sentar e seu rosto denunciava o pavor que sentia.

– Alston e você não eram o que eu esperava – revelou ele. – Por muito tempo eu me esqueci de que os homens que lutaram comigo sonhavam em ter um lugar para viver e por isso me acompanhavam. Eu estava pronto para matá-la até que seu povo me mostrou o que era lealdade. Quando se colocaram entre mim e você, isso me fez mudar de ideia.

Ele parou de falar e ficou olhando enquanto uma gama de emoções se manifestava naquele lindo rosto, cada uma mais reveladora. Mas a emoção que mais durou foi a que ele reconhecia de longe, pois ele usava com frequência, a de raiva.

– Então, em vez de me matar, casou-se comigo? – perguntou ela, jogando para o lado o guardanapo e segurando com raiva os braços da

cadeira.

– Naquele momento, me pareceu ser a melhor escolha, senhora.

E aconteceu uma coisa que nunca ele tinha visto, desde que a conheceu: ela riu. Não foi um risinho e nem um sorriso, desta vez. Sybilla riu alto e era um espetáculo digno de ser admirado. Era difícil de acreditar que ela era cega, pois os olhos brilhavam e as bochechas ficaram coradas. Depois a risada foi ficando mais discreta até ela voltar a ficar séria de novo.

– E agora você quer que eu vá embora?

Soren não explicou a verdadeira razão de ter se casado com ela, mas agora precisava revelar mais sobre os planos dele do que gostaria de contar para qualquer pessoa. Será que podia confiar nela?

– Alston tem uma localização crucial aqui no norte do país, Sybilla. Precisa ser preservada para garantir toda a fronteira com os escoceses e para evitar que Northumbria tome as terras de William. – Ele fez uma pausa para que ela pudesse absorver o que ele disse. – William me mandou aqui para tomar e manter estas terras e descobrir quem era leal a ele e quem queria derrubá-lo, tanto aqui quanto no sul.

Morcar e Edwin achavam que William se contentaria em ficar com as terras que pertenceram aos Godwinson, mas Soren sabia que ele pretendia reinar sobre a maior parte do país. Dominar a parte oeste da região norte era só o começo.

– Continue. – A moça inteligente sabia que havia mais.

– Os traidores estão mais próximos do que eu imaginava – disse ele. – Preciso ter certeza de que está tudo bem resolvido aqui em Alston para que eu possa me concentrar em protegê-la das ameaças que vêm de fora.

– Quer dizer que a minha ida para o convento vai livrá-lo de problemas aqui em Alston? – perguntou ela, com um brilho suspeito nos olhos.

Soren passou a mão pelos cabelos, num gesto de desânimo. Ela de fato achava que ele queria vê-la longe dali. Pelo visto, só ele acreditava que seu plano tinha sentido.

– Não, eu preciso de você aqui. Quando tudo estiver resolvido por aqui, vou tratar de pedir a anulação do casamento, se é isso que você quer.

– Não entendo – disse ela, balançando a cabeça. – Como imagina que eu possa ajudá-lo?

– Preciso me concentrar no treinamento e preparação dos meus homens e os de Giles e de Brice que vão chegar para me ajudar. Com as notícias de

rebeldes se infiltrando naquela área, tenho que reforçar as defesas do castelo. Em breve será época da colheita, preciso de alguém para trabalhar com Guermont e seus homens para supervisionar os trabalhos. Alguém com experiência, alguém que conheça os campos, as culturas e as pessoas daqui. E essa pessoa é você, Sybilla.

– Eu não posso supervisionar nada, milorde. Eu não enxergo.

As palavras amargas ficaram no ar por alguns instantes até ele adoçar a oferta.

– Vou proteger sua gente, Sybilla. Assim que a área estiver preparada e os rebeldes expulsos, no máximo em seis meses, eu vou atender ao seu pedido de partir. Cega ou não, você estará livre para partir. Poderá ir para um convento ou qualquer outro lugar, como você quiser.

– Um casamento temporário? Uma anulação mesmo que eu volte a enxergar? – Sybilla queria ter certeza de que entendia bem este trato incomum que ele queria fazer com ela.

– Sim. E caso decida que não quer mais ir para o convento, posso providenciar para levá-la para outro lugar. Será como se este casamento nunca tivesse acontecido.

Sybilla não sabia explicar por que, naquele momento, ela pensou no beijo deles e passou a mão nos lábios, lembrando-se do que havia sentido.

– Consumação? Vai querer consumir este casamento? – Ela hesitou em trazer o assunto à baila se ele não pensava nisso, mas...

– Sim – disse ele, interrompendo-a. – Vou me deitar na sua cama.

Era mais uma promessa do que uma resposta, ela sentiu. Seu corpo também entendeu isso e ela provou uma onda de calor lhe percorrer. Sybilla tinha que tomar muito cuidado com isso, pois era pior do que enfrentar os degraus da escada. Esta era uma chance de escolher o que nunca teve antes. Havia inimigos cercando Alston e ela podia ser chamada para ajudar esses invasores contra seus vizinhos ou outros saxões que foram leais ao seu rei.

E essa promessa de uma intimidade que ela nunca conheceu era, ao mesmo tempo, tentadora e assustadora. No caso de ela se deitar com ele, o resultado podia se transformar em mais um problema. Algo que ele não tinha mencionado ainda...

– Filhos? – falou ela sem querer. – E se tivermos um filho?

Embora ela estivesse disposta a desistir de Alston, e a cada minuto Sybilla tinha menos certeza disso, seria justo fazer isto com a criança que

deveria herdar a propriedade? Se essa criança existisse?

– Não haverá filho, Sybilla. Vou cuidar disso – prometeu ele.

Homens espalhavam suas sementes e disso resultavam filhos. Como um filho ilegítimo, ele sabia bem disso. Como poderia prometer tal coisa? Gytha havia lhe contado sobre o passado dele e as muitas amantes que teve. Será que com toda essa promiscuidade, ele não deixou para trás nenhum filho?

– Como pode ter certeza disso? – perguntou ela. Ela já ouvira falar de certas ervas que eram abortivas e outras que evitavam gravidez, mas será que funcionavam?

– Existem maneiras, Sybilla – falou ele no seu ouvido, assustando Sybilla e provocando arrepios pelo seu corpo. – Disso, eu entendo.

Soren encostou os lábios no pescoço dela e ela percebeu que ele sabia bem mais do que ela sobre os assuntos da carne. Sua determinação começou a vacilar quando pensou em outras questões e ela verbalizou uma das preocupações.

– Lorde Soren, eu não vou trair minha gente. Mesmo que tenha que desistir deles, por sua causa, eu não vou traí-los.

Ele não respondeu, mas ela ouviu que ele estava ali perto, e a qualquer momento poderia tocá-la. Ela imaginou que ele queria consumir o acordo assim que ela concordasse. Será que devia fazer isto?

Sybilla ficou em dúvida, não teria como provar que este acordo existia. Como lhe disse o padre, ele poderia anular o casamento a qualquer momento, o que a deixaria sem nenhum direito às terras, à propriedade e ao povo, e sem renda, sem nada além da cegueira. Ele havia jurado destruir tudo que era seu para se vingar do seu pai. Será que isto não era uma parte do plano, conseguir sua colaboração, usar suas habilidades, seu corpo e depois simplesmente deixá-la de lado quando não precisasse mais?

Ele passou a mão pelos seios dela e quase a fez se esquecer de todas as dúvidas. Ele usou os dedos para brincar com seios até deixá-los rígidos. Depois ele a beijou no pescoço e percorreu sua pele, provocando-a com mordidas e lambidas. E a mão dele lhe acariciava os seios sem parar. Ele segurou um dos seios e roçou com o dedo e apesar de estar vestida, ela sentia cada movimento como se fosse diretamente sobre a pele nua.

E quando ela se preparava para reclamar, ele a beijou na boca, provando-a e deixando que ela o provasse. A outra mão dele começou a lhe soltar a

trança. Ele a segurou perto dele enquanto a beijava e lhe acariciava os seios. Ela passou a querer mais alguma coisa, e seu corpo se oferecia para ele.

Ele não parou de beijá-la, a mão e a língua dele faziam movimento coordenados e ela estava pronta para se entregar a ele, concordar com o acordo diabólico dele se isso significasse que ela poderia ter mais disso. Em seguida, a mão dele escorregou para baixo, do peito foi para a barriga e depois continuou descendo. Era uma indecência ela ser tocada assim, mas seu corpo inocente reagiu. O local entre as pernas latejava e ficava úmido enquanto ele pressionava a mão contra ela. Os dedos longos dele procuraram o ponto certo entre as coxas e mesmo com tanto pano por cima, ela sentiu o toque íntimo.

Sybilla perdeu a capacidade de pensar. Quando ele levou a mão por baixo de suas saias e foi tocando suas pernas e subindo, ela começou a ofegar de choque e prazer.

Ela segurou o braço dele, sem saber ao certo se queria segurá-lo ou empurrá-lo.

– Está com medo, Sybilla?

– Estou – sussurrou ela. Na verdade, Sybilla estava apavorada de dar o passo que estavam prestes a dar, pois assim ele se tornaria dono do seu corpo e da sua vida.

– Confie em mim – insistiu ele, com um tom de voz sensual e atraente. – Vou cuidar de você – prometeu ele. – Posso ensiná-la a conviver com suas limitações.

Por algum motivo desconhecido, as palavras dele agiram como um balde de água fria em Sybilla. Talvez fosse a ideia de que ela nunca mais fosse enxergar e de que precisaria da ajuda dele. No entanto, isso fez com que ela desse um fim a este momento de paixão.

– Não posso – disse ela. – Não o conheço tão bem assim para confiar.

A mão dele parou com as carícias e Sybilla esperou que ele a soltasse. Seu corpo sentiu a interrupção e pulsava apesar da sua decisão.

– Eu não posso – repetiu ela.

Ele tirou a mão das suas pernas, deixou cair a saia do vestido e a ajudou a ficar de pé sozinha antes de soltá-la. Como suas pernas estavam bambas, Sybilla se segurou na beira da mesa e esperou sentir a cadeira ser trazida até ela. Então se sentou sem dizer nada.

– Desejo-lhe uma boa-noite então, *lady* Sybilla.

Pelo barulho que ouvia, ele devia estar pegando as roupas espalhadas pelo quarto, mas antes de sair, ele parou na porta. Sybilla imaginou que ele fosse dizer alguma coisa, mas ele levantou o trinco, abriu a porta e saiu. Ela permaneceu sentada, tentando se recuperar e esperando ouvir a conversa de Gytha com Aldys, se aproximando, mas não ouviu nenhum barulho.

Como esposa dele, Sybilla não tinha o direito de rejeitá-lo, então ela se perguntou por que ele teria desistido tão depressa quando essa parecia ser a intenção dele o tempo todo, o de reivindicar os direitos de marido. O acordo que ele lhe ofereceu, se foi feito de boa-fé, nunca valeria, pois os direitos dele de marido nunca seriam questionados nestes assuntos. Lorde Soren poderia ter tirado sua virgindade esta noite, ela querendo ou não, e ninguém teria questionado os direitos dele de fazê-lo.

Portanto, se ele queria possuí-la, por que parou? Por que queria seu consentimento quando isso não era necessário?

Sybilla já estava quase refeita quando ouviu vozes no corredor, vindo na direção do seu quarto. Seu rosto voltou a ficar quente ao se lembrar de que teria que dar alguma explicação do que tinha acontecido quando Gytha e Aldys perguntassem. E elas certamente perguntariam. Ela ainda não tinha pensado no que dizer quando as duas entraram no quarto.

As duas pararam ao entrar, deviam estar vendo a mesa arrumada, as duas refeições, os copos de vinho, sua senhora descabelada... Ai, meu Deus! Ela tinha se esquecido da sua aparência. Ele havia soltado sua trança e tirado seu véu e o jogado para o lado. Mas elas não disseram nada, só perguntaram se ela gostou da refeição.

Sem poder falar sobre o acontecido, ela se queixou de dores na cabeça e em pouco tempo estava deitada na cama. Aldys sentou com ela por pouco tempo, mas foi embora quando Sybilla a mandou.

Exausta pelos acontecimentos do dia e confusa pelo ocorrido à noite, Sybilla imaginou que pegaria no sono instantaneamente.

ALGUMAS HORAS depois, bem depois da calmaria que tomou conta do castelo, ela continuava se virando de um lado para outro na cama, o corpo excitado com as emoções que Soren havia despertado e a mente querendo entender o motivo da oferta desconcertante dele.

Se ele a desejava e pretendia manter Alston, por que a deixou livre para ir embora?

Capítulo Quinze



SOREN RESOLVEU caminhar, pois estava muito agitado para dormir e excitado demais até para descansar. Era uma coisa difícil para ele à noite, pois a visão de um olho ficava bem limitada no escuro. A lua iluminava bastante e ele pensou em ir até o rio buscar alento com o barulho das águas, mas decidiu apenas caminhar.

Ele não tinha planejado possuí-la esta noite, mas como surgiu a oportunidade, e ela pareceu receptiva, ele quis tocá-la. Foi a perdição dele, pois bastou tocá-la, sentir o gosto de sua pele para ele querer mais e mais. Ela talvez nem tenha percebido o quanto ficou excitada nos braços dele. Seu corpo respondeu a cada toque dele, se arrepiando e se oferecendo a ele.

Ele soltou o capuz e o retirou. Nossa, que alívio sem ele. Em seguida, ele secou o suor da testa mais uma vez. Revivendo suas reações, até em pensamento, era excitante demais.

E o fez se lembrar daquele homem que ele foi um dia e da facilidade com que seduzia as mulheres.

Mas isso foi antes.

Ele tropeçou em uma pedra no caminho que não viu por causa da pouca luz. Era bem-feito para ele por ter tentado caminhar aqui sozinho quando estava tão distraído pensando na bela esposa que o rejeitou na última hora.

Ele podia muito bem compreender sua falta de confiança, afinal, tinha acabado de ameaçar destruir tudo que era dela. Não poderia recuperar sua visão, exatamente como ninguém poderia restaurar o corpo dele, mas ele achou que seria uma boa coisa se lhe fizesse ser útil novamente.

Soren imaginava que ela achava ser de pouco valia para seu povo agora. Também sabia que ela se achava incapaz de desempenhar qualquer função que exercia antes. Ela não se dava conta, como aconteceu com ele no início, que sua mente era a parte mais importante, além de sua experiência e conhecimento, mais do que sua visão e sua capacidade de tecer.

Ele contornou a parte sudoeste do muro e parou.

Tecelagem.

Soren se lembrou das mulheres velhas, quase cegas, que havia na aldeia onde cresceu, que teciam quase sem enxergar o trabalho diante delas, depois que outra pessoa tinha enrolado o fio colorido que elas precisavam. Elas tinham ajudantes para apoiá-las com a lançadeira, de um lado para outro, tecendo o pano. Sybilla nunca poderia voltar a tecer grandes tecidos, nem tecidos com desenhos complicados, mas poderia trabalhar coisas mais simples. Sorrindo, ele se perguntou se os homens teriam jogado fora o tear quebrado da esposa.

Será que Deus o condenaria por ter mentido para o padre? Pois Soren não tinha a menor intenção de rejeitar Sybilla se ela continuasse cega. Isso era uma resposta para ele e não se importava se a Igreja achava que fosse um impedimento. Ele considerava a cegueira de Sybilla uma dádiva, uma bênção na sua vida desgraçada, e ele rezava dia e noite para que continuasse assim.

Soren não tinha falado toda a verdade para ela e Sybilla deve ter percebido que ele estava escondendo alguma coisa. Ele sabia, mesmo que nunca admitisse isso para ninguém, que caso sua visão voltasse, ela nunca seria capaz de olhar para ele sem achá-lo horrível, com a pele rasgada revelando o osso, cicatrizes pela cabeça e pelas costas. E pior ainda: ele sabia que ela nunca ia querer continuar casada com ele e ele não ia tolerar o olhar de pavor nos olhos dela, então ele pretendia libertá-la de qualquer maneira.

Ele não tinha mentido para ela sobre precisar de sua ajuda em Alston. E o que ele de fato estava lhe oferecendo, em troca, não era sua liberdade, mas uma chance de ganhar confiança e experiência vivendo sem enxergar num

lugar onde ela havia vivido, antes de partir para morar em outro lugar. Assim como ele precisou reaprender a caminhar, ver, lutar e cavalgar, ela teria que fazer o mesmo. Que lugar melhor para fazer isso do que Alston, onde ela devia conhecer cada cantinho? Mas Soren evitou dizer isso pois estava se aproximando o momento de Sybilla começar a sentir pena de si mesma.

Soren sabia disso porque já tinha passado por essa experiência.

Assumir a responsabilidade por seus atos significava que ele iria dar a ela a melhor chance de sobreviver na noite escura que estava se aproximando.

Ele queria muito poder conversar com alguém e queria que Brice chegasse com seus homens para ele ter um amigo com quem falar. Por mais que detestasse pensar nisso, ele precisava de ajuda neste assunto. Ele precisava de alguém em quem confiasse.

Soren passou pelo portão pela quarta vez e resolveu entrar. Ele ia procurar pelos restos do tear no calabouço do castelo e depois se recolher pela noite. Tinha muita coisa para fazer pela manhã.

Ele ficou contente de encontrar o que restou do tear, com seus fios pendurados.

Sem nenhuma experiência de trabalhar com madeira ou com tear, ele não sabia dizer se o objeto podia ser reconstruído ou se precisaria fazer outro novo, mas tinha muitos homens aqui que entendiam do assunto e ele ia se aconselhar com eles pela manhã.

Quando estava voltando para a cozinha, viu um casal conversando nas sombras perto da porta da cozinha que se abria para o pátio. Ele logo reconheceu o casal, era Larenz e Aldys, uma das criadas de Sybilla.

Que interessante...

Soren não tinha reparado com que companhia feminina o velho se distraía. Mas isso seria muito útil para ele, e de grande ajuda para o plano dele. Ele precisava de alguém que pudesse confiar e em quem Sybilla também confiasse. Pela manhã, ele pretendia conversar com Larenz sobre isso.

Ao chegar no quartinho onde dormia, ele já estava convencido de que as coisas entre ele e Sybilla iam dar certo, ele ia ganhar uma esposa, pelo menos uma esposa temporária, e ela teria a chance de se tornar mais confiante antes de sair de Alston para ter uma vida nova.

Ou antes de aceitar que estava cega e ficar com ele.

DEPOIS DE uma noite mal dormida, o vento e a chuva do lado de fora deixaram Sybilla com vontade de passar o dia todo encolhida na cama. A tempestade forçou a maioria das pessoas a procurar abrigo dentro de casa, mesmo assim ela ouviu vozes de homens brigando no pátio. De vez em quando, ela ouvia a voz de Soren, mais alta do que as outras, dando ordens e comandos aos homens. Quando Gytha e Aldys apareceram, ela as despachou e ficou na cama, alegando a mesma dor de cabeça da noite anterior. Aldys voltou várias vezes para ver se ela estava bem, mas nem assim Sybilla se animou a sair da cama.

Os homens terminaram de treinar bem na hora, pois, em seguida, a chuva piorou bastante e ao meio-dia raios e trovoadas tornaram impossível ficar do lado de fora. Ela se forçou a sair da cama e conseguiu encontrar sua roupa para vestir. Foi fácil se vestir, difícil era amarrar os laços sem ajuda. Sybilla esperava que Aldys voltasse logo, pois ela foi forçada a se sentar com a roupa toda aberta nas costas e esperar pela serva. Ela puxou o cobertor da cama e se enrolou nele para se esquentar. Assim que ouviu a porta se abrir e Aldys entrar, Sybilla se levantou e virou as costas para a porta.

– Aldys, por favor, amarre meus laços – disse ela, tremendo de frio depois que o cobertor escorregou.

As mãos que amarraram seu vestido não eram da sua criada. Ela começou a se afastar, mas ele a segurou e a firmou diante dele. Lorde Soren, ela soube quando ele deu um risinho.

– Não é Aldys, mas acho que vou conseguir amarrar os laços do seu vestido. – As mãos dele seguraram os laços e começaram a amarrá-los. Ela podia sentir o calor das mãos dele que encostavam na sua pele e de novo ele deslizou a mão sobre o vestido para acertar sua roupa.

Seu corpo se lembrou daquele toque e ela tentou evitar o calor que sentia. Como seria se ele desamarrasse os laços e enfiasse a mão dentro de sua roupa e tocasse seus seios como fez na noite passada? Se puxasse sua roupa para baixo e encostasse o peito duro dele no seu? Se ele...

– Pronto, Sybilla. Você está toda amarrada – disse ele e depois de um passo atrás.

As bochechas de Sybilla deviam estar vermelhas e os bicos dos seios duros contra a roupa. Será que ele notaria? Claro que sim! Um homem com tanta experiência com mulheres sabia detectar sinais de excitação e sabia quando sua sedução tinha funcionado. Sem dúvida ele observava cada movimento da presa. Ela respirou fundo e tentou recuperar seu controle diante da proximidade dele.

– Obrigada, lorde Soren.

– Meu nome é Soren, Sybilla. Quero que me chame assim.

Foi o que a serpente disse para Eva no jardim do Éden.

Ela mudou de assunto.

– Não sei para onde foi Aldys – disse ela, se afastando alguns passos, esperando não bater na parede.

– Ela saiu para executar uma missão para mim – disse ele. – Ela deve estar de volta logo.

Então, eles ficariam sozinhos, até sua criada voltar. Sybilla se virou e tentou adivinhar onde ele estava, mas ela ficou desorientada quando ele a tocou. Ele segurou sua mão e a puxou.

– Venha, sente-se aqui na sua cadeira – disse ele, puxando-a e colocando sua mão sobre o braço da cadeira. Ela sentou e puxou o cobertor para se cobrir.

– Gostaria de lhe pedir um favor, se não se importar, Sybilla.

Ele agora estava do outro lado do quarto e ela ficou mais relaxada.

– Um favor, lorde Soren? – Ela ainda levaria algum tempo até conseguir chamá-lo pelo primeiro nome.

– A chuva fria da sua terra sacrifica minhas cicatrizes. Posso usar seu quarto para um banho novamente? – perguntou ele.

– Sua terra é mais quente do que a Inglaterra? – perguntou ela, tentando não pensar nele tomando banho no seu quarto, nu. Em vez disso, ela se deu conta de que ele nunca falava de sua terra natal. Tudo que ela sabia era por conta dos mexericos de Gytha conversando com Stephen.

– *Oui* – disse ele. – Sim. A brisa do mar e o sol esquentam a terra lá. A Bretanha é um lugar lindo – explicou ele.

– Alston e a Inglaterra são lindas – retrucou ela, sentindo que precisava defender a honra de sua terra. – Mas chove com muita frequência. – O que era verdade, mas ela não conhecia outros lugares além deste. O máximo que

chegou foi até Hexham, uma vez com o pai, por isso não tinha como comparar.

– Então, posso mandar providenciar o banho? – voltou ele a perguntar.

– Sim, lorde... Soren. Quando vai querer tomá-lo?

Os servos precisavam de tempo para esquentar a água e trazê-la até o quarto. E ela precisava de tempo para ficar em outro lugar, ela pensou, sentindo uma súbita vontade de visitar a cozinha e agradecer o cozinheiro pela ceia da noite passada.

– Eu esperava que sua resposta fosse positiva, por isso mandei Aldys providenciar meu banho antes de vir até aqui.

Ela se levantou, segurando o cobertor, e acenou. Ela vinha contando os passos nos últimos dias, igual como Guermont fazia quando a conduzia, e sabia que a porta ficava a seis passos da cadeira. Sybilla foi até a porta e percebeu que ele estava atrás dela.

– Não precisa sair, Sybilla.

– Quero que se sinta à vontade, milorde – disse ela, abrindo o trinco da porta.

– Eu a assustei ontem à noite e peço desculpa pela minha ousadia – disse ele baixinho.

Ela não ficou assustada com ele, e sim com a reação do seu corpo. Este estranho podia tocá-la com tanta intimidade e seu corpo pedia por mais que ela mal podia acreditar. Sybilla levantou o trinco.

– Para onde você vai? – perguntou ele, sem sair de perto dela, tão perto que ela podia sentir a respiração dele no seu rosto.

– Não tenho estado no salão ultimamente. Acho que vou visitar as pessoas lá – disse ela, tentando soar confiante.

– Então segure meu braço, deixe-me acompanhá-la até lá.

Do jeito que ela tremia, era uma boa sugestão, pois podia cair escada abaixo em vez de descer os degraus. Ele levantou sua mão e a colocou sobre o braço dele e abriu a porta. Ao passarem pelo corredor, ela notou que ele estava molhado. E gelado. Eles chegaram no topo da escada e pararam para ela encontrar o corrimão de corda. Ela ficou surpresa quando ele fez da mesma forma que Guermont, descendo um degrau de cada vez e contando baixinho.

Pelo barulho que ouvia ao se aproximarem, muitos estavam ali abrigados da chuva. Por causa dos vários ataques naquela região, Guermont

tinha lhe dito que lorde Soren mandou que todos que moravam na aldeia se mudassem para o castelo. Portanto, o lugar estava bem movimentado agora, mas ficou mais silencioso quando eles entraram.

Sem contar com os soldados dele, Sybilla conhecia todo mundo em Alston, desde que nasceram, mas sentia-se entre estranhos. Sem poder vê-los, ela ficava pouco à vontade. Lorde Soren a conduziu, sussurrando indicações pelo caminho até chegarem na frente do salão e da mesa principal que estava sempre no mesmo lugar.

– Tragam uma cadeira para a senhora – gritou ele ao se aproximar da mesa. Ela ouviu uma algazarra e então lorde Soren fez uma pausa. Ele levantou sua mão da dele e a posicionou para que pudesse se sentar. Inclinando-se para ajeitar o cobertor, ele disse baixinho:

– São alguns passos para frente, depois mais outros para a direita até chegar na escada. Mas vou mandar Guermont aqui caso precise voltar para o quarto antes que eu acabe o banho.

Ao falar isso, ela sentiu um calor no corpo e no rosto. Ele fez isso de propósito, ela sabia. Ela esperou que ele saísse até poder ficar à vontade. Sybilla soube quando ele saiu, pois as pessoas ali voltaram a fazer barulho e falar normalmente. Levou alguns minutos até alguém se aproximar dela. Sybilla falou com cada um deles, perguntava pela família e seu bem-estar. Levou algum tempo até ela se dar conta de onde estava sentada.

Passando a mão pelos braços da cadeira e sentindo a madeira entalhada, ela reconheceu a cadeira, era a cadeira do senhor. Então, enquanto sentava na cadeira que foi do seu pai, ela entendeu o peso daquilo.

Ele se fora. Seu pai. Seu irmão. Todos que ela amava e que amavam-na se foram.

Agora, quando seu povo mais precisava dela, não podia fazer nada por eles. Não podia sequer vê-los, não podia saber como estavam. Nunca mais ela veria seus rostos, não veria o sol nascer nem se pôr sobre o castelo de Alston.

Eles tentaram falar com ela e fazer com que aceitasse o inevitável, mas ela se recusava. Agora, ela se deu conta, não houve nenhuma melhora na sua visão desde o dia em que aconteceu. Nenhuma melhora. Nenhum sinal de luz. Nada além da escuridão em volta dela. Ela começou a se sentir sufocada e lha falava ar para respirar.

Ofegante, ela ficou de pé abruptamente querendo se afastar dali, da verdade, das mentiras, de todos e qualquer um, mas não tinha para onde ir. Eles chamavam seu nome, tentando ajudá-la, mas tudo se transformou em gritos, zombarias, insultos vindo de todos os lados. Ela cambaleou para frente, contando os passos, tentando sair dali.

Ela não podia enxergar!

Sybilla virou para um lado e para outro, tentando ver alguma luz, tentando ver um caminho, mas tudo estava escuro. Ela esfregou os olhos, tentando tirar a camada que bloqueava sua visão. Até a escuridão passou a girar em torno dela.

Ela nunca mais ia enxergar.

– *Milady* – falou alguém do seu lado. – Seu quarto fica por aqui.

Sybilla tentou ver quem estava querendo ajudá-la, mas não pôde. Sua voz soava familiar, no entanto, ela não sabia dizer quem era, por mais que se esforçasse. Em pouco tempo, ele lhe disse que os degraus estavam diante deles. Ela largou o braço dele e correu, tropeçando dois ou três degraus até encontrar a corda e ir em frente. Seus braços foram raspando na parede, ferindo a pele em cada saliência áspera e rasgando a manga do vestido.

Seu véu prendeu em algum lugar e acabou sendo arrancado. Suas mãos escorregaram na corda e queimando as palmas. Mesmo assim, ela correu. Todos chamavam por ela, mas ela não viu ninguém. Ela não podia ver.

Sem fôlego, ela tropeçou e caiu contra a parede. Lutando para ficar de pé, ela correu de novo, desta vez para procurar quem havia causado tudo isto. Ele a deixou cega e ela o faria pagar por isto. Sybilla foi se apoiando na parede até chegar no seu quarto e abrir a porta, ignorando todos atrás dela que chamavam seu nome. Todos queriam detê-la.

– Sybilla! – gritou ele quando ela entrou no quarto. Ela ouviu barulho de água, ouviu água entornando no chão, mas não importava. – Pare! – mandou ele, mas ela ignorou.

A porta bateu forte atrás dela.

Ela nunca mais ia ver.

Esta verdade martelava na cabeça, no coração e ela ficou sufocada. Sybilla procurava pela pessoa que foi responsável por isso. Ele ainda se orgulhou do que fez. Ele roubou suas terras, roubou sua visão, roubou sua vida.

– Sybilla – disse ele, baixinho agora. – Sybilla.

A dor dentro dela era tão grande que ela só pôde reagir, lançando-se contra aquela voz, esperando ferir tanto quanto ela foi ferida.

Capítulo Dezesseis



SOREN ESTAVA com um pé dentro da banheira e outro fora e a pegou no momento em que ela pulou. Por incrível que pareça, ele conseguiu se equilibrar e evitar que os dois caíssem dentro da banheira. Ela parecia um animal enfurecido, ao se jogar sobre ele com os punhos erguidos. Soren lhe segurou as mãos e então ela passou a usar os pés para chutá-lo.

– Sybilla – sussurrou ele. – Você precisa se acalmar.

Mas Soren sabia que ela não ouvia. Em plena crise de pânico e raiva, ela não conseguia ouvir nada exceto os próprios gritos. Ele sabia disso. Ele tinha vivido a mesma experiência.

Sybilla precisava colocar sua raiva para fora, então Soren fez movimentos lentos para sair da banheira pois ela continuava batendo nele. Ele saiu e se afastou dali. Ela foi diminuindo a cada passo, a gritaria foi acabando e os golpes escasseando. Ela ficou ofegante, como se não conseguisse respirar. Ele foi até a cama e a botou no colo dele. Ignorando sua agitação, ele colocou uma das mãos no seu peito e outra nas suas costas e falou devagar com ela.

– Empurre minhas mãos, Sybilla. Empurre com a sua respiração – insistiu ele. Demorou mais um minuto até ela conseguir, e ele sentiu os pulmões dela se expandindo. – Boa menina. – Ele diminuiu a pressão, mas não tirou as mãos.

Alguém abriu a porta e Soren fez sinal para não entrarem. Ele não queria ninguém no quarto, pois além de estar nu, queria evitar constrangimentos para Sybilla quando ela voltasse a si. Mesmo cega, ela ficaria mal quando se lembrasse, caso acontecesse, do que fez. Tudo seria resolvido mais tarde.

Soren achou graça de tamanha ironia, já que ele pretendia fazê-la sofrer até poucos dias atrás. Mas agora, o coração que ele achou que era frio e vazio, e até morto dentro dele, estava apertado ao ver a jovem mulher passar por tanto sofrimento assim.

– Foi você quem fez isto comigo – disse ela chorando. Ele viu sangue escorrendo dos seus pulsos fechados quando ela os ergueu para socar o peito dele. – Você... fez... isto... isto... comigo. – Ele lhe segurou as duas mãos e as trouxe junto ao peito dele.

Qualquer coisa que dissessem agora, não teria a menor importância. Ela precisava pôr para fora toda raiva e medo que sentia de ter que enfrentar a cegueira. Ela ainda teria outras crises, além desta, mas já era um começo. Era como se perfurasse um abscesso com uma agulha para dar um alívio mas o resto ainda precisava sair até curar totalmente.

Ela ainda teve várias outras crises nas horas seguintes, cada episódio durava menos tempo que o anterior até que ela desabou sobre ele como uma boneca de pano que tinha perdido todo o recheio. Sua respiração estava curta e a pele suada e pálida, mas o coração batia forte no peito. Soren se moveu lentamente para colocá-la deitada na cama, vestiu-se e foi procurar por uma bacia com panos para limpar os arranhões nas mãos, no rosto e onde mais houvesse.

Quando ele levantou o trinco e abriu a porta, um verdadeiro exército apareceu diante dele querendo entrar. Soren balançou a cabeça e disse o que precisava. Mas Aldys não saiu dali e mandou Gytha ir buscar suprimentos e remédios.

– Senhor – começou ela a argumentar ao lhe entregar gaze e unguento trazidos do estoque de Teyen.

– Nem pense em dizer nada, Aldys – disse ele baixinho. – Eu vou cuidar dos machucados da sua senhora e quando ela puder receber visitas, eu a chamo.

Aldys ficou contrariada, mas teve que se manter calada. Sabiamente. Ele percebeu e acenou para ela antes de fechar a porta.

Soren levou tudo para a cama, puxou uma pequena mesa e arrumou antes de tocá-la. Ele pegou um pouco da água do banho dele, colocou numa bacia e misturou com água fervendo e molhou o pano dentro dela. Com cuidado, ele abriu as mãos dela, uma de cada vez, e limpou a sujeira e o sangue das palmas. Ela gemeu e gritou no sono ou desmaio, mas não acordou.

Soren foi tirando suas roupas para poder limpá-la melhor, primeiro limpou as mãos, depois a virou de lado para poder desamarrar o vestido e puxá-lo pela cabeça. A camisola, usada pelas mulheres da Normandia e da Bretanha, era mais larga e mais fácil de manobrar, então ele deixou ficar. Ele limpou os arranhões no braço dela e aplicou um pouco do unguento de Teyen. Ele se assustou quando viu seus joelhos. Pelo visto, ia demorar até sarar e ela não poderia se ajoelhar para rezar por um bom tempo.

DEMOROU CERCA de uma hora até terminar de cuidar de todos os ferimentos e depois acomodá-la na cama. Soren olhou pelo quarto e pensou em se sentar na cadeira junto à cama, mas depois resolveu se deitar ao lado de Sybilla. Mais alto que a maioria e cerca de 30cm maior do que ela, ele ficaria muito desconfortável passando a noite numa cadeira. Soren puxou as cobertas sobre ela e ficou perto o suficiente para ajudá-la, se precisasse, e longe o bastante para não se encostar nela.

Ele não dormia bem há várias semanas e não se deitava numa cama há um mês, então, com o conforto da cama aquecida, ele adormeceu em pouco tempo, assim ele achou. As velas tinham queimado até o fim, deixando-os em total escuridão e ele ficou imaginando como ela devia se sentir andando pelo quarto sem enxergar, então abriu a porta e usou a luz das tochas do corredor para se orientar. Ele acendeu uma lamparina a óleo e a colocou do lado da cama, para que pudesse se localizar e ver Sybilla.

Acomodado ao seu lado, ele velou seu sono. Ela não se mexeu, mas sua respiração estava tranquila. Soren logo adormeceu também.

SOREN SÓ foi acordar com o barulho dos homens treinando no pátio. Ele saiu da cama, foi até a janela, abriu as venezianas e viu que o sol já estava alto no céu.

Ele se espreguiçou para um lado e para outro, esticando a pele como fazia todas as manhãs. O banho da noite passada quase não fez efeito, pois não ficou bastante tempo dentro d'água. As piores partes eram o ombro e o pescoço. A lâmina do machado tinha feito um corte profundo nesta região, deixando o osso exposto e uma cicatriz que percorria as costas até o quadril. Na verdade, ele deveria estar morto por causa deste ferimento e ele se perguntou mais uma vez como foi capaz de sobreviver a isso.

Quando seu estômago roncou, ele se lembrou de que não tinha jantado na noite anterior. Ele encontrou as roupas limpas e se vestiu logo para deixar as criadas entrarem no quarto. Primeiro ele vestiu a camisa, depois a calça e a túnica, depois puxou o capuz de tecido para cobrir a cabeça. Ele usava o capuz de couro embaixo da armadura e cota de malha, mas o capuz de tecido era mais confortável dentro de casa. Ele olhou para Sybilla mais uma vez e decidiu que ficaria por perto.

Soren abriu a porta para dar de cara com toda uma comitiva esperando, servos aguardando para retirar a banheira e limpar o quarto, homens esperando as ordens dele e outros para ver as necessidades da senhora. Aldys o fitou enquanto Gytha tremia. Guermont e Stephen o fitavam abertamente por ele ter passado a noite com Sybilla. Soren abriu bem a porta e mandou que os servos entrassem.

– Não façam barulho – disse ele quando os servos passaram por ele e logo trataram de esvaziar a banheira e retirá-la do quarto. Outro tratou de acender o fogo da lareira, e um terceiro trouxe uma chaleira de ferro e a pendurou num gancho sobre a lareira.

– Teyen disse que é para a senhora beber isto ao acordar – sussurrou o servo ao sair.

Ele esperava uma bronca da criada mais velha, a intratável, mas ela não disse nada. Em vez disso, Aldys entrou com uma bandeja coberta e a colocou na mesa. Ao retirar o pano que cobria a bandeja, Soren viu uma tigela de mingau e um prato com pão e queijo. Havia ainda um copo e uma jarra. Ao revelar o que continha a bandeja, ela acenou para Soren.

– Sente-se para tomar o café da manhã, lorde Soren – disse ela, baixinho, e saiu calada.

Em poucos minutos, o quarto foi limpo, a lareira acesa e uma refeição esperava por ele. Espantado com a eficiência dos servos de Sybilla, Soren passou a dar mais valor ao trabalho da esposa. Ele sabia que ela estava no

controle do castelo desde que seu... desde que Durward morreu na batalha de Senlac, mas nunca imaginou o tamanho da responsabilidade até este momento. Apesar de suas táticas e estratégias de batalha serem bem deficientes, ela conseguiu administrar o castelo muito bem, e manteve todos bem vestidos e alimentados durante todo o terrível inverno quando muitos passavam fome e até morriam. Ela também tinha supervisionado o plantio de novas culturas e começou a construção de um novo muro para a defesa do castelo.

Ele havia chegado poucas semanas depois disso e tinha se questionado se a invasão teria sido tão fácil como acabou sendo.

Soren comeu e bebeu tudo que lhe trouxeram. Um guerreiro aprendia cedo que nunca devia desperdiçar uma refeição. Quando estava em marcha com seu exército, poderia passar vários dias até a próxima refeição, então o certo era comer de tudo, quando possível, e rezar para não demorar muito até a próxima refeição. O exército de William certa vez ficou retido em Caen durante meses por causa dos fortes ventos no canal e a tarefa mais difícil foi alimentar todos aqueles homens. Milhares de homens precisavam comer e nem todos conseguiam. Mas ele tinha aprendido a lição, pensou ao colocar de volta os pratos e copos vazios na bandeja. Ao se virar para sair para o corredor, ele notou que os lábios de Sybilla se moviam, sem emitir som.

TUDO NO seu corpo doía. Sua pele doía. Ela nem ousava se mexer para não descobrir a extensão da dor, pois até respirar fazia doer. A única coisa que podia mexer eram os lábios e os olhos. Então ela começou a rezar para que a cegueira não passasse de um pesadelo terrível e que quando ela abrisse os olhos, o dia a saudaria.

Sybilla juntou o pouco de coragem que ainda tinha e pôs à prova sua teoria. Mas a mesma escuridão implacável a recebeu mais uma vez e ela sentiu as lágrimas escorrerem dos cantos dos seus olhos cegos. A sensação de um pano no seu rosto a surpreendeu e ela se assustou, depois gemeu com a dor que aquilo lhe causava.

– Sou eu, Soren – disse ele, para avisá-la da presença dele. – O curador mandou um chá para aliviar suas dores.

A mão de Soren estava levantando sua cabeça do travesseiro. Enquanto era ele quem fazia força para levantar sua cabeça, a dor era suportável. Ela deu alguns goles e ele deitou sua cabeça novamente. Ela tentou falar, mas estava sem voz. Sybilla ficou ali quieta, sem se mexer por alguns minutos até que o chá começou a fazer efeito e as dores diminuíram.

– Deve melhorar em pouco tempo – disse ele ao dar a volta na cama e arrumar as cobertas sobre seu corpo... nu.

Ela fechou os olhos e quis morrer.

Por vários motivos, ela quis morrer bem ali.

– Cuidei dos seus machucados e passei a noite aqui, Sybilla – explicou ele quando percebeu que ela devia estar se perguntando isso. – Embora Aldys seja forte e autoritária, ela não ia conseguir lidar com a sua raiva.

Ela riu com isso, ou tentou, mas continuava chorando e não podia levar a mão ao rosto para secar as lágrimas. Mexendo os dedos, fazia a palma da mão parecer estar em carne viva. Mas ela não chorava de dor e sim da perda irreparável. Um pano encostou seu rosto secando suas lágrimas.

A atitude dele era distante e até formal ao limpar seu rosto e pedir que ela bebesse mais um pouco do chá do curador. Depois que a bebida começou a fazer efeito e aliviou a dor, ele tirou a maioria das ataduras, passou um remédio e fez novos curativos. Se ele tivesse agido com muito carinho, ela teria perdido o controle, mas a indiferença dele permitiu que ela aguentasse bem.

Em pouco tempo, Sybilla sentiu que estava adormecendo. A voz dele, grave e calma, a relaxou e ela dormiu. Isso deve ter se repetido várias vezes, mas ela não estava muito certa.

QUANDO ELA voltou a acordar o castelo já estava em total silêncio e ela percebeu que tinha anoitecido. Pelo calor que vinha de perto, ela suspeitava de que Soren estava ao seu lado.

– Como se sente, Sybilla? – perguntou ele, confirmando suas suspeitas.
– A dor diminuiu?

Ela moveu uma das mãos, cautelosamente, depois um braço, um pé, uma perna e assim foi até testar quase todo o corpo. Ela sentia dores em quase todo o corpo, alguns lugares mais do que outros, mas a dor aguda

tinha passado. Sybilla tentou pigarrear para responder, mas continuava sem voz.

Ela achou que o ouviu praguejando, na língua normanda ou bretã, e logo confirmou isso quando ele se desculpou. Soren parecia ter saído da cama, ela ouviu passos pelo quarto e depois voltou para seu lado de novo. Ele passou o braço por baixo da sua cabeça e ombros e a levantou de forma a poder beber do copo que ele lhe oferecia. O vinho agitado acalmou sua garganta e ela pôde respondê-lo, mesmo que a garganta arranhasse.

– Não está muito ruim, lorde Soren – disse ela, quase num sussurro. Ela tentou se apoiar nos braços para levantar o corpo, mas escorregou e sua mão foi parar numa perna dele, dura e nua. Uma coxa, talvez. Ela engoliu em seco e tentou agir como se não tivesse acontecido nada.

Mais uma vez ele não reagiu, mas saiu da cama e ela o ouviu colocar o copo sobre a mesa. Depois, voltou para a cama, do outro lado, e se aproximou dela. Ela esperou ele chegar mais perto mas isso não aconteceu.

Tudo bem, pois ela sabia que ele estava ali.

ASSIM ELA passou vários dias com Soren ao seu lado, noite e dia, suas criadas só entravam no quarto para atender às suas necessidades mais pessoais, depois saíam do mesmo jeito que tinham entrado, depressa e em silêncio. Ela achava que lorde Soren devia sair para cuidar dos afazeres dele, mas ele estava sempre ali do seu lado quando ela acordava. Até que um dia, ela acordou e devia ser de manhã pela movimentação dentro e fora do castelo, não havia mais nevoeiro e ela se sentia mais acordada do que nunca. Sybilla tentou se mexer, lentamente para não sentir dor e viu que já não estava sentindo. Ao tentar sair da cama, ela percebeu um peso sobre ela.

Era um grande braço que a segurava pelos quadris.

E só havia um fino lençol entre os dois corpos.

Capítulo Dezessete



— BOM DIA, Sybilla.

Ela sabia quem estava deitado ali, do seu lado, mas ele a cumprimentou com uma voz grave, aquela voz profunda de quem está acordando, como se fosse a coisa mais normal do mundo ela dormir ao lado de um homem. De novo, ela tentou sair da cama, mas ele a segurou.

— Gostaria de me levantar – começou ela, tentando alcançar as cobertas e então descobriu que estava nua embaixo delas.

Sybilla sentiu que ele se mexeu, tirou o braço de cima dela e saiu da cama. Em seguida, ele segurou na sua mão ao lado da cama.

— Você está de cama há vários dias e Teyen disse que ficará tonta nas primeiras vezes que se levantar. – Lorde Soren colocou alguma coisa na sua mão. – Achei que gostaria disso primeiro.

Era uma túnica. Ele a ajudou a vestir a túnica, felizmente sem dor, depois a segurou pela mão e a puxou para a beira da cama. Sybilla colocou os pés no chão e deixou que ele a ajudasse a ficar de pé. Infelizmente, Teyen estava certo mais uma vez e ela começou a tombar para o lado. Ela pensou em se sentar, mas lorde Soren tinha outra opinião, então ele a envolveu pela cintura e a segurou firme contra o corpo dele.

Ela logo percebeu algumas coisas em Soren. O corpo dele estava quente. E era sempre rígido, principalmente, aquela parte mais proeminente dele. E

ainda percebeu outra coisa: ele estava completamente nu. E apesar de querer se segurar para não cair no chão, ela não ousava tocá-lo, em lugar nenhum!

– Espere um pouco até conseguir se equilibrar, Sybilla – falou ele baixinho, passando o braço pela sua cintura e deixando seus braços livres. – Aguenta firme que eu vou buscar uma cadeira para você.

Ele a soltou e ela estendeu o braço para alcançá-lo ao sentir a tontura tomar conta e ameaçar jogá-la no chão. Ele segurou sua mão até ela soltar, sem dizer nada. Em seguida, ela ouviu uma cadeira sendo arrastada para perto. Uma vez sentada, Soren se afastou e Sybilla o ouvia andar de um lado para outro. Depois, quando ele pegou sua mão de novo, ela sentiu o tecido da roupa dele e soube que estava vestido. Ele colocou um copo na sua mão e quando ela estremeceu, ele explicou:

– Você queimou as palmas das mãos quando passou rápido demais pelas cordas. Teyen deixou um unguento e disse para deixar enfaixada por mais alguns dias. – Ela imaginava que ele estava perto da porta, agora, pois a voz dele vinha daquela direção. – Vou deixar que a fera entre, então se prepare, Sybilla.

Ela sorriu ouvindo aquilo, lembrando-se de que ele já tinha chamado Aldys assim várias vezes. E, de fato, ela podia ser de uma tremenda valentia quando queria ou precisava ser. O trinco da porta levantou e a porta foi aberta.

– Milorde – disse Aldys, num tom severo.

– Aldys – replicou ele. – Tenha um bom-dia, Sybilla.

Em seguida, ele saiu pisando forte e seus passos foram ecoando pelo corredor.

Aldys ajudou Sybilla a se lavar e se vestir e logo ela estava se sentindo outra pessoa. No entanto, ao se movimentar ela ainda sentia alguma dor, mas o pior da dor já tinha passado. Aldys abriu a veneziana e uma brisa quente entrou no quarto. Sybilla foi até a janela e ficou ali, sentindo o sol no rosto e querendo ver sua luz.

Bem, isso não ia acontecer. Dentro do seu íntimo, ela sabia que tinha perdido a visão. Sybilla tinha uma longa vida vazia pela frente agora.

Um som de risada lá fora chamou sua atenção. Seria algum jogo? Um concurso? Algumas vozes eram familiares, e outras tinham um sotaque carregado de estrangeiros. Outras falavam na sua língua nativa misturada

com palavras em inglês. Mas o que chamou mais sua atenção foi a alegria em suas vozes. Pelo visto, seu povo tinha chegado a um entendimento com lorde Soren e os homens dele. Eles ficariam bem porque ele os defenderia.

– *Milady*, o dia está bonito lá fora – disse Aldys, se aproximando. – Gostaria de dar uma volta?

Ela se virou para Aldys, embora não pudesse vê-la e balançou a cabeça.

– O que vão pensar de mim agora? – falou ela baixinho. – Que existe uma louca no meio deles?

– O que eles viram foi a senhora deles atormentada por uma perda irremediável – disse Aldys. Ela pegou a mão de Sybilla para lhe fazer um carinho. – Eles viram a senhora que sempre cuidou deles e de suas famílias durante o inverno e que enfrentou o senhor demônio para defendê-los. Não se preocupe, senhora. Eles entendem perfeitamente.

Sybilla sentia lágrimas nos olhos e ela resolveu perguntar o que mais a atormentava:

– Mas o que faço agora, Aldys? O que devo fazer?

– Você deve viver, *milady*.

Tão simples, essas duas palavras, mas Sybilla só podia ver as dificuldades na sua frente.

– Eu não posso enxergar. Não posso desempenhar as mais simples funções, agora. Como posso viver assim?

– Você tem um raciocínio rápido, senhora. Vai aprender logo. Vai aprender novas maneiras de realizar as antigas tarefas. E quando não puder fazer isso, vai delegar a função para outra pessoa – encerrou Aldys, rindo. – Quer mesmo ajudar o açougueiro a salgar a carne?

Sybilla sorriu com o que ela disse. O cheiro da preparação da carne fazia seu estômago revirar, mas ela fazia isso porque era da maior importância. Era um trabalho necessário e vital para a sobrevivência de todos durante o inverno. Ter alguém para supervisionar a tarefa no seu lugar não seria nada mal.

– Nunca mais serei capaz de ler novamente.

– Tem razão, senhora, mas alguém poderá ler para você. Eu mesma ficaria contente de poder fazer isso – Aldys se ofereceu. A mulher não parecia nada com uma fera, agora. Sybilla sorriu e assentiu.

Sybilla não era mulher de fugir das situações difíceis e ela se perguntou o que ela poderia fazer sem enxergar. Se lorde Soren estava sendo sincero

ao propor aquele acordo, então achava que ela podia supervisionar a colheita e a organização dos estoques para o inverno. Será que falava sério?

– Lorde Soren ofereceu fazer deste compromisso um casamento provisório se eu concordasse em assessorá-lo nos próximos seis meses.

Sybilla precisava conversar sobre este estranho acordo com alguém e achou uma boa ideia falar com Aldys. Ela servia sua família e sua mãe por vários anos e presenciou muita coisa nesse tempo. Ela não tinha planejado falar sobre isto, mas deixou escapar e agora esperava pela opinião de Aldys.

– Eu sei, *milady*.

De tudo que ela podia dizer, contra ou a favor, Sybilla não podia esperar isso.

– Você sabe? – perguntou ela. Sybilla virou a cabeça, olhando pelo quarto antes de se lembrar que não podia ver. – Tem mais alguém aqui, além de nós duas?

– Não, *milady*. Dei algumas tarefas para aquela garota tola fazer. Podemos falar sobre isto, se quiser. – Aldys segurou sua mão e a levou até uma cadeira. – Eu... – Uma batida na porta interrompeu as duas.

Sybilla esperou enquanto Aldys resolvia. Tantas perguntas passaram pela sua mente que ela levou um susto quando Aldys falou com ela bem de perto. Ela colocou alguma coisa sobre a mesa e a empurrou para perto de Sybilla.

– Lorde Soren mandou que trouxessem isto para você e avisou que é para terminá-lo. – Pela voz dela, a fera estava de volta.

– O que é? – perguntou ela, esticando as mãos sobre a mesa para encontrá-la. Uma bandeja. Uma tigela. Um prato. E logo os aromas se espalharam pelo quarto. Comida. Ele mandou comida para ela.

– Tem mingau na tigela e carne no prato. E já está cortada em pedaços – avisou Aldys, evidentemente surpresa. – Coma enquanto conversamos, senhora. Precisa ficar forte. – Aldys falava como se tudo estivesse no lugar enquanto Sybilla se sentia insegura com seu futuro.

Quando ela deixou cair o primeiro pedaço de carne, ela o pegou, e sabia que ia sujar sua roupa. Ela esticou os dois braços e pediu a Aldys que suspendesse as mangas do jeito que fez Soren e para lhe dar um guardanapo de pano. Quando sua roupa estava defendida, ela começou a pegar em cada prata e comer deles, deixando de lado qualquer comida fora do lugar.

– E quando foi que ele falou sobre isso com você?

– Na segunda noite depois que você... – Aldys fez uma pausa e Sybilla acenou. Depois que ela perdeu a cabeça no salão. – Ele trouxe as coisas dele para cá e ...

Sybilla deixou cair a tigela.

– Trouxe as roupas para cá? Ele se mudou para meu quarto?

Aldys colocou a tigela de volta nas mãos de Sybilla.

– Sim, senhora. Quando os homens dele trouxeram as malas de roupas dele, ele me pediu para acompanhá-lo até a capela. Eu achei estranho, mas Larenz também estava lá.

Aldys pausou, mas Sybilla tinha notado uma pequena mudança na voz dela quando mencionou o nome de Larenz. Ela assentiu.

– Ele não falou em contrato de casamento, mas contrato de descasamento ao falar com o padre Medwyn. Mantendo-a como sua esposa, cega ou não. Oferecendo um dote se quiser ir para um convento, e se oferecendo para montar uma casa se for preciso.

– Ele contou isso tudo para você? – Por quê? Por que falou sobre esses acordos particulares com sua criada e com o padre? – E o que aconteceu depois?

– Padre Medwyn discutiu com ele. Disse que o casamento poderia ser anulado se você ficasse cega, mas não havia como terminá-lo se não houvesse um impedimento. Lorde Soren estava convencido de que você estava disposta a acabar com o casamento de qualquer maneira então ele mandou que o padre escrevesse isso.

Ela duvidava de que alguém pudesse resistir a lorde Soren quando ele colocava uma coisa na cabeça.

– Ele disse que se você continuasse casada com ele pelos próximos seis meses, você poderia escolher e que ele ia apoiá-la.

Sybilla recostou na cadeira, deixando a comida de lado. Estava aturdida com o que ouvia de Aldys. Então ele tinha externado suas intenções diante do padre, do seu auxiliar e da criada dela... Foi por isso que ele o fez! Ela não confiou nele e nem na sua oferta, então ele fez um contrato tendo sua criada como testemunha para que ela acreditasse nele. Quando ela não disse nada, Aldys continuou.

– Nós esperamos enquanto o padre escrevia as duas cópias, reclamando e até rezando baixinho o tempo todo, e depois que lorde Soren deixou sua

marca, ele mandou que o padre guardasse uma cópia e me entregasse a outra.

– Você está com ele aí? – perguntou Sybilla, mas logo depois se deu conta da bobagem que fez.

– Está muito bem guardada para você, caso precise – respondeu ela.

– Ele dormiu aqui todas as noites? – perguntou ela. A pergunta surgiu do nada, sem nenhuma relação ao assunto em pauta, mas apareceu.

– Dormiu sim. Foi depois que o questionei sobre os planos dele...

– Você não fez isso! Aldys, ele podia ter expulsado você daqui!

– Ele sorriu daquele jeito dele, e me disse para ir com ele até a capela. E foi quando ele mandou o padre redigir o documento.

Aldys virava uma fera quando era para defender Sybilla! Ela estava desconfiada de que um homem como Soren respeitava outra pessoa forte, mesmo sendo uma mulher.

– E ele se mudou para cá depois disso? – perguntou ela de novo, pois agora ela compreendia a verdadeira razão para ele ter feito isso.

Ele estava disposto a tê-la como sua esposa, pelo menos nos próximos seis meses, e pretendia fazer valer os direitos de marido. Ela sentiu o corpo todo estremecer ao se lembrar do contato da sua boca na pele dela. Se aquilo era apenas o começo de uma relação carnal, como ela se sentiria com o resto?

– Sim, *milady*. – Aldys colocou um copo de vinho nas mãos dela e Sybilla bebeu tudo.

Estava nervosa demais para querer comer. Mas levando em conta a maneira como ele a tratou nos últimos dias, o gesto protetor de fazer aquele contrato, e do jeito que o corpo dela reagia a ele, não era para ter mais medo. Sybilla sabia que teria que enfrentar a vida sendo cega, mas lorde Soren tinha lhe oferecido uma certa escolha na sua forma de viver. Não importa como ia acabar isso, seu povo e Alston estavam garantidos.

– Aldys? Preciso aprender a descer a escada, você me ajuda?

Ela ouviu a criada responder com uma voz esquisita e sabia que ela estava chorando, agora. Afinal, ela não era tão durona como todos pensavam. Sybilla sentiu que também quase chorou, mas tratou de secar as lágrimas. Ela não podia perder tempo chorando feito uma criança, pois tinha muita coisa para fazer hoje. Ela empurrou a cadeira para trás e ficou em pé, pronta para começar a aprender a viver sem enxergar.

SYBILLA VOLTOU para o quarto, exausta, umas duas horas depois de subir e descer os degraus inúmeras vezes. Mesmo não tendo segurado o braço de Guermont e o de Aldys, ela continuou com medo de cair. Mas se ela descesse devagar e segurasse a corda para se apoiar, podia chegar lá embaixo sem cair e sem gritar como fez da primeira vez.

Quando ela resolveu parar, vencida pelo cansaço, uma multidão já tinha se formado no salão para torcer por ela. Diziam para ela ser forte, para não ter medo e as vozes ecoaram pela escada enquanto ela subia. A torcida e os aplausos deles serviram de estímulo para ela continuar tentando e servia de consolo para seu coração.

Sentada no quarto enquanto as servas traziam a refeição que ela sabia que era para dois, Sybilla entendeu que esta era apenas a primeira lição que precisava aprender. Havia muita coisa sobre ela e suas limitações que precisava descobrir antes de tomar outras decisões. A escada foi só a primeira.

Lorde Soren seria a segunda.

Capítulo Dezoito



ERA MUITO bom estar ao ar livre e sentir o sol na pele depois dos últimos dias, ele pensou. Soren foi até a parte nova do muro para encontrar Stephen e Guermont e saber das notícias de Brice. Mas mesmo ele tendo deixado Sybilla para trás, sua mente insistia em pensar nela.

Será que ela descobriu seu baú de roupas no quarto dela? Será que se opunha? Será que sabia que ele tinha dormido do lado dela nas últimas quatro noites? Seu corpo se lembrou disso. Soren tinha tocado nela, quando aplicou pomada e fez os curativos nos cortes e contusões e notou como era macia a pele dela, como eram formosos os seios. Observou também as curvas dos quadris e o pálido triângulo entre as coxas.

Ele logo sentiu um desconforto dentro da calça. Era sua ereção se manifestando. Nunca na vida ele passou tanto tempo querendo uma mulher sem conseguir tê-la. Houve época em que tinha motivos para não querer ter prazer com mulheres, mas ele nunca deixou passar uma conquista quando essa mulher estava disponível para ele.

Agora, ele estava casado e queria sua esposa e não podia tê-la. Ele mais do que ninguém sabia o que ela estava vivendo neste momento por isso não queria criar mais problema para ela. E o que ela disse para ele, aos berros, numa crise de raiva e pavor, era verdade, ele tinha causado a cegueira dela. E ele se lembrou de que ainda quis se aproveitar disso. As duas coisas já

eram motivo suficiente para ele não seduzi-la, mesmo sabendo que podia. O corpo dela estava pronto, mas sua mente ainda não.

O monstro que o pai dela criou estava mais uma vez em conflito com o homem que ele costumava ser. Ele não podia vencer, não importa o resultado. Pois se ficasse cega para sempre, ela ia querer partir quando terminasse o prazo do acordo. Se voltasse a enxergar, por menos provável que fosse, ela jamais ia querer ficar casada com ele quando visse sua aparência. E se ela descobrisse o tamanho da sua vingança, que ele tinha matado o pai dela no dia em que Durward o golpeou, ela o odiaria pelo resto da vida, cega ou não.

Que diabos! Como foi que sua vida se transformou tanto assim? Vingança era tão mais simples.

Stephen gritou seu nome e ele foi ao encontro do amigo. O mensageiro de Brice tinha chegado com a informação de que os ataques dos rebeldes estavam aumentando e parecia que vinham do oeste. Os montes Peninos, chamados assim pelos antigos romanos quando dominavam a Inglaterra, separavam suas terras da Cumbria e tudo levava a crer que era onde as forças de Edmund se escondiam.

Depois de negligenciar o trabalho nos últimos dias para cuidar de Sybilla, Soren decidiu seguir com um pequeno grupo de homens até as colinas próximas para procurar sinais de Edmund Haroldson ou dos rebeldes. Havia bastante luz natural e faria bem a ele desempenhar a única tarefa que William lhe deu em troca dessas terras e dela... encontre e destrua qualquer um que não seja leal a ele, seja saxão, normando ou qualquer outra coisa.

Quando ele encontrou os pergaminhos no castelo, Soren notou que faltava gente no castelo, gente que não constava na lista dos mortos. Não eram muitos, mas esta semana, mais dois desapareceram. Soren tinha bastante gente para cuidar da segurança do castelo, entre os que tinha aqui e mais os que deixou em Shildon até a chegada de Brice, mas não podia correr o risco de perder mais homens. Enquanto Edmund estivesse instigando o povo contra William, haveria gente querendo se arriscar ser castigado por uma vaga promessa de glória.

Harold Godwinson, que dominou estas terras e mais algumas ao sul, estava morto e enterrado. A maioria dos inimigos de William tinha sido neutralizado ou identificado. William ainda não podia enfrentar o rei dos

escoceses, mas sim impedir que seus inimigos fossem lá buscar ajuda. Soren precisava cuidar disso rapidamente.

Ele chamou pelo seu cavalo, montou nele e foi ao encontro de Stephen, saindo pelos portões e pegando o caminho que o levaria às colinas. Ao chegarem no alto, ele parou e olhou para trás para ver Alston. O castelo parecia pequeno a esta distância, quase não se via o muro. Os campos espalhados em torno do castelo pareciam uma colcha de retalhos colorida. Ao norte ficavam as terras da Escócia. Ao leste, ficava Cumbria e o mar da Irlanda. Mas as terras aqui embaixo eram dele.

E ninguém ia tomá-las dele.

ALGUMAS HORAS mais tarde, o sol já tinha se posto e eles cavalgavam com a luz do luar de volta para Alston. O cheiro gostoso de comida veio ao seu encontro no salão, assim como Larenz com notícias de sua esposa.

– O que encontrou nas colinas? – perguntou Larenz quando eles entraram juntos no pátio depois que Soren entregou seu cavalo para os encarregados da cocheira, onde estava também Raed.

– Vimos vestígios de vários acampamentos, nenhum deles muito grande. Stephen vai voltar lá durante o dia para examinar melhor. Os que vimos ficam a alguns quilômetros daqui – relatou Soren.

– Acha que Edmund pode estar por aqui? Será que pretende se instalar aqui e ter o apoio escocês?

Soren deu de ombros ao caminharem lado a lado.

– Os movimentos dele não fazem sentido. Ele não tem o apoio do que restou da nobreza. – A maioria dos nobres da corte de Harold tinha morrido nos campos de Senlac. – O herdeiro foi escolhido por ter laços mais fortes – disse Soren. – Mesmo que Edmund possa reivindicar laços de sangue com o pai – acrescentou, trocando olhares com Larenz.

A reivindicação de Edgar era ainda mais forte do que a de William, mas como só tinha 14 anos, Edgar não tinha chance contra o duque da Normandia e sua máquina de guerra. Como filho de Harold e de sua esposa não oficial, por terem se casado fora do ritual dinamarquês, Edmund não tinha direito ao trono inglês. Mas isso não o impediu de reunir um pequeno exército, em Wessex, onde estavam as terras do pai e onde iam preferir

qualquer um dos Godwinson a um estranho marchando para o norte, criando confusão e matando pelo caminho.

Edmund quase vendeu a esposa de Giles para um lorde galês em troca de dinheiro e soldados. Depois, ele se aliou a Oremund de Shildon e tentou tomar conta das terras de Brice em Thaxted. Agora, ele estava pretendendo usar Alston como base para partir para o norte. Edmund, no entanto, teria que passar por Soren para isso.

– Todos já terminaram de jantar? – perguntou Soren quando viu as camas serem colocadas no salão para a noite.

– Terminaram, sim – disse Larenz, batendo de leve nas suas costas. – Mas Aldys disse que a senhora guardou o seu prato antes de se recolher para deitar. – Então, Larenz riu. – Uma das vantagens de se ter uma esposa, não?

Soren ficou decepcionado, percebendo que Sybilla já tinha se deitado. Devia estar muito cansada, depois de sair da cama pela primeira vez nos últimos cinco dias.

– A senhora provocou uma comoção e tanto, depois que você saiu, Soren.

Soren se virou e fitou Larenz. Ele estava sendo incitado a fazer perguntas, o que ele detestava.

– Vamos logo, conte-me.

– A senhora resolveu aprender a se movimentar sozinha.

Soren preferia ter perdido qualquer refeição naquele momento. Ele achou que seus joelhos ficaram bambos, pois tropeçou e quase caiu. Sybilla ficou tonta e sem equilíbrio esta manhã ao se levantar, ele não podia imaginá-la descendo a escada sem ajuda. Ele chegou a se aproximar da escada até que Larenz o segurou pelo braço.

– Você ia ficar orgulhoso dela, Soren. Ela é tão teimosa quanto você quando se vê diante de um desafio.

– Ela chegou a cair? – perguntou ele, com medo de ouvir a resposta. Ele quis que ela saísse do quarto, mas não... não...

– O povo aplaudiu quando viu que ela estava enfrentando os medos dela. Tive um enorme prazer em testemunhar isso.

– Você viu?

– Achei melhor ficar aqui, caso ela precisasse de ajuda. Aldys me avisou antes de ela sair do quarto. Então eu vim para cá, assistir. A senhora não

desistiu. O povo assistiu a tudo.

– Sybilla está dormindo, agora?

– Está sim. Aldys separou sua comida e foi ajudar a senhora a se deitar, antes de deixá-la.

O velho Larenz e a mulher-fera. Ele estava chocado, mas ele já tinha visto casais mais estranhos.

– Mais alguma novidade?

– Ela disse que amanhã vai tentar caminhar do lado de fora.

Soren balançou a cabeça na tentativa frustrada de Larenz em querer fazer graça e fez o mesmo caminho que Sybilla tinha feito. Ele estava imaginando o medo que ela deve ter sentido, devia ter sido parecido com o que ele sentiu na primeira vez em que teve que se defender numa batalha após sua recuperação. Foi numa peleja, mas foi no campo de Senlac e ele ficou esperando um golpe mortal a qualquer momento.

Ela ia sobreviver a isso, ele sabia. Se ela recuperasse a confiança, ela seria capaz de enfrentar tudo no futuro, com ou sem ele. Ele levantou o trinco da porta com todo o cuidado.

Havia uma lamparina acesa e ele podia vê-la no canto da cama. Ele fechou a porta e retirou a cota de malha, lembrando que teria que deixar isto em algum outro lugar, na próxima vez. Embora flexível, era um traje barulhento para tirar e ele não queria perturbá-la. No entanto, ela se mexeu... Ele ficou excitado só de pensar nela enquanto tirava a calça, a túnica e o capuz.

Havia uma bacia e uma jarra com água, então ele lavou as mãos e o rosto. Depois, decidiu ficar com a camisa, pois se ela o tocasse durante a noite, ele não queria que ela sentisse as cicatrizes nas suas costas. Ao menos o linho da camisa podia evitar isso. Soren foi até a cama e ficou olhando para ela dormir.

O cabelo dela estava espalhado em volta da cabeça como se fosse uma pálida nuvem. As mulheres normalmente faziam tranças no cabelo antes de dormir, mas ela não, parece que ela preferia ter o cabelo solto. Soren percebeu que sua mão estava suando ao pensar em acariciá-los com os dedos. Ele estava tão entretido observando o sono dela que bateu com a perna na mesa ao se aproximar mais da cama e praguejou baixinho.

– Lorde Soren? – falou ela com a voz grogue de sono.

– Sou eu, Sybilla. Volte a dormir – disse ele, querendo o contrário... *merde!*

– Você comeu? Aldys disse que colocou sua comida perto da lareira para mantê-la quente.

Ela fez menção de se sentar e só puxou as cobertas no último momento, mas deu tempo de Soren ser presenteado com a visão dos seios dela. Sinceramente, naquele momento, a única coisa que ele queria na sua boca era um daqueles seios. Seu corpo ficou quente e o coração disparou.

– Não – disse ele, tentando controlar o tom de voz.

Se ela dissesse a coisa errada, qualquer coisa que parecesse um convite, ele provavelmente estaria entre as pernas dela antes que ela entendesse o que estava acontecendo. Ele respirou fundo, várias vezes seguidas, tentando não perder o controle.

– Como estão seus ferimentos? – perguntou ele. Ótimo. Pense nos hematomas, ele pensou. Ela esteve desmaiada por quatro noites, só tinha acordado hoje. Que tipo de monstro pervertido ia querer possuir uma mulher que ainda estava convalescendo?

Soren começou a sentir o rosto suar de tensão por estar se controlando para não tocá-la. Por várias vezes ele quase a tocou, mas conseguiu recuar a tempo. Como estava difícil para ele, Soren resolveu dar alguns passos para trás.

– Não sei o que Teyen colocou naquele chá mas foi de grande ajuda. Eu me senti tão bem que tive coragem de enfrentar a escada! – contou ela. Ele já sabia disso, mas ouvir o entusiasmo dela era uma coisa que ele sentiu falta desde que chegou aqui. – Eu consegui, Soren – disse ela, jogando o cabelo para trás dos ombros e permitindo que ele visse mais um pouco do seu pescoço gracioso. – Eu subi e desci sozinha!

Será que ele ouviu direito? Ela o chamou pelo nome? Ainda bem que não foi com voz ofegante e todas as conotações sexuais que passavam prazer e paixão. Se ela falasse assim, ele poderia... envergonhar-se como se fosse um garoto inexperiente. Soren se virou de costas, talvez fosse melhor ele comer para se distrair.

– Soren? – disse ela baixinho. – Lorde Soren? – insistiu.

Sua voz estava ficando cada vez mais perto.

– Sim, Sybilla? Vou comer.

Ele encontrou o pote deixado pela criada e usou o pano da mesa para tirá-lo do gancho na lareira. Ao levantar a tampa ele encontrou um guisado com uma crosta por cima. O aroma se espalhou pelo quarto.

O estômago dela roncou tão alto que os dois ouviram.

Sybilla riu e ele teve que se segurar na mesa para não agarrá-la e beijá-la até tirar seu fôlego.

– Confesso que não comi quase nada no jantar esta noite.

Neste momento ele entendeu que estava destinado a ser torturado pelos próximos seis meses pela mulher que chamava de esposa.

– Venha – disse ele, e caminhou até a cama e pegou a mão dela. Em seguida, ele pegou o robe pendurado no canto da cabeceira e entregou para ela.

Os dois se sentaram à mesa e dividiram a refeição que ele tinha planejado fazer mais cedo. Ele pegou metade do guisado e colocou dentro do copo destinado ao vinho, esmagou a crosta do molho e deu uma colher para ela. Em seguida, Soren comeu a porção que ficou dentro do pote. Ele não teve um gosto refinado, mas sabia dizer se a comida era boa ou não. E o cozinheiro de Alston era muito bom.

Se era fome ou falta de vontade de falar, não importa, logo eles estavam raspando o fundo das tigelas improvisadas. Ele pôs um copo de vinho nas mãos dela e o levou até a boca, segurando enquanto ela bebia. Ele tirou o copo antes que terminasse e ela ficou com um pouco de vinho nos lábios que logo cairia na roupa se ela deixasse. Quando viu, Soren se ajoelhou diante dela sem perceber.

Ele passou a língua nos lábios da esposa assim que o vinho escorreu e em seguida ele a beijou como vinha sonhando em fazer há dias. Com uma das mãos na cadeira atrás dela e a outra na mesa, ele não pegou nela, só encostou na sua boca. Soren pretendia parar por aí, mas ela soltou um gemido e segurou o braço dele. Então ele inclinou o rosto e a beijou novamente, um beijo profundo que acabou provocando outro gemido.

Sem soltar sua boca, Soren passou um dos braços por baixo das pernas, outro nas costas, pegando-a no colo para levá-la até a cama. Só quando sentiu que tinha chegado junto da cama, foi que ele interrompeu o beijo.

– Está com medo? – perguntou ele, como tinha feito antes. De alguma forma, agora a ideia de ter medo dele não soava bem.

Ela balançou a cabeça, ligeiramente e logo seus lábios começaram a tremer.

– Acha que pode confiar em mim? Vai confiar em mim?

Soren podia jurar que ela estava olhando diretamente nos olhos dele naquele momento. Seus olhos pareciam ver dentro da alma dele. Soren ficou na expectativa, sem saber se seria o céu ou o inferno.

Capítulo Dezenove



— ACHO QUE já confio em você, Soren.

Sybilla não estava com medo, ela estava simplesmente apavorada. Ao se lembrar do tamanho e da ferocidade dele, ela rezou para que Soren não perdesse o controle e a rasgasse toda. Todas as histórias que ouviu dele voltaram na sua mente e ela estremeceu nos braços dele. Talvez se pudesse vê-lo ele não seria tão assustador, mas não tinha como saber, por isso estava com medo.

— Serei cuidadoso – sussurrou ele para ela.

Isso parecia ser uma resposta aos seus anseios. O homem que tinha jurado destruí-la, se preocupado com seu bem-estar, cuidou dos seus ferimentos noite e dia. Ele podia tê-la possuído, como pediu para fazer agora, tomando seu corpo, mas ele esperou e pediu.

Sybilla assentiu, imaginando que ele a jogaria na cama e a tomaria. Em vez disso, ele a beijou enquanto a deitava na cama. Ela não sabia o que fazer, nem o que ele esperava dela, então resolveu perguntar.

— O que devo fazer?

Ao ouvir isto, ele riu, de um jeito gostoso e sedutor. Sybilla sentiu calafrios, mas também notou ondas de calor pelo corpo e o coração passou a bater forte.

— Permita que eu lhe dê prazer.

A voz grave e as promessas sedutoras dele fizeram seu corpo tremer todo. Ele a beijou novamente e ela deixou, abrindo-se para recebê-lo. Sybilla sentiu que seu corpo se excitava e se entregava mais a cada momento. Quando ele puxou os laços da sua camisola para soltá-la e abriu tudo, ela levou um susto.

Ela queria poder ver o rosto dele e saber se estava satisfeito com o que via. Seus seios eram normais, mas maiores do que muitos em Alston. Será que ele gostou?

Ele passou a mão pelo seu pescoço, ombro e seios. Depois, calmamente, acariciou os bicos dos seios, um de cada vez, e desceu até sua barriga. Ela mal podia respirar. Depois ele repetiu o mesmo gesto do seu outro lado, tocando, brincando, acariciando-a até ela ficar ofegante e se oferecer para a mão dele.

Em seguida, ele subiu sobre ela, mas não ficou entre as suas pernas. Ele a colocou entre as pernas dele. Depois, murmurando um pedido de desculpas que não parecia nada sincero, ele pegou as bordas da sua roupa e rasgou até embaixo, num só movimento. Sybilla sentiu um vento frio que fez sua pele se arrepiar toda, mas não foi por muito tempo. A boca de Soren repetiu o mesmo trajeto que sua mão tinha feito e logo sua pele estava em brasa.

Sybilla ansiava por algo, por algum toque ou beijo que ele ainda não tinha lhe dado, mas ela sabia que daria. Quando ela fez menção de tocar o rosto dele, ele segurou suas mãos sobre a cama.

– Deixe-me – pediu ele.

Soren se moveu sobre ela, beijando e lambendo cada pedacinho de pele. Mas ela quase gritou quando fez isso com o bico dos seios. A boca de Soren era quente, a língua que passava nos seus seios era áspera e ele fez isso um bom tempo, até ela começar a tremer de prazer. Quando Soren passou a usar os dentes, mordendo-lhe os seios delicadamente, ela gritou.

E para silenciá-la, ele a beijou com voracidade. Depois ele voltou a torturá-la do mesmo jeito. E quando ela pedia mais, ele dava risadas perversas. E o tempo todo, algo dentro do seu corpo apertava a cada beijo dele. O lugar entre suas pernas, coisa que ela nunca deu muita atenção antes, começou a latejar quando ele lhe acariciava a barriga.

Ela percebeu que ele se afastou e achou que estava acabando, mas ele não tinha terminado ainda. Seu corpo ansiava por ele, pronto para o que

estava para acontecer logo, quando ele ia desvirginá-la e derramar a semente dele. Mas ninguém havia lhe dito que podia existir prazer entre marido e mulher. Ele passou a mão nas suas pernas e fez carícias nas suas coxas. Em seguida, ele abriu suas pernas e se ajoelhou entre elas e ela esperou que ele a possuísse.

Sybilla sabia que ele era um homem grande, e ela pensou na diferença entre eles. Será que ia dar certo? Será que caberia dentro dela? Mas em vez de sentir a masculinidade dele, ela sentiu os dedos deslizarem pelas pernas e entrarem naquele lugar. E ela não conseguiu conter um gemido.

– Calma, Sybilla – murmurou ele. Em seguida, ele se deitou do seu lado e levantou uma de suas pernas para cima e a descansou sobre a dele, deixando-a toda aberta para ele. Ele fez carinho nas suas pernas e naquele lugar. Ele colocou a mão sobre os pelos entre as pernas e pressionou, fazendo-a pulsar cada vez mais. Depois ele dobrou os dedos e os usou contra aquela sua parte, fazendo seu corpo explodir sob o toque dele.

Ela agarrou o braço dele e arqueou o corpo contra os longos dedos que ele deslizou para dentro dela. E logo o corpo de Sybilla estava reagindo, com seguidas ondas de prazer que não acabavam, por mais que ele lha acariciasse sem parar. Ela sentiu os espasmos no interior do seu corpo, apertando os dedos dele, e todos os músculos do seu corpo se contraíam com o poder dessa sensação.

Ela perdeu a noção do tempo, parecia que não parava de sentir prazer. Só quando sentiu lágrimas no seu rosto e que os tremores do corpo diminuíram, foi que ela soube que estava consciente.

– O que foi isso? – perguntou ela, sem entender o que tinha acontecido. E logo aquela parte dele encostou no seu quadril, deixando-a ainda mais confusa.

– Isso foi prazer – disse ele, sem parar de fazer carícia nela. Ele beijou as lágrimas do seu rosto.

Sybilla estava esgotada, parecia que tinha corrido por vários quilômetros. Ela levou alguns minutos para recuperar o fôlego, e ainda continuava sentindo ondas de prazer pelo corpo. Os seios pareciam inchados e os bicos estavam duros.

– Terminamos? Você não... – Ela parou quando sentiu ele mexendo os dedos dentro dela.

– Ainda não – disse ele. Em seguida ele mexeu os dedos de novo e ela arfou.

– O que está fazendo?

– Mais, Sybilla. Eu quero mais.

E ele fez carícias até ela não aguentar mais nem um carinho ou beijo em qualquer lugar do seu corpo. Ele virou seu corpo de todas as maneiras, de lado, de costas e para trás. E quando o corpo dela parecia flutuar numa nuvem de euforia e paixão, ele lhe abriu as pernas e a invadiu.

E foi invadindo, mais e mais a cada instante, até ela estar toda tomada por ele. E quando ela achou que tinha chegado ao limite, ele recuou e a invadiu, várias vezes seguidas. Ele passou o braço por baixo dela para levantá-la e poder beijar os seios. Sybilla entregou-se a ele, incapaz de resistir a essa paixão.

Então, ela sentiu a ereção dele se avolumar e sabia que ele ia derramar a semente dentro dela. E naquele momento, quando seu corpo se preparava para atingir o clímax mais uma vez, ela o sentiu recuar e derramar-se fora dela. Sem poder fazer nada e nem se mexer, ela ficou nos braços dele exausta e satisfeita. Ele a segurou perto dele e ficou repetindo uma palavra no idioma dele, várias vezes seguidas.

Sybilla ficou sonolenta e percebeu que ele não chegou a tirar a camisa.

A SENHORA roncava.

Soren sorriu ao se lembrar de todos os barulhos que ela fez esta noite. O som do seu gemido era o que ele mais gostava, principalmente quando não sabia que estava gemendo. Ele tirou sua roupa rasgada, limpou-se com ela e depois a jogou no chão. Em seguida, jogou as cobertas sobre os dois e tentou dormir.

Ele sabia que não ia conseguir dormir esta noite, não com ela encostada nele e a ereção dele pronta para satisfazê-la de novo. Mas do jeito que a tomou, satisfazendo-a até ela desmaiar, tão cedo ela não estaria disposta. Soren sempre achou que as mulheres experientes eram mais divertidas na cama, mas nesta noite com Sybilla, ele mudou de opinião.

Uma sereia disfarçada de virgem. Esta era sua esposa. Uma mulher pura e ingênua em matéria de prazeres sexuais, que se revelou ser uma curiosa e tentou apreciar tudo que ele fez, em vez de se fingir de recatada. Quando ela

se mostrou sensível às primeiras carícias, ele jurou que ia agir com calma, que ia prolongar ao máximo a relação para ela não se sentir em desvantagem quando deixasse de sentir prazer por causa da dor de ser desvirginada. Mas pelo jeito como gritou e gemeu, ela tinha tido tanta satisfação no ato sexual quanto ele.

Ela resmungou durante o sono e seu corpo encostou-se no dele como se tivesse revivendo o momento do clímax e ele torceu para resistir à tentação. Ele se perguntava se ela acordaria encabulada depois de ter feito o que fizeram ou se ia querer passar pela experiência com ele novamente. Ainda tinha tanta coisa que poderia lhe mostrar, quantas maneiras diferentes de fazer amor, e Soren esperava que ela se interessasse. Caso contrário, ele ficaria infeliz mas teria que aceitar.

Em algum momento da noite ele dormiu e quando acordou, estava excitado e pronto para ela. Sybilla continuou dormindo, desconhecendo o estado dele.

Soren refletiu sobre esse interesse incomum por uma mulher. Depois que foi ferido, ele passou alguns meses até sentir vontade de se deitar com uma mulher, e depois disso, com a aparência dele, ele preferia pagar para fazer amor. Em tempos de guerra, sempre havia mulheres que seguiam os exércitos que apreciavam uns trocados.

Mas depois que deixou o alojamento do rei e partiu para o norte, em direção às terras de Giles e de Brice, ele parou com aquilo. Não aguentava mais os olhares de pena e resolveu que não ia mais se expor daquela maneira.

No entanto agora, bastou olhar para ela, defendendo seu povo, oferecendo-se em troca da vida deles, aceitando a ânsia dele de vingança, que ele caiu de amores e de desejo por ela.

Soren estava mais feliz com o acordo deles, agora, pois sabia que a oferta que fez estava lhe dando tempo para se recuperar e aprender a lidar com as dificuldades impostas pela cegueira e estava lhe ajudando em muitas maneiras. Um contrato temporário e que ia expirar antes que alguém se magoasse ou criasse expectativas erradas. Depois que ela fosse embora, ele encontraria outro acordo satisfatório, com alguma mulher disposta a agradar o lorde de Alston, sem fazer comentários e sem reivindicar qualquer direito sobre ele.

Como Harold tinha morrido e os rebeldes se dispersaram, Alston teria um pouco de paz e ele poderia ter uma vida mais suportável.

Então, se tudo esta sendo resolvido e seus planos em andamento, por que será que continuava ouvindo a voz de Gautier rindo dele? E por que será ele acordou com gritos e barulhos de luta no pátio?

Capítulo Vinte



SOREN SE vestiu rapidamente, desceu a escada e nem se lembrou de avisar a Sybilla que ficasse dentro do castelo. Ela já tinha passado por isso antes, então devia imaginar que precisava se proteger, da mesma forma como ele ordenou naquele dia em que os saxões apareceram. Como Stephen dava ordens no pátio enquanto Guermont conduzia todos para dentro do castelo, Soren achou que Sybilla saberia se cuidar, então ele foi tratar de defender Alston do invasor, fosse ele quem fosse.

Ele correu até a cocheira para se certificar de que estavam preparados para o caso de mandarem flechas de fogo e descobriu que tudo estava em ordem. Larenz tinha mandado Raed para proteger a senhora dentro do castelo, o que o tirava de circulação. Sem poder chegar até o muro, Soren não podia dizer de onde estava vindo o ataque. Depois que todos entrassem no castelo, ele ia poder se concentrar naquilo que sabia fazer melhor que era lutar. Os únicos que ainda faltavam se proteger eram os prisioneiros e Soren via que alguns deles se recusavam a se abaixar para evitar se tornarem alvos móveis ou ficar fora do alcance da mira dos homens. Soren então correu na direção deles e ouviu gritarem seu nome.

– Soren! Lorde Soren! – gritou Gareth quando um dos homens o acertou e o jogou no chão. – Solte-nos. Deixe-nos lutar – gritou. Mas quando tentou

se levantar, ele foi jogado no chão de novo. – Esta é minha gente, nossa gente, também. Queremos defendê-los.

Soren estava dividido. Ele bem que podia usar mais alguns bons soldados, mas será que podia confiar que estes saxões lutassem contra outros saxões? Será que lutariam do seu lado, ou contra ele? Soren olhou para Larenz. Bastou uma troca de olhares entre eles que ele já sabia. Então Soren acenou para Stephen. Alguns de seus homens pareciam querer argumentar em contrário, mas já tinham lutado com ele e sabiam que não deviam discutir com ele em uma batalha. Com um ligeiro atraso, os homens foram soltos, receberam espadas e ordens para se espalhar pelo pátio, caso os portões e o muro fossem derrubados.

Depois de ter sido pego de surpresa, Soren levou um tempo para se reorganizar e começar a lutar de maneira eficiente. Ele mandou seus melhores arqueiros para o alto do castelo para ver de que lado vinha o ataque. Depois, como ele temia, eles foram atacados por flechas com fogo dirigidas para os prédios de madeira. Os prisioneiros libertados começaram a combater os incêndios usando baldes de água do poço e dos bebedouros dos cavalos por onde passavam.

Ele achou que estavam controlando a situação quando ouviu um barulho perto da porta do castelo. Soren não podia acreditar no que via. Sybilla correu até o pátio e parou. Longe demais da entrada do castelo e fora do alcance para os homens a pegarem, ela ficou ali, no meio do pátio, um alvo perfeito para quem quisesse acertá-la.

Santo Deus! Ele pulou do muro para o chão, rezando para que seus tornozelos aguentassem o pulo. Depois ele gritou e correu, tentando passar entre ela e o trajeto das flechas. Pelo menos sua cota de malha e elmo lhe dariam uma certa proteção, mas ela não tinha nada para se proteger. Ele ainda estava longe dela quando aconteceu.

A flecha passou por cima do ombro esquerdo dele e acertou Sybilla.

Neste momento o tempo parecia se arrastar lentamente e, por mais que ele corresse, custava a chegar nela. Todos assistiam horrorizados enquanto a manga do vestido dela pegava fogo, mas ninguém podia alcançá-la. Quando ela começou a gritar, alguém colidiu com ela, jogou-a no chão e tentou apagar o fogo. O vestido de Sybilla já estava em chamas quando Soren chegou e arrancou a manga da roupa queimada e a jogou longe. Ele

levantou Raed do chão e o empurrou em direção à porta, onde Larenz o pegou e o levou para dentro.

Soren pegou Sybilla nos seus braços e correu, usando o corpo para protegê-la de mais alguma flecha. Ao chegar lá dentro, ele entregou Sybilla para Aldys e saiu. Quando alcançou o muro de novo, Soren ouviu um grito de guerra conhecido, vindo do bosque onde parecia ser o ataque. Era Brice chegando com seus homens. Os guerreiros a cavalo saíram das sombras e os inimigos trataram de fugir e nem se deram conta de que nunca iam conseguir escapar desses soldados habilidosos.

Soren bem que gostaria de ter capturado um deles vivo, mas também queria vê-los todos mortos. Os homens de Brice o cumprimentaram e seguiram na perseguição dos inimigos que se embrenharam pela floresta e pelas montanhas. Soren permaneceu do lado de dentro dos portões com medo de sofrer um novo ataque e ajudou a controlar os incêndios e os estragos. Vários homens tinham se ferido e precisavam ser atendidos.

Os telhados em madeira da capela e da cocheira estavam intactos, mas quase todo o telhado do celeiro estava queimado. Felizmente, nenhum cavalo foi ferido. Quando tudo foi controlado do lado de fora, Soren esperou que Brice voltasse antes de entrar no castelo.

Havia mais uma razão para ele não querer entrar. Soren ficou apavorado quando viu Sybilla ali no pátio, desprotegida e ele não pôde chegar a tempo. E depois, quando a flecha a acertou e ela caiu no chão, ele teve uma sensação completamente nova. Nem quando ele foi ferido de morte se sentiu assim.

E ele teve vontade de matá-la por deixá-lo tão assustado.

Brice se aproximou dos portões e chamou por Soren.

Os portões foram abertos para que ele e seus homens entrassem e foi fechado em seguida. Até que ele tivesse certeza de que não havia mais perigo, Soren ia manter os portões fechados. Foi muito estranho este ataque e ele não ia descansar enquanto não esclarecesse os motivos e soubesse como fazer para se prevenir de um novo ataque.

– Não vai me dizer que você estava na cama desfrutando dos favores da sua nova esposa quando isso começou – Brice o provocou.

Ele fez um aceno para os homens e voltou sua atenção para Soren, que esperava pelo inevitável. Ele ignorou a pergunta do amigo e o fitou nos

olhos. Por um momento eles apenas se olharam, depois Brice se aproximou, agarrou Soren e o abraçou efusivamente.

– Era onde eu estaria, se estivesse em casa – sussurrou ele e eles riram juntos. – Mandei um de meus homens na frente para lhe avisar da nossa chegada e ele nos relatou sobre o ataque. Pensamos que podíamos ajudar.

Brice devia saber que a chegada dele evitou que Soren perdesse tudo que ele tinha acabado de reconstruir além de ter poupado várias vidas. E mesmo que tivesse vencido desta vez, ele teria ficado vulnerável demais no caso de um segundo ou terceiro ataques.

– Todos os seus homens estão aqui? – perguntou Soren, olhando para o pátio, para os recém-chegados que já estavam ajudando como podiam. Muitos deles tinham servido juntos antes, eram amigos e até familiares.

– Não. Deixei mais uns dez homens com as carroças, a poucos quilômetros daqui – respondeu Brice, apontando para a estrada. – Gillian insistiu – explicou ele, levantando as mãos para cima e eximindo-se de culpa. – Você retomou Shildon para ela.

Deviam ser suprimentos, pensou Soren. Gêneros alimentícios, tecidos e muito mais. Todas as coisas sobre as quais Gillian tinha lhe perguntado antes de sair para cumprir a missão do bispo para ajudar Brice na retomada das terras que sua esposa herdou do seu meio-irmão.

– Seja o que for, eu lhe agradeço, e agradeça a sua mulher por partilhar da sua generosidade – disse Soren inclinando a cabeça em reconhecimento aos presentes. Seriam de grande utilidade e ajuda aos esforços de Sybilla para manter os estoques cheios.

Sybilla.

– Tem um presente para sua esposa entre os pacotes, também. Gillian estava preocupada...

Brice não precisava explicar. Eles imaginavam que iam ouvir que ele tinha matado Sybilla ao chegar, portanto, a notícia que havia se casado com ela foi uma surpresa para todos que conheciam seus planos.

– O presente pode ser um pouco prematuro – disse Soren, acenando para Brice acompanhá-lo. – Ela ainda pode morrer pelas minhas mãos.

Brice riu alto e Soren logo desconfiou de que ele já tinha sido informado por um de seus homens. Eles entraram e encontraram o castelo praticamente em paz e em ordem. Agora que o perigo tinha passado, quase todos tinham

retomado suas funções, mas ainda havia uma multidão reunida no centro do salão principal.

Soren sabia quem estava ali no meio e tratou de abrir caminho para chegar lá. Suas mãos tremiam quando a viu, sentada em uma cadeira. O rosto estava pálido e ela tremia, com a mão sobre o local do braço que foi alvejado pela flecha em fogo. Ela estava horrível e maravilhosa ao mesmo tempo. Nervoso de vê-la daquele jeito, ele perdeu o controle.

– Que diabos você estava fazendo lá, Sybilla? – gritou ele. Chegando mais perto dela, agora que a multidão se dispersou, ele continuou. – O que estava pensando? Correndo para o pátio durante o ataque?

Ele foi falando antes de perceber que ela se encolhia como se cada palavra sua fosse um golpe. O rosto dela ficou ainda mais pálido e ela se encostou no espaldar da cadeira com a sua aproximação. Na dúvida entre pegá-la no colo e admitir o medo que sentiu de vê-la ser atacada ou se a estrangulava pela imprudência, ele optou por outra coisa.

– Vá para seu quarto e me espere lá.

Raed ficou do lado dela, e o encarou. Ele o encarou quando ele a mandou subir. O garoto salvou a vida dela e evitou um ferimento grave com seus movimentos rápidos naquele momento. Soren ia desculpá-lo pela expressão rebelde desta vez e mandou que ele subisse com Sybilla.

– Leve a senhora para o quarto dela, garoto.

Soren fingiu que não notou a forma como tremia a mão dela quando ela colocou a mão no ombro de Raed, ou a maneira como tropeçava quando subiu a escada atrás dele. O salão ficou em completo silêncio. Levou alguns minutos até que alguém dissesse alguma coisa.

Ele imaginou que Brice ia repreendê-lo pelo seu comportamento, ou Larenz, que bastava lhe lançar um olhar para se comunicar.

Mas ele nunca pensou que ia ouvir uma crítica de outra pessoa, alguém que não sabia manter a boca fechada e que Soren esperava nunca mais ver.

– Muito bem, primo – falou Tristan le Breton bem alto da porta. – Foi muito bem feito!

Soren estava começando a gostar de um determinado epíteto saxão e dava certo em situações como esta. Ele disse em voz bem alta para que todos no salão ouvissem, e depois sabendo que Brice se encarregaria de resolver a situação, ele correu para cima para ver sua mulher.

SYBILLA MAL conseguiu chegar no quarto. Mesmo apoiada em Raed, tinha dificuldade de caminhar. Ele a levou pela escada e pelo corredor até o quarto dela. Ela ouviu Aldys correndo atrás dela, ofegante, provavelmente por ter visto o vestido rasgado e o braço queimado.

– Leve-a para dentro, garoto – ordenou ela. – Deixe que eu vou cuidar do braço dela.

A mulher-fera ia entrar em ação, ela pensou quando caiu na cama com a ajuda de Raed.

– *Milady* – sussurrou o menino. – Ele não quis dizer aquilo. – Ele apertou a mão de Sybilla. – Ele só estava nervoso, como todos nós estamos. Ele... – Ele parou e largou a mão dela.

A reação do menino só podia ter um significado.

Ela se acomodou na cama apoiando-se na cabeceira ao ouvir os passos pesados dele se aproximando do quarto. Ela limpou as lágrimas dos olhos e tentaria explicar. Mas, para fazer isso ela teria que explicar o motivo de ter feito aquilo e ela não poderia. Assim, ela ficou ali em silêncio, esperando para ver qual o castigo que ele ia lhe impor pelo seu comportamento tolo.

Ele deixou alguma coisa sobre a mesa ao lado da cama e ela pulou com o barulho. Lorde Soren pegou sua mão e, sem saber o que esperar dele, ela estranhou a delicadeza com que ele a tocou.

Lorde Soren levantou seu braço e foi tirando o resto de tecido da pele queimada, mas ele resmungou baixinho o tempo todo. Sybilla percebeu que ele preferia usar seu idioma quando estava zangado e ela ficou aliviada de não entender quase nada. De vez em quando ele usava algumas palavras em inglês com grande ênfase, para que ela pudesse entender.

Mulheres, ela entendeu. *Esposas*, também. Depois ele falou *estúpida*, *tola*, *não me escuta*, *ordens*, *comandos*, *desobedece*, *estúpida* de novo, *invencível*, e ele terminou comparando-a a um cavalo.

Ele não parou um minuto, cuidando do seu braço e resmungando, enquanto limpava a queimadura, aplicava o unguento e enfaixava. Só quando estava terminando de enfaixá-la e ela estremeceu foi que ele parou de reclamar com ela. Ele parou e ela ficou esperando.

– Por que, Sybilla? Por que você fez aquilo? – perguntou ele e foi o tom sereno que a desconcertou.

– Eu... – Ela balançou a cabeça. Como poderia explicar uma coisa dessas para ele? – Saí sem pensar, lorde Soren – começou ela, balançando a

cabeça. – Eu...

Como podia lhe dizer que estava confusa? Que quando acordou com a gritaria e percebeu que ele não estava mais do seu lado, mas dava ordens aos gritos para todo lado, ela só pensou em ajudar? Aldys a vestiu rapidamente e elas desceram para o salão principal. Sybilla pensou em ajudar as crianças e só foi para a porta quando ouviu a voz de Soren mandando seus homens soltarem os prisioneiros.

Como poderia lhe contar a verdade?

Ele segurou seu queixo e virou seu rosto para ficar de frente para ele.

– Você fez o que, Sybilla? Você...?

Agora que sabia que ele não ia zombar dela, ela lembrou-se de tudo que sentiu naquele momento e falou a verdade.

– Eu esqueci – admitiu ela. – Eu esqueci de que estava cega.

Ela esperou ouvir a risada dele. Esperou que a insultasse por ter inventado uma desculpa tão tola para contar. Mas ele não fez nada disso. Pelo contrário, ele a surpreendeu.

– Eu ainda estava me recuperando quando fui obrigado a me defender em uma escaramuça – disse ele. – Por força do hábito, eu puxei minha espada e saí lutando como sempre fiz.

Ele riu e se afastou da cama. Sybilla ouviu os passos pelo quarto.

– Eu me esqueci de que não levantava minha espada há meses. Esqueci que os músculos que usaria para levantar a espada estavam muito machucados, que ainda não tinham sarado totalmente. E esqueci – disse ele, mas as palavras ficaram soltas no ar enquanto ele pensava naquele dia e nos seus ferimentos.

– O que foi que aconteceu? – Ela queria saber, estava curiosa.

– Larenz me salvou – respondeu ele, rindo novamente. – Ele me mostrou que eu precisava aprender coisas básicas antes de voltar a ser como era antes.

Ele a entendeu pois tinha passado por isso. Era estranho que ela nunca tinha notado como suas vidas eram semelhantes.

– Então, me diga, o que foi que aconteceu que a fez sair assim tão apressada que se esqueceu de que estava cega? – Ela sentiu o corpo dele ao sentar na beirada da cama e ela moveu as pernas para o lado para dar mais espaço para ele. Quando ele pôs a mão na sua perna, ela tentou imaginar

que era um gesto normal entre marido e mulher. Afinal de contas, eles tinham tido intimidade, a mão dele não significava nada.

– Alguém disse algo que chamou sua atenção ou a fez ficar preocupada naquela hora? – perguntou ele.

Ela tentou se concentrar na pergunta dele e não na forma como sua perna reagia ao toque da mão dele, esquentando e pinicando. Sem falar da maneira como ele a tocou ali na noite passada. Quando ela estava nua. Nesta mesma cama. Nua. Sybilla engoliu em seco e tentou responder.

– Sybilla?

– Ouvi Gareth chamá-lo. Eu estava perto da porta que estava aberta e eu ouvi ele lhe pedir para você soltá-lo.

– E foi o que eu fiz. Mas não foi nesse momento que você correu para o pátio.

Sybilla tinha jurado que não trairia seu povo, mas se contasse a verdade para ele, de certa forma, estaria fazendo exatamente isso. A única coisa que faria com que ela mantivesse sua promessa, era se ela não identificasse quem tinha dito as palavras para ela.

– Naquela confusão, alguém passou por mim dizendo que ia me livrar do meu marido bastardo normando.

– Bretão.

– Como?

– Eu sou seu marido bastardo bretão – explicou ele.

Por que será que os homens se detinham em detalhes insignificantes e deixavam escapar a verdadeira mensagem que ela estava tentando passar? Ela havia corrido lá fora para avisá-lo de que ele era o alvo desse ataque e se esqueceu de que não enxergava mais. Mas antes que ela pudesse esclarecer isto para ele, ele a beijou, com tanta volúpia que a deixou sem ar para respirar. Quando ele parou de beijá-la, sua cabeça girava, mas ela ansiava por mais.

– Claro que eu era o alvo. Você foi atingida acidentalmente, o ataque era dirigido a mim. Matar você não seria bom para eles, pois eu traria para cá uma boa noiva normanda e geraria herdeiros normandos.

O que era exatamente que ele planejava fazer quando ela fosse embora, em seis meses. Mas por enquanto, ela queria gritar. Então, ele sabia? Homens!

– Sou-lhe grato por querer me avisar disso, mas da próxima vez, reflita antes de arriscar sua vida daquele jeito. – Ela só pôde acenar, concordando. Era difícil acreditar que ela se esqueceria de novo ou que precisaria alertá-lo do perigo.

– Agora que você já foi medicada e que está bem, eu preciso ir – disse ele.

Ao ouvir os passos dele se distanciarem, ela disse o nome dele. Havia uma coisa que ainda precisava lhe perguntar.

– E quanto a Gareth e os outros, lorde Soren? Vai prendê-los de novo? – perguntou ela, com medo de ouvir a resposta e a repercussão de tal medida. Muitos conhecidos seus fora de Alston observavam este lorde normando e a maneira que tratava sua gente.

– Vou entrar num acordo com eles para me servirem como senhor daqui – explicou ele.

– E você vai aceitar a palavra deles?

– Por que você me julga como todos os outros?

Mas antes que pudesse explicar sobre as notícias que recebeu dos outros aldeões e dos rebeldes que buscavam recrutar gente, ele explicou o que pretendia fazer.

– Vou aceitar a palavra deles e, com tanto que não me provem o contrário, eles ficarão livres para viver com suas famílias.

Na verdade, era mais do que podiam esperar dele.

– Agora, descanse um pouco aqui e deixe esta medicação fazer efeito. Preciso ir agradecer Raed por ele ter sido tão rápido, e ver nossos convidados.

– Convidados? – chiou ela. – Temos convidados? – Será que ouviram Soren repreendê-la?

– Brice chegou, bem a tempo, e ele trouxe presentes da esposa para nós e para você – disse ele. – E meu primo veio junto com ele. Ele se chama Tristan le Breton.

Pelo tom de voz dele, parecia não estar muito satisfeito.

– E você não gosta deste primo, lorde Soren?

– Não é bem isso, ele é mais um aborrecimento. Mas é da família, um parente distante. – Ele levantou o trinco da porta. – Sybilla, quando se sentir melhor para descer, faça uma cara amarrada para que eles pensem que bati

em você. Tenho uma reputação a zelar e uma esposa indisciplinada não vai ser bom para minha imagem.

Sybilla sabia que ele estava brincando quando disse isso. Ela se recostou nos travesseiros e ficou pensando no que ele disse. Mas ela não tinha nem relaxado ainda quando a porta se abriu de novo.

– Sybilla?

– Sim, lorde Soren?

– Preciso lhe dizer duas coisas, antes de descer. Primeiro, acho que você deve se preocupar em aprender e se familiarizar com a parte interna do castelo antes de se aventurar a sair. Organize este quarto, por exemplo, para facilitar sua movimentação aqui dentro.

– Excelente ideia, lorde Soren. – E de fato era. – E a segunda coisa?

Ele caminhou na sua direção decidido. Se fosse mais cedo, ela teria sentido medo. Mas agora, ela sentiu seu corpo todo se preparar para ele.

– Eu lhe disse que era para me chamar pelo nome e você me desobedece sempre. – A boca de Soren estava quente junto a sua, e ele passou a língua para prová-la e a fez se lembrar das sensações maravilhosas da noite passada. – Esta noite você vai me pagar caro por essa desobediência.

Os ossos de Sybilla pareciam estar se derretendo e ela se esforçou para permanecer sentada. Ela ficou louca de paixão com o tom de voz dele.

– Sério?

Ele a beijou e a tocou pelo corpo, fazendo carícias, excitando-a e mostrando como podia deixá-la desejosa como nunca imaginou.

– Esta noite vou fazê-la chorar e gemer meu nome até você pedir, implorar para eu possuí-la. Vai aprender a me chamar pelo nome, esta noite – prometeu ele.

ELE ERA homem de palavra e cumpriu o que prometeu. Ao longo da noite, ele a fez gritar o nome dele com toda sua força enquanto lhe dava prazer e se satisfazia inúmeras vezes. E como havia ameaçado ou prometido, fez com que ela implorasse para não parar e para fazer tudo mais que ele quisesse.

QUANDO AMANHECEU, ela já tinha compreendido o motivo da fama dele antes da batalha de Hastings e entendeu por que as mulheres queriam se

deitar com ele todas as noites.

E quando anoiteceu, no dia seguinte, seu corpo se preparou para ele mais uma vez, sabendo do que ele era capaz de fazer.

Capítulo Vinte e Um



NOS DIAS que se seguiram, Sybilla ouviu o conselho de Soren e permaneceu dentro do castelo a maior parte do tempo. Ela ficou impressionada de ver como podia ter tanta energia durante o dia depois de passar as noites completamente entregue ao poder da paixão que ele despertava nela. Enquanto conversava com as criadas, ela se deixava levar pelos pensamentos quando alguma coisa a lembrava do que ele tinha feito, dito ou a ensinado a fazer.

A única coisa proibida entre eles era que ele não deixava que ela o tocasse da maneira como ele a tocava. Ela só sentia o corpo dele quando ele se deitava sobre ela, quando encostava-se nela por trás ou quando dormiam grudados à noite. Mas cada vez que ela tentava fazer um carinho no rosto dele, ele afastava sua mão.

Ela chegou a passar a mão na masculinidade dele, certa vez, e ele não pareceu se importar. E durante um momento de êxtase ela passou a mão no traseiro dele e chegou até a acariciá-lo! Sybilla começou a sentir um calor absurdo e pediu a Gytha que lhe desse um copo de água.

Aldys riu como se soubesse o que estava ela sentindo. Gytha era jovem demais para saber sobre os detalhes do que ocorria entre um homem e uma mulher, então Sybilla a poupou.

Elas passaram a maior parte do tempo nos últimos dois dias arrumando os móveis do quarto para ela poder se locomover com mais facilidade, como ele havia sugerido. Ele lhe avisou que não colocasse nada muito perto da porta, pois ele tinha uma surpresa para ela, mas não deu nenhuma pista sobre o que era e quando chegaria.

Nos últimos dias, depois da chegada de Brice, eles estabeleceram uma espécie de rotina. Apesar de nenhum dos dois comer junto com os outros, pois eles preferiam comer na privacidade do quarto, eles passaram a se sentar à mesa do salão principal e aproveitar a companhia de todos. Mesmo que Soren ficasse afastado e distante dos outros, Sybilla gostava. Não gostava muito de ouvir o amigo e o primo de Soren descrevendo as façanhas dele, mas Soren não se importava.

Ela conseguia perceber coisas nas vozes das pessoas que nunca tinha notado antes como medo, raiva e até sentimentos mais doces. E mesmo que nunca exprimissem, havia uma relação de afeto entre Larenz, lorde Brice e Soren quando falavam entre si. Eles tinham vivido muitas coisas juntos, sem dúvida, então parecia óbvio para ela que isso acontecesse. Claro que eles iam negar isso se ela comentasse, então ela não dizia nada, e guardava para si e aos poucos ia conhecendo cada vez mais esses homens que invadiram sua casa e seu coração.

Tristan le Breton era diferente. Mesmo que Soren tivesse dito que ele era da família, esse primo parecia se deliciar com o fato de Soren não ser mais tão bonito como costumava ser. Ele dizia que tinha vindo para o norte para tentar morar na casa de Soren, pagando pela moradia com serviços de harpista e escriba, pois sabia ler e escrever. Havia um certo mal-estar entre os dois a esse respeito, pois Soren, como a maioria dos guerreiros, não sabia ler e escrever.

Sybilla notava que Soren estava louco que Tristan fosse embora junto com Brice, mas uma coisa o impedia de fazer isso. Ele tinha oferecido ensinar Sybilla a tocar harpa. Tristan disse que ela não precisava ver as cordas, bastava senti-las, e ela estava ansiosa para ter a primeira lição.

Soren tinha resmungado quando Tristan se ofereceu, mas não podia lhe negar essa permissão. Depois, ele praticamente a arrastou para o quarto e fez amor com ela de todas as maneiras que pôde naquela noite. Pela manhã, ela estava toda dolorida devido às carícias mais animadas e sentiu dois pontos mais sensíveis no corpo, um no seio e outro na parte interna da coxa

pela manhã ao tomar banho. Ele se limitou a rir quando ela lhe perguntou o que era. Mas foi o riso perverso dele que a fez tremer.

Agora ela pediu a Aldys que desse um passeio com ela, uma coisa que Aldys gostava de fazer pois sempre parava para conversar com Larenz. Sybilla podia ouvir alguma coisa de diferente na conversa daqueles dois. E antes que saíssem, três homens, pelas vozes, trouxeram alguma coisa para dentro do quarto. Aldys levou um susto com o que quer que fosse.

– *Milady!* – disse ela.

– Mas o que é, Aldys? Por favor, conte-me! – Ela sentiu a mulher pegar sua mão e apertar, sem saber se devia ter medo ou não.

Assim que acabou o barulho de trazer aquela coisa para dentro do quarto, Aldys sussurrou a palavra que deixou Sybilla atordoada.

– Um tear.

– Um tear, Aldys? Eles trouxeram um tear para cá? – perguntou ela, suas mãos coçavam para tocar o tear.

– Não é simplesmente um tear, *milady* – disse um dos homens que ainda estava ali. – Lorde Soren mandou consertarem seu tear. Só a lançadeira estava quebrada, alguns pesos estavam frouxos e os fios foram soltos. Minha esposa soltou os fios para você.

Sybilla ficou muda. Seu tear era última coisa que a ligava ao pai, o homem que o atingiu. Por que ele faria isso para ela? Será que não seria uma lembrança do ódio dele e da necessidade de vingança a cada vez que olhava para o tear?

– Tenha um bom-dia, senhora – disseram os homens ao sair.

Sem saber se corria para tocar o tear ou se ficava apavorada de não saber mais usá-lo, Sybilla ficou imóvel.

– Ele está no mesmo lugar de antes, senhora. E não parece uma peça nova, parece ser o mesmo tear de antes.

Ela tentou se lembrar em que peça estava trabalhando no dia em que Soren chegou, mas não conseguiu. Ela balançou a cabeça, sem acreditar que o tear estava de volta.

– Venha – disse Aldys, guiando Sybilla até ele. Ela segurou a mão de Sybilla estendida para frente e a passou sobre os fios e em cada peça do tear. – Você estava fazendo uma colcha quando ele... se quebrou. Na cor azul que você tanto gostou quando viu. – Aldys terminou de falar e se deu conta de que Sybilla nunca mais veria aquela cor.

– Será que ele acha que eu posso tecer sem enxergar os fios da urdidura e da trama? Como poderia seguir uma padronagem?

– Ora, senhora. Você sempre alegou que seria capaz de tecer neste tear de olhos fechados. Você costumava tecer meio dormindo e apenas com a iluminação da lareira. – Ela pegou as mãos de Sybilla e as colocou sobre o tear. – Ao menos tente antes de dizer que não pode.

Suas mãos tremiam e ela deixou cair a lançadeira três vezes antes de conseguir enfiar os fios no tear. Ela estava imaginando como devia estar todo irregular. Tentando imaginar o padrão na sua mente, ela contou enquanto os dedos percorriam os fios e logo ela completou três passadas para frente e para trás.

– Como está, Aldys? – perguntou ela. Mas ao ouvir a criada rir, ela deu de ombros. – Terei que praticar muito.

Aldys apareceu com um saco cheio de fios que os tintureiros tinham feito para ela para tecer esta colcha.

MAIS TARDE, depois de tentar tecer por mais de uma hora, ela convenceu Aldys a tentar encontrar Soren para lhe agradecer, mas ficou sabendo que ele tinha saído de Alston e que ia demorar a voltar. Ela tentou usar o tear diversas vezes, mas ficou frustrada de pensar na facilidade que costumava ter para tecer tanto tapeçarias quanto tecidos para roupas ou lençóis.

O JANTAR foi tranquilo pois a maior parte dos homens tinha saído com Soren e ainda não tinham voltado. Tristan tentou convencê-la a ter uma aula de harpa, mas ela só pensava no tear e no homem que o consertou.

SYBILLA FOI se deitar sozinha, mas não conseguiu dormir e acabou voltando para o tear e tentando sentir a padronagem do tecido. Só muito, muito mais tarde foi que Soren abriu a porta do quarto e entrou.

O DIA tinha ido de mal a pior.

Aldeias próximas de Alston tinham sido atacadas e o moinho foi queimado. O moleiro e sua família escaparam, mas o moinho ficou totalmente destruído. Soren deixou alguns homens trabalhando para

consertá-lo e destacou outros bem armados e experientes para proteger os aldeões e o moinho.

Mais tarde chegou a notícia que um parente de Morcar, do leste do país, queria conhecer o novo lorde de Alston. Como estavam indo para o moinho, que ficava no leste, Soren combinou de encontrá-lo num ponto entre o rio Tyne e a fronteira de Northumbria. Eles levaram boa parte do dia para chegar lá. Ter Brice na retaguarda o fez se sentir bem de novo e pela primeira vez em muito tempo, Soren acreditou que estava retomando sua vida.

A longa cavalgada tinha dado tempo para Soren refletir sobre algo que Larenz já havia lhe dito uma vez, mas na época lhe pareceu absurdo, pois ainda estava se recuperando e só pensava em vingança. O velho tinha dito que viver e viver bem seria a melhor vingança contra o homem que tentou matá-lo. Aquilo não fez sentido, mas agora, ele tinha recuperado o gosto de viver e começava a entender.

O problema é que ele queria incluir Sybilla nesta sua vida. No entanto, ele tinha que cumprir o acordo e dar a ela a liberdade que prometeu ao fim de seis meses.

Por causa dele, ela se tornou a única pessoa no mundo que podia entender as provações, os desafios dele pois estava vivendo a mesma coisa que ele. No cúmulo da ironia, ao tentar destruir a ela e ao pai, Soren tinha criado a mulher perfeita para ele. E estava arriscado a perder essa mulher, não importa o que acontecesse.

Soren ficou imaginando como ela reagiria ao ver o tear. Será que ficou feliz? Ou ficou triste por causa da lembrança? Soren resolveu voltar para Alston assim que encontrasse com esse emissário.

Eles encontraram Beornwulf de Hexham no local combinado e Soren ficou extremamente chocado quando soube qual o assunto que queriam discutir. Brice também ficou surpreso, e mal pode esconder isso.

Beornwulf veio com uma proposta de casamento, para Soren se casar com a filha de Morcar, que se encontrava na Normandia com William. Quando Soren disse que já era casado, Beornwulf lamentou a condição da filha de Durward e comentou que o casamento podia ser facilmente desfeito, permitindo a Soren se aliar a essa família poderosa do norte. Como Soren não mordeu a isca, Beornwulf acrescentou que havia maneiras de

terminar o casamento com uma cega que não precisava do aval do rei ou do bispo, e tratou de melhorar a oferta.

Isso era um tipo de cilada e Soren nunca ia cair nela, mas era bom conhecer seus inimigos e os planos deles. Sem a permissão de William, Morcar jamais recuperaria o condado de Mercia, por isso, Soren e Brice desconfiavam de que isto devia fazer parte dos planos de Morcar para cair nas graças de William de novo e reaver suas terras no norte.

Estava claro que Morcar queria tentar juntar sua família a um novo nobre que obviamente tinha prestígio com o rei, e Soren teve que se segurar para não dar um soco no sujeito pela ousadia dele. Como Soren não ia conseguir manter a frieza necessária para continuar a conversa, ele pediu a Brice que ficasse no seu lugar e conversasse com Beornwulf. Demonstrar sua indignação não ajudaria em nada e Soren estava muito perto disso ao perceber que isso poderia representar uma ameaça à vida de Sybilla.

Soren ficou preocupado com todas as implicações e possibilidades dessa oferta, e ao voltar para Alston só pensava em uma coisa: como convencê-la a ficar? Se ela permanecesse cega, será que conseguiria convencê-la a continuar casada com ele? Apesar de tudo que ela passou no início, apesar da razão da sua união, será que ela ficaria?

Quando ele chegou, no meio da noite, ele tirou a cota de malha, a armadura e subiu para seus aposentos.

Capítulo Vinte e Dois



SOREN DEU uma olhada pelo quarto e tentou entrar sem fazer barulho para não acordar Sybilla. Ele adorava o jeito dela de gemer e se espreguiçar contra ele quando a acordava durante a noite. Ele queria muito que ela fizesse isso esta noite. O quarto estava escuro e só a iluminação das tochas do corredor iluminaram o caminho para ele ver... uma cama vazia. Soren se esforçou para enxergar no escuro, procurando por ela.

Até que a encontrou.

– Sybilla? O que está fazendo aí?

– Acenda a lamparina e feche a porta – falou ela baixinho.

Ele fez como ela mandou e descobriu que ela estava no canto, junto ao tear, vestida apenas de uma camisola fina que quase não cobria nada. E em poucos segundos ele ficou excitado.

– O que faz aí no escuro? – falou ele sem pensar. Por um momento lhe faltou sensibilidade, mas aparentemente, isso não incomodou Sybilla. – O que está fazendo?

Soren se aproximou mais dela. Os homens tinham feito um bom trabalho consertando o tear como ele pediu. Até os fios estavam certinhos e os pesos de argila nos lugares certos.

– Passei horas tentando tecer.

– E então? – Ele olhou para as últimas carreiras da trama e viu que não tinha conseguido. – Vai levar algum tempo para você se acostumar.

Ela esticou os braços, abriu as mãos e deslizou pelos fios, quase como ele tinha visto Tristan fazer com as cordas da harpa. Ela percorreu as linhas horizontais e verticais esticadas no tear. E balançou a cabeça, deixando os braços caírem.

– Não posso tecer sem ver a padronagem.

Ela estava desolada e Soren se viu nela. Ele também ficou frustrado muitas vezes quando teve que enfrentar os desafios de aprender as tarefas mais simples depois de escapar da morte. Os dois eram muito parecidos, ele pensou ao se colocar por trás dela, lembrando-se de como Larenz o ensinou a trabalhar seus músculos quando se recuperava. A diferença, agora, era a vantagem de segurar em seus braços uma mulher seminua.

Soren abriu os braços por trás de Sybilla e colocou as mãos dela sobre a lançadeira. Depois ele guiou os dedos dela sobre os fios.

– Sinta os fios, Sybilla. Você conhece pois já os teceu.

Ela se apoiou em Soren e ele sussurrou para ela.

– Pense no tecido. Veja-o na sua mente, é isso que importa. Agora, encontre a padronagem nos fios – repetiu ele, acompanhando os movimentos dos braços dela. – Diga-me o que está vendo.

– Um ponto sim outro não, na primeira carreira. Depois, dois pontos sim, dois não e três pontos sim, três não.

– Então, faça isso, Sybilla. Conte os fios ao tocá-los, na sua mente, ouça os números de que precisa. Deixe a lançadeira fazer a padronagem.

Ela foi contando baixinho, movendo a peça de madeira sobre os fios de lã, depois mais um, e de novo até completar meia dúzia de carreiras. Ele viu que não estavam perfeitos, mas não tinha problema. Ela estava recuperando a vontade de tecer e teria muito tempo para se aperfeiçoar.

Da mesma forma que ele treinou usar a espada, mentalmente, passo a passo, até seu corpo poder fazê-lo. Depois, seus músculos copiaram sua mente e ele recuperou a habilidade indispensável para um cavaleiro. Demorou um bom tempo, de muita dor e força de vontade, mas ele conseguiu. A dor dela seria diferente, mas no final, o esforço ia valer a pena se ela pudesse voltar a fazer tecidos como fazia antes que ele aparecesse em Alston.

Ela completou mais algumas carreiras sem a ajuda de Soren, mas ele não saiu de perto dela. O corpo dela estava colado ao seu e a cabeça apoiada no seu peito. Finalmente, ela colocou a lançadeira no chão e ficou calada. Ele sabia exatamente o que ela ia lhe perguntar.

– Por que você trouxe meu tear de volta, Soren? Sabia que foi meu pai quem fez o tear e que ia se lembrar dele todas as vezes que o visse, então por quê?

O que poderia dizer a ela? Como poderia dizer que fez isso para voltar a se sentir o homem que sempre foi? Um homem que tinha alguma coisa boa dentro de si e não apenas ódio. Que ajudá-la a se recuperar estava fazendo bem a ele? Como podia dizer essas coisas para ela se ele não tinha certeza se era verdade? Apesar de ter chegado aqui querendo vingança, ele encontrou uma maneira de se redimir. Então, em vez de tentar se esconder atrás da raiva e da dor, ele disse a verdade e torceu para ela não descobrir o quanto precisava dela.

– Achei que fosse a coisa certa a fazer, Sybilla.

Ele mesmo se surpreendeu com o que disse, pois sempre viveu em função da sua aparência e só se preocupava em se deitar com mulheres e vencer batalhas. Depois da sua desgraça, ele passou a viver unicamente para se vingar. Agora, Sybilla estava lhe dando uma chance de encontrar o verdadeiro homem dentro de si, o homem que não vivia com ódio.

– Era a coisa certa a fazer por você.

Ela se virou para ele e Soren a beijou, mas ele queria algo além de prazer desta vez. Soren se levantou, pegou-a no colo e a levou para cama. Mas em vez de deitá-la, ele a colocou em pé sobre a cama de frente para ele. Depois ele tirou as próprias roupas, ficando apenas de camisa, e tirou a camisola de Sybilla pela cabeça. Por causa do tamanho dele, os seios dela ficaram na mesma altura da sua cabeça.

Ele fez com que ela apoiasse os cotovelos nos seus ombros e se fartou de beijar os seios dela, mordendo e provocando os mamilos e fazendo-a gemer e arcar o corpo se oferecendo para ele. Soren a segurou pela cintura e a beijou toda até a barriga. Soren já tinha lhe dado prazer de todas as maneiras, menos uma, e estava ansioso demais para beijar sua feminilidade.

Então, ele a deitou de costas e se posicionou entre as pernas dela. Em vez de se deitar sobre ela, ele se curvou, pegou as pernas dela e as colocou uma em cada ombro seu e foi beijando a parte interna das coxas dela e lhe

fazendo suspirar e gemer a cada toque seu. Sybilla não imaginava o que ele queria fazer até sentir sua língua quente entre as pernas.

O corpo de Sybilla se arqueou em direção à sua boca, apesar de ela ter tentado evitar. Evitar sua boca.

– Você não deve – pediu ela, mesmo quando o corpo dela se abriu todo para ele.

– Devo sim, Sybilla – disse ele e soltou a risada gostosa e sensual de quando queria lhe dar prazer. – Está gostando?

Ele estava lambendo ela! Não pode ser. Mas ele fez sim, e fez várias vezes até que ela parou de se defender e se permitiu sentir um prazer indescritível que a deixou até tonta. De alguma forma, ele encontrou o centro dela e suas carícias causavam uma sensação maravilhosa que a deixava a ponto de atingir o clímax. E quando ela achou que ia explodir de tanta paixão, ele se levantou e a possuiu, provocando seguidas ondas de prazer nela. Ela gritou de deleite e chamou seu nome várias vezes seguidas e quando achou que não aguentava mais, ela sentiu sua masculinidade enrijecer dentro dela e soube que ele estava pronto para se satisfazer. Ele se retirou bem na hora de derramar sua semente.

Os dois ficaram ali, lado a lado, ofegantes. Neste momento ela aproveitou para lhe tocar no rosto, mas ele não deixou e se afastou dela.

– Deixe-me ver seu rosto como vejo meus fios, Soren. – Mas ele não respondeu. – Eu sei que seu rosto está marcado, sei que tem cicatrizes. Mas você não precisa escondê-las de mim.

Ele continuou em silêncio e acabou se levantando da cama.

– Não posso, Sybilla – disse ele. – Eu quero, mas não consigo.

Ela percebeu que ao admiti-lo, Soren já estava mostrando um grande progresso na intimidade deles, então não insistiu mais com ele. Ele a ajudou a se cobrir e depois se deitou do lado dela. Sybilla logo sentiu sono e se perguntou se ele algum dia mudaria de ideia e decidiria mantê-la como sua esposa.

BRICE CONTINUOU hospedado com eles pelas próximas semanas e Giles prometeu voltar depois que Fayth desse à luz. O quarto de Sybilla se tornou o refúgio deles, onde Soren podia ficar sem se cobrir, sem medo de ser visto e onde Sybilla podia continuar treinando no tear.

Todas as noites eles se reuniam no salão principal. Depois de notar que Sybilla não estava interessada, Tristan já não fazia piadas com o passado de Soren. Mas encantava a todos com seu talento em tocar a harpa.

Quando Soren e Sybilla se recolhiam para o quarto, eles comiam e conversavam sobre o que tinham feito durante o dia. Sybilla lembrava os hábitos dos pais dela e pensou nas mudanças em Soren e nela mesma ao trabalharem juntos para reerguer Alston.

Mas a melhor parte do dia era à noite nos braços de Soren, quando os desejos dela eram apaziguados e o corpo ficava exausto das suas extenuantes atenções.

Soren sabia que os conselhos que dava para Guermont sobre a colheita e a mediação com o povo dela facilitou muito as relações entre normandos, bretões e saxões que aprenderam a conviver. E à medida que ela vivia melhor com ele, o povo dela também convivía melhor com ele.

Os problemas continuavam aumentando em Northumbria e os rumores chegaram em Alston. O povo não estava feliz com o conde escolhido por William, assim como não gostaram de Edwin ou Tostig antes dele, então era pouco provável que o plano de trazer Edwin de volta ao poder pudesse dar certo.

Soren pedia a Deus que o perdoasse, mas rezava noite e dia para que Sybilla nunca recuperasse a visão, pois assim ele tinha uma chance de mantê-la com ele. Com tudo que tinha acontecido entre eles, Soren não sabia como pedir a ela que ficasse, então ele continuava lhe mostrando como ser feliz do seu lado e deixou para ela resolver sozinha quando chegasse o momento.

Soren vivia com medo de um dia ela recuperar a visão. Ou pior, descobrir o quanto ele destruiu a vida dela. Qualquer uma das possibilidades terminaria com suas chances de viverem juntos no futuro. Quando chegou o outono e a época da colheita, pouco antes de começar o inverno, Soren soube que os rebeldes teriam que avançar para a Escócia antes de a neve chegar. E ele sabia que estava chegando a hora de uma decisão entre ele e Sybilla. Ele só esperava sobreviver a isso.

SOREN FEZ uma pausa ao subir a escada. O povo que estava no salão principal ficou mais silencioso depois que Sybilla saiu e ele ouviu que as

conversas e as vozes estavam retomando o tom normal enquanto ele saía. Apesar da tensão entre ele e o povo de Alston ter diminuído, por causa de Sybilla, ainda ia demorar muito para eles o aceitarem.

Quando ele chegou no segundo andar e se dirigiu ao quarto dela, ele se perguntou se as pessoas algum dia o aceitariam, ou se ela o aceitaria. Tentando não dar atenção a estes sentimentos piegas, ele levantou o trinco da porta na expectativa, pois nunca sabia o que esperar nem o que encontraria lá dentro.

Ou melhor, ele nunca poderia acreditar no que encontrou lá dentro.

Sybilla estava diante do tear, concentrada, com as mãos sobre os fios. Ela não parou, então ele desconfiou de que ela não tinha nem o ouvido entrar. Ele fechou a porta, sem fazer barulho, e ficou observando-a.

Sybilla estava de cabelo solto, sem a rede e o véu que os prendia quando estava fora do quarto e os fios balançavam junto com o corpo dela. Ele a via nesta posição dia e noite, várias horas seguidas, empenhando-se para reaprender a tecer. Às vezes vestida, às vezes não. Soren sorriu e logo sentiu que estava excitado, sabendo exatamente como isto ia terminar. Olhando para a cama, ele viu que o caminho entre o tear e a cama estava livre.

Há poucos dias, uma cadeira tinha ficado no caminho e ele quase caiu. Soren acabou conseguindo se equilibrar, com Sybilla no colo, mas tropeçou e caiu sobre a cadeira, aprofundando ainda mais seu corpo no dela. E Sybilla, em vez de se assustar e querer se soltar, se agarrou nele com as pernas e gemeu junto com ele. Olhando para ela agora, Soren finalmente se permitiu aceitar a maravilha que ela era.

– Você subiu a escada correndo? – perguntou ela delicadamente.

Ele estava tão perdido nos seus pensamentos que nem reparou que ela havia parado de tecer e estava olhando na sua direção. Ele respirou fundo e tentou segurar seu desejo.

– Não – disse ele. Deixe que ela saiba o quanto ele a deseja. É melhor assim, do que ela descobrir a verdadeira razão.

– Entendi – disse ela, e o rosto dela ficou ruborizado.

Ele se perguntou se os mamilos dela teriam reagido também. Quando já ia pegá-la, ele ouviu o estômago dela roncar.

– Você comeu, Sybilla?

– Ainda não.

Soren olhou para a lareira e viu um pote pendurado lá. Também viu um prato coberto sobre a mesa. Ele resolveu se aproximar da mesa, pois sabia que o prazer deles podia esperar mais um pouco.

– Venha, vamos comer. Você deve ter tido um dia muito ocupado para não ter comido até agora.

Ela se virou de volta para o tear e colocou a lançadeira nos fios antes de se encaminhar para a mesa. Soren notou que a boca de Sybilla se movia, como se ela contasse os passos até lá. E parou um pouco antes, então ele a puxou para se sentar.

– Mais um passo até a mesa – disse ele.

Soren se admirou diante da facilidade com que falava com ela na privacidade do quarto. Ele tentou não ficar muito íntimo dela, mas não conseguiu evitar o efeito que ela causava nele. Determinado a manter uma distância entre eles, ele tinha tentado ficar indiferente até quando dividiam a mesma cama à noite. Alguém devia ter lhe avisado que isso seria impossível.

Soren estava aprendendo rapidamente qual era a diferença entre uma amante e uma esposa, ainda que nunca tivesse planejado encontrar uma ou outra em Alston.

Sybilla chegou na mesa e procurou pela cadeira para se sentar. Uma vez sentada, ela esperou que ele lhe trouxesse a comida para a mesa. Eles tinham aprendido que ela não podia carregar o pote de comida fumegante quando ainda não sabia se locomover direito. Como não podia ver a barra do vestido, aconteceu uma vez de ela quase incendiar a própria roupa, por isso, era mais seguro deixar que outra pessoa o fizesse para ela, como Aldys havia lhe explicado.

Soren serviu um pouco de ensopado nas tigelas e entregou uma delas para Sybilla. Ela passou a mão pela mesa e localizou a colher. Soren esperou que ela tivesse comido metade da tigela para começar a fazer perguntas.

– Guermont disse que está tudo indo muito bem e que a colheita deve ser excelente – começou ele.

Ela só precisava de uma deixa para falar e logo passava a relatar o que tinha feito naquele dia e os planos para o dia seguinte. Sua habilidade em supervisionar o castelo e cuidar do seu povo era impressionante. Sybilla sabia administrar as colheitas e os animais, assim como sabia fazer os

aldeões trabalharem com eficiência nos campos, no castelo e no moinho. Alston ia prosperar sob os cuidados dela.

Mas ela ia embora em breve, ele lembrou.

Soren ficou com a boca seca e pegou um copo de cerveja para ajudar a engolir a comida. Mas ele a mandaria embora, em pouco tempo, pois faltavam poucos meses.

– Soren? Tem alguma coisa errada? – perguntou ela.

– Não foi nada, eu só fiquei engasgado.

Como costumava fazer antigamente, ele tentou usar a raiva como sempre fez para se defender ao se sentir ameaçado. Ele sempre buscou o ódio e a raiva dentro dele para espantar a emoção desta intimidade.

Mas ele não encontrava nada disso para se proteger de Sybilla.

Ele tentava se convencer de que esta sensação boa que sentia ao lado dela não tinha importância. Será? Ambos sabiam das condições do acordo que fizeram e pretendiam cumpri-lo. Ele estava certo disso, até ela pronunciar a frase seguinte. A frase que derrubava qualquer defesa sua. Quatro palavras simples e ele desabou, por motivos que ele nem sabia, mas sua alma sabia.

– Leve-me para a cama – sussurrou ela.

Soren não precisou perguntar a ela por que mudou de assunto nem o que ela queria dizer com aquilo. Ele sabia, pois sentia o mesmo. O clima entre eles começou quando ele entrou no quarto e cada minuto, cada palavra, cada demora só fez aumentar o desejo por ela. Ele se levantou, pegou-a no colo e a levou para a cama.

Alguma coisa estava diferente entre eles desta vez. Ele estava excitado e a possuiu de todas as formas que pôde, introduzindo-se nela e fazendo-a explodir de paixão até ele fazer o mesmo. E ele só recuou na última hora, porque parecia certo estar dentro dela. Não importava que ele fosse um guerreiro temido, e que certas pessoas se benzessem ao se defrontarem com ele, como também não importava que havia jurado matá-la para se vingar do pai dela.

No momento em que os corpos deles se uniam num só, Sybilla era capaz de tocá-lo de uma maneira que ninguém tinha conseguido antes. E se amanhã ela fosse embora, ele ficaria arrasado. Então, ele adormeceu rezando pela própria sobrevivência.

SYBILLA FICOU deitada, acordada, enrolada nas cobertas e em Soren, e não queria se soltar dele. Ela ficava encabulada só em pensar como tinha sido ousada esta noite. Embora nunca tenha se negado a deitar com ele, ela também nunca tinha se oferecido para ele, sempre esperou que ele tomasse a iniciativa. Como de fato ele sempre fez.

Com muita criatividade e paixão ele transformou a virgem Sybilla em uma amante ardorosa. Nunca se desculpou pelo que fez para despertar prazer nela e nunca exigiu dela algo que não quisesse dar. Mas esta noite alguma coisa mudou.

Ela tirou o cabelo do rosto e mais uma vez desejou loucamente poder vê-lo. Por mais talentosa que tivesse se tornado para distinguir os diferentes tons de voz, sentir aromas, gostos e a sensação das coisas, não poder vê-lo, ver o homem que foi chamado de “lindo” e o estrago que o pai dela fez, a deixava perdida. Ela sorriu e levou um susto quando ele lhe agarrou a mão e a puxou para perto de si.

Será que ele sabia que fazia isto? Será que baixava a guarda quando adormecia? Será que o descanso abrandava sua raiva e necessidade de vingança?

Sybilla queria gritar sua frustração, pois sem ter a quem perguntar, ela não sabia que horas eram e quanto tempo faltava para amanhecer. Era de madrugada que ela se preocupava com o futuro dela. Bem, ao menos ele não se importava com a iniciativa dela e ela pensou em fazer isso com mais frequência. Se ele ia abandoná-la em breve, ao menos ela teria muitas lembranças para carregar pela vida. Lembranças que iam lhe ajudar a suportar as noites frias e solitárias na cama sem ele.

A frustração lhe deu coragem e ela resolveu tocá-lo. Quando o encontrou, seu quadril, pelo visto, ela ficou quieta esperando sua reação. Como ele não reagiu, ela deslizou os dedos pela sua pele, traçando a linha da cintura. Ele tinha permitido que ela o tocasse abaixo da cintura, mas nunca acima. Sybilla começou então a percorrer suas costas.

Havia uma saliência na pele indicando cicatrizes logo acima da cintura. Ela tateou de leve, seguindo a cicatriz e atenta imaginando que ele podia acordar. De repente, ela notou que ele tinha acordado mesmo, então ela ficou quietinha, esperando uma reação zangada. Era impossível argumentar que o toque fosse acidental, então Sybilla falou primeiro.

– Dói aqui?

– Não, Sybilla. Nem um pouco – respondeu ele sem hesitar. – Em algumas partes eu não sinto absolutamente nada.

Quando ela pensou em lhe fazer mais perguntas, percebeu que ele estava saindo da cama. Era como se ele quisesse escapar dos toques dela. Na verdade, ele tinha permitido mais carícias dela do que nunca.

Sybilla ficou surpresa quando sentiu que ele voltou para cama, pois achava que ele ia querer evitar novos carinhos. Ele arrumou as cobertas sobre eles e a puxou para se encostar nele. Eles ficaram ali, quietos, até que ela não aguentou mais e teve que perguntar.

– Conte-me sobre os outros – disse ela. – Os outros bastardos.

Ele soltou uma gargalhada que reverberou no ouvido dela, e começou a falar sobre Giles, Brice e lorde Simon, o legítimo filho do seu pai de criação na Bretanha. E logo começou a contar as aventuras dos quatro, descrevendo a infância e a maturidade deles, provocando risos e choro nela.

O nobre Gautier tinha adotado três garotos comuns e os transformou em rapazes admiráveis antes de morrer. Preparou os três para enfrentarem os desafios da vida e da guerra. Por conhecer os nobres da Inglaterra e a maneira como agiam, Sybilla não compreendia a atitude de Gautier, mas ele fez isso e o resultado estava diante dela.

Ele não deixou de responder às perguntas dela, só quando o galo cantou no pátio e a voz de Soren ficou rouca de tanto falar foi que ele parou.

Alguma coisa tinha mudado entre eles. Algo mais do que a vontade dela de conhecê-lo melhor. Alguma coisa tinha mudado dentro de Soren e ela esperava e rezava para continuar assim.

E mesmo ela se lembrando do acordo deles e sabendo que ele ia abandoná-la, era mais fácil esperar por um futuro junto com ele do que pensar na vida sem ele. Os dias passaram rapidamente, com muito trabalho e responsabilidades, e as noites corriam, cheias de paixão e conversas. Mas Sybilla sabia que isso era apenas uma trégua, tempo gasto sem pensar muito sobre o que devia ou podia ser, sempre com a verdade entre eles.

Então, terminada a colheita e com as notícias cada vez mais frequentes dos rebeldes se reunindo nas colinas, Sybilla rezava por ela e por Soren e por tudo que enfrentariam nos próximos meses.

Capítulo Vinte e Três



SYBILLA TINHA terminado de contar os últimos sacos de farinha e amarrou o número de nós na corda que estava pendurada na parede ao lado deles. Guermont tinha inventado este jeito para ela manter a contagem e o controle dos diferentes gêneros alimentícios estocados e quantos de cada tipo. A colheita tinha terminado e eles estavam quase prontos para enfrentar o inverno.

Sybilla estava na despensa no piso inferior, esperando Guermont voltar para buscá-la, quando se virou rápido demais e perdeu o equilíbrio. Esbarrando numa fileira de barris ela esticou a mão para se segurar e evitar a queda, mas foi tarde demais. Não notou quando bateu com a cabeça, mas perdeu a consciência por um bom tempo.

– *LADY SYBILLA? Lady Sybilla*, pode me ouvir?

Ela reconheceu a voz de Teyen e acenou com a cabeça, o que fez sua cabeça doer mais ainda e a deixou enjoada e tonta.

– Não se mexa – ele lhe avisou.

Tarde demais. Ele devia ter dito isso antes.

Pelos risos, ela entendeu que tinha falado em voz alta e outras pessoas lhe ouviram.

– Quem está aí?

Pelos nomes que Teyen listou para ela, parecia que todo mundo que morava no castelo estava ali olhando para ela, exceto Soren. Ao menos ele não seria testemunha da sua falta de jeito.

– Sybilla, você está bem? – Soren tinha chegado.

Sybilla respirou fundo e tentou se sentar. Como isso não aconteceu, ela fez um sinal com a mão para que todos saíssem esperando diminuir sua humilhação. Agora Soren ia reclamar por ela tentar fazer coisas demais, especialmente quando já tinha lhe avisado sobre a tarefa em questão.

– Por favor, voltem para suas tarefas. Eu vou ficar bem.

Nenhum barulho, ninguém se moveu dali, como ela pediu. Sua cabeça latejava mais ainda.

– Soren...

E em pouco tempo ele estava do seu lado, passando a mão por baixo dela para levantá-la do chão. Infelizmente, mesmo com todo o cuidado, cada passo que ele dava fazia sua cabeça doer mais. Quando chegaram no seu quarto, ela estava com vontade de chorar.

Ela se sentiu um pouco melhor quando deitou na cama, então imaginou que a dor ia passar depois de algum tempo, mas não agora. Depois pensou em como parecia que estava revivendo aquele primeiro dia de novo. Teyen cuidou dela, examinou a cabeça mas não encontrou nenhum ferimento ou saliência. Sybilla ficou de repouso e à noite sua cabeça doía bem menos.

Soren se ofereceu para dormir em outro lugar para não prejudicar seu repouso, mas ela sabia que não dormiria nada sem ele ao seu lado. Ele se deitou com todo cuidado, acomodou-se junto dela e a segurou nos braços. Como Teyen não quis dar medicação para ela, Sybilla dormiu mal durante a noite e quando conseguia dormir, tinha pesadelos terríveis.

Espadas cortando corpos. Demônios gritando no escuro. Alguém destruindo cada canto de Alston e depois incendiando tudo. E continuou sonhando com cenas horrorosas até acordar gritando. Ela acordou com Soren chamando seu nome baixinho, e que não estava dormindo ou sonhando. A noite foi uma das mais longas de sua vida e ela ficou aliviada quando percebeu que o dia estava amanhecendo.

DEPOIS DE muita discussão e de ser provocada sobre precisar de um dia de descanso, Sybilla conseguiu convencer Soren a retomar as tarefas dele.

Aparentemente, ele mandou que todos fossem ao seu quarto para verificar seu estado, constantemente, então, foram lá Aldys e Gytha, Guermont e Larenz e até o jovem Raed, cada um a visitou, perguntando pela sua cabeça e contando sobre as novidades no castelo na preparação para o inverno. Sybilla estava se sentindo culpada por estar na cama, mas a tonteira voltou cada vez que ela tentava ficar sentada.

QUANDO OS sintomas continuaram pelo segundo dia, Aldys aventou a possibilidade de Sybilla estar grávida. Ela ficou encabulada quando explicou como sabia que não podia estar esperando um filho, mas Aldys parecia mais convencida pelo fato de Sybilla ter ficado menstruada todos os meses desde que Soren chegou em Alston.

TALVEZ FOSSE um distúrbio ou alguma doença, ela não sabia, mas ela se sentiu melhor no terceiro dia, a ponto de se sentar e até sair da cama. Ela ficou agradecida, pois Soren ficou bem preocupado com ela. Quando ela acordou de um cochilo, mais tarde naquele mesmo dia, ela estava sentindo sua cabeça diferente e as cores dos sonhos pareciam ter ficado na sua mente.

Sybilla resolveu tentar tecer algumas carreiras, então se levantou e se encaminhou para o tear. Aconteceu tão lentamente que ela nem se deu conta de início, e de repente ela via sombras em vez de tudo preto. Ela se virou e notou a claridade do sol se confundindo com as sombras. Ela piscou os olhos e os esfregou, imaginando estar sonhando, mas logo começaram a surgir formas e Sybilla reconheceu sua cama e o tear no canto. Depois as cores entraram e o azul que ela sempre adorou desde a primeira vez surgiu no fio que entrou em foco, nítido e claro.

Ela tremeu toda e começou a chorar diante da possibilidade real de poder voltar a enxergar. Precisava contar isso para alguém. Precisava contar para Soren.

Não! Ela devia esperar para ver se isso estava acontecendo de verdade ou se estava só imaginando coisas. Se ela chamasse Aldys ou Soren, ou qualquer outra pessoa, até mesmo Teyen, e ela estivesse enganada... Era melhor sentar na cadeira e esperar um pouco. Enquanto ela rezava para ter a visão de volta, seu coração disparava e o estômago se retorcia de nervoso.

Rezava para poder enxergar, poder ler novamente e voltar a ver o sol nascer e se pôr. Ver sua gente de Alston e fazer tudo que a dava alegria e prazer.

Queria ver Soren e poder livrá-lo do peso que carregava nos ombros. Ver Raed e Guermont e os outros e decidir se os rostos que tinha lhes dado na sua mente eram parecidos com os verdadeiros.

Ela riu, excitada a cada minuto que passava e ela continuava enxergando. Então, Sybilla decidiu que não ia ficar esperando até que a próxima pessoa viesse lhe ver no quarto, ela ia descer correndo e gritar a novidade para todos no pátio.

Finalmente... finalmente... ela ouviu passos no corredor de alguém se aproximando. Ela contou os passos à medida que se aproximavam da sua porta e da novidade. Sybilla ficou ansiosa quando a porta se abriu e um homem muito alto entrou. Ele virou como se olhasse para o corredor e ela viu como ele era bonito.

O rosto era forte, másculo, com um nariz bonito, testa larga e lábios cheios. O cabelo era preto como carvão e ele os usava não tão longo como os normandos usavam, mas longo o suficiente para encostar na túnica.

Devia ser...

– Soren! – disse ela, pegando-o no momento que tirava o capuz e o pedaço de couro que cobria seu rosto. Ela ficou ali parada, enquanto ele a fitou, sem se dar conta de que podia vê-lo.

A outra metade do rosto dele era tão horrível quanto a primeira era linda. Dilacerado e remendado, a pele foi puxada para os lados deixando seus lábios retorcidos. As cicatrizes...as cicatrizes...

– Meu Deus! – gritou ela, horrorizada com aquela visão.

Tudo que ele sempre temeu ver nos olhos dela estava ali, horror, revolta, medo e o pior de tudo, pena. E ele sempre esperou que ela fosse diferente de todos os outros. Que ela olhasse além do estrago e visse o homem que passou a conhecer profundamente nesses últimos meses.

Porém aconteceu exatamente como ele imaginou. Sybilla só via o monstro na frente dela. Sua única chance foi por água abaixo. E por um momento, o homem que só sobreviveu para se vingar voltou à tona.

– Então, agora você viu o que seu pai me fez e entende por que eu tive que matá-lo.

– Soren, eu lhe peço... – Ela começou, mas ele a interrompeu com um gesto de mão.

– Eu podia aceitar isto de estranhos, de qualquer pessoa, mas não de você, Sybilla. Achei que havia confiança entre nós dois, mas vejo nos seus olhos agora. Vejo horror e pena nos seus olhos.

Ele ficou irado e quis fazê-la sofrer também. Então resolveu agredi-la da pior forma.

– Eu só casei com você porque você estava cega. E eu rezei todos os dias para que você permanecesse cega. Eu não queria que voltasse a enxergar, pois assim eu não veria este seu olhar de desgosto. – Sybilla ficou engasgada, então ele achou que tinha atingido seu objetivo. Ela caiu de joelhos, e logo suas criadas apareceram na porta do quarto. Eles estavam gritando e não era de se espantar que logo aparecessem várias outras pessoas também.

Soren se virou e saiu do quarto, sem se preocupar em vestir o capuz de volta. Dane-se todo mundo! E dane-se ela também!

Ele desceu correndo a escada e foi para o pátio e a notícia do milagre logo se espalhou quando ele foi até a cocheira. Diante da expressão zangada dele, ninguém se atreveu a dizer nada para ele. Soren selou seu cavalo, montou e saiu a galope sem se importar aonde ia e nem por quê. Ele só precisava sair dali para tentar apagar aquela cena, quando viu tudo que mais temia nos olhos dela.

Soren estava tão envolvido na própria dor que nem reparou na decepção nos olhos do garoto quando ele passou pelos portões.

TODA A felicidade que sentiu ao recuperar a visão desapareceu diante das revelações de Soren. Quando ela olhou para o rosto dele, tão dilacerado, ela só pensou no sofrimento dele e a dor de viver assim. Sybilla ficou horrorizada que alguém que ela amava pudesse ter feito um estrago tão grande nele. E mesmo quando Aldys e Larenz tentaram explicar como tinha sido terrível a batalha de Hastings, e as dúvidas sobre a culpa de seu pai, Sybilla entendeu o motivo de Soren só pensar em vingança.

Sybilla estava horrorizada, envergonhada e humilhada pois seu pai era o responsável por tamanho sofrimento. Ela tentou passar a mão nele, para aliviar a dor que sabia que ele sentia todos os dias, mas ele interpretou mal seu gesto.

A partir daí, tudo desmoronou.

Qualquer simpatia, qualquer entendimento que tentasse foi anulado pela sua afirmação de que tinha matado seu pai. Sybilla percebeu que nunca tinha perguntado sobre isso porque já temia. E agora, imaginar que ela havia se apaixonado e se entregado ao assassino de seu pai a deixava doente.

Será que ele o matou mesmo, ou falou isso só para magoá-la? Ele explodiu no momento em que interpretou mal sua expressão, mas será que foi verdade?

A PRIMEIRA notícia a se espalhar foi da sua recuperação, depois foi a sua reação e a dele. Agora Alston tinha virado um campo de guerra e a hostilidade dos primeiros dias voltou. Ele passou a dormir em outro lugar, fazer as refeições em outro lugar e não falava com ela. Se ele entrasse no salão principal e ela estivesse lá, ele saía. Se precisasse se comunicar com ela, ele mandava um intermediário.

Mas o pior de tudo era a expectativa de ser mandada embora. Ela sofria à espera do golpe final. Acabou que Alston era mais importante para ele do que ela, então os problemas entre eles terminaram quando Alston começou a correr perigo.

Por causa disso houve uma trégua entre eles e Sybilla teve que se habituar à nova realidade. Ela começou a comparar as pessoas com a imagem que havia criado na sua mente e o único que conseguiu acertar foi Raed, de quem Aldys tinha feito uma boa descrição e de fato o nome dele combinava com o cabelo.

Mas a distância que Soren impôs a eles, não a impediu de cuidar dele. Sybilla fez de tudo para recuperar aquele Soren que ela conheceu, aquele que defendia os amigos e o povo de Alston. Agora ele a lembrava daquele primeiro Soren que ela havia conhecido, montado no cavalo e pronto para atacar, parecendo o diabo em pessoa. Aquele homem que reconstruiu seu tear e que a ajudou a enfrentar a cegueira não existia mais, agora sua expressão era só ódio.

Sybilla tentou imaginar que Soren era o homem que tinha lhe mostrado o que era sentir prazer. Afinal, ele parecia sempre estar olhando na sua direção sempre que ela pensava neles dois fazendo amor. E ela ficava ruborizada, uma dica para ele sobre seus pensamentos.

A única coisa que mudou foi quando Soren descobriu o acampamento dos rebeldes e ele, Brice e o recém-chegado lorde Giles armaram um plano para capturar o líder deles. Com a visão recuperada, ele devolveu a ela todas as suas antigas funções de forma a permitir que Guermont se juntasse aos soldados. Sybilla se perguntava o que os amigos achavam da situação deles.

Capítulo Vinte e Quatro



— ENTÃO VOCÊ desconfia de que esse tal de Wilfrid de Brougham está ajudando Edmund a recrutar homens? – perguntou Giles.

Os amigos dele achavam que ele precisava se concentrar nas batalhas que estavam para acontecer e não na mulher que partiu seu coração com sua traição. Soren balançou a cabeça, tentando pensar sobre a informação que tinham recolhido. Era mais seguro pensar em matar do que pensar *nela*.

— Não, acho que é Maurin de Caen. Ele acha que sua ascendência normanda pode nos confundir.

Soren abriu o mapa que Stephen tinha elaborado durante suas buscas nas montanhas entre Alston e as terras de Maurin a oeste.

— Há vários lugares que podem servir de esconderijo para pequenos grupos de homens – continuou ele, apontando para vários pontos do mapa.

— E todos eles a poucas horas de distância.

— Mas por que eles ainda permanecem na Inglaterra quando a fronteira está tão próxima? – perguntou Brice.

— Desconfio de que você seja a resposta, lorde Thaxted.

O corpo de Soren reagiu só de ouvir sua voz. Ele fechou o olho e tentou controlar a mente e o desejo. Em seguida, ele respirou fundo antes de encará-la.

Todos se viraram para olhar para Sybilla que tinha surgido sem eles notarem. Soren se segurou na beirada da mesa, lutando contra a vontade de pegá-la nos braços e beijá-la. Mas se lembrava da expressão do seu rosto quando viu como ele era e ele se controlava.

– Como assim, senhora? – perguntou Brice, curioso.

– Por causa dos suprimentos e do ouro que trouxe. Os rebeldes sabem e querem roubá-lo. – Ela apertou os olhos e foi procurar a sombra. Soren evitou perguntar se a luz estava incomodando seus olhos azuis. Devia estar, pois ele sempre a via tapar o sol com a mão quando saía no pátio.

Mas que droga! Quem mandou ficar reparando nisso?

Soren se virou para os amigos enquanto Giles examinava o mapa, depois para ela e de volta para o mapa.

– Então, se os rebeldes nos viram chegando com as carroças cheias de ouro e suprimentos, eles podem vir atrás disso para se reabastecer e continuar lutando?

Apesar de Giles não estar perguntando isso a Sybilla, ela respondeu do mesmo jeito.

– Lorde Soren me falou sobre Edmund Haroldson e seu esforço para recuperar as terras e os títulos do pai. Ele perdeu esse direito e agora luta por lutar.

– Lorde Soren lhe contou isso sobre Edmund? – perguntou Brice, olhando para o amigo ao falar. – Que interessante. – Soren encarou o amigo, como se o avisasse para não seguir esse caminho. – E eu sou a única razão de ele não ter ido para o norte? – perguntou ele.

Sybilla olhou para Soren antes de responder.

– Não. Edmund tem pouco apoio aqui no norte, apenas um ou dois nobres que estão ajudando-o a se esconder. Quando o inverno chegar, ele vai usar todos os seus recursos e não terá nada mais para atrair novos seguidores. Então, ele precisa resistir agora para manter o que ele tem.

– Você sabe como isso funcionou em Thaxted – disse Brice, que olhou para Soren e depois para Giles. – Usamos um tesouro falso para atraí-los.

– Será que Edmund não vai desconfiar de um truque parecido, tão cedo? – perguntou Sybilla.

– Foi Oremund quem caiu na cilada, Edmund não teve escolha – explicou Soren, embora tivesse jurado não falar com ela. Por sorte, ela saiu

de perto depois de elucidar alguns pontos. Brice acenou para Sybilla e ela foi embora, felizmente, sem lhe dirigir mais a palavra.

E ele observou cada passo que ela dava.

– Então você discutiu estratégia militar com uma mulher? – perguntou Giles, voltando a atenção dele para os planos.

– Ela tem raciocínio rápido para detalhes – disse ele. O elogio despertou várias trocas de olhares e expressões questionadoras. Eles nem disfarçaram a curiosidade.

– Soren, há alguma chance de vocês se reconciliarem? – quis saber Giles. – Francamente, parece que vocês têm muita coisa em comum.

– Como vocês se sentiriam se suas mulheres olhassem para vocês com horror e pena? Foi o que eu vi nos olhos dela e sei que não vou aguentar isso quando for me deitar e sempre que acordar de manhã!

Ele detestava explicar isso. Ele detestava que muitos soubessem da sua dificuldade e da razão disso, mas não havia nada que pudesse ser feito sobre.

– Sugerir um casamento temporário e ela concordou e está cumprindo com a parte dela. A colheita está terminando, quase tudo está estocado e Alston está pronto para enfrentar o inverno. Quando Edmund não representar mais uma ameaça para nós, eu vou desobrigá-la do nosso casamento como prometi.

Os amigos tentaram demovê-lo da ideia, mas ele acabou com isso chamando vários de seus homens para discutir o plano de atrair Edmund em uma armadilha. Algumas horas depois, todos os arranjos estavam feitos e eles soltaram a notícia, dentro do castelo e nas aldeias, sobre as riquezas que lorde Brice estaria levando para casa em breve.

Eles separaram os homens, deixando uma parte para defender o castelo e o povo e outra para sair em busca dos inimigos e soltar a informação. Em seguida, eles se defrontaram com os três amigos e quando a batalha terminou e os corpos foram contados e identificados, deram como encerradas as reivindicações de Edmund Haroldson no norte ou em qualquer parte da Inglaterra.

– JÁ NÃO houve bastante sofrimento?

Soren viu Larenz se aproximar dele. Ele tinha cavalgado para o alto da montanha e estava olhando para tudo que ele ganhou ao derrotar a última leva de rebeldes e fortalecer a fronteira de William com os escoceses. Ele foi buscar refúgio na solidão deste ponto alto e distante.

– Toda conquista tem um custo, Larenz – disse ele. – Foi você quem me ensinou isso.

– De tudo que eu já lhe disse, foi só isso que você registrou?

– É verdade.

Larenz soltou um suspiro de frustração.

– Você a ama. Ela o ama. Você é um tolo. Tudo isso é verdade, também – disse ele zangado.

Ele tinha vontade de bater em Soren por ter estragado tudo, mas ele entendia o motivo de Soren ter reagido daquele jeito, de ver coisas que não viu e ouvir palavras que ela não teve a intenção de dizer.

– Quando olhou para Alston, você imaginou que ia ser assim? Que ia deixar a mulher que você ama ir embora, só porque está com medo?

Soren deu um soco no ar pois Larenz foi rápido e se afastou a tempo.

– Estou cumprindo o acordo que fiz com ela.

– Você viu o que queria ver nos olhos dela, Soren, não o que havia lá.

– Quer dizer que eu imaginei o horror, o ódio e a pena?

– Você se convenceu de que ela ia sentir essas coisas. Você se convenceu de que ela não ia aceitá-lo, e que não veria o verdadeiro homem que você é por baixo da pele retorcida. Você nunca lhe deu uma chance – disse Larenz. – Então, caso você tenha se enganado, você fez questão de provocar o ódio dela quando disse que tinha matado o pai dela.

– Mas eu o matei. – E ele repetiu o movimento das mãos de quando enfiou a espada no sujeito. – Eu o acertei quando ele caiu no chão.

– Ele estava morto quando você o acertou, Soren. Havia uma seta enterrada nas costas dele. Provavelmente, ele nem percebeu que o machado dele o atingiu.

Soren olhou para Larenz incrédulo.

– Eu virei e lancei minha espada nele. Eu o matei – insistiu ele, mas sua voz já não parecia tão confiante. Talvez estivesse começando a questionar as lembranças daquele dia. – Se eu não o matei, por que deixou que eu acreditasse nisso?

Larenz assistiu tudo naquele dia, mas estava longe demais para ajudar Soren e defender suas costas. Agora estava revelando a verdade que o guerreiro não foi capaz de enfrentar até hoje. Soren parecia surpreso, mas no fundo ele suspeitava disso há muito tempo.

– Você teve que acreditar nisso para ter força para viver, mas agora isso está atrapalhando seu relacionamento com a senhora. – Larenz apontou para os fatos. – Você já está suficientemente forte para saber e aceitar que não matou Durward. O que aconteceu aqui e entre vocês dois é responsabilidade sua, não dele.

Larenz observou Soren enquanto ele relembrava aquele dia.

– Você viveu da sua aparência por muitos anos, e até você achava que era apenas isso. O Belo Bastardo! O homem que vivia entre uma cama e outra e entre uma batalha e outra. – Em seguida, ele suavizou o tom. – Aí, Durward lhe tirou isso e você passou a viver à base de ódio e vingança. E Sybilla mudou você e agora sabe que tipo de homem você é.

Soren não olhou para ele, mas Larenz ia continuar.

– Eu entendo seu receio. Mas não desista dela por medo.

– Ela é linda, Larenz. Ela precisa de um homem que possa contemplar sem sentir repulsa.

Larenz retrucou.

– Suas palavras são um insulto à senhora.

Soren limpou o sangue de sua boca.

– Não vou suportar vê-la se cansar de olhar para esta cara horrível – disse ele. – Não vou suportar vê-la se apaixonar por outro. Apaixonar-se por alguém que seja como eu fui. Como meu primo Tristan. Alguém que vai atraí-la para sua cama como eu fiz com as esposas de outros homens.

– Você não confia nela?

Soren não respondeu.

– Para ter a confiança de alguém, é preciso primeiro confiar nela. Alguma vez ela lhe perguntou sobre seus ferimentos? E tocou suas cicatrizes?

Ele não respondeu.

– Você esperou muito dela e nunca ofereceu nada em troca. – Larenz fechou os olhos e balançou a cabeça. – Você a surpreendeu. Você esperava que ela não reagisse, uma jovem que nunca viu os horrores da guerra? Agora que ela entende, deixe que ela o veja. Confie nela.

Larenz notou que Soren estava pensando nisso, mas o medo de ser rejeitado era enorme. Não havia muito tempo.

– Você a pediu para ficar? Pediu que rasgasse aquele contrato? Ou disse que estava terminando o casamento? – perguntou ele.

Ele sabia que não devia provocar um homem que estava sofrendo, mas Soren precisava superar isso.

– Sybilla vai partir com Brice e Giles pela manhã. O que você acha melhor fazer, pedir que ela fique ou viver sua vida sem ela? O que será de Alston sem ela? Agora que sua vingança acabou, só vai lhe restar uma vida vazia e frustrada.

Larenz caminhou de volta ao local onde deixara seu cavalo e o montou. Gautier tinha dito que Soren era o mais esperto dos quatro filhos, mas em momentos como este, Larenz duvidava da sabedoria do falecido irmão.

DEPOIS QUE Larenz foi embora, Soren continuou ali pensando nas palavras dele. Sua experiência como guerreiro, como o “Belo Bastardo”, não o ajudaria agora. A vida frívola, passando de mulher em mulher e de batalha em batalha, sem compromisso e sem futuro, tinha terminado. Mas será que poderia construir um futuro e seguir em frente agora? Ele chutou algumas pedras, enfiou os pés na terra e tentou assimilar as palavras de Larenz.

Durante tanto tempo ele foi valorizado pela aparência, pela beleza, pela estatura e proezas sexuais, que se esqueceu das lições de Gautier. Ou tentou esquecer até que ela o forçou a considerar os valores e verdades da sua vida.

Sybilla nunca viu esse homem, o tal que fazia as mulheres desmaiarem ou brigarem para ter um pouco da sua atenção. O tal que não pensava duas vezes antes de se deitar com mulheres casadas. Apesar de ele ter apresentado seu lado mais sombrio e perigoso, ela deixou de lado os medos e o aceitou. Não foi fácil para ela, *certainement*, mas as noites que passou sozinha no quarto com Soren foram decisivas para ela superar o medo.

Soren desconfiava de que ela chegou a se apaixonar por ele antes de ver o monstro que ele era. E também achava que ele chegou a ser aquele homem que queria ser para ela naqueles encontros noturnos.

O vento soprou contra ele e Soren virou o rosto ao seu encontro, deixando esfriar sua pele. O cavalo relinchou, como se o chamasse. Soren soltou as rédeas da árvore e as segurou na mão.

Apesar de ter compreendido a verdade das palavras de Larenz, Soren sentia um certo medo no estômago e no coração ao considerar suas opções.

Sua vida ficaria vazia sem Sybilla ao seu lado.

Seu futuro sombrio.

E pior, sua alma ia definhar e seu coração não se recuperaria jamais.

Soren montou seu cavalo, olhou para Alston mais uma vez e sabia que não tinha escolha.

Alston era Sybilla e ele não poderia ter uma coisa sem a outra.

Ele não queria Alston se não pudesse ter Sybilla.

Conduzindo seu cavalo pelo caminho, Soren juntou coragem e preparou-se para enfrentar o momento mais terrível de sua vida.

Capítulo Vinte e Cinco



SYBILLA PERMANECEU junto dos portões enquanto a última das carroças foi amarrada. Ele tinha insistido para ela levar tudo que fosse da sua família ou do pai, e foi o que ela fez. O tear foi desmontado e seria remontado quando ela encontrasse um lugar para morar.

Ela finalmente tinha terminado a colcha azul, mas não ia aguentar trazê-la com ela. Ao olhar para a colcha, ela via as várias épocas da sua vida desde a fase perfeita, antes da chegada dele até à época que ficou cega, a parte que teceram juntos, e depois a parte que ela terminou sozinha durante as últimas semanas de turbulência e dor.

Ela deixou a colcha para trás para ele fazer o que quisesse com ela. Brice e Giles estavam se despedindo dos homens que serviram com eles. Esta seria a última vez que se veriam por um bom tempo, pois Giles tinha um bebezinho novo em casa e a esposa de Brice estava esperando um bebê agora. Sybilla aceitou o convite para ficar em Taerford por uns tempos. Giles fez sinal para ela avisando que estavam prontos para partir e Sybilla olhou mais uma vez para a única casa que tinha conhecido na vida.

Ela estava com a sensação de ter se esquecido de alguma coisa, então entrou para dar mais uma olhada. Limpou as lágrimas do rosto e subiu a escada e entrou no quarto. Só tinha ficado a cama, com a colcha azul. Ela não se conteve e passou a mão sobre a colcha mais uma vez. Fechou os

olhos e deixou sua mão deslizar sobre ela, pensando nas muitas horas de prazer e amor que passou sobre ela.

Talvez não chamassem assim. Eles nem perceberam o que havia entre eles naqueles tempos, mas agora ela sabia e sofreria esta perda pelo resto da vida. Separada ou não, anulação ou não, ela havia se entregado a ele, de corpo e alma, e jamais se esqueceria disso.

– Eu não só rezei para você continuar cega – disse ele do canto do quarto.

Ela não olhou. Não poderia olhar.

– Eu também rezei para descobrir um jeito de fazer você ficar.

Soren se aproximou dela.

– Mas não tive coragem de lhe pedir – disse ele, pegando sua mão e levando-a à sua boca para beijá-la. – Não tive a coragem de confiar em você quando me pediu isso.

Sybilla não ousava ter esperança. Ela prendeu a respiração e rezou para ter a chance de provar que o amava.

Soren a fitou nos olhos ao soltar o cinto. Depois tirou a túnica e a calça e mais as outras roupas até ficar apenas de camisa. Ele estava fazendo isso em plena luz do dia e ela ia ver tudo que ele escondeu dela por tanto tempo. Depois, ele fechou os olhos e esperou.

Ele sentiu um nó no estômago do medo que sempre negou. Ele a amava. Ele soube disso bem antes de Larenz ter forçado-o a ver e admiti-lo. Ele só não teve a coragem de aceitar isso.

Ele tinha passado tanto tempo odiando que não reconheceu o amor quando ele aconteceu. Ele teve que sentir que estava perdendo tudo para ter a coragem de se arriscar diante dela. Ele tomou coragem e tirou a camisa, ficando nu diante dela.

Soren não teve coragem de olhar. Ele esperou por alguma reação, alguma palavra ou qualquer outra coisa.

Soren levou um susto com o toque dos lábios dela nas suas costas. Ela beijou o tecido fibroso da sua pele onde o machado tinha rasgado, percorrendo o caminho de destruição pelas costas até o pescoço, em seguida, ela inclinou sua cabeça e beijou o local onde seu olho deveria estar. Soren caiu de joelhos diante dela e a envolveu nos braços.

– Fique comigo – implorou ele. O homem que ele queria ser se revelou, dando a Soren a coragem de declarar para ela. – Seja minha esposa, seja

meu futuro.

Ela fez um carinho na sua cabeça e o fez ficar de pé. Soren não a soltou ao se levantar.

– Sempre – sussurrou ela.

Soren a pegou no colo e a deitou na cama, sobre a colcha recém-concluída. Esta colcha representava a história deles, desde o início até agora, e possuí-la ali parecia ser a coisa certa a fazer.

Em seguida, ela se deitou nua nos braços de Soren que se posicionou entre as pernas dela e a completou. E agora, pela primeira vez, ele não recuou ao derramar sua semente. Ele permaneceu dentro dela e esperou que ela entendesse o passo que estavam tomando. A confiança que estava oferecendo e aceitando.

O amor que estava dando e aceitando.

Neste momento de extrema satisfação, dando e recebendo, ele a fitou nos olhos e viu o amor que ela sentia. Soren soube que poderia se tornar o homem que precisava ser para ela.

– Eu nunca vou deixar você ir embora, Sybilla – jurou ele para ela.

E de fato nunca a deixou.

Epílogo



*Castelo de Alston
Norte da Inglaterra
Dezembro, ano de 1067 d.C.*

OS VENTOS sopravam dos montes Peninos e junto com eles veio a neve. Alston ficou coberta de neve bem antes do Natal e por vários meses depois. Mas isso não foi problema, pois o povo de Alston estava bem preparado para o inverno.

E a vida seguiu em frente, mesmo quando condes e reis vieram e foram e o ano novo se aproximou, dando-lhes a oportunidade de fazer planos para o futuro. Sybilla tinha um presente especial para dar de Natal a seu marido. Sem saber da sua reação, ela esperou até a noite depois que os dois estavam na cama, seus corpos satisfeitos e exaustos.

Aconteceu muito rápido, provavelmente logo depois que eles pararam de evitar filhos, ela engravidou. Segundo os cálculos de Sybilla, ela achava que tinha sido na própria noite que ele lhe jurou amar para sempre.

E ela ia contar a Soren esta noite.

Pretendia lhe contar agora.

– Soren? – Sybilla o testou para ver se estava dormindo. – Quando é que você planeja visitar a Bretanha?

– Quando é que nós vamos visitar a Bretanha? Giles e Brice sugeriram de irmos no verão, para que você conheça o belo clima quente.

– Eu sei – riu ela. – Onde nunca chove e o sol brilha todos os dias. – Apesar dos inúmeros banhos quentes que agora incluíam massagens para aliviar a tensão das suas lesões, ele ainda reclamava do clima terrível da Inglaterra.

– Está sonhando com esse clima quente agora? – Ele esfregou seu corpo no dela, oferecendo-se todo calor que ela precisasse.

– Não. – Ela balançou a cabeça. – Eu estava pensando que preferia dar à luz aqui em Alston em vez de fazer isso num barco ou em uma estrada no meio do nada.

Soren a fitou por alguns segundos, boquiaberto, sem dizer nada. Sybilla não sabia se era um bom ou mau sinal, até que ele gritou seu nome e começou a rir.

Ela ficou feliz de ver o homem que já tinha sofrido tanto no último ano, finalmente ter um motivo para celebrar neste dia especial.

NO DIA 23 de julho de 1068, *lady* Sybilla de Alston presenteou seu marido com uma menina linda. Assim, o último dos cavaleiros bastardos da Bretanha encontrou muito mais amor e felicidade do que jamais imaginou ter.

Nota da Autora



EMBORA A invasão do duque William da Normandia, em 1066, tenha trazido grandes mudanças na política e na sociedade da Inglaterra, algumas transformações já estavam em andamento. Durante o reinado de Edward, o Confessor, os normandos já tinham se tornado parte integrante da Inglaterra, ganhando muitas terras e títulos bem antes de o Conquistador chegar. Por isso, os saxões tinham alguma experiência com os normandos antes da invasão de Pevensey, em outubro de 1066.

Muitos saxões, que juraram lealdade ao novo governante, puderam conservar suas terras depois da chegada de William, outros foram suplantados pelos que lutaram por William. Nobres normandos importantes receberam mais propriedades e, muitas vezes, ganharam também as herdeiras saxãs.

Embora não hesitasse em usar a força para implantar seu governo, William não foi tão radical depois da batalha de Hastings, só três anos mais tarde, na revolta no norte da Inglaterra. Aí sim, ele deu vazão a toda sua raiva, destruindo tudo que via pela frente, acabando com o que restava do estilo de vida dos saxões.

Na minha história, um dos filhos de Harold, Edmund, aparece como líder dos rebeldes. Na verdade, meu Edmund é uma mistura de vários personagens reais que viveram no rescaldo da Batalha de Hastings e que

continuaram a lutar contra normandos ao se mudarem para o sudeste da Inglaterra, depois para o norte e oeste para assumir o controle do país todo.

Acredita-se que dois dos filhos de Harold sobreviveram (ou não lutaram) à batalha que matou o pai deles e que, posteriormente, a mãe se juntou a eles. Os condes de Mercia e Northumbria, cunhados de Harold, trocaram de lado várias vezes durante esse conflito e participaram da luta de William na conquista do norte.

Portanto, qualquer semelhança entre Edmund e os verdadeiros protagonistas não é mera coincidência!

Terri Brisbin

NOITE DE PRAZER

Tradução

Elisa Guimarães

Capítulo Um



Rennes, Bretanha

Primavera, 1066

— OLHE PARA ela — ordenou Simon, indicando com a cabeça sua... esposa. Era estranho e novo chamá-la assim, o que não era difícil de entender, pois haviam se casado naquela manhã. — Apenas olhe para ela. — Seu sangue esquentou só de mirá-la.

Giles, Brice e Soren viraram-se para olhar através do salão, para onde as mulheres estavam sentadas, em grupos, durante a festa de casamento. Elise estava com sua mãe e suas primas, conversando e seduzindo-o com seu comportamento inocente e sua beleza simples.

— Ela parece feliz, Simon — afirmou Brice. — Embora eu esteja surpreso por ela estar aqui.

Simon virou-se e percebeu que seus amigos olhavam para a mulher errada. Antes que pudesse corrigi-los, Giles interrompeu:

— Eu também. Alianor parece estranhamente contente para uma mulher que está perdendo seu amante e protetor para uma esposa. — Giles ergueu o copo para Simon e, depois, para Soren. — Quiçá ela esteja à procura de outro, Soren. O que acha de sua beleza e seu comportamento?

Soren abriu a boca para falar, mas, em vez disso, riu.

– Vou esperar para ver como as coisas vão entre Simon e a esposa. Ele pode acabar logo de volta à cama de Alianor, e meus esforços teriam sido em vão.

O violento xingamento proferido por Simon acabou com a discussão sobre sua amante e assustou algumas pessoas mais próximas. Virando-se de costas para eles, abaixou a voz:

– Eu estava falando de Elise, seus imbecis, não de Alianor. – Simon virou o resto do vinho. – Desgraçados – praguejou, baixinho.

– Sem dúvida, milorde – disse Giles, acenando com a cabeça. Aproximando-se, bateu nas costas de Simon e riu. – Só queríamos tranquilizá-lo.

– Sou assim tão transparente? – Simon podia sentir a ansiedade crescendo dentro de si enquanto esperava pela noite... e por levar Elise para a cama. Desejava-a desde que a vira descer do cavalo em frente ao castelo e, agora que ela era sua aos olhos da lei, desejava-a ainda mais.

– Tanto quanto qualquer outro noivo, Simon – disse Brice.

Tornando a olhar através do salão, ele a viu sorrir e concordar com algo dito por uma mulher. Seu corpo reagiu intensamente à beleza e à feminilidade de Elise. A ideia de abraçá-la, tocá-la, sentir o gosto do seu perfume e iniciá-la nos prazeres da cama conjugal fizeram-no tornar a enrijecer.

Então, enquanto via seus amigos mirando-a, foi atingido pelo ciúme. Os três atraíam mulheres como um doce atrai moscas, e Simon não tinha dúvidas de que, com suas experiências em fazer a corte, se algum deles voltasse sua atenção para ela, poderia mostrar-lhe o bruto que ele realmente era.

Apenas a esperança de que ele poderia ser diferente para ela, diferente *com* ela, permitia que Simon acreditasse que poderia fazê-la feliz naquele casamento.

Como se seus pensamentos a tivessem chamado, Elise ergueu os olhos azuis e o fitou. Jogando os longos cabelos ruivos por cima do ombro, ela virou a cabeça para o lado. Simon sentiu a garganta se fechar e a boca secar, mas seu sangue pulsava e seu coração disparava enquanto ela abria a boca no gentil sorriso que ele começava a desejar. Logo ela seria verdadeiramente sua. Os sussurros de seus amigos acordaram-no de seu sonho, trazendo-o de volta ao problema que enfrentaria naquela noite.

– Ela é sua, Simon. Você sabe disto tão bem quanto todos aqui – confortou-o Soren. – O que está mexendo com os seus colhões... digo, sua cabeça?

Os outros riram da piada do amigo, mas não Simon. Respirando fundo, ele virou-se para eles. Em voz baixa, admitiu seu maior medo:

– Ela é virgem.

Os outros se entreolharam e voltaram-se para o amigo.

– Claro que é, Simon. Sua virtude foi bem preservada por sua família. Até mesmo o tolo de seu pai foi sábio o suficiente para mantê-la fora de seus planos – respondeu Giles.

O pai de Elise apoiara o nobre errado em uma disputa entre o aprisionado duque Conan e seu tio usurpador, conde Eudes, que tentou tomar-lhe o controle da região. A família de Simon, que tinha laços de sangue com os dois lados, manteve-se fora da luta, mas ainda suspeitava de que Eudes e sua prole voltariam ao poder no ducado. Com seu primo William fazendo-lhes ameaças de guerra e seguindo com seus planos para dominar a Inglaterra, Simon acreditava que quaisquer maquinacões seriam capazes de trazer à tona os desfavorecidos e mudar a balança de poder entre a Bretanha, a Normandia e os outros ducados e reinos.

– Damas iguais a ela merecem ser cortejadas com poesia. Contratos e um casamento não bastarão – disse Simon. Podia ser conhecido como um amante das mulheres, mas nunca havia cortejado nenhuma. Certamente, nenhuma tão bela e feminina. – Ela é tão delicada e eu sou tão... tão...

– Mundano? – perguntou Soren, terminando a frase de Simon, mas não com a palavra que ele usaria. – A maioria das mulheres aprecia a experiência em um homem. – Soren riu alto e bateu nas costas de Simon. – *lady* Alianor disse isto em várias ocasiões.

Simon virou-se de costas e afastou-se dos amigos. Mesmo sabendo que o vinho e o clima festivo e um tanto obsceno haviam-nos deixado falastrões, Simon provavelmente socaria um deles. E *isto* traria um fim indesejado ao seu banquete de casamento: mostraria a Elise o lado de sua personalidade que mesmo agora o incomodava. Então, pegou um copo de vinho de um dos serviçais e subiu as escadas para o último andar, onde poderia ficar sozinho e ver o salão da varanda.

Quando chegou à alcova, uma bela viúva já havia se aproximado de Soren, com claras esperanças para a noite vindoura. Balançando a cabeça

devido à facilidade com que o sexo frágil caía aos pés do Belo Bastardo, Simon tomou um gole de vinho.

– A dama já está apaixonada por você, Simon. Você não tem nada a temer. – Giles alcançou-o e olhou para a multidão reunida sob eles. – Seja gentil e tudo irá bem.

Ele estendeu o copo vazio e Simon encheu-o antes do seu próprio.

– Saí à família do meu pai – argumentou ele. – Não somos conhecidos pela nossa graça e baixa estatura.

– Ah, mas basta vê-lo lutar com uma espada para saber que estas palavras mentem. E, pequeno ou grande, tudo irá bem se você colocar o prazer da dama à frente do seu.

Simon bebeu a maior parte do vinho em seu copo antes que o amigo o tomasse de sua mão.

– Se continuar a beber assim, a bela Elise só terá que se preocupar com você dormir em cima dela. – Giles mirou-o novamente. – Nunca dormiu com uma virgem?

Ele não disse nada, mas isto bastou para seu amigo.

– Preocupe-se primeiro com o prazer dela, depois com o seu. Após ela alcançar o próprio prazer, estará mais inclinada a permitir-lhe o seu. – Giles bebeu o resto do vinho.

Parecia um plano seguro, mas a força do desejo de Simon por Elise já estava em seu corpo, pressionando sua masculinidade contra suas calças. Seria capaz de controlar a paixão ao ter Elise nua em seus braços para finalmente possuí-la?

Então, como se pudessem ler os pensamentos um do outro, Giles acrescentou:

– Talvez você devesse procurar alívio antes de ir à cama de sua esposa, esta noite. – Giles não o mirava. Olhava para aqueles no andar de baixo.

Apesar de não ter visitado a cama da bela Alianor desde a chegada de Elise, dois meses antes, a ideia de buscar outra mulher o incomodava. Então, Simon deu de ombros.

Giles deu-lhe um tapinha afetuoso nas costas.

– Talvez possa começar acostumando-a com sua presença e seu toque? Certamente já a beijou. Já a tocou. Por favor, diga-me que conseguiu pelo menos isto, apesar do olhar vigilante de sua mãe.

Simon gargalhou.

– Sua mãe seria uma boa guarda para a masmorra de duque Conan. Temo que nada escape ao seu olhar gélido e à sua língua ferina.

Giles riu e balançou a cabeça.

– Agora que ela é sua, deve começar a tomá-la. Com calma, milorde, como treina os seus cavalos.

Simon mal controlou a risada. Giles e os outros, com seus status de ilegítimos, não precisavam ser finos e tinham poucas oportunidades de conhecer donzelas. A maior parte das damas bem-nascidas não recebia bem seus interesses.

– Meu amigo, aconselho-o a não deixar mulher alguma, muito menos uma dama, ouvir-lo compará-la a um cavalo. Perderá o afeto que deseja em um piscar de olhos. – Simon virou-se para as escadas e fez um sinal com a cabeça. – Venha. Acho que é hora de começar a acostumar minha esposa ao meu toque.

– Nada tema, Simon. Tudo estará bem pela manhã. A dama está verdadeiramente casada, e você, em paz. – A expressão de Giles tornou-se séria. – Mas, caso o seu plano não dê certo, deixarei um livro de poesia ao lado de sua cama, para que use se precisar. Parece-me que damas gostam de palavras doces e juras de amor.

Simon sorriu diante da tentativa do amigo de levar a sério seus temores. Concordando, desceu os degraus de pedra em busca de sua esposa. Tinha horas de festa até o cair da noite e estava ansioso para cortejá-la.

Capítulo Dois



LADY ELISE de Nantes viu seu marido e o amigo deixarem a varanda e dirigirem-se para a escadaria que levava ao andar principal. O castelo tinha vários níveis, com belas tapeçarias em suas paredes e um salão que acomodava centenas de pessoas com espaço. Tudo o que Simon possuía era grandioso, adequado ao rico e poderoso conde de Rennes.

Tudo menos ela.

Elise alisou uma ruga imaginária em seu vestido e pensou novamente em sua boa sorte. Mesmo sem a insistência de sua mãe, era difícil esquecer-se disto diante da beneficência de Simon. Em outras palavras, devia-lhe tudo.

Sua prima estendeu-lhe um copo de vinho e Elise deu um pequeno gole. A boca de sua mãe formava uma linha fina e Elise soube imediatamente que ela não aprovava. Após perceber o olhar caloroso de Simon, juntou os restos de seu orgulho e sua bravura e esvaziou o copo em sua boca. Se ardia e doía ao bater em seu estômago, nunca revelaria.

– Você nos desgraçará, Elise, se dormir ou perder a compostura no leito nupcial – suspirou sua mãe, em um tom furioso. – Pare de beber imediatamente!

Elise quase largou o copo ao comando de sua mãe, mas não o fez. Estava casada, agora. Com Simon, conde de Rennes. E não devia

satisfações a mais ninguém. Nem à sua mãe nem ao tolo de seu pai, que os colocara em perigo. Apenas Simon era seu senhor, agora. O calafrio percorreu seu corpo diante do que a esperava naquela noite e do poder que um homem agora tinha sobre ela.

– *Milady*, um pequeno copo de vinho não fará nada além de acalmar seus nervos virginais – disse sua prima Petronilla.

O olhar gélido de sua mãe acabou com a tentativa de Petronilla de interceder.

– Não há motivo para nervosismo ou hesitação, sua tola. Minha filha sabe o seu lugar e o seu dever para com o conde, na cama e fora dela. – *Lady Bertrade* baixou a voz para que apenas Elise a ouvisse: – Quando se deitar sob ele, não resista e ceda a tudo. Deixe-o fazer o que quiser.

– Venha, prima – disse Elise, levantando-se. Se tivesse que ouvir mais um dos ultrajantes comandos de sua mãe a respeito de sua noite de núpcias, tinha certeza de que gritaria. – Preciso de ar fresco.

Elise virou-se para sair, uma atitude ousada, mas sua mãe segurou-a pelo braço e puxou-a.

– Lembre-se, você o deixará fazer tudo o que quiser. Não o recuse – sussurrou ela, furiosa.

– Já ouvi suas palavras, mãe. Eu entendi – respondeu ela enquanto libertava o braço. Por mais que soasse corajosa, a verdade era que não sabia o que esperar de seu novo marido.

Sua mãe exprimira aqueles avisos durante meses. Assim que os contratos de casamento foram assinados, ela começou a dar instruções para preparar Elise para o casamento. Todas eram iguais e sem detalhes a respeito do que ela deveria aguentar quieta ou do que ele faria que ela deveria permitir. Elise sabia o básico sobre relações conjugais com um homem, mas as palavras de sua mãe indicavam coisas mais perigosas e repulsivas.

Afastando-se, tomou a mão de Petronilla, puxando a prima para escapar ao seu lado. Quase correu ao se desviar de casais que dançavam e passeavam pelo salão, bebendo, comendo e celebrando seu casamento com lorde Simon. Finalmente, saíram do salão e chegaram ao corredor que levava à porta para o pátio. O ar, fresco como devia estar em uma manhã primaveril, saudou-a quando ela atravessou a porta.

– Ela só quer o meu bem. – Elise começou a explicar para a prima.

Porém, as rugas na testa de Petronilla impediram-na de se desculpar novamente pelo comportamento de sua mãe.

– Lorde Simon não permitirá que ela lhe dê ordens, agora que são casados – declarou Petronilla, com franqueza.

Elise assentiu, embora não estivesse convencida de que um casamento poria um fim aos hábitos controladores de sua mãe. Mas, se ser a esposa de Simon significava que tomaria suas próprias decisões, aceitaria o que quer que acontecesse entre eles como um pequeno preço a pagar.

Petronilla tomou a mão de Elise e a acariciou.

– Lorde Simon será um bom marido, Elise. Alianor disse... – Sua prima parou, percebendo o erro, e olhou em volta, esperando o fim daquela situação desagradável. – Não acredito que falei isto. E no dia do seu casamento! Por favor, me perdoe.

Inicialmente mortificada com a menção à amante de seu marido, Elise percebeu que *lady* Alianor era a única pessoa que poderia responder às suas perguntas sobre o que esperar na noite de núpcias. Certamente não poderia falar com a mulher que, apesar de ser a viúva nobre de um dos vassalos de Simon, atendia às necessidades de seu marido. Precisava de um outro alguém... Alguém como Petronilla.

– Não tem por que se desculpar, Petronilla. As atenções do senhor meu marido para esta dama não são secretas, aqui.

– Ainda assim, Elise, foi um descuido meu chamar sua atenção para ela...

Elise virou-se e tomou a mão da prima, puxando-a para perto. Olhando em volta para se certificar de que ninguém a ouvia, disse:

– Para receber meu perdão, precisará me fazer um pequeno favor.

– Que favor, Elise? – perguntou Petronilla, claramente hesitante.

– Quero que me diga o que *lady* Alianor disse de meu marido.

O rosto pálido de Petronilla tornou-se rubro enquanto ela gaguejava diante do pedido. *Lady* Alianor havia dividido muitos detalhes a respeito de lorde Simon com sua cunhada. Ótimo. Quiçá Elise pudesse aprender alguma coisa antes de enfrentar a verdadeira face de seu marido em sua cama.

– Não, Elise! Alianor não me disse nada. Verdadeiramente nada.

– Petronilla, você é minha amiga. Irá me mandar para a cama de meu marido sabendo apenas o que minha mãe me disse? Que devo ficar quieta e

aceitar tudo o que ele fizer? Que não devo recusá-lo? Não saber o que ele fará comigo é pior do que qualquer sofrimento que eu já tenha enfrentado.

– Tenha calma, Elise. Você é uma donzela. Ele espera que você saiba pouco sobre como agir. Ele é um homem bom...

Elise soltou a mão da prima e deixou-a. Falhar em agradar Simon não era uma opção. Devia estar pronta para ser uma esposa e mantê-lo feliz para que ele nunca se arrependesse ou questionasse a decisão de aceitar seu noivado e casamento. Como poderia fazer isto sem saber?

Além destes motivos, Elise começara a se apaixonar pelo homem gentil que conhecera em sua chegada. Todo o cuidado para o seu conforto havia sido tomado, e todos os seus pedidos, acatados. Ele saudou seu irmão e deu-lhe deveres e treinamento, assumindo a responsabilidade que deveria ser de seu pai. Mais do que tudo, embora parecesse grande e grosseiro, era sempre gentil e preocupado com seus sentimentos quando conversavam ou comiam juntos. Tentava fazê-la sentir-se como se já fosse a senhora daquelas terras e, quando conseguia desviar-se das vistas de sua mãe, oferecia-lhe silenciosamente seu afeto.

Ela parou perto de uma parede de pedra que separava o pátio da capela e respirou fundo. Petronilla juntou-se a ela e colocou a mão em seu ombro.

– Você é a única que pode me ajudar, Petra – disse ela. – Sei que ele se importa com Alianor e fica feliz quando está com ela. Se eu souber do que ele gosta, o que o agrada, poderei garantir que o farei feliz. – Seus olhos encontraram os de sua prima. – Não posso dar-lhe motivos para abandonar nosso casamento. Há muito em risco.

Embora a Igreja procurasse ganhar controle sobre os casamentos, assim controlando a riqueza e o poder dos nobres e da realeza, muitos nobres casavam-se com quem queriam e alguns até mesmo tinham concubinas além das esposas reconhecidas pela Igreja. Se não tivesse sucesso em agradar Simon ou em dar-lhe herdeiros e, por isto, ele procurasse anular seus votos, sua família não só cairia em desgraça, mas seria destituída e destruída.

Ela pensou que Petra não responderia, mas, então, sua prima começou a falar. As palavras saíam apressadas, sem que as duas mulheres olhassem uma para a outra.

– Alianor disse que lorde Simon gosta de mulheres lascivas e apaixonadas que... que... não são nem tímidas nem quietas na cama.

Elise perdeu o ar diante de tal descrição. Tentar compreender seus significados fazia seu coração disparar e seu rosto se encherem de calor.

As palavras de Petra pareciam confirmar o que ela ouvira algumas serviçais dizerem descaradamente ao verem *lady* Alianor passar, alguns dias antes. Mas Elise não podia acreditar que coisas assim aconteciam entre um homem e sua esposa. Porém, Petra não havia terminado.

– Ele gosta de mulheres que... que... que usem as mãos... e a... a boca nele, em suas... partes íntimas. – Petra ainda não a mirava.

– Oh! – sussurrou Elise, colocando as mãos nas bochechas para arrefecê-las.

Mulheres faziam coisas assim? Estava ainda mais confusa do que antes de ouvir as informações de Petronilla sobre seu marido. *Mãos? Boca? Partes íntimas?* Como as serviçais tinham dito? Era claro que não!

Embora estes pensamentos a deixassem chocada, um calor de origem desconhecida invadiu-a. Estas coisas escandalosas referiam-se à paixão e à luxúria, algo proibido e, ainda assim, atraente, mesmo em sua inocência. Um desejo emergiu dentro dela.

– Você se lembra de quando pegamos seu irmão com a lavadeira no estábulo, Elise? – Petra tomou suas mãos e tentou soltá-las. – Elise? Lembra o que os ouvimos dizer? O que ele pediu para ela fazer? Deve ser isto!

– Não!

Não era completamente ignorante à forma como homens e mulheres se uniam. Muitas vezes, o coito acontecia em lugares mais públicos do que privados, tanto naquele castelo quanto no de sua família. Mas coito e esta... assustadora revelação... eram coisas diferentes a se considerar. Por que um homem queria algo assim? Lorde Simon realmente esperava isto dela? Balançando a cabeça diante das imagens que invadiam sua mente, ela tirou as mãos do rosto.

Incapaz de acreditar que tais coisas acontecessem entre um homem e sua esposa, ela acenou para Petra e caminhou em direção à porta. Agora mais do que em qualquer momento desde o anúncio de seu noivado, precisava de vinho para se acalmar. Esperava apenas poder encontrar um copo sem ter que ver sua mãe.

Ou lorde Simon.

Elise ouviu os passos de Petra atrás de si e seguiu pelo corredor em direção ao barulho das festividades, onde poderia esquecer-se do que a

esperava. Ao fazer a curva, devia ter dado algum passo em falso, pois deu de cara em uma parede. Ou no que parecia ser uma parede. Enquanto Petra dava de encontro com suas costas, Elise olhou para cima, para o rosto sorridente de lorde Simon.

Capítulo Três



SIMON SEGUROU OS ombros de Elise para acalmá-la após a colisão. Olhando por cima de seu corpo pequeno, reconheceu a prima de Elise, que fez uma rápida medida antes de voltar para o corredor. Tentado a deixá-la partir assim que ela se estabilizasse, Simon lembrou-se de seu plano e manteve-a segura em suas mãos, puxando-a gentilmente para uma alcova próxima.

– Está bem, *milady*? Seu rosto está corado e você parece sem ar.

Suas bochechas, normalmente de um adorável tom leitoso, estavam manchadas de vermelho, e seu peito – ele ousou olhar, tentando ignorar as curvas voluptuosas tão próximas de suas mãos – elevava-se como se ela tivesse corrido. Simon tocou seu rosto com as costas de um dedo e sentiu-a quente. Não pôde resistir a deslizar a mão por seus ombros e tirar uma mecha de cabelos do rosto de Elise, jogando no chão algumas das flores que o enfeitavam.

– Estou bem, milorde – disse ela, sem olhá-lo. – Lá fora fazia mais frio do que eu esperava e não estava com minha capa.

Ele tomou suas palavras como um sinal para testar sua tática mais gentil. Aproximando-se, ele envolveu-a e pressionou-a contra seu peito.

– Está mais quente agora, *milady*? – perguntou ele.

Elise permaneceu imóvel no abraço de Simon. Não mexia nem a cabeça nem o corpo enquanto ele acariciava suas costas, tentando aquecê-la com

seu calor. Simon sentiu-a estremecer e continuou esfregando suas costas até ela parar. Respirou profundamente o sedutor perfume que desprendia-se das flores primaveris nos cabelos de Elise e soltou-a apenas o suficiente para levar a mão ao seu rosto, erguendo-o para que pudesse vê-lo. Então inclinou-se e pressionou os lábios contra os dela.

Elise aceitou sua boca, aquiescendo completamente aos seus braços. Não se mexia, não respirava e não resistia nem prolongava seu beijo. Simon moveu os lábios sobre os dela, deslizando em sua maciez, tentando acostamá-la ao seu toque. Mas, ao levantar a cabeça e mirar seus olhos arregalados, a expressão dentro deles era como a de um animal selvagem na mira da flecha de um experiente caçador. Seu olhar estava cheio de medo e de algo que aparentava ser choque.

Simon percebeu que a estava assustando. Era quase trinta centímetros maior do que ela, e seu físico, tão grande quanto sua altura. Ao tomá-la em seus braços como havia feito, devia tê-la apavorado, pois ela nem sequer respirava. Libertando-a, tentou pensar em uma explicação para acalmá-la, mas foi interrompido por sua sogra.

– Elise! – gritava *lady* Bertrade do fim do corredor onde ele estava ao lado de sua confusa esposa. – Oh, lorde Simon, aqui está você! Não consegui encontrar Elise e fiquei preocupada com seu paradeiro quando ela deveria estar tomando conta de seus convidados.

A voz fraca e a cabeça levemente baixa da dama não diminuía seu histerismo, e Simon sentiu Elise retesar-se.

– Chamei Elise para ficar ao meu lado, *lady* Bertrade – disse ele, tomando as mãos trêmulas de Elise. – Queria apenas alguns instantes de privacidade com ela. Acredito que meus convidados poderão perdoar o anseio de um noivo de conhecer melhor sua nova esposa. – Para completar, Simon levou as mãos de Elise aos lábios e beijou seus dedos.

Com um ar de extrema satisfação, *lady* Bertrade assentiu.

– Vou deixá-los a sós, então, milorde.

Apenas quando *lady* Bertrade não podia mais ouvi-los, Elise falou, pois o temperamento de sua mãe podia ser controlado na presença de lorde Simon, mas se voltaria contra ela quando estivessem sozinhas.

– Agradeço-lhe por isto, milorde.

Em vez de soltar a mão de Elise, agora que o ardil não era mais necessário, ele segurou-a e beijou-a, desta vez deixando os lábios

demorarem em seus dedos e, então, na pele sensível de seu pulso.

– Você é a senhora deste castelo, agora, Elise, e não responde a ninguém além de mim. Lembre-se disto.

Sua voz, normalmente grave, havia baixado de tom de forma a reverberar pelo corpo de Elise, e sua boca parecia cada vez mais quente. Ela havia passado momentos preciosos reagindo aos beijos e abraços de Simon quando ele a surpreendera no corredor – esquecendo tudo que sua mãe lhe dissera –, mas agora via que precisava estar preparada para a proximidade e o toque de seu marido. Ainda sem saber se as instruções de sua mãe e as coisas chocantes que Petra lhe dissera a ajudariam naquela situação, Elise viu-o virar-se para mirá-la sem soltar sua mão.

– Venha, minha esposa. Vamos cuidar dos nossos convidados.

Ela arriscou uma ou duas olhadelas para ele enquanto entravam no salão e eram saudados por diversos convidados, os quais eram, em sua maior parte, conhecidos ou vassalos de Simon. Ele a apresentou a vários que ela não conhecia, sempre segurando sua mão. Com a desgraça de seu pai, a maior parte dos parentes de Elise preferiu não correr o risco de viajar para as terras de lorde Simon e encarar seus suplantadores. Então, ela sentiu, em suas costas, a mão de seu marido, que guiou-a pelo salão e permaneceu onde estava, reconfortando-a.

Elise havia acabado de decidir que usaria as informações de Petra em vez dos conselhos de sua mãe quando lorde Simon deu início a uma aproximação mais pessoal, com suas demonstrações de interesse cada vez mais óbvias e íntimas. Quando se sentaram à mesa mais alta para comer, ele pressionou a perna contra a dela sob a toalha de linho. Primeiro, ela pensou que ele havia se mexido na cadeira, então, afastou-se um pouco para dar-lhe espaço. Porém, sua perna a seguiu, seu pé deslizou por entre os dela, e Elise sentiu-o roçando em sua pele.

Intencionalmente! Ela sentiu um calafrio e foi de súbito invadida pela ansiedade.

Certa de que Simon queria aquele contato entre eles, Elise permitiu que ele o fizesse, sentindo os músculos fortes de sua coxa. Qualquer dúvida a respeito de suas intenções foi eliminada pelo brilho em seus olhos quando ele virou-se para dar-lhe um pedaço de carne assada encharcado pelo molho do prato que dividiam. Lorde Simon deslizou a mão esquerda do ombro de

Elise para sua cintura, enrolando-a em seus cabelos. Então, levou o pedaço de carne à boca da esposa e pressionou-o contra os seus lábios.

Elise lutava uma batalha interna ao aceitar a comida oferecida por seu marido ao mesmo tempo em que os outros comensais tentavam envolvê-los em seus assuntos. Quando Petra mirou-a de uma das mesas de baixo e balançou a cabeça, soube que devia aproveitar a oportunidade de agir como a mulher que sabia o que seu marido queria. Deslizando a mão no próprio colo, Elise respirou fundo e moveu-a delicadamente para a perna de lorde Simon.

NEM EM mil anos Simon teria esperado de Elise a atitude que ela acabara de tomar. Tão leve que ele quase não a notou, a mão de sua esposa deslizou sobre sua perna e lá permaneceu, a apenas alguns centímetros da parte do seu corpo que respondia imediatamente. Ela moveu-a delicadamente até seu joelho e puxou-a de volta.

O sangue de Simon pulsava pelo seu corpo e um calor se seguiu à suave carícia de Elise. Dividido entre a tentação de jogá-la no chão e possuí-la como seu corpo exigia e a necessidade de protegê-la e de ser gentil com uma dama tão delicada, ele tentou engolir o pedaço de carne que havia mordido quando ela o tocou. O pedaço se prendeu em sua garganta e Simon lutou contra o engasgo, pois isto sem dúvida faria Elise tirar a mão de sua perna, pondo um fim àquela doce tortura e ao desejo que seu toque causava-lhe. Finalmente, Simon conseguiu engolir a comida com cerveja. Virando o copo para que a boca de Elise tocasse o mesmo lado que a sua, ofereceu-lhe um gole.

Ele podia jurar que ela pousara os lábios sobre os seus. A resposta à visão de sua boca rosada no mesmo lugar de onde ele havia bebido emergiu, e ele juntou todo o autocontrole que conseguiu encontrar dentro de si para impedir-se de levar a mão de Elise para a outra parte de seu corpo que também emergia. Tentou assumir uma postura casual para que ninguém percebesse que Elise tinha a mão sobre ele e para não descarregar seu violento desejo em sua inocente esposa. Um olhar de Giles deixou claro que seus esforços haviam sido percebidos – com alguma simpatia, a julgar pelo aceno de cabeça do amigo.

Como resistiria até o anoitecer? Como poderia ficar ao lado dela, tocá-la e até mesmo abraçá-la sem arrastá-la para o quarto e possuí-la? Um homem tinha apenas uma quantidade limitada de controle, e o seu estava sendo testado naquele momento, com a mão de Elise em sua perna dura, perto de seu membro ainda mais enrijecido. Como? Talvez caso se concentrasse em sua inocência... Talvez se pensasse no fato de que ela lhe havia sido entregue donzela, apesar de que aquela mulher tentadora logo descobriria a verdadeira natureza de seu marido se movesse a mão por mais alguns centímetros. Conforme a mão de Elise se movia – lentamente, mas movia-se –, ele prendeu o ar e tentou se lembrar de suas boas intenções. Mas os olhos arregalados que ela lhe oferecia – uma mistura de donzela com sereia – o derrotaram e quase o desmoralizaram em apenas um segundo.

ELISE PERCEBEU a surpresa de lorde Simon ao colocar bravamente a mão em sua perna e pensou que ele se oporia a um gesto tão agressivo, mas ele não reclamou. Agora, mirando-o enquanto ele levava o copo à sua boca, ela viu um desejo que qualquer mulher reconheceria. As pupilas de seus olhos verdes estavam escurecidas, fazendo as íris parecerem ainda mais claras e revelando uma resposta muito mais forte do que a que deveria ser causada por um simples toque. Sua respiração parecia rápida e irregular enquanto ele a mirava, e ela percebeu que também não conseguia respirar. Quando ele inclinou o copo, ela sentiu sua mão sair da sua cintura em direção à sua nuca para estabilizá-la enquanto ela bebia da cerveja matrimonial.

Uma gota escorreu enquanto Elise engolia e, quando ela estava prestes a secá-la com um guardanapo, os lábios de Simon surgiram, abertos e quentes, lambendo a cerveja e, então, beijando-a como se quisesse dividir o sabor. A mão na nuca de Elise enroscou-se nos cachos de seus cabelos, de que ele parecia gostar, pois já havia feito isto antes. Então, puxou-a para perto e invadiu sua boca.

O corpo de Elise ficou quente. Seus seios incharam, pressionados contra o vestido. Primeiro, fez como sua mãe havia ordenado: abriu a boca para deixá-lo fazer o que quisesse. Então, pensando nas palavras de Petra, soltou um gemido suave para que apenas ele a ouvisse e, cada vez mais corajosa, moveu novamente a mão escondida sob a toalha de mesa pela perna de Simon. Sem saber qual seria sua reação, Elise sentiu apenas uma leve

hesitação antes de ele colocar a língua ainda mais fundo em sua boca, saboreando-a profundamente.

Um calor invadiu Elise, mandando ondas de prazer das partes tocadas por Simon para todo o seu corpo. Mesmo no meio das pernas, sentiu uma pulsação e uma umidade que a fizeram remexer-se. Não sabia se haviam se passado segundos ou minutos, mas o som de risadas altas e ásperas penetraram na paixão que os envolvia.

Oh, Deus, haviam se beijado na frente de todos os convidados! Ela tentou se afastar, mas lorde Simon segurou seus lábios firmemente contra os dele, sem dar sinais de que pretendia deixar os gritos e aplausos interferirem em seu prazer. Elise tirou a mão da perna do marido e pousou-a em seu peito, tentando interromper o beijo. Enfim, ele abriu os olhos e libertou-a, mas não sem antes mirá-la com uma expressão impenetrável. Ela não soube dizer se ele estava satisfeito ou irritado com sua reação.

Seu coração disparou em seu peito. Sentia-se como se não pudesse respirar fundo o suficiente. Seus lábios estavam inchados devido aos cuidados de lorde Simon, assim como seus seios, de uma forma parecida e, ao mesmo tempo, diferente. Ele lutou contra a vontade de tocar seus lábios e os botões rijos que seus mamilos haviam se tornado. Procurando algo para molhar sua boca, agora seca, tomou o cálice que haviam usado antes.

– Aqui, minha senhora. – Ele suspirou, estendendo o cálice para que um servo o enchesse e devolvendo-o para ela.

Ao ver que ele não o levou aos seus lábios e que o fogo havia deixado seus olhos mais verdes, Elise preocupou-se com a possibilidade de ele não estar satisfeito. Após beber um pouco e devolver-lhe o cálice, ela olhou em volta, para os convidados que haviam presenciado sua exibição. Fora sua mãe, que tinha uma expressão sinistra, a maioria dos convivas parecia aprovar o beijo público. Sua mãe, já levantando-se de sua cadeira, claramente o reprovava.

Capítulo Quatro



SIMON SABIA que devia ser mais gentil em seus toques e beijos, mas cada aproximação ou toque de Elise – além do gemido que escapou-lhe durante o beijo – o incitava ainda mais. Sua excitação o levava em direção às recompensas daquela noite. Ela parecia ter aceitado seu beijo, o que queria dizer que o plano de Giles de acostumá-la aos poucos devia estar funcionando. Agora, enquanto via a mãe de Elise aproximar-se de sua mesa, sabia que não poderia deixá-la interferir. Levantando-se, ele acenou para os músicos na alcova.

– Dance comigo, *milady*.

Sem esperar seu consentimento, Simon tomou a mão de Elise e ajudou-a a se levantar. Manteve sua mão na dele enquanto davam a volta na mesa em direção ao lugar reservado para dança, passando por *lady* Bertrade com um simples aceno de cabeça. Ela podia discutir com a filha, mas jamais sonharia em fazer isto com ele. Muitos outros convidados apressaram-se para se juntar a eles e, logo, todos seguiam os passos de uma dança animada.

Simon descaradamente abraçava Elise mais apertado do que era exigido, tirando vantagem de seu posto de lorde e marido para manter suas mãos na cintura da esposa enquanto dançavam. Durante a parte da dança que exigia que ele levantasse sua parceira e girasse, colocando-a do lado oposto, ele

propositalmente deixou as mãos deslizarem até sentir a volúpia de seus seios.

Embora escutasse sua respiração acelerada diante daquele toque tão íntimo, ela não fez nada para dissuadi-lo. Na verdade, depois do susto inicial, pareceu a Simon que ela se inclinara ainda mais, pressionando-se contra suas mãos. Apesar da excitação que sentia com a proximidade de Elise, Simon levantou-a para a última pirueta e deslizou-a para o chão em uma velocidade menor do que a exigida pela música, deliciando-se com o toque dos seios da esposa em seu peito e com a fricção de suas pernas e seus quadris.

Incapaz e relutante em resistir àquela oportunidade, Simon colocou os lábios contra os dela enquanto a baixava e beijou-a até seus pés tocarem o chão. Mesmo então, não a soltou. Virou-se e beijou-a mais uma vez. Simon não pôde deixar de notar que ela parecia ofegante e confusa quando a música terminou. Era como *ele* se sentia, logo, estava feliz por ela estar tão afetada quanto ele.

Quando ela murmurou um pedido por alguns momentos de privacidade, Simon soltou-a e viu-a se afastar em direção ao solar. Sua prima Petronilla seguiu-a. Simon virou-se para a mesa à procura de sua cadeira... e de uma bebida que o reanimasse. Não se surpreendeu quando seus amigos, ignorando o protocolo e os olhares indignados, sentaram-se à sua volta, separando-o dos outros à mesa.

– Parece-me que Giles estava certo, então? – perguntou Brice.

– Ela está aquiescendo ao seu toque? – indagou Soren. – Como seu cavalo?

Embora Soren e Brice rissem, erguessem os copos e bebessem intensamente, Giles apenas balançou a cabeça e deixou-a pender.

– Não queria contar para eles, Simon.

– Não importa, agora – respondeu ele, ignorando as preocupações dos amigos. Não queria discutir um assunto tão pessoal com ninguém naquele momento, pois precisava de alguns minutos para esfriar seu corpo e seu desejo.

– A dança e a forma como *milady* cedeu ao seu abraço não acabaram com as suas dúvidas? Você não tropeçou nela, nem pisou no seu pé. Ela pareceu aceitar suas atenções. São, certamente, bons sinais – disse Soren.

– Sinceramente, Simon, não entendo por que você se preocupa tanto – disse Brice, dispensando com as mãos um servo que se aproximava. – O casamento não salvou a família de Elise e deu ao seu irmão esperanças arruinadas pelo pai? Você não a honra tomando providências para beneficiá-la e a sua mãe, além de sua propriedade?

Giles assistia à conversa em silêncio, sem fazer nenhum comentário além do primeiro. Simon mirou-o, com as sobrancelhas erguidas, esperando, pois sabia que um estava a caminho.

– O único problema que eu vejo à sua frente é que ainda faltam três horas para o cair da noite. Suspeito que, se você continuar a “acostumá-la ao seu toque”, vai terminar entre suas pernas na parede de alguma alcova ou em algum canto.

– Giles... – advertiu Simon com um grunhido. Era próximo demais da verdade para ser falado. – Basta.

– Ah! Lá vem a dama – disse Soren, alto o suficiente para interromper qualquer comentário vindouro. Ao lado de Brice e Giles, afastou-se da mesa, cedendo a Elise a cadeira ao lado de seu marido.

– Está bem? – perguntou Simon, deslizando a mão em suas costas e repousando-a mais baixo.

Apesar do rosto corado, ela parecia bem. Estava tentando deixá-la confortável.

– ESTOU, MILORDE – afirmou Elise, sentindo a pressão da mão de Simon em suas costas.

Quando ele deslizou os dedos para baixo de seus cabelos, eles fizeram cócegas em seu pescoço e mandaram calafrios por suas costas. Assim como na dança, seu corpo havia se tornado uma entidade à parte, reagindo e respondendo mais rápido do que sua mente.

Parecia que tudo o que ele fazia envolvia tocá-la, ela percebeu enquanto ele descansava a mão em suas costas, embora a tivesse deslizado por sob o cinto de joias que ela usava. Deixar alguém tocá-la, quanto mais um homem, não era algo comum e a estava deixando excitada. A julgar pelo brilho no olhar de Simon, parecia ser esse o objetivo.

Gostaria de questioná-lo sobre o assunto, mas a presença de seus homens, seus Cavaleiros Bastardos, a impedia. Elise sabia quem eram – em

sua chegada, Petra não havia falado de praticamente nada mais –, mas aqueles três homens eram filhos ilegítimos, abrigados pelo antigo lorde, contra os costumes, e amigos do novo. Jamais falaria com homens assim em público, ou mesmo longe das vistas alheias, mas era claro para ela e para todos os convidados que eles tinham uma posição especial na casa e na presença de lorde Simon. Como se soubesse no que ela estava pensando, lorde Simon falou sobre eles:

– *Milady*, embora não seja o habitual, gostaria que você conhecesse esses três. Giles Fitzhenry... – Lorde Simon apontou para o homem mais distante, que fez uma mesura. – ...Brice Fitzwilliam e Soren Fitzrobert. – Deu um tapinha no mais próximo. – Estão todos ao meu serviço e, agora, ao seu.

Surpresa com o quanto eram educados, Elise olhou de um para outro enquanto se curvavam. Pelos rumores e histórias que ouvira, esperava que eles a encarassem ou se comportassem de maneira rude. Em vez disto, não pôde deixar de notar sua afeição e lealdade para com seu marido e a forma como havia sido aparentemente acolhida. Reparando em suas aparências, em seu charme masculino, Elise perguntou-se quantas mulheres que viviam ou visitavam o castelo já não haviam dividido a cama com um deles. Os quatro eram o tipo de homens sobre os quais as mulheres falavam, com os quais sonhavam e pelos quais rezavam em suas conversas e momentos mais secretos.

Podiam – e provavelmente o faziam – ter praticamente qualquer mulher em sua cama para os prazeres da carne e...

E ela, agora, estava casada com um deles!

Limpando a garganta, olhou de um para o outro, notando que os quatro eram tão diferentes quanto poderiam ser, mas eram todos cavaleiros, com corpos altos e musculosos, habilitados para a batalha contra qualquer número de inimigos e aparentemente bem-treinados. Os cabelos escuros e os olhos verdes de Simon, os cabelos claros e os olhos azuis de Giles, os cabelos loiros e os olhos castanhos de Brice e os cabelos negros e os olhos cinzentos do gigante chamado Soren, cujo nome geralmente era atribuído a pessoas ruivas, acentuavam suas diferenças. Mas se ela não soubesse que os três não eram de berço nobre, poderia ter se enganado com suas maneiras e posturas.

Elise ouviu uma tosse familiar e virou-se para onde sua mãe estava. Seu olhar reprovador dizia-lhe o que era esperado de uma nobre: repelir homens como aqueles. A expressão de lorde Simon dizia o contrário. Aqueles homens eram importantes para ele. Ele os chamava de amigos, além de vassalos. Embora não soubesse qual seria seu relacionamento no futuro, Elise achou por bem honrar os desejos de seu marido, pois, se isto não fosse importante, ele não os teria apresentado.

– Senhores – disse ela com um sorriso –, fico honrada pelos seus serviços e sua amizade para com meu marido, agora estendida para mim. Por favor... – Esticou a mão e apontou para os assentos vazios. – Sentem-se e sintam-se bem-vindos à mesa de lorde Simon.

Fora corajosa. Ainda mais do que durante os toques íntimos, mais cedo, pois isto era público, testemunhado por todos no banquete, algo que marcaria sua vida ao lado de Simon. Dar as boas-vindas àqueles que, por nascimento, deveriam estar sentados a mesas mais baixas do que os lordes a tornaria objeto de fofoca e escárnio, a não ser que seu marido a apoiasse. Se achou que ele não o faria, logo viu que estava errada.

Seus amigos, sem saber ao certo se deviam aceitar o convite ou deixar o palanque, como mandava o protocolo, esperaram pelo sinal de lorde Simon. Simon levantou-se, libertando-a de seus braços, e sorriu para os homens.

– Vocês ouviram minha esposa. Juntem-se a nós – disse, levantando a voz para que todos no salão ouvissem.

Lorde Simon tornou a sentar-se, mas, desta vez, não colocou a mão nas costas de Elise. Ela não teve sequer um minuto para sentir-se desapontada, pois ele logo compensou passando o braço por seus ombros e puxando-a para perto. Antes que ela pudesse reagir, ele tornou a levar a boca à sua e beijá-la, repetindo o ato mais uma vez. Embora fossem beijos rápidos, prometiam muito mais para quando estivessem a sós. E quando ela pensou que ele a libertaria, Simon virou-se e sussurrou em seu ouvido para que ninguém ouvisse:

– Você me agradou, Elise. Seu hálito quente produzia cócegas em sua orelha e fazia seu pescoço formigar. Ela estremeceu e ele aproximou-a ainda mais.

– Por fazê-los sentirem-se bem-vindos, atenderei a qualquer pedido seu.

Incapaz de respirar devido ao gesto íntimo e ao calor da boca de Simon, ela engasgou quando ele pressionou a língua em sua orelha e tornou a fazê-

lo quando ele beijou a parte logo abaixo. Seu corpo pulsava devido à excitação que tais carícias e toques lhe proporcionavam. Para algo tão novo para ela, seu corpo parecia estar se deliciando com cada momento.

– Eu apenas atendo às suas necessidades, milorde, como qualquer boa esposa faria para seu marido – sussurrou ela de volta, percebendo que lorde Simon também estremecia diante de suas palavras.

Pensou que ele lhe roubaria outro beijo, mas ele afrouxou seu abraço e permitiu que ela voltasse para sua cadeira. Se pensava que isto significava que ele não a tocaria, viu que estava enganada, pois ele tomou sua mão na dele e colocou-a sobre sua perna. Elise tentou se concentrar nas palavras que voavam ao seu redor, mas, conforme seu marido soltava sua mão e acariciava sua perna por baixo da mesa, fazer qualquer coisa além de sentir seu toque tornava-se impossível.

Mesmo através das camadas de roupa – a combinação, o vestido, a túnica e as meias –, ela sentia como se ele tocasse sua pele nua. Ele deslizava a mão sobre sua coxa, do joelho ao meio e, então, mais para cima, cada vez mais perto do lugar íntimo entre suas pernas.

As sensações lutavam contra sua razão e, embora achasse que não devia permitir estas coisas fora do quarto, o calor e os calafrios que a atravessavam davam-lhe prazer. Era revigorante, ao mesmo tempo em que se sentia assim pela primeira vez. Esforçando-se para olhar para os amigos de seu marido enquanto eles conversavam, viu que estava perdendo rapidamente a batalha, concentrando-se apenas no que lorde Simon a fazia sentir.

Será que ele sabia o quanto seu corpo ansiava por algo mais? Como seria a consumação? Algo tão íntimo a faria sentir-se assim? Haveria mais do que simplesmente unir-se ao seu marido e permitir que ele liberasse sua semente dentro dela? Perdendo completamente a batalha, ela recostou-se nele, desejando mais e mortificada pelo quão imprudente ele a fazia sentir.

Então ele parou. Se pelo choque que o comportamento libertino da esposa lhe causava ou por outro motivo, ela não sabia. Começou a tirar a mão de sua perna, mas, quando ela segurou-a, arranhou o topo de sua coxa e sua barriga, mandando calafrios pelo seu corpo. Elise rangeu os dentes de prazer.

Subitamente, os presentes à mesa ficaram em silêncio. Ela temeu seus olhares, pois, decerto, aqueles mais experientes nestes assuntos sabiam o

que estava acontecendo. Mantendo os olhos baixados, respirou fundo, torcendo para conseguir controlar seus desejos lascivos.

Quando os amigos de seu marido começaram a cochichar, ela olhou para cima. Eles trocaram mais algumas palavras, mas um olhar e uma levantada de ombros foram tudo o que ela pôde ver antes de seu marido se erguer. Se o que tinha feito ao aceitar publicamente os amigos de seu marido era escandaloso, não chegava perto do que ele fez então.

– Milordes, *miladies*, damas e cavalheiros – chamou ele. – Creio que eu e minha esposa precisamos de um pouco de intimidade.

Ela corou diante de algumas sugestões obscenas, mas ele continuou:

– Por favor, continuem e aproveitem a minha hospitalidade. Nós nos juntaremos a vocês... dentro em pouco.

Uma mistura de medo, ansiedade e excitação física invadiu-a, fazendo-a querer rir e chorar ao mesmo tempo. Antes que pudesse fazer qualquer um dos dois, lorde Simon ergueu-a e carregou-a em seus braços. Jogando os braços em torno de seu pescoço para não cair, Elise encostou-se no peito do marido.

– Não posso mais esperar, Elise. Eu a farei minha agora – rosnou ele enquanto a levava para a torre em que ficava seu quarto. – Atrás de mim! – gritou ele para os amigos, que gargalhavam diante de suas ações.

Capítulo Cinco



ELISE ARRISCOU uma espiadela por sobre o ombro do marido e viu que muitos convidados os seguiam, provavelmente com a intenção de celebrar no caminho para o quarto e ver o que pudessem. Os Bastardos de lorde Simon puseram rapidamente um fim nisto, formando uma parede atrás deles nas escadarias que levavam ao quarto. Enquanto lorde Simon subia os degraus, carregando-a em direção ao seu primeiro teste em suas habilidades em agradá-lo e proteger sua família, ele ouviu os gritos de protesto daqueles barrados por seus amigos.

– Não quero testemunhas em nossa cama, Elise. O que acontecerá entre nós não deve ser visto por ninguém – disse ele, chegando rápido ao último andar e abrindo a porta do quarto com o pé. Ao entrar, encostou-se na porta e esperou o trinco fechar.

Elise ficou preocupada, pois testemunhas poderiam provar a consumação se alguém a questionasse. Se ninguém os examinasse nem os visse na cama, não haveria ninguém para defendê-la. Ele não deu-lhe tempo para perguntas: levou-a para o meio do quarto e colocou-a de pé no chão. Alisando a túnica e o vestido, ela tirou o cabelo do rosto e olhou para seu quarto pela primeira vez.

Ainda maior do que os que dividira com sua mãe, este tinha dois cômodos menores ligados ao dormitório. Embora soubesse que ele usava o

escritório no térreo para seus documentos e administração de suas terras na Bretanha e na Normandia, a mesa – coberta de pergaminhos e vidros de tinta – contou-lhe que seu marido também trabalhava no quarto.

Virando-se, viu que o outro cômodo continha baús – o seu estava ao lado dos ainda maiores de seu marido –, uma mesa com um jarro, uma tigela e um penico embaixo. A visão de sua camisola favorita agradou-a. Lorde Simon tinha atravessado o quarto e agora voltava com um copo de vinho para Elise. Tentando livrar-se do medo do que estava por vir, ela pensou nos conselhos de Petra, por mais escandalosos que fossem, e esperou para ver o que ele faria.

SIMON VIU uma miríade de emoções atravessar o belo rosto de Elise. Primeiro, curiosidade, seguida de reconhecimento e de medo. Odiava isto. Esforçou-se para se controlar, querendo ver os olhos da esposa cheios de paixão. Agora que estavam sozinhos, Simon jurou que daria a ela todo o tempo que precisasse, pois aquela noite influenciaria toda a sua vida conjugal. Apressara o momento porque temia que seu desejo cada vez maior acabasse por sufocá-lo. Tirando os cabelos do rosto, pensou em maneiras de aliviar a tensão entre eles.

As palavras de Giles voltaram à sua mente.

Depois de cada um beber um pouco do vinho, Simon tomou o copo da mão de Elise e colocou-o na mesa. Virando-se de volta para ela, viu que todos os avanços que havia feito até então estavam prestes a serem perdidos. Então, segurou-a pelos ombros e puxou-a para perto, parando quando ela estava próxima o suficiente para um beijo. O sangue disparou pelas veias de Simon quando ela virou a cabeça para trás, oferecendo-se para ele. Roçando seus lábios nos da esposa, ele baixou a cabeça e pressionou-os ainda mais forte contra a boca de Elise, deslizando a língua para dentro quando ela lhe permitiu.

Feliz com a confiança, Simon continuou sua campanha incansável para conquistar sua esposa. Logo beijos não mais bastavam e ele pôde sentir o corpo de Elise tremendo perto de si. Mais do que tudo, queria despi-la, tocá-la, saborear sua pele e sentir seu corpo nu. Levantando a cabeça, sorriu diante da expressão confusa no belo rosto e nos olhos azuis de Elise.

– Posso fazer as vezes de sua criada, *milady*? – perguntou ele docemente, ciente de que alguém devia desamarrar a túnica e o vestido de Elise para que ele pudesse tocar sua pele.

Ou desamarrá-los ou cortá-los, embora tivesse certeza de que ela queria manter o vestido inteiro, pois havia sido um presente de casamento do duque.

Balançando afirmativamente a cabeça, ela virou de costas para ele. Simon demorou-se, examinando as formas de Elise antes de dar um passo à frente e envolvê-la em seus braços. Assim, tão perto, podia sentir as nádegas firmes da esposa e o cheiro das flores em seus cabelos. Se quisesse, poderia deslizar a mão para explorar as curvas de seus seios, sua barriga lisa ou a parte entre suas pernas. Incapaz de controlar seu rebelde membro, ele avançou sobre ela e sentiu o prazer de estar contra o corpo de Elise.

ELA PERMANECEU parada, repassando repetidamente as instruções de sua mãe: *fique quieta, deixe-o fazer o que quiser, ceda a tudo, não o recuse, o direito de seu marido, fique parada, fique quieta... ceda.*

Sentindo sua masculinidade dura contra as nádegas e sua respiração no pescoço, era difícil permanecer quieta e parada. Seu corpo clamava por mais... mais de algo que parecia excitá-la enquanto ele mantinha os braços ao redor de seu peito, segurando-a. As pernas de Elise tremiam e o lugar entre elas estava molhado. Como uma mulher poderia ficar quieta com tais sentimentos dentro de si?

Lorde Simon soltou-a e ela quase caiu, sendo salva pelos braços do marido, que a envolveram para tirar o cinto encrustado de joias em seu quadril. Ele jogou-o na cama, pegou os cabelos da esposa com a mão e colocou-os cuidadosamente sobre um ombro. Parecia fascinado com seu comprimento e seu perfume. Elise havia usado o sabonete de rosas, felizmente, pois ele parecia gostar. Então ele começou a desamarrar seu vestido, algo que nenhum homem jamais havia feito, e permiti-lo parecia ao mesmo tempo excitante e escandaloso. Seus seios incharam contra os movimentos do vestido e seus mamilos enrijeceram e tornaram-se sensíveis.

Deixe-o fazer qualquer coisa... aquiesça.

Elise deixou a cabeça pender para a frente enquanto os dedos fortes de Simon puxavam as amarras do vestido que ela usava. Logo ele estava solto

o suficiente para ser removido e ela levantou os braços enquanto ele tirava o vestido por sua cabeça. Seus cabelos caíram sobre ambos e ele estremeceu atrás dela. Diante de Simon, apenas em suas roupas de baixo de linho, Elise sentia-se nua e exposta, pois o fino tecido não escondia nada.

Quando pensou que ele desamarraria sua combinação, ele não o fez. Em vez disto, puxou-a novamente contra seu corpo e tocou-a. Não apenas com as mãos, mas também com a boca. Ele beijou sua nuca, pressionando a masculinidade contra suas nádegas. Todo o seu corpo parecia ser um alvo. Ele deslizava as mãos por seus seios segurando-os e apertando-o antes de seguir para sua barriga e tocar – finalmente – a parte entre suas pernas, que tanto clamava por ele. Através do vestido, ela sentiu um prazer maravilhoso enquanto ele acariciava sua protuberância e os pelos que guardavam a entrada de seu corpo.

Ela tentou – por todos os santos, como tentou! –, mas o som escapou antes que ela pudesse impedi-lo. Quando ele levou as duas mãos de volta para os seus seios, envolvendo-os e acariciando com os polegares os mamilos sensíveis, ela gemeu diante das fantásticas sensações que isto lhe proporcionava. Permanecer quieta enquanto ele explorava seu corpo era simplesmente impossível. Elise moveu-se novamente contra Simon enquanto ele brincava com a pele de seu pescoço com os lábios, a língua e os dentes.

SIMON PAROU, sem acreditar na resposta apaixonada do corpo de Elise aos seus beijos e suas carícias. Ela estava quieta, permitindo que a tocasse, até que ele usou as mãos em seus seios e ousou percorrê-las por entre suas pernas. Percebendo que estava indo perigosamente rápido, segurou-a, imóvel, em seus braços até recuperar o controle sobre seus desejos. Respirou fundo, tirando as mãos do corpo de Elise.

– Quer usar isto na cama? – perguntou ele, torcendo para estar fazendo a coisa certa por sua noiva virginal.

– Confesso que não sei o que esperar, milorde – disse ela, rouca.

Será que ele esperava que a paixão a deixasse assim?

– Qual é sua preferência? – perguntou ela.

Sua preferência? Sua preferência seria arrancar aquela coisa, jogá-la na cama, beijá-la e lamber todo o seu belo corpo, demorando-se em todas as

curvas e fendas até que ela gritasse repetidamente de prazer. Então a possuiria até que nenhum deles pudesse mais se mover. Sua masculinidade também achava que esta era uma boa ideia, a julgar por sua reação a pensamentos tão ousados.

– Por que não continua vestida e vai para a cama? – perguntou ele, sabendo que devia se acalmar por pelo menos alguns minutos ou, então, “sua preferência” se tornaria realidade e a assustaria.

Ela fez o que Simon pediu e ele se deliciou com o balançar de seu quadril enquanto ela atravessava o quarto, especialmente com a visão de suas nádegas quando ela subiu na cama. Mas a visão daqueles mamilos enrugados e rosados sob o linho, os olhos azuis arregalados de ansiedade e excitação e os cabelos ruivos escorrendo por seu corpo enquanto ela se virava e sentava quase acabaram com o autocontrole de Simon. Ele se aproximou e ajudou-a a deitar-se sob as cobertas.

Virando-se, ele desafivelou o cinto dourado, tirou as correntes incrustadas de joias do pescoço e colocou-as em uma caixa sobre a mesa. Simon soltou as amarras em seu pescoço e tirou a túnica e a camisa pela cabeça. Apoiando-se no lado da cama, tirou as botas e as faixas que seguravam suas meias. Apenas de roupa de baixo, virou-se para a esposa.

Sua curiosidade o agradava. Ela não havia se virado enquanto ele se despia e a encarava com o peito nu. Os seios de Elise moviam-se rapidamente. Sua respiração estava curta e leve e seus olhos se arregalavam a cada passo de Simon. O que sua expressão lhe diria quando ele revelasse a extensão de sua excitação para ela e seu olhar virginal visse a parte dele que os uniria? Olhando em volta, ele percebeu que não havia como escurecer o quarto, pois o sol da tarde entrava pelas três janelas daquele lado do castelo. Simon não gostava de dosséis, logo, não havia nenhum para amenizar a luminosidade.

Decidiu que era melhor continuar enquanto o corpo de Elise ainda estava excitado. Virou-se, desamarrou as cordas na cintura e deixou cair as meias e a roupa de baixo. Estendeu a mão, de costas, e levantou as cobertas antes de se deitar ao lado dela.

ELE TINHA a pele dourada.

Quando Simon tirou a túnica e a camisa, Elise percebeu os cachos castanhos em seu peito e a coloração dourada que seguia até sua cintura, onde a roupa de baixo a impedia de ver mais. Seria ele todo bronzeado pelo sol? Um calor invadiu as bochechas de Elise enquanto ela o imaginava nu, do lado de fora, onde os raios de sol escureceriam sua pele. Lorde Simon se virou, mas ela não conseguiu desviar o olhar quando ele tirou a roupa de baixo.

Os músculos em suas costas enrijeceram enquanto ele se movia. Rapidamente, pois ela mal pôde ver as nádegas e coxas poderosas antes de ele sentar. Seriam tão duras e fortes quanto pareciam? Lembrando-se da coxa de Simon sob a mesa, Elise engoliu em seco.

Sim.

Elas eram.

Tudo nele era musculoso e definido. E, a julgar pela espiadela que ela deu em sua masculinidade quando ele se deitou, ela combinava com o resto de seu corpo. Elise sabia aonde ela iria, mas não podia imaginar como poderia, principalmente agora que a havia visto e sentido.

Fique quieta... deixe-o fazer o que quiser... não o recuse.

As palavras se repetiam em sua mente até que ela não conseguisse pensar em nada mais. Mesmo quando lorde Simon passou o braço ao seu redor, puxando-a para perto. Ou quando ele se virou e sua masculinidade excitada tocou o quadril de Elise. Ou quando ele tomou seus lábios e saboreou-a com a língua.

Aquiesça.

Elise fechou os olhos quando ele a deitou de costas, sem deixar seus lábios. Seus seios incharam ainda mais e clamaram por mais quando ele os tocou por sobre o linho. Ele tomou seus mamilos entre os dedos e apertou-os até eles ficarem rijos e ela quase gritar.

Com medo de perder o controle e desgraçar a si mesma e à sua honra, ela tentou deixá-lo fazer o que quisesse sem se mexer tanto sob seu toque... e sua boca... e o calor que a percorreu quando ele começou a beijá-la da boca ao pescoço, aos ombros e aos seios. Orgulhosa por ter permanecido quase quieta ao longo de tudo, ela não tinha ideia do que a sensação de ter a boca de Simon sugando e lambendo seus mamilos rijos lhe causaria.

Quando todo o seu corpo estremeceu e a umidade tomou o espaço entre suas pernas, Elise percebeu que não poderia seguir as ordens de sua mãe.

Pior ainda: quando lorde Simon colocou a mão em sua barriga, levantando o tecido para acariciar os pelos entre suas pernas e deslizar o dedo para dentro de sua fenda, ela tremeu e gemeu de prazer.

– Calma – sussurrou ele e continuou a atormentar seus seios com a boca.

Ela sentiu o som de suas palavras contra o linho úmido e arquejou contra seus lábios e dentes, pedindo mais.

– Lorde Simon – sussurrou ela.

– Simon – disse ele, grave. – Meu nome é Simon, para você.

Diante do calor que a percorria e do desejo que crescia entre suas pernas e no âmago de seu ser, Elise percebeu que algo ia acontecer. O prazer se acumulava em seu corpo e ela esperou.

– Abra-se para mim, minha esposa – sussurrou ele, separando suas pernas com o joelho.

Elise deixou as pernas se abrirem e ele se ajoelhou entre elas, abrindo-as ainda mais e tocando o lugar úmido que ansiava por mais de seu toque. Ele deslizou um dedo para dentro e outro se juntou ao primeiro, e Simon usou-os para espalhar a umidade pela pele da região. A sensação a chocou tanto que ela logo percebeu o que havia feito de errado.

Petra havia lhe dito como agradá-lo e ela ignorara o conselho, agarrando-se às palavras de sua mãe. Olhando para a expressão intensa e o suor que cobriam o rosto de Simon enquanto ele continuava a levá-la em direção a alguma coisa – sem muito sucesso, parecia-lhe –, ela soube o que devia fazer.

Elise reuniu toda a coragem que possuía e, colocando a mão entre eles, tomou a masculinidade do marido. Ela pulsava como se estivesse viva, mas Elise não a soltou. Esfregou-a para cima e para baixo, puxando-a para sua fenda e gemendo as palavras que ouvira a lavadeira dizer para seu irmão naquele dia, meses atrás.

– Possua-me, milorde – gemeu ela, tentando imitar o tom de voz da garota. – Preencha-me agora, milorde. Possua-me. – Esfregou novamente seu membro. – Agora.

E ele o fez.

Capítulo Seis



O TOQUE das mãos de Elise em seu membro rijo era pura tortura. Chocado com a carícia, ele estocou duas vezes em suas mãos, sem conseguir parar. Porém, quando ela pediu naquela voz rouca para que ele a possuísse e preenchesse, ele perdeu completamente o controle e penetrou-a o mais fundo que conseguiu. Possuiu-a e preencheu-a com tanta força que nem mesmo uma luva poderia ser tão apertada, pele contra pele.

Perdido em meio à luxúria à qual havia se entregado, Simon tirou quase tudo e tornou a penetrá-la, sentindo o calor de seu interior e deixando sua semente se preparar para sair. Queria-a tanto, por tanto tempo, que bastou apenas uma estocada profunda para chegar ao ápice. Com um gemido, ele sentiu seu membro pulsar no interior de Elise até se esvaziar.

Apenas então ele abriu os olhos e percebeu seu erro.

Elise estava deitada sob seu corpo, imóvel, com um expressão de horror e confusão e as mãos pressionadas contra seu peito em uma inútil tentativa de fazê-lo parar. Havia perdido o controle de seu desejo e deixado o rufião dentro de si violentar sua inocente esposa. Que Deus o perdoasse, pois tinha certeza de que Elise não o faria.

Simon saiu de cima dela e sentou-se ao seu lado por um momento. A combinação de linho dela estava levantada até a cintura, manchada de suor,

esperma e sangue. Ele foi em direção a câmara menor e retornou com a tigela e o jarro.

Seus servos haviam pensado em tudo. Ele encontrou uma panela de água quente na lareira, e o cheiro lhe disse que alguém a havia temperado com ervas, que ele torcia para que fossem as que precisava para amenizar a dor que causara a Elise naquela desastrada consumação. Despejou a água quente na bacia, misturou-a à água fria do jarro e levou-a para a cama, oferecendo à esposa um pano umedecido em água quente.

– Isto deve amenizar a dor que causei – disse ele, em voz baixa. Pensou que devia dizer mais, mas que palavras bastariam para se desculpar pelo tratamento rude que dera à sua noiva virginal?

Primeiro, ela permaneceu imóvel e calada. Então sentou-se e aceitou o pedaço de pano. Em silêncio, passaram-no um para o outro, molhando-o repetidas vezes até Elise terminar de limpar os resquícios de sua união. Apenas quando ela fixou o olhar em sua virilha é que ele percebeu que também havia sido marcado pelo sangue de Elise. Levantando-se, limpou-se e guardou a bacia. Ao vestir a roupa de baixo, soube que deveria dizer algo para se explicar, mas o que e como?

– Posso pegar uma roupa limpa, milorde? – pediu ela, suavemente, de seu lugar na cama.

– Por favor, não me chame assim, especialmente depois do que aconteceu aqui. Quero que me chame de Simon. – Ele andou até o baú de Elise, pegou uma combinação de linho e levou até ela. – Venha. Deixe-me ajudá-la.

Ele tomou a mão de Elise, guiando-a até a beira da cama, onde poderia tirar sua combinação manchada e colocar a limpa. Uma vez vestida, ela parecia novamente confusa. Simon tomou de novo sua mão e levou-a para uma alcova perto das janelas onde havia duas grandes cadeiras de madeira, ambas acolchoadas e cobertas de veludo. Ele permitiu que ela se sentasse e, depois de vestir sua própria camisa, apoiou-se na janela, olhando para fora e tentando encontrar as palavras certas para explicar seu terrível erro no leito nupcial. Ao virar-se para encarar o medo e o desapontamento de Elise, quase caiu sobre ela.

– Elise, o que está fazendo no chão? – perguntou ele, tentando levantá-la do lugar onde ele estava, ajoelhada aos seus pés.

– Eu imploro seu perdão, milorde! Eu juro que farei de tudo para agradá-lo. Se você não renunciar ao nosso casamento, prometo deixá-lo fazer tudo o que quiser! – gritou ela, segurando a barra da camisa de Simon e levando-a à boca. – Eu não sabia – disse, balançando a cabeça. – Eu não sabia.

Chocado com aquele comportamento, Simon percebeu que ela pensava ser culpada pelas coisas terem ido mal entre os dois e estava assustada com a possibilidade de ser repudiada. Ele tomou-a pelos ombros, levantou-a e colocou-a em seu colo, onde podia falar suavemente para acalmá-la.

– Sou eu que preciso implorar seu perdão, Elise. Estava tentando ser gentil com você, mas, quando você me tocou daquele jeito, perdi o controle. Não queria que você visse o bárbaro que sou e tivesse medo de mim. Queria ser diferente com você.

EMBORA JÁ estivesse abalada pelo que havia acontecido entre eles, aquelas palavras chocaram-na ainda mais. Lorde Simon... Simon... preocupado com a forma como respondia a ele? Era demais para ela aceitar, pois haviam sido seus medos e sua inexperiência os responsáveis por as coisas terem dado errado quando ele a levou para a cama.

– Pensei que você gostaria – disse ela, sentando-se e encarando-o.

Os olhos verdes de Simon tornaram-se suaves, e ela viu compaixão e carinho dentro deles.

– Só queria agradá-lo.

– Sua mãe disse estas coisas para você? Ela disse... – As palavras fugiram-lhe.

Será que *lady* Bertrade diria tais coisas para sua inocente filha?

– Oh, não! – Elise balançou a cabeça. – *Lady* Alianor disse... – Percebendo seu erro pelas mudanças no olhar do marido, ela sacudiu a cabeça. – Não *lady* Alianor, milorde. Eu quis dizer...

Ele ergueu a mão e colocou um dedo nos lábios de Elise para calá-la. Ela o observou enquanto ele franzia as sobrancelhas e balançava a cabeça. Virando o rosto, examinou-a antes de falar. Quando inclinou-se, seus cabelos caíram sobre sua testa e ela apertou as mãos para não removê-los.

– O que *lady* Alianor lhe disse, Elise? Conte-me a verdade. – Embora suas palavras fossem calmas, ele se perguntou se este era seu estado de

espírito.

Elise respirou fundo e começou:

– Lorde... Simon, eu pedi conselhos a respeito de como agradá-lo em todos os aspectos, mas principalmente na cama. Todo o mundo sabe que *lady* Alianor o agrada...

– Ela me *agradava* – interrompeu ele.

– Agradava? – indagou ela.

– Não divido a cama com *lady* Alianor desde o nosso noivado, há três meses, Elise.

– Não divide? – Então ela lembrou-se de seu lugar e desviou o olhar. – Perdoe-me. Não é de minha posição fazer tais perguntas.

Ele se moveu embaixo dela, fazendo com que olhassem um para o outro. Tomou a mão de Elise, levou-a aos lábios e beijou-a.

– Não levei nenhuma mulher para a cama desde o nosso noivado, Elise. Só queria você.

Ela sentiu o coração palpitar diante daquelas palavras e ações inesperadas. Antes que pudesse dizer alguma coisa, ele repetiu a pergunta:

– O que *lady* Alianor lhe disse?

– Confesso que não tive o tempo nem a coragem para questioná-la diretamente, Simon. Mas Petronilla é sua cunhada e ela me relatou algumas coisas que *lady* Alianor lhe contou. – Ela parou, então, ciente do que teria de dizer se continuasse.

– E Petronilla lhe disse... o quê?

Pela expressão severa que surgia nos olhos de Simon, ela percebeu que devia contar. Assim, talvez, o fizesse entender suas limitações.

– Que você gosta de mulheres lascivas, barulhentas e que... que... – Ela hesitou, como Petra havia feito. Era impossível dizer aquelas palavras. – Você gosta de amantes que usem as mãos e a boca em suas partes íntimas.

Pelo movimento que sentiu sob seu corpo, Elise percebeu que ele havia reagido às suas palavras. Pela culpa em seus olhos e pela forma como eles escureceram, percebeu, também, que ele realmente gostava de tais coisas.

– E você usou suas mãos nas minhas... partes íntimas para me agradar?

– Sei que esta foi minha primeira vez em tal empreitada, Simon, mas você não me pareceu gostar. Na verdade, você parecia estar se esforçando para aguentar até o fim.

Ele engasgou e ela pulou de seu colo para buscar um pouco de vinho. Sua risada surpreendeu Elise quando ela entregou-lhe o copo e bateu em suas costas para ajudá-lo a acabar com o ataque de tosse.

– Eu estava me esforçando, querida esposa, para me impedir de violentá-la em nossa primeira *empreitada*, como você disse. – Simon puxou-a de volta para o seu colo. – Eu estava quase conseguindo me mover devagar quando você tomou minhas partes íntimas e as acariciou. Isto acabou com o que restava do meu autocontrole e eu a possuí ensandecidamente. Nunca foi minha intenção que isto terminasse de forma tão apressada e sem que você recebesse sua dose de satisfação.

As palavras de Simon a tocaram, e mesmo seu corpo, tão recentemente usado, começou a responder à conversa sobre partes íntimas, carícias, loucura e satisfação. Ela estava gostando da atenção até o momento em que rompeu sua virgindade e deu um fim ao prazer. O ato em si não lhe causara a dor de que havia sido avisada, apenas uma pressão e uma queimação leve quando ele a penetrou tão rapidamente.

– Então, você estava tentando me agradar sendo corajosa e eu estava tentando agradá-la sendo gentil? – Ele riu, e ela se deliciou com o som. – Talvez, da próxima vez, você possa pedir conselhos a mim, e não à sua amiga ou à minha última amante.

– Sua *última* amante, Simon? O que quer dizer?

– Com uma esposa tão devotada a me dar prazer, para que precisarei de outra mulher? – Seu marido inclinou-se e beijou-a.

Em meio às palavras e afeição, ela não sabia o que mais a surpreendia e a agradava.

– Talvez você devesse esperar para ver se eu o agrado antes de fazer uma promessa assim. A primeira vez não foi muito bem.

Simon levantou-se, com Elise nos braços, e carregou-a para a cama. Sentando-se na beirada, colocou-a no centro e tornou a se levantar. Olhou para ela, deitada apenas com sua combinação de linho. Em vez do medo, ondas de ansiedade a invadiam, aquecendo o sangue em suas veias e fazendo seu coração disparar.

– Acho que, em vez de tentarmos ser outras pessoas para agradar um ao outro, devíamos simplesmente tentar aproveitar as coisas de que gostamos juntos.

Ele tirou a camisa com um movimento, e sua roupa de baixo caiu com outro. Desta vez, não esconderia seu corpo e sua masculinidade ereta de Elise. Simon simplesmente permaneceu parado, ao lado da cama, e deixou-a olhar, assim como ele fez momentos depois ao despi-la. O corpo de Elise aqueceu-se e a parte entre suas pernas umedeceu-se para recebê-lo. Ajoelhando-se na cama, em frente ao marido, Elise deixou as mãos percorrerem os ombros e o peito largo e musculoso de Simon, acariciando os cachos que formavam um caminho para seu membro.

Sabia que ele queria que ela o tomasse, mas ela tocou-o de leve, assim como ele havia feito com os pelos entre suas pernas, e deslizou as mãos para cima e para baixo nas pernas de Simon. Ela sentia a força e o poder que palpitavam sob suas mãos e perguntou-se quando ele perderia novamente o controle. Elise aproximou-se, fazendo com que se tocassem do peito ao quadril, tomando prazer no calor da pele de Simon e na pulsação de sua masculinidade entre eles.

ENTÃO ERA a vez de Simon. Ele envolveu-a, beijando-a, invadindo sua boca com a língua, provando-a e provocando-a até que ela finalmente começou a imitá-lo, deslizando a língua para dentro de sua boca. Ele sugou-a gentilmente e percebeu que isto a fazia aproximar-se ainda mais.

Levantou-a da cama, passando suas pernas em torno da cintura e permitindo-a deslizar por seu membro sem penetrá-la. Oh, não, desta vez, cuidaria do prazer da esposa antes de libertar-se dentro dela. Elise soluçou devido ao contato e tornou a soluçar quando ele sentou na cama. Ele sabia que tê-la assim a abria ao seu toque e viu que ela também estava começando a perceber. Apoiando-se contra a cabeceira da cama, deixou as mãos livres para tocá-la.

– Gosta disto, minha esposa? – perguntou ele, acariciando seus seios com as mãos, envolvendo-os e roçando os dedos nos mamilos até eles se enrijecerem.

– Sim, meu marido. – Ela suspirou, arquejando em seus braços.

Simon inclinou-se para a frente e colocou um mamilo na boca. Sugou-o e excitou-o com a língua e os lábios e, então, pressionou-o gentilmente com os dentes. Ela soluçava a cada toque de sua língua, a cada mordidela e,

provavelmente, nem sequer notava que deslizava para baixo e para cima em seu membro enquanto ele a excitava.

– E isto? – disse ele, colocando a mão entre eles e acariciando as dobras sensíveis entre as pernas de Elise. – Gosta disto, minha esposa?

Sem esperar por uma resposta, lambeu e saboreou o outro seio enquanto estimulava a fenda apertada e escorregadia com os dedos. Ela se abriu para ele e seu corpo intumescceu-se sob seus lábios e mãos, dando-lhe todas as respostas das quais ele precisava. Ela puxou a cabeça de Simon contra seus seios, enroscando os dedos em seus cabelos para mantê-lo perto, e gemeu.

– Sim, meu marido – Ecoou pelo quarto e ela soluçava enquanto o prazer a invadia.

O corpo de Elise estremecia e arqueava nas mãos e na boca de Simon, mas desta vez ele esperou que sua esposa chegasse ao ápice antes de oferecer-se para ela.

– Possua-me, *milady*. Possua-me agora – implorou ele, erguendo-a e mostrando-lhe como controlá-lo.

E ela o fez.

Demorou apenas alguns instantes para aprender como. Logo o estava cavalgando, movendo o quadril e gemendo a cada subida e descida. Ou talvez fosse ele quem estivesse gemendo enquanto a guiava sobre seu membro rijo, perdendo-se em sua estreiteza e no prazer que via em seu rosto. Ou talvez fossem ambos, pois quando sua semente começou a jorrar, ela jogou a cabeça para trás e soltou outro grito. Simon segurou-a, tão dentro dela quanto podia, e tocou o pequeno botão em sua fenda, fazendo-a estremecer mais uma vez.

Seus corpos levaram minutos ou horas para se acalmar. Nenhum dos dois queria quebrar a conexão. Elise inclinou-se contra o peito do marido, arquejando e suando até os dois corações diminuírem de velocidade, e ele a manteve ali. Quando já não estavam mais unidos, ela ergueu a cabeça e mirou-o.

E seu olhar estava cheio de maravilhamento e algo que, para Simon, parecia amor. Mas poderia uma mulher tão feminina e virtuosa amar um bruto rufião como ele?

– Eu o agradei, Simon?

Ele tomou o rosto da esposa entre as mãos e aproximou-a para um beijo. Desta vez, foi gentil, cheio de esperanças de que ela poderia, um dia,

retribuir o seu amor.

– Sim, Elise. Estou muito satisfeito.

Ela sorriu. Ele sentia-se seguro e cheio de possibilidades.

– Eu também, Simon – disse ela.

Simon deitou-se na cama, levando-a junto, e puxou as cobertas. Os pássaros da noite começaram a cantar, anunciando o anoitecer. Ele tomou os cabelos de Elise nas mãos e tirou-os de seu rosto. Ainda tinham toda a noite pela frente para explorar sua nova paixão, e este pensamento a fez sorrir.

Muito mais tarde, cansaram-se de seus esforços. Simon sentia que estava prestes a dormir, feliz apenas por ter Elise em seus braços. E teria dormido, não fossem as palavras da esposa:

– Você disse que me daria o que eu quisesse por ter recebido seus amigos em nossa mesa. Queria realmente fazer esta promessa?

Ele acariciou os cabelos sobre o ombro e as costas de Elise, deliciando-se com a maciez da pele sob seus dedos. Mais ainda, sentia prazer no fato de que ela permitia tais carícias.

– Sim, queria. E, se puder realizar seu desejo, é o que farei, minha esposa.

Ela apoiou-se nos cotovelos, expondo seus belos seios.

– Posso pedir três coisas?

Surpreso, ele colocou a mão sob a cabeça, observando-a e esperando para ouvir seus pedidos.

– Pode.

– Primeiro, diga-me por que aqueles homens se tornaram seus amigos. Quero saber mais sobre o trio, que é tão importante para você.

Simon não esperava que ela perguntasse algo assim. Isto o agradava imensamente. Tanto quanto suas boas-vindas a Giles, Brice e Soren. Ele assentiu.

– Eu contarei toda a sórdida história, se você quiser, mas falemos deles pela manhã.

– Ótimo! – exclamou ela. – Meu próximo pedido é algo mais pessoal. – Elise explicou: – Agora que senti a paixão que pode existir entre um homem e uma mulher, a ideia de que o marido que eu amo pode desfrutar destes prazeres com outra me causa um grande pesar. – Pausou e respirou fundo. – Dividirá a cama apenas comigo?

Chocado mais com a confissão de seu amor do que pelo pedido de fidelidade, Simon respondeu:

– Sobre este segundo pedido... Já disse que não tenho nenhuma outra mulher desde o nosso noivado. Agora, tendo você em minha cama e em meu coração, não desejo mais nenhuma.

Elise levantou os olhos e mirou-o. O coração de Simon derreteu-se naquele momento. Se a acreditava incapaz de aceitar um homem como ele – com suas maneiras rudes e seu tamanho – em seu coração, o amor que brilhava entre eles revelou-lhe seus verdadeiros sentimentos. Poderia ser verdade? Ele olhou para cima e fitou o rosto de Elise enquanto ela explicava:

– Juro tentar agradá-lo, Simon, se você me der a oportunidade. Até mesmo tentarei... tentarei... – gaguejou ela, então sentou-se ao lado do marido.

Não parecia ter percebido que os lençóis haviam lhe escapado, permitindo que ele visse sua nudez, e ele saboreou cada momento. Ela gaguejou o resto das palavras e, por sorte, ele estava deitado, senão teria caído no chão.

– Gostaria de usar minha boca em suas partes íntimas.

As partes íntimas de Simon ganharam vida, apesar de seus esforços recentes, e enrijeceram-se, esperando por ela.

– Este é o seu terceiro pedido, minha esposa? – Ele forçou as palavras por entre os dentes.

Simon estava tentando recuperar o juízo, que lhe havia fugido quando ela disse que o amava, pediu-lhe para deixar sua amante e ofereceu-se para satisfazê-lo com os lábios de uma só vez.

Ela assentiu, em silêncio. Inocente como era, Elise não tinha ideia do extremo prazer que tais atenções podiam proporcionar. E ela obviamente não tinha pensado que ele poderia fazer o mesmo por ela.

– Gostaria de lhe mostrar como, Elise. Isto é, contanto que me deixe fazer o mesmo por você.

Ela ficou vermelha de uma forma que ele nunca havia visto, mas ele ainda não havia terminado.

– Quero lambê-la e beijá-la, também, como fiz com seus seios e seus mamilos.

O efeito que isto teve sobre ela – e ele – foi devastador. Agora que havia experimentado algo assim, ela se arqueava sem que ele a tocasse. Assim como o membro de Simon diante da ideia de tê-la sugando-o e saboreando-o desta forma.

– Então, isto é algo que ambos podemos fazer? – perguntou ela, deslizando para perto do marido e roçando o corpo no dele.

Suas palavras bastaram para deixá-lo quase sem forças. Ele respirou fundo diversas vezes antes de responder:

– Sim, minha esposa. Podemos.

E eles o fizeram.

Epílogo



ELES PERMANECERAM no quarto pelo resto da noite e pela maior parte do dia seguinte antes de Simon sair para ver como estavam seus convidados. Elise, envergonhada, já que seus convidados saberiam o que havia acontecido entre eles, permaneceu em seus aposentos e viu apenas sua amiga Petronilla. Simon saiu em busca de seus amigos e encontrou-os no campo de treinamento.

– A julgar pela sua leveza e pelo sorriso em seus lábios, tudo correu bem entre você e sua dama? – perguntou Giles enquanto eles se reuniam perto da cerca.

Simon não podia conter sua alegria e riu alto diante da questão.

– Sim, amigos – disse ele, balançando a cabeça. – Tudo está bem entre minha dama e mim.

– Você finalmente jurou seu amor para ela e aceitou suas juras? – Soren quis saber.

– Por que pergunta isto? Nosso casamento é moderno, não precisamos falar de tais coisas – disse ele, embora soubesse que não era verdade.

– Vamos, Simon... É óbvio para qualquer idiota com olhos que você se apaixonou por ela desde o dia em que a conheceu – confidenciou Soren. Batendo nas costas de Simon, continuou: – Por que acha que seus temores importavam para você?

– Por que mais dispensou a bela *lady* Alianor e os favores que ela lhe oferecia? – indagou Brice.

– Sou tão transparente assim, então? – Simon suspirou.

– Sim – responderam eles juntos, unindo-se a ele em uma gargalhada sincera.

– Quais são seus planos agora? – perguntou Giles.

Virando-se de volta para o castelo, Simon viu Elise na janela de seu quarto e acenou para ela. Seu corpo e seu coração ansiavam por voltar para o lado da esposa, mesmo agora, sentindo-se saciado.

– Vou levá-la para conhecer minhas terras na Normandia.

– A mãe dela os acompanhará? – perguntou Soren, com uma expressão amarga.

– Não. Pensamos em deixá-la aqui enquanto viajamos – explicou ele.

Os três balançaram a cabeça em concordância.

– Mas Elise pensou que vocês talvez pudessem nos acompanhar.

Ele os surpreendeu. Soube pelo silêncio que isto era algo que eles não esperavam. A sugestão de Elise, depois de saber como eles haviam se tornado amigos no castelo do pai de Simon, também o surpreendera com sua compreensão.

Simon virou-se para eles.

– William está juntando forças para invadir a Inglaterra e se proclamar rei. Devo ficar aqui para vigiar o duque Conan enquanto William estiver fora. E para cuidar de minhas terras e minha esposa. – Não pôde conter o sorriso que sabia que estampava, nem o calor que o percorria com o simples pensamento de estar com Elise. – Mas vocês três podem encontrar oportunidades que não têm, agora.

– Seguir o duque William para a guerra? – perguntou Giles.

– A guerra pode igualar os homens, Giles. Em um campo de batalha, o sangue não importa, apenas as habilidades e a determinação.

– Mas somos jurados a você, Simon – disse Brice.

– Ah, mas ficarei em dívida com o duque devido à minha parte na propriedade. Devo pagar-lhe ou ceder-lhe homens para lutar.

– Temos que pensar e discutir antes de chegarmos à Normandia – sugeriu Giles.

– Então vocês irão conosco? – perguntou Simon.

Brice olhou para os outros antes de responder, assentiu e disse:

– Sim, milorde. Acompanharemos você e sua dama até suas terras na Normandia.

Simon apertou suas mãos e virou-se para partir.

– Não gostaria de treinar conosco, Simon? – convidou Soren. – Devemos começar logo se pretendemos ir para a guerra.

Simon não parou, pois tinha coisas melhores a fazer do que jogá-los no chão. Ainda a caminhar, gritou sua resposta enquanto via Elise sair da janela para se preparar para seu retorno.

– Temo que minha esposa precise ser cortejada e devo cuidar disto imediatamente.

O silêncio reinou por alguns momentos. Então seus amigos explodiram em uma gargalhada rouca. Ele podia imaginar os comentários obscenos que deviam estar fazendo.

Mas Simon só conseguia pensar na mulher em sua cama, em seu coração e em quanto conseguiria cortejá-la antes de partir para a Normandia.

**HARLEQUIN®**

HISTÓRICOS

CORTEJO COM MALÍCIA

CAROLE MORTIMER

A altura das vozes do lado do fora, no terraço, aumentara tanto que Rupert teve dificuldade de continuar a pensar. Tanto que se levantou e cruzou a biblioteca até a porta francesa aberta, com a intenção de aconselhar com firmeza o casal a brigar em outro lugar. E então percebeu que não era uma discussão de amantes, mas sim um cavalheiro, que facilmente reconheceu com aquele inseto, lorde Richard Sugdon, que forçava uma dama a receber suas atenções. Rupert não podia vê-la claramente, já que era mantida prisioneira nos braços de Sugdon, mas era evidente que protestava e tentava se livrar dele, tanto física como verbalmente.

Uma dama petite e de cabelos dourados, que usava um vestido de seda púrpura... correção... *violeta*. Era Pandora Maybury, duquesa de Wyndwood, se Rupert não se enganava. E raramente se enganava...

– Agora, escute aqui, Devlin – protestou Sugdon em voz alta e irritada.

– Para você, é sua graça, o duque de Stratton – corrigiu Rupert com uma voz gelada enquanto abaixava o olhar de aço para o homem menor e mais jovem. – E já ouvi e vi o necessário para saber que está aborrecendo esta dama.

– Não há nada de dama *nela*...

O insulto de Sugdon foi calado de maneira abrupta quando Rupert o agarrou pelo colarinho e o atirou contra a parede da casa. Rupert abaixou a cabeça, o rosto a poucos centímetros do rosto do outro homem, vermelho de raiva pela interrupção. Rupert se sentiu mais do que satisfeito por ter em quem descontar as próprias frustrações.

– Primeiro, a *duquesa* – disse com voz áspera, mas num tom baixo e de forma sucinta – é membro da sociedade e, portanto, com

certeza uma dama. Segundo, claramente recusava suas atenções. Estou correto até agora? – O gelo na voz do duque fez o rosto do homem empalidecer e seu pomo de Adão se mover de medo.

– Sim.

Os dedos de Rupert apertaram com mais força o colarinho.

– Terceiro, se o vir alguma vez a menos de três metros da duquesa novamente, garanto-lhe que viverá para se arrepender. Na verdade, acho que será benéfico para sua saúde se usar os próximos dias para terminar seus negócios na cidade e então se retirar para sua casa de campo pelo resto da temporada.

– Eu...

– E, por fim – continuou no mesmo tom perigosamente suave – antes de sair daqui, pode pedir desculpas à duquesa por seu comportamento totalmente inaceitável em relação a ela há poucos minutos.

O rosto do jovem se comprimiu numa careta de desdém.

– Não tenho a menor intenção de pedir desculpas a uma mulher como esta.

– *Agora*, Sugdon. Antes que me esqueça que há uma dama presente e decida espancá-lo quase até a morte. – E, na verdade, Rupert estava com tanta raiva aquela noite que se sentiria melhor... e positivamente adoraria... a oportunidade de descontar fisicamente, no outro homem, as profundas emoções negativas que o avassalavam.

– A mulher esteve exibindo suas atrações por semanas...

– Eu, com certeza, não estive!

A voz de Pandora era um arquejo de protesto scandalizado e rompia o silêncio que mantivera enquanto ouvia a troca de palavras em crescente pavor. Sabia, pelo olhar ressentido que lorde Sugdon acabara de lhe lançar, que a considerava completamente responsável por sua presente humilhação. Como ele chegara àquela conclusão, quando não fizera nada para lhe

encorajar o comportamento chocante nem pedira a ajuda do duque de Stratton, estava além de sua compreensão, mas certamente lorde Sugdon acreditava no que dizia.

Reprimiu um tremor de apreensão enquanto afastava o olhar do dele, que prometia vingança, e o dirigia para o duque de Stratton.

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.à.r.l.



Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: HIS ENEMY'S DAUGHTER
Copyright © 2011 by Theresa S. Brisbin
Originalmente publicado em 2011 por Harlequin Historicals

Título original: A NIGHT FOR HER PLEASURE
Copyright © 2009 by Theresa S. Brisbin
Originalmente publicado em 2009 por Harlequin Historical Undone

Projeto gráfico de capa:
Nucleo i designers associados

Arte-final de capa:
Isabelle Paiva

Produção do arquivo ePub: Ranna Studio

ISBN: 978-85-398-1297-4

Editora HR Ltda.
Rua Argentina, 171, 4º andar
São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ – 20921-380

Contato:
virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Capa
Teaser
Querida leitora
Rosto
Sumário

A FILHA DO INIMIGO

Prólogo
Capítulo um
Capítulo dois
Capítulo três
Capítulo quatro
Capítulo cinco
Capítulo seis
Capítulo sete
Capítulo oito
Capítulo nove
Capítulo dez
Capítulo onze
Capítulo doze
Capítulo treze
Capítulo catorze
Capítulo quinze
Capítulo dezesseis
Capítulo dezessete
Capítulo dezoito
Capítulo dezenove
Capítulo vinte
Capítulo vinte e um
Capítulo vinte e dois
Capítulo vinte e três
Capítulo vinte e quatro
Capítulo vinte e cinco
Epílogo

Nota da autora

NOITE DE PRAZER

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Epílogo

Próximo lançamento

Créditos